00140950

THE
ASIATIC SOCIETY OF BOMBAY
Town Hall, Bombay.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

DA ASIA

DE

DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA QUINTA

PARTE SEGUNDA.

51983
140950

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXX.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

deo: e das cousas que acontecêram a Antonio Galvão, Capitão de Ternate. 49.

CAP. VI. Da Armada, que este anno de 1539. partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Çamorim mandou pedir pazes ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha: e dos Capitulos com que lhas concedeo. 56.

CAP. VII. De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha adoeceo, e mandou seu filho D. Alvaro a jurar as pazes com o Çamorim: e de como Antonio da Silveira se embarcou pera o Reyno: e de como lá foi recebido. 64.

CAP. VIII. De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha faleceo: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 71.

LIVRO VII.

CAP. I. De como por morte do Viso-Rey D. Garcia de Noronha succedeo na Governança da India D. Estevão da Gama: e das cousas, em que logo começou a entender. 76.

CAP. II. Do que este anno de 1540 aconteceo em Maluco: e de como se descubrîram as Ilhas dos Cellebes, Macaçá, Bogis, e outras: e dos Reys, e Senhores dellas, que se fizeram Christãos: e de co-

como Francisco de Castro descubrio as Ilhas de Mindanáo. 83.

CAP. III. *De como o Senhor de Damão foi correr as terras de Baçaim: e de como Ruy Lourenço de Tavora o foi buscar: e do recontro que com elle teve, em que o desbaratou, e lhe tomou o galeão Zambuco.* 94.

CAP. IV. *Da Armada que este anno de 1540. partio do Reyno pera a India, de que era Capitão mór Francisco de Sousa Tavares: e das pazes que o Governador Dom Estevão da Gama fez com ElRey de Cambaya: e dos apercebimentos que fez pera ir buscar as galés: e de hum honrado desafio que tiveram Ruy Lourenço de Tavora, e D. Francisco de Menezes: e dos Embaixadores que ElRey da Cota mandou ao Reyno.* 102.

CAP. V. *Da grande Armada, com que o Governador D. Estevão da Gama partio pera o Estreito do mar Roxo: e do que lhe aconteceo até chegar a Maçuá.* 113.

CAP. VI. *De como o Governador D. Estevão da Gama destruio a Ilha de Çuaquem: e de como partio pera Suez: e dos grandes contrastes que achou.* 119.

CAP. VII. *Das differenças que o Governador teve com alguns Fidalgos: e de muitos aggravados que houve, por não serem*

rem eleitos pera aquella jornada : e do que a Armada paſſou até á Cidade de Alcocer. 124.

CAP. VIII. *De como o Governador Dom Eſtevão da Gama deſtruio a Cidade de Alcocer , e deſembarcou em Tór : e de como deixou de deſtruir aquella Cidade a rogo dos Frades de Santa Catharina de Monte Sinay : e dos Cavalleiros que alli armou : e da Regra que eſtes Frades ſeguem.* 132.

CAP. IX. *De como o Governador D. Eſtevão da Gama chegou a Suez : e da deſcripção de todo aquelle Eſtreito : e do ſitio deſte lugar : e de como querendo deſembarcar lhe ſahio muita gente que eſtava de guarnição , e o Governador ſe recolheo ſem fazer couſa alguma.* 140.

CAP. X. *De todos os Imperadores Chriſtãos da Ethyopia , que reinâram depois que ſe deſcubrio a India : e das guerras que lhe fez ElRey de Adel , tomando-lhe a mór parte de ſeu Reyno : e de como a Rainha mãi d'ElRey , ſabendo eſtar o Governador em Maçuá , o mandou viſitar , e pedir-lhe ſoccorro.* 151.

CAP. XI. *De como ſe aſſentou , que ſe déſſe ſoccorro á Rainha : e de como o Governador D. Eſtevão da Gama elegeo pera aquella jornada ſeu irmão D. Chriſto-*

tovão da Gama : e do que lhe aconteceo até se ver com a Rainha. 157.

LIVRO VIII.

CAP. I. *De como Martim Affonso de Sousa foi eleito no anno de* 1541 *pera Governador da India : e de como El-Rey mandou pedir a Roma Padres da Companhia : e quaes foram os primeiros que entráram em Portugal, e passáram á India : e do que aconteceo na jornada a Martim Affonso de Sousa até Moçambique, onde invernou.* pag. 168.

CAP. II. *De como o Governador D. Estevão da Gama partio pera a India : e do que lhe aconteceo na jornada até chegar a Goa : e de como partio pera Cochim : e das náos que negociou pera mandar ao Reyno por faltarem todas as de viagem.* 174.

CAP. III. *De como o Nizamoxá tomou as fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, que eram do Estado de Cambaya : e de como D. Francisco de Menezes Capitão de Baçaim foi soccorrer os Senhores dellas, e as tornou a ganhar : e da Doação que dellas fizeram a ElRey de Portugal.* 183.

CAP. IV. *De como Jorge de Lima, Capitão de Chaul, avisou D. Francisco de*

Me-

Menezes da gente do Nizamoxá : e da grande batalha que deo aos inimigos, em que os desbaratou. 189.

CAP. V. *Do que fez o Governador D. Estevão da Gama depois que deo aviamento ás náos do Reyno: e de como partio pera o Norte : e do soccorro que mandou a Sangaçá, e Carnalá : e dos tratos, que Nizamoxá teve com elle sobre lhe largar aquellas fortalezas : e das pareas a que se obrigou por ellas.* 197.

CAP. VI. *De como o Governador D. Estevão da Gama escreveo a D. Francisco de Menezes largasse aquellas duas fortalezas ao Nizamoxá : e dos inconvenientes que teve : e de como em fim lhas largou : e de outras cousas em que o Governador proveo : e de todos os Reys Mouros, que houve naquelle Reyno de Mandanager, ou de Chaul.* 203.

CAP. VII. *Das cousas, que acontecêram a D. Christovão da Gama na Abasia : e de alguns recontros que teve com os Mouros, em que os desbaratou.* 211.

CAP. VIII. *Do que mais aconteceo a Dom Christovão da Gama : e de como o Rey de Zeilá o foi commetter em os vallos : e da aspera batalha que tiveram, em que ElRey foi ferido, e desbaratado, e escapou fugindo.* 120.

CAP. IX. *Do que aconteceo ao Governador Martim Affonso de Sousa em Moçambique até partir pera a India : e de como a sua náo se foi perder em Baçaim, e elle chegou a Goa : e de como D. Estevão da Gama lhe entregou a India.* 232.

CAP. X. *Da Armada que este anno de 1542 partio da nova Hespanha pera as Ilhas de Maluco, de que era Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos : e do que lhe aconteceo na jornada até á Ilha de Saragão : e do aviso que D. Jorge de Castro, Capitão de Maluco, teve desta Armada : e de hum protesto, que mandou fazer ao Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos.* 239.

CAP. XI. *Do que aconteceo a Hamau Paxá Rey dos Magores na Corte de Xá Ismael : e da ajuda que lhe deo pera tornar a conquistar seus Reynos : e de como foi contra o Reyno dos Patanes : e de sua descripção : e de como foi desbaratado o Hamau, e lhe nasceo seu filho herdeiro.* 250.

CAP. XII. *De como se descubríram as Ilhas de Japão : e de huma breve relação do principio, e origem de seus povoadores : e de alguns ritos, e costumes daquellas gentes : e das Provincias que tem.* 262.

CAP. XIII. *De como ElRey de Zeilá foi soccorrido dos Turcos : e da serra do Judeo,*

deo, que D. Christovão da Gama tomou: e de como os inimigos o foram buscar: e do conselho que tomou. 276.

CAP. XIV. De como os Mouros commettêram D. Christovão da Gama: e da grande batalha que tiveram: e de como os nossos foram desbaratados, e D. Christovão da Gama cativo: e do cruel martyrio que recebeo. 282.

LIVRO IX.

CAP. I. De algumas cousas, em que o Governador Martim Affonso de Sousa provêo: e da Armada que este anno de 1542 partio do Reyno sem levar Capitão mór: e de como o Governador se embarcou pera Cochim. Pag. 294.

CAP. II. Do sitio da Cidade de Batecalá: e de como o Governador Martim Affonso de Sousa desembarcou nella, e a destruio: e de como D. Estevão da Gama se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 303.

CAP. III. Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa depois que despedio as náos do Reyno: e de huma breve relação de todas as cousas d'ElRey de Maluco, que estava em Goa: e de como foi despachado pera ir entrar no seu Reyno: e

e das cousas a que o Governador mandou Simão Botelho a Malaca. 310.

CAP. IV. *Das cousas, que acontecêram na Abasia: e como o Imperador com o favor dos Portuguezes deo batalha a ElRey de Zeilá, em que o desbaratou de todo.* 319.

CAP. V. *Do que aconteceo ao Secretario Antonio Cardoso em Ormuz: e de como aquelle Rey concedeo a Alfandega daquella Ilha: e de outras cousas.* 327.

CAP. VI. *Do que mais aconteceo a Ruy Lopes de Villa-Lobos, depois que partio do porto de Camarião até chegar ao Moro: e da Armada que D. Jorge de Castro mandou em busca da dos Castelhanos: e do que lhe aconteceo pela Ilha do Moro.* 334.

CAP. VII. *Da grande Armada, com que o Governador Martim Affonso de Sousa partio pera o pagode de Tremel: e da tormenta que lhe deo, com que não pode passar: e de como desembarcou em Callecoulão, onde esteve desbaratado pela gente da terra.* 344.

CAP. VIII. *De como o Accedecan se levantou contra o Idalxá: e dos tratos que teve com D. Garcia de Castro, Capitão de Goa, sobre fazer Mealecan Rey de Visapor.* 352.

CAP.

CAP. IX. *Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa tanto que teve recado de D. Garcia de Castro: e da Armada que este anno de 1543 partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo da Silveira: e de como o Governador partio pera Goa.* 359.

CAP. X. *Da razão, porque o Governador Martim Affonso de Sousa deixou de passar Mealecan á outra banda: e da batalha que teve o Idalcan com os conjurados, em que os desbaratou.* 367.

CAP. XI. *Dos tratos que houve antre o Idalcan, e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan: e de como Coge Cemaçadim foi a Goa verse com o Governador, e lhe deo oitocentos mil cruzados pera ElRey de Portugal: e de outras muitas cousas.* 372.

LIVRO X.

CAP. I. *Do principio do Reyno de Ormuz, e Reys que até hoje teve: e de como ElRey Xargol Xá faleceo: e o Governador Martim Affonso de Sousa alevantou por Rey a Torunxá, que estava em Goa: e de como foi pera seu Reyno entregue a Luiz Falcão, que hia entrar naquella fortaleza: e de como o Gover-*

na-

nador se foi ver com Coge Cemaçadim á Cananor. Pag. 378.

CAP. II. *Dos recados, que houve antre o Idalcan, e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e de como o Governador o mandou pera Cananor: e de outras cousas.* 390.

CAP. III. *Das cousas que acontecêram em Ormuz, até chegar ElRey Torunxá: e da guerra que o Rey de Xirás fez áquelle Reyno: e de alguns recontros, que tiveram com os Portuguezes: e que cousas são Mocarrarias.* 394.

CAP. IV. *Do que aconteceo aos Portuguezes da Abasia: e das cousas, que fez Diogo de Reinoso por aquelle Estreito.* 401.

CAP. V. *Das cousas, que mais succedêram em Maluco: e de como Ruy Lopes de Villa-Lobos se foi a Tidore: e dos recados que se passáram antre elle, e D. Jorge: e de como chegou Jordão de Freitas áquella fortaleza: e das cousas, que acontecêram com sua chegada: e de como prendeo ElRey de Ternate, e o mandou pera Goa.* 406.

CAP. VI. *Da Armada que este anno de 1544. partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Peres de Andrade: e de como o Governador Martim Affonso de Sousa*

ſa tratou de haver ás mãos Coge Cemaçadim: e de como mandou levar Mealecan pera Goa. 416.

CAP. VII. *De como o Governador Martim Affonſo de Souſa ordenou hum galeão pera mandar ao Reyno, por faltarem nãos: e de como ſe embarcou pera Cananor, ſem dar conta a peſſoa alguma, e foi ter a Baçaim: e das differenças que teve com D. Manoel de Lima, Capitão da fortaleza.* 422.

CAP. VIII. *Do que fez o Governador Martim Affonſo de Souſa em Baçaim: e de como voltou pera Cananor, e ſe vio em ſegredo com o Capitão: e de como Henrique de Souſa matou o Aderrajão de Cananor, e ſeu irmão.* 431.

CAP. IX. *De como Manoel de Souſa de Sepulveda, Capitão de Dio, deſmanchou as paredes, que ElRey de Cambaya mandava fazer antre a fortaleza, e a Cidade: e a falla que Coge Çofar ſobre iſto fez a ElRey, em que o perſuadio a fazer guerra contra os Portuguezes.* 438.

CAP. X. *De como Fernão de Souſa chegou a Malaca: e de como faleceo naquella fortaleza ElRey D. Manoel, Rey de Maluco: e de como deixou ElRey de Portugal por herdeiro de ſeus Reynos: e da poſ-*

posse que Jordão de Freitas tomou delles por ElRey D. João. 446.

CAP. XI. *Dos requerimentos, que o Idalcan mandou fazer ao Governador Martim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e do que sobre isso passáram: e das partes, e qualidades deste Governador.* 452.

DECADA QUINTA.

LIVRO VI.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Dos Reynos, que o Bramá possue: e dos ritos, e costumes de todos estes Gentios.

JÁ que tratámos neste Capitulo passado do fim do quinto Livro, como o Bramá conquistou os Reynos de Pegú, mostraremos no principio deste sexto Livro, que gentes são estes Bramás, e que Estados possuem, que he cousa muito curiosa. Os Reys Bramás foram antigamente sujeitos aos de Pegú, e tinham por obrigação mandarem suas gentes a trabalhar nas obras do Reyno, Cidades, Fortalezas, e outras que os Reys mandavam fazer. Succedeo em tempo do pai deste Rey de Pegú, que perdeo o Reyno, querer fazer hum grande edificio sobre o rio de Si-

mão Banhá, (que aſſim ſe chama o de Pegú,) pera cuja obra mandou ElRey do Bramá mais de trinta mil ſervidores, pedreiros, cavoqueiros, e outros. E em quanto eſta obra durou, coſtumava ElRey ir muitas vezes vella, e levava ſuas mulheres, e filhos, porque folgavam muito de verem aquellas gentes tão differentes nos trajos, e pinturas. E como ElRey, quando hia a iſto, não levava gente de guarda, por cauſa das mulheres, que não querem elles que lhas vejão, vieram os Bramás a reinar malicia; e fallando-ſe todos, eſtando ElRey hum dia bem deſcuidado de tal ſucceſſo, deram ſobre elle, e o matárão com todos os da ſua companhia, roubando as riquiſſimas joias que levavam as mulheres, e mettendo-ſe pelos matos, deram comſigo em ſuas terras. Vendo iſto os Pegús, alevantáram por Rey o filho do morto, que ſe chamava Dachá Roupi, que deſejando de vingar a morte do pai, e de tornar a reſtituir aquelle Reyno á obediencia, foi-lho o tempo eſtorvando com occaſiões de guerras intrinſecas, que ſe lhe alevantáram com outros vaſſallos, que como víram o Rey morto, logo ſe rebelláram; com o que ficou tão desfalecido, e fraco, que não pode bolir comſigo. Sabido iſto pelo Rey dos Bramás, que ſe chamava Pará Mandará, ajuntando ſeus exercitos, conquiſ-

quistou logo os Reynos dos Lanjões, Láos, Jangomás, e outros, que erão sujeitos a Pegú, com o que ficou tão poderoso de gentes, thesouros, e alifantes, que lhe cresceo a cubiça de se fazer senhor de toda aquella Gentilidade, por ser condição do Mundo, não só os Mouros, e Gentios medirem os direitos dos Reynos pelo poder de cada hum, mas ainda os Principes Christãos, cuja obrigação he não moverem guerra, senão muito justificada. Assim este barbaro Gentio, vendo-se tão poderoso, quiz estender seu Imperio pera todas as partes; e ajuntando grandes exercitos por mar, e por terra, em que se affirma trazia dous milhões de homens, e dez mil elefantes, e entrando pelo Reyno de Pegú, o conquistou a poucos golpes, como no Capitulo passado contámos, ficando com isto tão grande senhor, que houve sua cubiça por satisfeita. Os Reynos que ficou possuindo, são os seguintes.

Avá, que foi o seu antigo Reyno, que será dous mezes de caminho do Pegú; e he de saber, que suas medidas das jornadas, como nós as nossas leguas, se chamam tháo, e cada hum destes tem duas mil vezes tres varas, de sinco palmos a vara, que fazem seis mil varas, que são trinta mil passos; e a tres palmos por passo, vem a ser tres milhas e meia Italianas, que he huma legua nos-

nossa. E a cada tháo deste, tem por todos os caminhos póstos marcos pera os viandantes saberem quantos caminhão por dia; e de ordinario hum Bramá anda doze leguas, pela conta Portugueza, ou doze marcos dos seus. Este Reyno de Avá tem sessenta e duas Cidades, que não nomeamos, posto que temos todos os nomes, por escusarmos prolixidades.

Ao Nordeste, hum mez de caminho, está o Reyno dos Turcos, que o Rey de Pegú tomou ao do Cathayo, que tem sessenta Cidades, e as principaes são, Simbi, Sanchaupá, Simbisá, Chanrá; desta vem muito almiscar, damascos, e outras fazendas, e tem todas muitas minas de prata, e cobre.

O Reyno de Bimir, que fica a Leste de Avá, hum mez de caminho, tem vinte e sete Cidades grandes.

O Reyno de Jongomá, que está ao Nordeste de Pegú por vinte jornadas, tem trinta e tres Cidades.

O Reyno de Láojão ao Norte deste, hum mez e meio de caminho, tem trinta e oito Cidades. He este Reyno o mais riço de todos os que possue o Bramá, por ter muito ouro, e prata, e della sahe a mór parte do beijoim, que vem á India.

O Reyno de Mamprόm ao Nascente deste,

te, hum mez de caminho, tem oito Cidades; parte pelo Levante com o Reyno de Cochimchina, e pelo Sul com o Reyno de Sião, que o Bramá depois conquiſtou, como adiante diremos na ſexta Decada. Eſte foi já Imperador ſobre todos, como diſſemos na fundação de Malaca Cap. I. Liv. II. da IV. Decada: tem trinta e ſete Cidades. Ao Naſcente delle eſtá o grande Reyno de Camboja, que ſempre foi izento, de que adiante com o favor Divino trataremos. São todos os Gentios deſtes Reynos os mais ſuperſticioſos de todos os do Oriente. E poſto que elles, e todos os mais do Induſtan, creão que ha hum Deos, Creador de todas as couſas; todavia attribuem todas as acções, e neceſſidades da vida humana a idolos, que pera iſſo tem, e tantos alevantão de novo, como quantas occaſiões pera iſſo ſe lhes offerecem; porque ſe lhes doe o olho, logo lhe levanta idolo; ſe lhes doe o pé, a mão, a cabeça; em fim pera todos os membros tem dedicados idolos em ſeus templos; até pera as neceſſidades corporaes, cuja eſtatua eſtá naquella fórma, e acto, como quando ſe quer exercitar aquella obra. Mas ſobre todos adoram, e veneram aquelle idolo chamado Budão, de que já atrás fallámos muitas vezes no Cap. IX. do Liv. V., que dizem fora ter áquelle Reyno, indo

indo da Ilha de Ceilão, e que fora mandado por Deos pera lhes dar luz. E assim tem todos tamanha veneração áquella Ilha de Ceilão, como a cousa santa; e a mór romagem que tem he a do Pico, que chamam de Adão, onde o Budão, dizem suas escrituras, que esteve muitos annos. E porque sobre este Pico houve muito varias opiniões antre os Escritores da Europa, logo adiante diremos a verdade do que os naturaes tem delle, conforme suas escrituras, e o que nos delle parece.

Confessão todos estes Gentios, de que tratamos, a immortalidade da alma pelos officios que fazem a seus defuntos, e pelas orações que rezão, e esmolas que fazem; porque dizem, que estas obras satisfazem na outra vida culpas dos que morrem com ellas. São tão caridosos, que alguns Frades nossos (que foram ter a Sião, e a Camboja) andando pedindo esmolas pelas portas, lha davam com bem differente reverencia do que o nós fazemos, porque se apanhem de joelhos. E hum Fr. Antonio da Magdalena, Frade menor, nos contou, que indo por huma rua em Sião com sua sacola pedindo esmola, encontrára com hum Mandarim, (que assim chamam a seus Regedores, o que tomáram dos Chins,) que hia a cavallo com grande acompanhamento, e encontrando com el-

elle deſcavalgára muito depreſſa, e mandára tomar algumas couſas na praça, e lhas dera com os joelhos no chão, pedindo-lhe rezaſſe por elle alguma couſa. Que vergonha eſta pera Chriſtãos, que póde ſer haja muitos, que não fação tamanha reverencia, nem tenham tamanho acatamento ao Divino Sacramento, encontrando-o pelas ruas! Ha por todos eſtes Reynos muitos Religioſos de differentes regras, huns a que em Pegú chamam Talapois, e em Sião Bicos, e em Camboja Chicús. Eſtes veſtem habitos eſtreitos, e enclauſtrados dentro em ſeus templos, em que ha muitos, que paſſam de duzentos Religioſos. Fazem profiſsão, tem Coro, e rezão Matinas, e as mais Horas quaſi a noſſo modo, mas em todas huns meſmos verſos. Confeſsão-ſe a ſeus Prelados aſſentados de joelhos como nós, mas não de couſa particular, ſenão em geral. Tem pulpitos em que prégam, a que acode grande concurſo de ouvintes; e nas prégações trazem as vidas, e milagres fingidos dos ſeus ſantos. Ha antre elles algumas Ordens tão eſtreitas como a dos Cartuxos, e muitos delles depois de velhos ſe recolhem aos ermos a fazer vida ſolitaria fóra da communicação dos homens, e alli ſe ſuſtentam de hervas, e frutas dos matos. Sahem os Religioſos de ſeus Conventos certos dias na ſema-

mana de dous em dous a pedir eſmolas pelas ruas, e chegam ás portas com grande mortificação, hum por huma parte, e outro pela outra, e das eſmolas que lhes dam ſe ſuſtentam, e não comem mais que huma vez no dia, e o que ſobeja dam aos pobres; e ſe os não ha, ás aves do Ceo, porque não podem guardar couſa alguma. Não tem rendas, nem proprio, nem comem carne, nem matam couſa viva. Seus veſtidos são capas, e tunicas de huma côr amarella eſcura, tinta que fazem com caſca de jaqueira; trazem na cabeça ſombreiros de papel azeitados. Tem muitos Geraes, e eſcolas, em que enſinam todas as ſciencias. Tem Quareſma quaſi no meſmo tempo que os Chriſtãos, e em todos os dias della ha grandes prégações, e no cabo ſua Paſcoa com prociſsão de madrugada muito ſolemne, com feſtas, tangeres, bailos, danças, e infinitas luminarias, e algumas charolas ao modo das que vam nas noſſas prociſsões. Dizem, que na Quareſma veio o ſeu Quiái (que elles tem por Deos) a eſtar na terra com ſua mãi, e que no cabo daquelles dias ſe tornou pera o Ceo; e a eſta ida fazem eſtas feſtas, e ſolemnidades. Os ſeus preceitos são quaſi como os noſſos dos Mandamentos, por onde nos parece que eſtas gentes foram doutrinadas pelo Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé,

mé, que por aquellas partes andaria. E como ficáram ſem Prelados, e ſem Meſtres, vieram a perder a doutrina, e a miſturar-lhe erros, e ceremonias, como cada dia inventam. E concluindo com eſta gentilidade, são todos os Gentios deſtes Reynos beſtialiſſimos, e ſem policia nenhuma, alvos; as mulheres formoſas, e bem aſſombradas; são todos dados ao vicio da carne, em que as mulheres tem eſtremo ſobre todas. Quaſi todos os ſeus ritos ſe uſam mais por coſtume, que por fundamentos. Os Bramás são alvos, e trazem cabellos como mulheres, e dos hombros até os joelhos andam pintados de muitos lavores de huma tinta azul, que fazem com huns ferros quentes. Os Pegús trazem cercilhos como os Clerigos antigos; cingem por debaixo de humas cabaias curtas huns pannos como mulheres, e nas cabeças trazem humas beitilhas finas foteadas, levantadas humas pontas pera ſima como carochas; andam deſcalços, e comem todas as ſevandilhas da terra. Os Siames trazem as cabeças rapadas, e ſobre as faces deixam ficar grandes guedelhas; e os trajos são quaſi como o dos Pegús. O meſmo os Jangomás, e Laojoés. Os Turcos trazem cabellos como mulheres, mettidos em coifas de rede de ſeda; calção meias de agulha, e humas cabaias muito curtas, e por ſima hu-

mas

mas ábas postiças, como as dos nossos pelotes de prégas antigos. Tem outras brutalidades, que deixamos por não enfadar.

CAPITULO II.

Do Pico, que chamam de Adam na Ilha de Ceilão: e das varias opiniões que sobre elle houve: e da que os naturaes tem.

NO Capitulo passado nos offerecemos a dar razão daquella pégada, que está sobre aquella serra, a que chamam o Pico de Adão na Ilha de Ceilão, pela grande variedade que ha nos Escritores, e pelas abusões que Marco Polo Veneto, e Nicoláo de Conti com outros Venezianos escrevêram. E porque nós averiguámos a verdade disto com Chingalás muito antigos, e práticos nas cousas daquella Ilha, e em seus ritos, e costumes, e nos disseram o que tem suas escrituras; será bem que tiremos a confusão, que até agora houve. Este Pico, que chamam de Adão, he huma serra, que está no coração daquella Ilha em humas terras, que chamam Dinavaca, e he tão alto, que se vê de doze leguas, quando se vai demandar a Ilha. Chamam-lhe os naturaes Amalalá Saripadi, que em sua lingua quer dizer, serra da pégada. Vai subindo debaixo, e em sima se divide em dous picos, e em hum

hum delles está esta pégada, e de ambos descem algumas ribeiras de agua, que se fazem de algumas fontes que em sima tem, e vam por differentes partes fazer ao pé da serra hum riacho, que quasi a rodea. Neste ribeiro se lavam os romeiros, que se vam offerecer á pégada, porque aquelle he o seu bautismo, e hão que alli se purificam. No cume de hum destes Picos se faz huma planicie arrezoada, e no meio della está huma lagea, (que será como duas campas de sepultura,) alevantada sobre grandes pedras; no meio tem huma fórma de pégada de hum pé, muito maior que os ordinarios, de tal feição, que parece que foi impressa na mesma pedra, da propria maneira, que em huma pouca de cêra branda se imprime hum sinete, ou em hum pouco de barro mole huma pégada de hum homem. Os romeiros que aqui concorrem (que são infinitos) não só Gentios, mas ainda Mouros, desda Persia até China, chegando áquelle riacho, purificam-se, como já dissemos, com suas ceremonias, e vestem-se de roupas novas. Depois que lhes parece que estam purificados, sobem pela serra que he muito ingreme; e pouca distancia antes de chegarem ao cume estam atravessadas humas traves, de que pende hum sino grande da feição dos da China, de metal finissimo, e delle pende hum

hum masso grande forrado de couros, em quem cada romeiro he obrigado a dar huma pancada pera saberem se vam puros; porque tem pera si, que o que alli chegar immundo não lhe soará o sino; e este tal he obrigado a tornar-se a purificar com outras ceremonias maiores. Tão enganados os trazem os diabos, que lhes mettem daquella maneira em cabeça, que todos vam puros; porque nunca se achou homem a que o sino deixasse de soar. E nós fallámos com pessoas, que foram a esta romagem em companhia de mais de quinhentas, e a todos soou o sino. Chegados assima, não podem fazer mais, que beijarem aquella pedra com grande veneração, e tornarem-se, e por nenhum caso podem subir em sima da lagea, porque he peccado sem absolvição. Os Mouros tambem se vam aqui offerecer, porque dizem, que aquella pégada foi de nosso pai Adão, e que dalli subio aos Ceos, e do derradeiro pé ficou naquella pedra aquella fórma.

Marco Polo Veneto, livro terceiro, folio sincoenta e sinco, diz, que tem os Mouros pera si, que debaixo daquella pedra estava o sepulcro de Adão. E diz mais, que os Gentios naturaes contavam, que hum filho de hum Rey, chamado Sogòmombarcão, desprezando o Reyno, se recolhêra áquella ser-

ſerra a fazer vida ſanta, e que dalli ſubíra aos Ceos, e que o pai lhe mandára fazer templos, e levantar eſtatuas, e que dalli tivera princípio a idolatria da India. Diſto ſe ríram os naturaes, a quem o nós perguntámos; mas o do que elles tem ſuas eſcrituras, e o que hoje cantam em ſuas cantigas, (em que conſervam todas ſuas antiguidades,) he o que logo contaremos mui abbreviadamente, porque em todos os ſeus contos, e hiſtorias são todos mui prolixos.

Dizem, que houve hum Rey, que reinava ſobre todo eſte Oriente; que havendo muitos annos que era caſado ſem ter filhos, lhe viera Deos no cabo de ſua velhice a dar hum macho, a maior, e mais formoſa creatura que podia ſer; e mandando-lhe tirar o naſcimento por ſeus Aſtrologos, acháram, que aquelle menino ſeria ſanto, e que deſprezaria os Reynos do pai, e ſe faria peregrino (a que elles chamam Jogues) de que o pai poſto em cuidados determinou de atalhar todas eſtas couſas com encerrar o filho que não viſſe couſa alguma. E aſſim como foi de ſinco annos pera ſima, o recolheo em huns Paços, que pera iſſo tinha mandado fazer, fechados, e cerrados, com grandes, e freſcos jardins por dentro, onde o mandou crear em companhia de moços nobres de ſua idade, com guardas, e vigias, pe-

pera que fóra daquelles ninguem mais fallasse com elle, por não ver, nem ouvir cousa, que lhe désse paixão, nem soubesse que havia outra cousa fóra dalli, pera que a não desejasse. Aqui se creou até idade de dezeoito annos, sem saber que havia doenças, mortes, nem outras miserias humanas.

Chegando á idade de entendimento, não deixou de saber que havia mais cousas que aquellas que via; pelo que mandou pedir ao pai, que o deixasse sahir dalli, e ver as Cidades, e Villas do seu Reyno. Isto lhe concedeo ElRey, mandando-o tirar fóra, e levallo pela Cidade com grande resguardo; e em huma rua encontrou hum homem manco, e enfermo, e perguntando aos que hiam com elle o que era, disseram-lhe que eram cousas da natureza mui ordinarias no Mundo, em que havia muitos mancos, cegos, e com outros defeitos. Outra vez que o tornáram a tirar fóra, vio hum velho muito decrepito encostado a hum bordão, tremendo-lhe o corpo todo. Espantado este Principe daquella visão, perguntou o que era, e disseram-lhe, que aquillo procedia dos muitos annos que vivêra, e que por isso se vinham os homens, que chegavam áquella idade, a debilitar muito. Outro dia encontrou com hum morto, que levavam a enterrar com grande pranto, e perguntando por aquillo,

lo, lho disseram; ao que o Principe perguntou, como? Eu, e todos havemos de morrer? e dizendo-lhe que sim, ficou malenconizado, e triste.

Andando com aquella imaginação, dizem que lhe appareceo em visão hum santo em figura de peregrino, e que o persuadíra ao desprezo do Mundo, e á vida solitaria; e como elle andava já abalado, e tinha mais largueza, teve modo com que desapparecêra em trajos de peregrino, e que se mettêra por essa terra dentro a fazer vida solitaria, e asperissima. E deixando muitas fabulas que contam, assim da fugida, como da peregrinação, depois de correr muitas terras, dizem que fora ter a Ceilão, levando já comsigo grande concurso de discipulos. Alli naquella serra fez tal vida tantos annos, que o adoravam os naturaes como a Deos; e querendo-se partir dalli pera outras partes, os discipulos que alli ficavam lhe pedíram lhes deixasse alguma memoria sua, pera em seu nome a reverenciarem; ao que fixando elle o pé naquella lagea, imprimíra aquella pégada, que ficou tida em tanta veneração, como temos dito. A este Principe nomeam suas historias por muitos nomes, o seu proprio era Dramá Rajo; o porque foi conhecido, depois que o tiveram por santo, he o Budão, que quer di-

dizer ſabio, de que já fallámos atrás no Cap. IX. do Liv. V., que dizem profetizára da Cidade de Pegú: pera eſtas partes ſe paſſou depois que deixou Ceilão.

A eſte nome tem dedicado os Gentios por toda a India grandes, e ſoberbos Pagodes. Vendo nós eſta hiſtoria, eſtivemos cuidando ſe teriam os antigos Gentios deſtas partes em ſuas eſcrituras conhecimento do ſanto Joſaphat, que foi convertido por Barlão, que em ſua lenda temos ſer filho de hum grande Rey da India, e que tivera a meſma creação, e todos os mais termos que temos contado da vida deſte Budão. E como a hiſtoria de Joſaphat havia de ficar eſcrita pelos naturaes, (que nada lhes fica por eſcrever,) parece que por tempos lhe vieram accreſcentar muitas fabulas, como elles tem na vida do Budão, que nós deixámos, porque nem em dous Capitulos as concluiremos da maneira que as elles tem.

E porque nos vem a propoſito o que nos diſſe hum homem muito antigo das terras de Salſete em Baçaim do ſanto Joſaphat, nos pareceo bem trazella. Andando nós neſta Ilha de Salſete vendo aquelle raro, e admiravel Pagode, (que chamam do Canará,) fabricado em huma ſerra, e talhadas em huma ſó pedra muitas ſalas, e huma dellas tamanha como a grande dos pa-

ços

ços da Ribeira de Lisboa, e mais de trezentas cameras pela ferra assima, quasi em caracol, cada huma com sua cisterna á porta, na mesma pedra viva, da mais fria, e excellente agua, que se póde desejar; e nas portas da sala grande formosissimas figuras de vulto tamanhas como gigantes, de obra tão subtil, e prima, que nem em prata se podiam esculpir melhor; com outras muitas grandezas, que deixamos por não ser comprido.

E perguntando a este homem velho, que dissemos, por esta obra, e o que lhe parecia por quem fora feita, nos disse, que sem dúvida aquella obra se fizera por mandado do pai do Santo Josaphat, pera o recolher, e crear nella, como diz a sua lenda. E como nós temos della, que fora filho de hum grande Rey da India, bem póde ser, como já dissemos, que fosse este o Budão, de que elles contam tantas maravilhas.

E continuando com a pégada do Pico, trabalhando nós muito por inquirir a certeza della, correndo muitas antiguidades da India, nos parece que poderá ser do Bemaventurado Apostolo S. Thomé; e assim mesmo humas nodoas de joelhos, que estam impressas o dia de hoje em huma pedra grande, que está na parte da pedreira de Columbo, que hum Vigairo daquella fortale-

za nos disse, que notára bem muitas vezes, e que lhe não parecêram feitas por industria; e isto dizemos por outras semelhantes, que se acháram na Cidade de Meliapor, onde aquelle Apostolo fez sua casa; porque posto que sua lenda não declare, que fosse ter áquella Ilha, cousa he que poderia ser, porque nem de todas as partes por onde andou, se acha feito memoria, como já dissemos no Cap. I. do X. Liv. da quarta Decada, do tempo em que os Tartaros, e Mogores recebêram a Fé de Christo.

Em huma inquirição, que na Cidade de Meliapor se tirou por mandado d'ElRey D. Manoel em tempo do Governador Dom Duarte de Menezes sobre o corpo do Santo Apostolo, testemunhou hum Diogo Fernandes Portuguez: » Que na era dezesete » fora de Malaca em companhia de hum » Bastião Fernandes, e de hum Armenio, » chamado Coja Escander, pera visitarem a » Casa do Santo, e que elle fora o primei- » ro Portuguez que alli chegára; e que en- » trando todos dentro nella, a acháram cer- » cada de mato, e derribada, e na porta » della hum Mouro muito velho, que tinha » cuidado de accender alli huma alampada » por ordem dos Gentios, (que sempre ti- » veram muita devoção áquella Casa,) que » lhes contára muitas cousas da vida do Apos-

» to-

» tolo, que elles não tinham sabidas, nem » ouvidas; e que lhes fora mostrar huma pé» gada, estampada em huma pedra, tão fres» ca, como se áquella hora se acabára de pôr » alli o pé, e aquillo fora de barro; e ou» tra pedra, em que estava a nódoa de hum » joelho; e que era muito averiguado antre » todos os naturaes, que estes dous sinaes » ficáram alli do Santo Apostolo; e que quan» do o matáram, ajoelhára sobre aquella pe» dra, e deixára nella aquelle sinal. »

Diz mais: » Que o anno de dezenove » foram alli tres Portuguezes de Malaca, cha» mados Antonio Lobo Falcão, Manoel Fal» cão, e João Moreno, que tomáram a pe» dra da nódoa do joelho, e a quebráram, » e partíram antre si, levando-a por grande » reliquia; » e que depois fizeram muitos milagres, como em outra parte diremos. Isto tudo he bastante razão para prova da conjectura, que fazemos da pégada do Pico de Adão, e das nódoas de joelho da pedreira, serem do Santo Apostolo, que andou enchendo a India de milagres, e maravilhas, de que a menor parte temos na sua lenda; e em muitas escrituras temos, que sempre os semelhantes sinaes foram milagrosos, e permittidos por Deos.

Em hum pateo da Casa Santa de Jerusalem, que he lageado de formosas lageas,

em huma dellas estão impressas duas pégadas como esta de que tratamos, que (segundo referem alguns, que escrevêram as cousas do Santo Templo, e antre elles o Padre Fr. Pantaleão) affirmam serem de hum Abexim, que alli martyrizáram pela Fé de Christo, que teve por bem ficassem alli aquelles vestigios, em final de como lhe fora seu martyrio acceito.

Na Igreja da Ascensão, que está no Monte Olivete, se vê outra pedra com huma pégada como estas, que deixou alli nosso Senhor JESUS CHRISTO, quando subio aos Ceos, do derradeiro pé que alevantou.

No Horto de Gethsemani (naquelle lugar, onde se puzeram os tres Apostolos, em quanto Christo orou) está outra pedra, em que se encostáram aquelles Discipulos, e nella ficáram impressos os tres sinaes dos corpos, como em huma pouca de cêra mole. Por onde esta pégada do Pico de Adão, e as nódoas dos joelhos, de que fallamos, são milagrosas, e ás partes da India naquelle tempo não passou quem pudesse fazer os taes milagres, senão este Santo Apostolo. E lendo nós o que diz Dorotheo, Bispo de Tiro, (e o refere Mapheo no terceiro livro da Historia da India,) que nesta pégada do Pico de Adão se venerava a Memoria do Eunuco da Rainha Candace, que diz andára

ra prégando o Evangelho por todo o mar Roxo, Arabia Felice, e na Taprobana, não achámos donde poderia aquelle douto Varão inferir aquillo, porque em nenhuma escritura se lê, que passasse este Eunuco da Abassia, donde era natural. E nós revolvemos a India, e fallámos com muitos Mouros, Gentios, e ainda Judeos antigos, e doutos, e em nenhuma parte della se conhece, nem ha noticia deste Eunuco.

E por concluirmos com estas cousas de Ceilão, o faremos brevemente com huma pera nós muito espantosa, que he, que todas as arvores que jazem pelo pé deste Pico de Adão á roda, e ainda mais de meia legua affastadas delle, todas por todas as partes fazem com suas copas huma inclinação pera a serra, sendo todas muito direitas nos troncos até onde começam as ramas, sem vento algum as fazer mudar. Isto tem todos os da Ilha por milagre, e se o não he, (porque bem póde ser queira Deos, que façam todas aquella reverencia á pégada do seu Apostolo,) alguma cousa natural deve de haver pera isso; e o que nos parece, he nascer aquillo de alguma propriedade, que aquella serra terá de attrahir a si as arvores, como a pedra de cevar ao ferro. E como lemos daquella fonte de Plinio, que está no nosso Portugal, que se lhe

che-

chegam huma arvore muito grande perto de agua, a ſorve toda, e recolhe em ſi pela rama até ſe eſconder de todo: agora filoſofem ſobre iſto os curioſos.

Eſta Ilha toda he tão proſpera, que mandando o Rey da Cota ſemear duas parás de trigo, reſpondeo com ſeſſenta. Os matos são todos de arvores de eſpinho, e frutas excellentes. Tem pimenta, gengivre, cardamomo, muitas canas de açucar, mel, muitos gatos dalgalea, alifantes, muita pedraria, rubis, olhos de gato, chryſolitas, amathiſtas, çafiras verdadeiras, e outras de agua, berillo finiſſimo, e tão puro, que parece cryſtal, e todos o tem por eſſe, no que ſe enganam. Tem ferro, cairo, eſtopa, muitos rios de agua excellente, em que ſe criam muitos, e bons peſcados; tem grandes Officiaes de armas, principalmente de eſpingardas, onde ſe fazem as melhores de toda a India. Tem muitas bahias, e portos de huma, e da outra parte, capazes de grandes náos, e navios. Tem outras muitas couſas, que deixamos por não ſer comprido.

CA-

CAPITULO III.

Das opiniões, ritos, e ceremonias de todos os Gentios, que jazem entre o Indo, e Ganges: e do que contém o original de suas escrituras, que os seus Theologos ensinam em suas escolas.

JÁ que fallámos nos Capitulos atrás da Gentilidade do Gange pera fóra, parece que cabe aqui bem darmos razão de toda a outra do Gange pera dentro; e posto que nisto sejamos alguma cousa comprido, podem-nos relevar por serem cousas muito curiosas, e até agora não trazidas ao Mundo nesta linguagem, e tambem nos servirão de darmos graças a Deos nosso Senhor da mercê que nos fez, em nos dar conhecimento de si mesmo, vendo os feios, nefandos, e brutos ritos destes cegos Gentios, que foram significados naquella diversidade de animaes immundos, que S. Pedro vio naquella visão do vaso cheio delles, como se lê nos Autos dos Apostolos no 1. cap.

Pelo que se ha de saber, que antre toda a Gentilidade do Oriente se guarda, e sustenta huma só opinião no conhecimento de Deos, creação, e corrupção das creaturas, que he lição, que se lê nas suas escolas pelos seus Bragmanes, que são os Mestres

tres de ſua religião. Diſto tem muitos livros em ſeu Latim, a que chamam Geredão, que contém tudo o que hão de crer, e todas as ceremonias que hão de fazer. Eſtes livros ſão repartidos por corpos, membros, e articulos, cujos originaes são huns a que elles chamam Vedáos, que são repartidos em quatro partes, e eſtes em outras ſincoenta e duas, por eſta maneira. Seis a que chamam Xaſtrá, que são os corpos; dezoito a que chamam Puraná, que são os membros; vinte e oito chamados Agamon, que são os articulos: de todos eſtes faremos diſtinção brevemente pera melhor ſe entender.

A primeira parte deſtes quatro originaes trata da primeira cauſa, da materia primeira, dos Anjos, das almas, do premio do bem, da pena do mal, da geração das creaturas, de ſua corrupção, que couſa ſeja peccado, e como ſe póde remir, e abſolver, e porque.

A ſegunda parte trata dos Regentes, a que dam o dominio ſobre todas as couſas.

A terceira he toda de doutrina Moral, conſelhos que exhortam á virtude, e obrigação a avorrecer o vicio, e aſſim da vida monaſtica, e politica, que são a activa, e contemplativa.

A quarta parte trata das ceremonias dos

Pa-

Pagodes, dos ſacrificios, e de ſuas feſtas; e neſtes tambem mettem os encantamentos, feiticerias, adivinhações, e arte Mágica, porque a todas eſtas couſas são muito dados. Todos eſtes livros são eſcritos em verſos mui heroicos, e pompoſos em palavras; invenção que o demonio urdio, pera que a modulação, e ſuavidade delles os obrigaſſem a ouvillos pera ſe lhes affeiçoarem. E aſſim o fizeram tanto, que qualquer Bragmane, que lhes quer fazer crer huma mentira, em a pondo em verſo, fica tida em tanta veneração, e authoridade, que não haverá couſa, que lha tire da cabeça; e tanto he iſto aſſim, que hiſtorias a que nenhuma origem ſabem, e de couſas ainda que repunham ſua propria lei, e coſtumes, pelo uſo de as cantarem em verſo, aſſim lhes dam fé, como ſe as víram com o olho. Iſto lhes naſce de não defenderem, nem ſuſtentarem por razões couſa alguma das que crem, antes em todas ſe atão aos meſtres, que lhas enſinâram, e aos livros, em que andam eſcritas. Deſta arte, ou ſciencia de Poeſia, tem grandes eſcolas, e geraes: cada verſo dos ſeus tem ſetenta e ſinco ſyllabas. Deixando iſto, tornemos ás diſtinções das quatro partes dos ſeus Vedáos.

A primeira, que trata da cauſa primèira, ſegundo os livros que tem, chamados Te-

Terúm, Mandramole, Etrivaxigão, (que são humas summas de sua Theologia, que lem nas escolas,) dizem que esta causa primeira he Deos, e que este he hum espirito puro, incorporeo, infinito, cheio de todo o poder, de todo o saber, de toda a verdade, e que está em todas as partes, a que chamam Xarves Zibarú, que quer dizer, Creador de tudo. Trata mais esta primeira parte da materia dos Anjos, a que chamam Monixevarum, que quer dizer os Santos, que dizem que não foram creados, e que são *ab æterno* com o mesmo Deos. Destes Anjos fazem tres Estados, huns limpissimos, que acompanham, e servem a Deos; outros menos puros, donde sahem as almas, que se informão nos corpos humanos pera nelles se purgarem; os terceiros immundos, estes servem de ministros da justiça de Deos, e de carcereiros do Inferno, que elles confessam, como se verá em seu lugar. As almas tem que são immortaes; mas que se tem peccados, como hum morre, sua alma se passa ao corpo de qualquer alimaria, onde os anda purgando até que mereça subir ao Ceo. E de todas as que se mettem nas vacas, tem por mais ditosas, e por isso são veneradas de todos os Gentios, como cousa sagrada.

Chega sua bruteza a tanto, que quando hum está em passamento, lhe chegam huma

va-

vaca á-cáma, e lhe mettem o rabo na mão como candea, pera que em se despedindo a alma do corpo, entre logo na vaca, porque o não façam em outro animal mais çujo; por onde parece que tem pera si, que suas almas se mettem no animal que está mais perto, e por isso não matam os porçovejos, nem pulgas da cama, nem os piolhos da cabeça. Este negocio das vacas nunca acabámos de entender a veneração que lhes tem, nem a deidade que lhes attribuem; nem elles o sabem bem declarar. Muitas vezes vimos no Reyno de Cambaya as vacas ourinarem pelas ruas, e acudirem os Baneanes, homens, e mulheres, e apararem as mãos, e tomarem a ourina, e lançarem-na por sima das cabeças, como nós fazemos á agua benta, dizendo algumas palavras.

Dizem mais, que as almas dos mais peccadores, e mofinos se traspassam aos corpos dos animaes çujos, e immundos, e o mais peccador de todos no cão, e que conforme os merecimentos de cada hum, assim lhe cabe a sorte, e o estado de rico, ou pobre, alto, ou baixo, são, ou enfermo; e que de corpo em corpo andam purgando seus peccados, até que de todo tenham satisfeito, e que mereçam passar á gloria.

Esta opinião brutal he tão antiga, que Empedocles Agrigentino disse, que os espiri-

ritos que mal viviam, o ar, o mar, a terra os lançava de si; e que de lugar em lugar andavam purgando suas culpas até passarem á gloria.

Quanto ao premio do bem, e castigo dos males ha infinitas opiniões, porém está averiguado haver gloria, e pena; mas qual seja esta pena, e aonde, não se acabam de determinar.

Tem tambem pera si, que em nascendo hum homem, logo vem destinado pera o bem, ou pera o mal, e que forçado lhe ha de acontecer o pera que nasceo, e que não está em sua mão poderem-lhe fugir; no que negam o livre alvedrio, e daqui vem dizerem a tudo o que lhes succede, que he seu nacibo. Muitos dizem, que a gloria, e premio, que se dá aos virtuosos, e em satisfação de penitencias, e sacrificios, são riquezas, honras, dignidades, e filhos; e que morrendo hum, que teve estes bens, se viveo bem, torna a lograllos em outro corpo; e assim medem a virtude pelos bens, que cada hum possue.

Outros, que se tem por mais atinados na verdade, dizem, que no segundo Ceo ha hum lugar, a que chamam Xorvagó, em que hão de ir descançar os que bem vivêram; e que no centro da terra ha outro, a que chamam Naranca, que he todo de fogo, e

de

de tormentos, aonde ſe vam pagar os peccados; e que neſte lugar ha tanto genero de tormentos, quantos foram as diverſidades das culpas.

Dizem mais, que os Anjos da terceira ordem são os miniſtros deſtas penas, e a eſtes pintão elles com todas as fealdades que podem, como nós fazemos ao demonio, e os nomeam por muitos nomes, e os principaes são Diagal, e Saitan, nome por que he bem conhecido em toda a parte, e que até antre eſtes brutos elle não quiz perder.

Alguns tem pera ſi, que os tormentos não são perpétuos, ſenão por tempo limitado, e que conforme as culpas de cada hum, aſſim terá o termo do degredo; e paſſado elle, tornará a naſcer de novo, e tomará outro corpo, em que tornará a viver no Mundo, e que aſſim tantas vezes irá, e virá do Inferno, até que faça obras dignas de ir ao Ceo.

No meio deſtes dous lugares, ſuperior, e inferior, dizem, que ha outro pera as almas, que não merecem pena, nem gloria, não tratando de innocentes; mas dizem, que ſe huma alma teve hum peccado, por que merecia o Inferno, e por outra parte ſe teve alguma virtude por onde merece a gloria, como dizermos, foi hum incontinente, mas caridoſo com os pobres em igual grão,

em

em tal caſo ſe pelo mal mereceo o Inferno, e pelo bem o Paraiſo, então ficará no lugar do meio, onde não terá pena, nem gloria.

Quanto á creação do primeiro homem, dizem os ſeus Theologos, que procedem de huma geração dos deoſes immortaes.

Outros, que foram formados dos elementos, e que eſtes foram feitos da primeira materia que he eterna, e que todos os elementos tem miſtura huns dos outros, ſómente o fogo que he ſimples, e ſem miſtura.

Outros affirmam, que da propria materia de que o Mundo foi compoſto, o foi tambem o homem, por onde não dizem, como alguns cuidam, que o Mundo he eterno, ſenão a maſſa de que ſe fabricou, e neſta creação contão fabulas, e disbarates ſem fundamento.

E concluindo com eſta primeira parte com a materia dos peccados, e da abſolvição delles: quatro couſas tem, que são peccados vedados em grande maneira, e avorrecidos. A primeira matar; ſegunda furtar, e neſte não ſe entende o onzenar, e ganhar com engano, porque iſto tem elles por religião; a terceira beber vinho; a quarta tomar mulher alheia. Todos eſtes peccados hão que ſe ſatisfazem por outras quatro manei-

neiras. A primeira por romagens a pagodes, aonde se vam offerecer com rezes; e alguns fazem sacrificio de si, cortando-se, e cauterizando-se, e dedicando os filhos, e filhas a perpétuo serviço dos idolos. He tão grande o concurso da gente em tempo de suas festas a se offerecerem aos pagodes com grossas dadivas, que he espanto. O principal, e de mais veneração que ha em todo o Industão, são os pagodes de Ramanancor, defronte de Manar, junto aos baixos de Chiláo. Odixilavaráo oito leguas de Negapatão. O de Triquinimale no Reyno de Gigi, no sertão de Nagapatão. O de Canjavarão, duas jornadas da Cidade de S. Thomé. O de Tripiti no Reyno de Bisnaga. O de Tremel no mesmo Reyno, que tem grossissimo thesouro. O de Jagarnate no Reyno de Orixá. O de Vixanate em Bengala. Este he cabeça de todos, e de maior romagem, faz-se sua festa em Fevereiro, e dura perto de dous mezes; e a gente, que em todo este tempo se ajunta ás festas, he tanta, que se affirma occuparem suas estancias perto de seis leguas. Cada pessoa se offerece com o que póde; e houve algumas que se pezáram a ouro, e a prata, e affirma-se que o seu thesouro he infinito. Tem mais o pagode de Tanavaré em Ceilão, e o do Pico de Adão. E o pagode de Jaquete, e outros somenos infini-

nitos, onde o demonio he bem venerado.

O ſegundo modo de penitencias são eſmolas a peregrinos jogues, pera fabricas de pagodes, pera abrir tanques em lugares públicos, fazer caſas nos caminhos pera os paſſageiros, romper ladeiras, abrir caminhos pera os viandantes, fabricar hoſpitaes pera paſſaros. Nós vimos hum na Cidade de Cambayete muito pera notar, porque tem enfermarias ſeparadas pera as caſtas que alli recolhem. São as paredes levantadas ſobre arcos abertos por todas as partes, tapados com redes ſubtís de arame; tem grandes corredores, e de huma, e de outra banda vam as cellas em que eſtam recolhidos, e tem enfermeiros que correm com aquillo; tem rendas, e muitas eſmolas pera a fabrica, e deſpeza. Nós conhecemos na Cidade de Chaul hum Bancane, creado antre os Portuguezes, muito rico; eſte quando faleceo, lhe fez ſeu teſtamento hum Tabellião Portuguez, chamado Gaſpar Rozado, em que deixava a todas as Confrarias das Igrejas de Chaul trinta pardáos a cada huma; e pera o hoſpital de Cambaya dos paſſaros, quatro mil pardáos. Tem eſte hoſpital certos homens a que ſe dam tenças, e comedías, que são obrigados a andar pelos campos, e pelas ruas das Cidades buſcando paſſaros doentes,

tes, aleijados, cegos, e de qualquer outra enfermidade pera os levarem ao hofpital; e outros tem cuidado de vifitarem as praças, onde os Mouros caçadores vam vender os paffaros, que compram todos, e os tornam a lançar a voar. Fazem tambem curraes pera as alimarias velhas, e doentes, em que as recolhem, e curam; e para as bufcarem, tem outros deputados. Eftes em achando a bufara velha, o cavallo, ou mula com chagas, ou tolhido, logo he levado ao feu curral, e curado com grande caridade; mas fe acharem hum homem paralytico, e tolhido, cahido por effe chão, não lhe daram a mão pera fe levantar, ainda que o vejam trilhar dos homens, e das beftas; porque dizem, que aquelle por feus peccados chegou áquelle eftado. Refgatam os paffaros, como diffemos, e não o faram a hum cativo, ainda que feja feu pai.

O terceiro modo de abfolvição, são jejuns, em que eftes Gentios são aufteriffimos, porque em todo o dia não comem; e ha alguns, que os tomam por efpaço de dias, fem em todos comerem coufa alguma.

O quarto modo de abfolvição, são facrificios, e de fó tres trataremos. O primeiro na Lua nova de Outubro, em que celebram huma fefta em memoria das vitorias, que feus idolos tiveram cá no Mundo. A

este sacrificio chamam elles Manuvoa ; naquelle dia os Reys Gentios mandam matar de noite alguns vassallos em segredo, por eleição dos seus Bragmanes, (que pera isto muitas vezes não elegem senão os que lhes avorrecem,) e mandam pôr o fogo a algumas casas, que se queimam com quantos estam dentro ; e a este chamam elles sacrificio de sangue, e fogo.

Outro tem chamado Choom, que he o da vaca, porque o dia que se celebra, a matam com grandes ceremonias, e tão grandes despezas, que só os Reys o podem fazer, e ainda huma só vez na vida. Este tem pelo remedio mais efficaz que todos, pera purgar gravissimas culpas.

Outros estremos de penitencia fazem, que põem medo, e espanto, porque alguns chegam a se deitarem de bruços no chão pera passarem por sima delles huns carros, em que vam os idolos, tamanhos, que quinhentos homens os movem com trabalho, e ficam alli espedaçados, e suas reliquias são recolhidas de todos com grande veneração. Outros trazem cilicios de ferro cingidos, que quasi os cortam pelo meio. Outros se dependuram no ar pelos lombos em huns ganchos de aço mui agudos, e alli estam cantando versos em louvor dos idolos. A estes todos podemos chamar martyres do diabo,

bo, que elle com grande cuidado, e diligencia procura ter; porque como sempre estudou por contrafazer as obras Divinas, trabalha por exprimir em seus máos, o que Deos obra em seus bons; e o que os Martyres de Christo fazem pela verdade, fazem estes pela mentira, e huns, e outros pelo fruto se conhecem.

CAPITULO IV.

Das outras tres partes de seus originaes: e de todos os mais ritos, e costumes destes Gentios: e dos seus tres Regentes: e do engano que alguns tiveram em haverem, que tiveram conhecimento da Santissima Trindade: e das differenças das castas dos Gentios.

Porque fazermos Capitulos compridos enfastiáo, concluiremos com este, que abbreviaremos, posto que as materias são muitas; mas cortaremos a penna o mais que pudermos. E continuando com a materia de seus originaes, trataremos da segunda parte, e dos seus Regentes. Dizem estes cegos Gentios, que aquella primeira causa, que conhecem por Deos, he tal, tão poderosa, que por se não occupar nas cousas debaixo, entregou o governo de todos os corpos celestes a Regentes, pera que os movessem,

e governassem, dando a cada esfera seu Regente, e a cada hum delles seu apetito incitativo, que os obriga a governar aquillo que tem por officio, e este apetito fingem ser mulher. Donde tomáram motivo os seus Theologos pera dizerem, que todos os Ministros de Deos tinham mulheres. A este supremo, que dizem ser Deos, o nomeam por infinitos nomes, e tem disso hum livro particular, a que chamam Tivarum. Estes Regentes dizem que são sinco, por esta maneira.

Ao primeiro, que governa o primeiro Ceo, que contém todos os Planetas, chamam Xadaxivão, e sua mulher Humani.

O segundo, que governa a região do fogo, Rudra, e sua mulher Parvadi.

O terceiro, que rege o ar, Maesurá, e sua mulher Maenomadí.

O quarto, que rege o elemento da agua, Bisnú, e sua mulher Lacami.

O quinto, que governa a terra, Brahemá, e sua mulher Exarasuadi. Estes sinco dizem, que governam toda a cousa creada: mas aos tres delles adoram como deoses, que são Brahemá, Bisnú, e Rudra, que são os Regentes da terra, agua, e fogo, porque hum cria, outro augmenta, e outro consume, e porque são a causa da geração, creação, e corrupção de tudo. A estes tres

cha-

chamam por hum só nome Maha Murte, que quer dizer os tres Supremos, e affirmam serem gerados do mesmo Deos, e assim os pintão juntos, hum corpo com tres rostos, como vimos no pagode do Alifante, onde está aquella figura na sua Capella maior, que he de vulto, tamanha como hum grande tonel, da cinta pera sima sómente lavrada naquella pedra como marmore, de lavores tão primos, e subtís, que he espanto, e tem na cabeça huma mitra redonda de tres altos, como são as dos Summos Pontifices, de obra tão rara, que excede a todas as que vimos lavradas em pedra; e tal, que se póde contar antre as maravilhas do Mundo todo aquelle pagode, em que notámos muitas cousas admiraveis. Em huma Capella vimos o Anjo lançar do Paraiso Terreal a nossos primeiros pais, e alli logo a Rainha Pacifae, quando se deitou com o touro, tudo de vulto. E em hum esteio do corpo do templo, que será tamanho como S. Roque de Lisboa, vimos o Gigante Briareo com cem braços, como os Poetas o pintão. He esta casa de tres naves, e se mal nos não lembra, tem ou sinco, ou seis esteios cada nave, e cada hum delles he da altura da mesma casa, tão grossos, como mastos das náos do Reyno, e em cada hum ha figuras de vulto tamanhas, como os mesmos esteios, e tem

ou-

outras cousas muito pera notar, e ver. Chama-se esta Ilha a do Alifante, porque tem sobre hum tezo, que se enxerga do mar, hum alifante de pedra do tamanho que elles são.

E tornando á nossa ordem dos Regentes, que hiamos tratando. Trazem os Gentios, em memoria daquelles tres, outros tantos fios de linha de algodão, que lhes pende de hum hombro, e vai por baixo do outro braço a tiracolo; e quando se lhes dam seus juramentos, he naquella linha. Disto tomáram alguns Religiosos doutos motivo pera cuidarem, que tiveram estes Gentios conhecimento da Santissima Trindade; e assim se enganáram João de Barros, e Damião de Goes, porque não tiveram a prática dos Theologos Gentios como nós. E ainda hoje se enganam muitas pessoas praticando com os Bragmanes, ouvindo-lhes dizer, que assim como os Christãos adoram tres Pessoas em huma só, assim o fazem elles a outras tres debaixo de hum só, que he o Maha Murte, que assima dissemos. Esta idolatria parece que se estendeo por todo o Oriente dos antigos Egypcios, que adoravam os mesmos elementos; porque estes não tendo em seu principio conhecimento algum de Deos, considerando o movimento, e formosura das luminarias celestes, começáram

a honrallas por deoſes, chamando ao Sol Oſiris, e á Lua Iſis. E vendo quão neceſſarios eram os elementos á vida humana, attribuindo-lhes divindade, os vieram a venerar debaixo dos nomes que lhes deram, chamando ao ar Jupiter, ao fogo Vulcano, á agua Neptuno, e á terra Ceres. Eſtes nomes mudáram eſtes Gentios de que tratamos, em outros, com a meſma ſignificação da terceira parte deſtes originaes, que he de doutrina Moral, de que trataremos algumas couſas.

A primeira, que nas eſcolas enſinam aos moços, são os nomes dos idolos; e depois que paſſam o A. B. C. lhes lem huns preceitos moraes de bem viver, e huns proverbios, e aviſos pera a vida politica, com muitos adagios, e comparações, que todos uſam como baliſas do eſtado que hão de ſeguir, de lavradores, ſoldados, mercadores, ou letrados. Depois de ſe perfeiçoarem no ler, e eſcrever, dam-lhes couſas pera eſtudar, como pontos de ſua lei, ceremonias, hiſtorias, ſentenças graves. E daqui naſce ſahirem das eſcolas todos muito reſolutos em ſeus ritos, e muito aſtutos em ſeu viver. Após iſto lhes lem outros livros de conſelhos, e preceitos moraes pera conſervação da vida humana. Hum livro tem elles de hum homem havido antre elles por mui douto,

to, chamado Valuver, natural da Cidade de Meliapor, que concorreo no meſmo tempo do Apoſtolo S. Thomé, que contém mil trezentos e trinta verſos, em que trata do conhecimento de hum ſó Creador, da reverencia que ſe lhe deve, do louvor da penitencia, humildade, abſtinencia, e do deſprezo dos idolos; e por eſtas couſas, e por outras que alli eſcrevem, ſe preſume que foi doutrinado pelo meſmo Apoſtolo S. Thomé.

A quarta parte de ſeus originaes, que he a derradeira, trata das ceremonias, e ſacrificios, que já diſſemos; e aqui ſó trataremos de ſeus encantamentos, e primeiro diremos huma couſa, que já nos hia ficando, pera que ſe ſaiba a malicia dos Bragmanes.

Em toda a India ha muitos templos alevantados a todos os idolos, como já diſſemos, ſómente ao Brahemá não ha hum ſó, ſendo ao que elles attribuem o governo da terra, e iſto he porque lhe tem elles uſurpado o ſeu lugar, e honra, porque dizem que deſcendem delle, e mettem em cabeça aos ſimples, que os ajuntamentos, e lugares em que moram (que são ſempre ſeparados) são dedicados ao Brahemá, e fazem-ſe adorar em ſeu nome; e aſſim nas partes que eſcolhem pera ſuas vivendas, não lhes entra outra caſta alguma per nenhum caſo, e ſempre eſtes lugares são ſós em valles ſom-

brios

brios ao longo de ribeiras, bosques serrados de arrecaes, betraes, jaqueiraes, mangueiraes, e disto muito; porque como não comèm carne, nem peixe, a mór parte de seu mantimento são aquellas frutas. Aos Portuguezes só não vedão a entrada em seus cercados, ou por respeito que lhes teram, ou por outra alguma razão, que elles sabem; e não só nas terras de nossa jurdição, mas ainda por esse sertão dentro nas alheias: e a mim me aconteceo (sendo Viso-Rey da India D. Antão de Noronha) ir de Goa pera Chaul por terra na força do inverno com dous, ou tres companheiros, e quando achavamos lugares de Bragmanes, não nos queriamos agazalhar em outros, sem embargo de nos não darem a comer senão o que elles comião; e do grande resguardo, e ceremonia com que nos communicavam, porque nos agazalhavam em varandas, que tem na face dos aposentos, e faziam o comer dentro em suas casas á sua vontade, e quando o traziam o punham no chão, affastado de nós dez, ou doze passos, e tornavam-se a recolher, e nós o hiamos buscar. Depois de comermos, tornavamos os pratos a seu lugar, que elles vinham arrecadar, e traziam vasos cheios de agua, que deitavam por sima primeiro que os tocassem; e depois que nos hiamos, faziam mui grandes purificações,

la-

lavando-se com muitas ceremonias, e embostando as varandas, como se foramos feridos de algum mal contagioso. E porque tem feito crer aos simples, que quem adora a hum Bragmane, o faz ao Brahemá, lhes vieram a ter tamanha veneração, como ao mesmo idolo; e os Reys os trazem por este respeito sempre apar de si, pera com elles fazerem suas eleições, porque lá sente o demonio hum não sei que neste peccado da hypocrisia, que até antre estes barbaros reina, e governa. A causa, por que tambem chegáram a tanto respeito, he porque se deram á especulação das cousas naturaes dos Signos, e Planetas, cursos, qualidades, conjunções, opposições; no que são tão espertos, que não erram hum ponto, pelo que muitas vezes predizem diluvios, seccas, fomes, guerras, e outros acontecimentos. E quando os ignorantes vem succeder o que elles dizem, o notam por milagre, e espirito de profecia, e os adoram por deoses. E pera cobrarem maior credito, e authoridade com todos, (porque são os mores hypocritas do Mundo,) ajudam-se pera tudo da arte Magica, feiticerias, familiares, benzedeiras, e de lançadores de espiritos máos; e tudo isto fazem com exteriores medonhos, e unturas de cinza, que he o final que o demonio lhes tem dado, pera quando se qui-

quizerem valer delle. Fazem todos os annos reportorios novos pera os Eclipſes do Sol, e da Lua, e tem hum perpétuo, a que chamam Panchagão, que lhes ſerve de declarar ſeus agouros. Uſam de ſortes, e feiticerias em hum quadrangulo, em que tem por ſua ordem os doze Signos do Zodiaco, não ſó com os nomes que lhes deram, mas com as proprias figuras, e ſignificações, que as dos antigos Egypcios. Dizem que ha ſete Ceos, e que de hum ao outro ha de vacuo cem mil jornadas, e cada jornada de ſeis mil leguas, que vem a fazer ſeiscentas mil leguas. E dizem, que eſte primeiro Ceo tem em ſi as Eſtrellas fixas, e os Planetas. No ſegundo Ceo, que chamam Malougão, dizem que vivem os deoſes com ſuas mulheres. No terceiro Ceo, chamado Manalougão, dizem que eſtam os penitentes. No quarto Ceo, chamado Genalougão, os Anjos. No quinto Ceo, chamado Tapalougão, dizem que eſtão os Religioſos, que profeſſiram caſtidade, e pobreza. No ſexto Ceo, chamado Jatalougão, repartem elles em tres partes, e em cada huma dellas hum daquelles Regentes, que já diſſemos. Eſtes Ceos, dizem que os rodea outro, que tem de groſſura hum cento de jornadas; e toda eſta máquina esferica affirmam, que a ſuſtenta ſobre ſeus hombros huma mulher, chamada

Ada-

Adarasati, que quer dizer verdade; e assim o interpretam seus Theologos. Tem pera si, que o Mundo não he hum só, senão quatorze: os sete superiores, que assima dissemos, e os outros inferiores: e sobre isto contam abusões sem ordem alguma. Dizem os seus Theologos, que todas as creaturas que Deos creou, assim racionaes, como irracionaes, e ainda vegetativas, que tudo havia no Ceo, primeiro que Deos fizesse o Mundo; e que isto debaixo foi hum retrato do de sima. Negão os Antipodas, e dizem, que o Sol não se mette por debaixo da terra, senão que anda ao redor della; erro, em que outros mais politicos cahíram, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria desfez por meio daquelle valoroso Capitão D. Vasco da Gama, que descubrio ao Mundo quantas cousas a elle estavam encubertas.

Affirmam mais estes Gentios não se sustentar a terra no ar por nenhuma causa natural, ou milagrosa, senão que está sobre certas cabeças de serpentes, e que aquellas tambem estão sobre certos alifantes; e que os tremores que ás vezes succedem na terra, são por causa das cobras bolirem, com outras parvoices sem fundamento. Todas estas brutalidades andam escritas em versos, e assim as crem como cousas muito certas,

e

e não acceitam razões algumas contra o que ſeus meſtres lhes enſináram, e afferram-ſe aos livros, e aos meſtres de quem aprendêram. São todos tão captivos do demonio, que nem pera remediarem ſuas neceſſidades pódem dar hum ſó paſſo ſem ſua licença, cativando-lhes as liberdades com ſuperſtições ſem conto, de bons, e máos dias, de boas, e más horas; de feição, que muitas vezes por deixarem paſſar huma hora, em que acháram ruim agouro, perdem grandes negocios de fazendas, e ainda o remedio pera as vidas, e enfermidades, porque nenhuma couſa fazem ſem a regiſtarem com ſeus Bragmanes; e eſta he a mór oppreſsão que os póvos tem em ſeus Reys, eſperarem por boas horas. Eſtes agouros quaſi em todas as creaturas as notão: nos homens, quando no principio de ſeu negocio, ſe alguem lhes dá hum eſpirro ſó, deixou logo tudo. Se por hum caminho encontram com huma ſó peſſoa, tem-no por tão ruim ſinal, que ſe tornam pera caſa. O huivar do cão he havido por ſinal funebre: e aſſim meſmo o cantar do mocho ſobre ſuas caſas. A gralha, ſe atraveſſa por diante do que caminha, he muito ruim ſinal; e nas mais aves conſideram o vôo. Dos bichos no cantar. Na hoſga tem mais tento que em tudo; e querendo fazer algum negocio, ſe em principio lhes

lhes canta, affirmam que teram ruim succeſſo; e deſtas couſas tem grandes livros de juizos.

Quanto ás caſtas, o maior impedimento que ha na conversão dos Gentios, he a ſuperſtição que guardam em ſuas caſtas, em ſe poderem tocar, communicar, nem miſturar com outros, como ſuperiores com inferiores; os de hum rito com os de outro. E são niſto tão abominoſos, que já ſe aconteceo chegarem muitos ao eſtremo da vida, ſó por não tocarem no comer do outro, nem em ſuas couſas, com medo de não perderem a caſta, e ficarem immundos. As peſſoas com quem mais guardam eſta ceremonia he com os Portuguezes, porque comem vaca; e aſſim em fallando com hum delles, ou tocando nelle, logo ſe vam purificar, como antigamente faziam os Judeos com os de Samaria. Nos caſamentos per nenhum modo ſe podem miſturar, nem mudar eſtado. O çapateiro com a filha do outro, o ourives o meſmo, e aſſim todos os mais officios, e eſtados; couſa, em que tambem Licurgo teve muito tento na reformação da ſua Republica Eſpartana. Niſto nos não metteremos, porque no noſſo Portugal anda iſto mui corrupto. Fazem eſtes Gentios ſeus caſamentos em certo tempo do anno com grandes ceremonias, e duram ſuas feſ-

tas

tas por espaço de quinze, ou mais dias, em que se dam grandes banquetes, e no cabo se entregam as noivas com grandes ceremonias; e ellas por nenhum caso podem fallar aos maridos, nem elles com as mulheres diante dos pais, nem podem nomear hum a outro diante de gente, nem comerem juntos, o que guardam tão infallivelmente, que ainda depois de alguns destes se fazerem Christãos, guardam os mesmos costumes com suas mulheres; mas este interdicto não dura mais, que em quanto não tem filhos.

Em todo este Oriente ha quatro castas, que precedem a todas as mais, segundo hum livro que tem, chamado Jadegaltutan, que quer dizer pomar de castas, que he hum livro de nobrezas. A primeira casta he a dos Rayas, que he huma nação nobilissima, de que todos os Reys do Canará procedem, que se tem por tão antigos, e famosos nas armas nestas partes, como nas da Europa os Godos. Destes se tem tamanha confiança, pela grande fidelidade em que até agora se tem sustentado, assim na paz, como na guerra, que servem da guarda da pessoa dos Reys. Estes tem por opinião nas guerras, perderem antes as vidas, que as armas, e assim ganham soldo dobrado de todos; são homens de boa conversação, cortezes, faciles, e bem acostumados.

A

A ſegunda caſta he a dos Bragmanes, ainda que elles querem preceder aos outros, aſſim pelo Sacerdocio, como pelas letras, ſobre o que antre elles ha tantas queſtões, como antre os noſſos Doutores, ſobre qual precede, ſe as armas, ſe as letras.

A terceira caſta he a dos Chatins, que são mercadores groſſos, de ouro, prata, pedraria, ſedas, roupas, e outras fazendas de preço. Deſtes fazem em todos eſtes Reynos muita conta, pelos proveitos que dam a ſuas rendas.

A quarta caſta he a dos Balalas, que são os lavradores. Eſtes são tão eſtimados, que podem os Reys caſar com ſuas filhas; porque dizem, que são homens que ſuſtentam os Reynos. Deſtas quatro caſtas ſe derivam cento noventa e ſeis, e eſtas tambem repartem em duas partes, a que chamam Valanga, e Elange, que quer dizer os da mão direita, e os da eſquerda; e eſtes como inferiores aos outros, nem pelas ruas lhes podem paſſar com ſuas prociſsões, nem caſamentos. E como eſtes privilegios de caſtas são antiquiſſimos, nem os meſmos Gentios ſe ſabem determinar de que caſta ſejam.

CA-

CAPITULO V.

De hum navio de Castelhanos, que foi ter ás Ilhas de Maluco, que se perdeo: e das cousas que acontecêram a Antonio Galvão Capitão de Ternate.

POrque as cousas de Dio nos não deram lugar pera continuarmos com as de Maluco, o faremos agora aqui com as que succedêram, parte do anno de 1537, e parte de trinta e oito; e contaremos primeiro de hum navio Castelhano, que se perdeo nos Papúas o anno de trinta e sete. Mandou Fernão Cortez ao Perú hum Fernão Grizalva em dous navios com hum presente ao Piçarro, e da torna viagem despedio com a resposta o outro navio, e elle foi só descubrir humas Ilhas, que estavam ao Ponente, por haver suspeitas de serem riquissimas de ouro; e porque este regimento do Cortez sempre o levou em segredo, tomáram alguns occasião pera dizerem, que o Grizalva hia fugido por ser mexericado de certas culpas. Partio este homem do porto de Pageta, que está em seis gráos do Norte, no principio de Abril no anno de trinta e sete, e correo a Oeste, e a Suduesle, até se pôr em vinte e nove gráos do Sul; e por lhe render o masto, arribou em poppa á linha, e morreo-

lhe nefte caminho o Piloto, e por aquella derrota foi até fe pôr em dous gráos do Norte, aonde lhe acabou de quebrar o mafto; e remedeando-o com humas entenas, foi correndo até vinte e finco gráos, e indo demandar a terra, cuidando que tomaffe a California, não achou nenhum final della. E porque os ventos eram Leftes, e Nordeftes rijos, determinou de tornar pera a Equinocial, como fez.

Indo affim em fua derrota, lhe requerêram os da náo que arribaffe a Maluco, por curfarem pera lá os tempos; mas diffo fe efcufou elle com lhes dizer, que não queria fer havido por traidor, nem entrar nas demarcações d'ElRey de Portugal, fobre o que teve paixões com os Officiaes, e vindo ás armas, foi o Grizalva morto com hum feu fobrinho, chamado Lopo Dávalos, e em feu lugar elegêram os da náo o Meftre, que logo tomou a derrota de Maluco, e acháram tantas calmarias, que puzeram quatro mezes até os Papúas, que foi a primeira terra que tomáram, e hiam já taes, que não havia mais de fete homens vivos, porque todos os mais lhes morrêram de fomes, e trabalhos. Chegando aqui, fe lhes acabou de defpedaçar o navio de podre, e milagrofamente fe fuftentou até então no mar, por haver dez mezes que nelle andavam. E metten-

fendo-se esses que ficáram no batel, foramse de longo de huma Ilha, chamada Crespei, donde lhes sahíram muitos negros, e tantos se mettêram no batel, que o alagáram, salvando-se os Castelhanos em terra, onde os cativáram, e foram levados a vender por essas Ilhas miseravelmente, e alguns foram ter a Maluco neste anno de trinta e oito, que Antonio Galvão recolheo, e fez muitos gazalhados, mandando-lhes dar tudo o de que tinham necessidade. Neste mesmo tempo andava huma Armada de cossairos daquellas Ilhas, que tinham feito grandes roubos, e damnos, avexando, e maltratando toda aquella Christandade, e sobre tudo ameaçando a todos, que haviam de ir sobre Ternate. Disto foi logo Antonio Galvão avisado; e como não tratava de mais, que do serviço de Deos, e de seu Rey, determinou de acudir áquellas cousas; e pedio aos Reys de Tidore, e Ternate algumas corocoras, que lhe deram armadas, e com gente, e nellas mandou embarcar desses poucos Portuguezes, que havia alguns, e fez Capitão mór hum Clerigo, chamado Fernão Vinagre, homem de muito animo, e de bom entendimento.

Este partio com esta Armada em busca da dos cossairos, e tendo della aviso, a foi demandar, e encontrando-se se envestíram,

 sen-

ſendo o Padre o primeiro que abalroou á Capitania, onde ſe baldeou logo armado em humas couraças com huma eſpada, e rodella, ſendo acompanhado de alguns dos ſeus; e de maneira pelejáram, que com morte dos mais dos inimigos axorou a corocora, e a tomou por poppa da ſua, e foi ajudar as da ſua companhia, que eſtavam travadas. Como as dos inimigos víram o ſeu Capitão mór deſtroçado, fugíram as que pudéram, e todavia ficáram nas mãos dos noſſos a mór parte. Desbaratada a Armada, foi o Padre Capitão com ella á toa viſitar todas aquellas Ilhas, porque viſſem os inimigos o caſtigo que dera aos coſſairos; e pera que ſe refreaſſem, foi-lhes dando em ſuas povoações, deſtruindo-lhas, e aſſolando-lhas, e aos Chriſtãos que achava fazia muitos mimos, e gazalhados, promettendo-lhes ſempre favor, e ajuda, e perſuadindo-os a eſtarem firmes na Fé, dando-lhes do que podia. Iſto fez com tanto amor, e brandura, que não ſó obrigou aos Chriſtãos ao ſerem de verdade, mas ainda forçou a muitos Gentios a irem pedir o Baptiſmo com grandes exteriores de vontade livre, e não forçada, que elle conſolou, e baptizou, exercitando, em quanto por alli andou, com muita caridade o officio de verdadeiro Prelado, e de muito bom Capitão; e não havendo mais

que

que fazer, voltou pera Ternate, aonde foi mui bem recebido.

Poucos dias depois teve Antonio Galvão por novas, que era chegada a Amboino huma Armada de Juncos de Jaoa, que vinham a reſgatar cravo; e temendo que ſua vinda cauſaſſe alguma alteração, e novidade naquelles Reys, que tinha conſervados em amizade, e com quem hia pairando por neceſſidade, e que ſobre iſſo lhes damnaſſem o preço ás drogas, o que ſería grande perda do ſerviço, e fazenda d'ElRey; ordenou com muita preſſa vinte e ſinco corocoras, aſſim das que tinha, como de outras que aquelles Reys lhe deram, e mandou embarcar nellas quarenta Portuguezes, e quatrocentos dos naturaes, e fez Capitão mór Diogo Lopes de Azevedo, a quem deo por regimento, que foſſe por todas aquellas Ilhas em buſca dos juncos, e pelejaſſe com elles.

Partida eſta Armada, tomou a derrota de Amboino, e chegando áquella Ilha, houve viſta dos juncos, que eram dez muito grandes; e preparando a ſua Armada, os foi logo enveſtir, por lhe parecer que teriam a mór parte da gente em terra; e como de feito aſſim era. E dando-lhe primeiro a ſua ſalva de artilheria, e pondo-lhe as prôas, baldeou-ſe dentro com os Portuguezes, a pezar de muitos golpes dos Jaos, que acudíram a

lhes

lhes defender a entrada, e aſſim dentro nelles ſe travou huma muito cruel batalha, porque os Jaos são os mais esforçados homens de todas aquellas partes, (e aſſim ſe traz por adagio, Malayos namorados, Jaos valentes.) A briga nos juncos andou muito acceza, em que os noſſos depois de muitos tranſes deixáram os Jaos eſpedaçados, e os juncos rendidos os ſinco delles, que eſſes ſó ſe abordáram; os mais vendo a couſa tão mal parada, largáram as vélas, e foram-ſe acolhendo. Nos que ficáram prezados ſe acháram algumas peças de artilheria, muitas munições, e huma ſomma de dinheiro, e fazendas, que traziam pera o reſgate do cravo, de que tambem já acháram algum. Com eſta vitoria ficáram todos os daquellas Ilhas amedrontados, e foram muitos daquelles Senhores a dar a obediencia a Diogo Lopes de Azevedo, porque foi coſteando todas aquellas Ilhas, e caſtigando alguns revéis; e aos que ſe hiam ſubmetter debaixo deſta vaſſallagem, fazia grandes gazalhados, e paſſava-lhes ſeguros, e cartas de vaſſallagem.

E como neſte tempo eram os homens tão zeloſos da Fé de Chriſtŏ, que nunca cortáram com a eſpada temporal, que tambem o não fizeſſem com a eſpiritual, não quiz Diogo Lopes de Azevedo ſer neſta parte havido por ſervo inutil, e aſſim não chegou

gou a qualquer Ilha daquellas, que não convidasse aos naturaes pera as vodas do Senhor, por meio de hum Sacerdote que comsigo levou; e assim trouxe á manada, e rebanho do Senhor os lugares de Ativa, Matelo, e Mecivel, cujos moradores recebêram a agua do Santo Baptismo com grande alegria, e contentamento de todos, sendo os primeiros os Governadores, e Regedores delles; mas como os Ministros Evangelicos eram então mui poucos, ficáram estes tenros filhos da Igreja destetados, por não haver quem os fosse sustentando com o leite da doutrina de Christo, e de seu sagrado Evangelho, ficando Christãos só nos nomes. Diogo Lopes de Azevedo depois que por alli fez tudo o ao que hia, e que lhe chegou a monção, se recolheo a Ternate, onde foi muito bem recebido do Capitão, e de todos. Neste estado deixamos por ora as cousas de Maluco até tornar a ellas.

CA-

CAPITULO VI.

Da Armada, que eſte anno de 1539. partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Souſa: e de como o Camorim mandou pedir pazes ao Viſo-Rey D. Garcia de Noronha: e dos Capitulos com que lhas concedeo.

COmo o ruim ſucceſſo das galés dos Rumes, e mais Armada, que veio cercar a fortaleza de Dio, (a que podemos chamar desbarato, pois ſe recolhêram fugindo com quaſi a metade da gente morta, e muitas vazilhas menos,) ficáram todos os Reys vizinhos tão aſſombrados, que como paſmados cuidando neſta jornada, e potencia da Armada do Turco, não podiam acabar de crer aquillo, (porque na imaginação de todos haviam por extinguido de todo o nome Portuguez daquella feita, e que os Rumes ficariam ſenhores de tudo o que elles poſſuiam no Oriente; porque em todo elle não ha mór terror, e eſpanto, que eſte nome de Rumes, porque pera os ſenhorear a todos, ſegundo em ſuas imaginações eſtavam temidos, e receados, não era neceſſario tão potente Armada, mas em qualquer parte que quinhentos Rumes puzeſſem os pés, ſe lhes deſpejaria logo tudo ſem golpe de eſpada.)

E vendo agora huma tamanha Armada, que atroava o Mundo, recolher-se tão desbaratada das mãos de tão poucos homens, encolhidos todos, tratáram de solicitar a amizade dos Portuguezes, mandando logo o Zamaluco, e o Idalxá visitar ao Viso-Rey, e a confirmar as pazes. O Çamorim, e Imperador do Malavar, tão poderoso, e respeitado entre todos os Reys da India, e tão conhecido por todo o Mundo, (tanto, que por toda a Europa senão nomeava senão por Rey de Calecut,) este desejando de não viver com sobresaltos, e de grangear a amizade dos Portuguezes, pera se conservar em seus Reynos, e ainda com seu favor dilatallos; tratou este inverno este negocio com Manoel de Brito, Capitão da fortaleza de Chalé, a quem pedio quizesse ser terceiro com o Viso-Rey nas pazes, e amizades que com elle desejava ter. E tanto puxou por isto, que se lhe offereceo pera ir a Goa em companhia de seus Embaixadores a fallar ao Viso-Rey, o que o Çamorim estimou muito. E mandando negociar China Cotiale, seu Regedor mór, com muito grande acompanhamento pera esta jornada, se foi a Chalé, aonde Manoel de Brito o recebeo mui honradamente, tendo já embarcações prestes pera passar com elle a Goa. Tanto que entrou Setembro, se começou a embarcar, e

se

ſe fez á véla, deixando a fortaleza entregue ao Alcaide mór; e a dez de Setembro chegáram á barra de Goa, juntamente com a Armada, que aquelle anno tinha partido do Reyno, que eram ſinco náos, de quem vinha por Capitão mór Diogo Lopes de Souſa, e os mais Capitães, D. Roque Tello provído com a fortaleza de Çofala, Alvaro Barradas, Simão Sodré, Henrique de Souſa Chichorro, que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha mandou de Moçambique com recado a Portugal, como já diſſemos no Cap. IX. do Liv. III. Sabendo o Viſo-Rey da chegada dos Embaixadores á barra, mandou recado a Manoel de Brito, que ſe detiveſſe em Pangim, em quanto ſe preparava o recebimento que queria fazer ao Embaixador, mandando-o agazalhar alli mui bem, e fez ordenar as couſas neceſſarias pera elle, e que ſe lhe preparaſſem todas as galés, e fuſtas pera ſua entrada, e apoſentos guarnecidos a ſeu modo. Dahi a alguns dias o recebeo com grande mageſtade. Eſtava o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha de tabardo, e beca de veludo, barrete redondo com golpes, e pontas de pedraria, eſpada, e adaga de ouro, borzeguins, e pantufos de veludo, que era o verdadeiro, e antigo trajo Portuguez. E como era de tão grande eſtatura de corpo, que lhe ſobejava todo o

pei-

pescoço por sima de todos os Fidalgos, que na India havia, e que alli o estavam acompanhando, e era de oitenta annos, com huma barba branca, grande, e comprida, em sua veneranda pessoa parecia logo digno do cargo que representava. O Embaixador vinha em meio do Capitão da Cidade, e de Manoel de Brito, que o levava pela mão, e assim o apresentáram ao Viso-Rey, que o abraçou, estando encostado a huma cadeira de brocado debaixo de hum docel do mesmo.

Passadas as palavras ordinarias de cumprimentos, e de lhe perguntar por ElRey, e Principe, o despedio, e mandou agazalhar. Dahi a alguns dias o tornou a ouvir, presente Manoel de Brito, Secretario, Veador da Fazenda, e mais Officiaes, e vieram a fallar em pazes. O Viso-Rey lhe mandou que désse os apontamentos ao Secretario pera os verem em Conselho, que elle deo, e o Viso-Rey os mandou ler (presentes todos os Fidalgos) que pera isso foram chamados, e debatidos, e vistos mui bem, se vieram a concluir as pazes com os Capitulos seguintes.

» Que o Çamorim se obrigava a dar to-
» da a pimenta de seus Reynos pelos pre-
» ços que a dava ElRey de Cochim; e que
» o Viso-Rey lhe largasse a Ilha de Cama-
» rão

» rão dorite, que eſtava no rio de Chalé,
» que lhe tinham tomada, em que ſe faria
» o pezo, e entrega da pimenta que havia
» de dar.

» Que todo o gengivre de ſuas terras da-
» ria a razão o bár de noventa e dous fanões,
» entrando nelles os direitos que elle Çamo-
» rim havia de haver.

» Que o Viſo-Rey lhe daria licença pe-
» ra mandar cada anno nas náos do Reyno,
» por cada cem bares de pimenta que ven-
» deſſe a ElRey, dous bares e meio forros
» pera ſi, que lhe pagariam em Portugal a
» quinze cruzados por cada quintal; e que
» o dinheiro que niſſo ſe montaſſe lhe man-
» dariam empregado em azougue, verme-
» lhão, em coral, (fazendas que então eram
» mais requeſtadas que todas, e reſpondiam
» muito,) e a pimenta que embarcaſſe por
» ſua conta correria o riſco d'ElRey de Por-
» tugal; e que perdendo-ſe alguma náo, el-
» le ſería obrigado a lhe pagar o que nella
» perdeſſe. E que todas as fazendas que vieſ-
» ſem do Reyno por ſua conta, ſe lhe en-
» tregariam na noſſa fortaleza de Chalé, ou
» em Cochim, forras de todos os gaſtos, e
» deſpezas, e iſto pela muita perda que el-
» le Çamorim recebia nos direitos da pimen-
» ta, que os mercadores de Meca hiam com-
» prar a ſeus Reynos, por lha não poder

» ago-

» agora vender pela obrigação do contra-
» to.

» Que lhes deixariam levar aos mercado-
» res Portuguezes todas as fazendas que qui-
» zesse pera irem vender a Calecut, aonde
» pagariam os direitos ao Çamorim, e nel-
» les, e nas vendas lhes fariam muitos fa-
» vores.

» Que lhes dariam seguros a suas náos
» pera navegarem pera onde quizessem, sem
» se lhes fazer aggravo algum, e o que lho
» fizesse, fosse por isso muito bem castigado.
» Que lhe não tirariam as jangadas, que ao
» presente tinha em suas terras.

» Que quanto á quebra, que o Çamorim
» tinha com Mangate Caimal, que o Viso-
» Rey os comporia de maneira, que o Man-
» gate ficasse satisfeito.

» Que elle Çamorim não faria guerra a
» amigo algum do Estado, e que recebendo
» algum aggravo de algum delles, o faria
» a saber ao Viso-Rey, ou Governador da
» India pera lho emendarem, e satisfazerem;
» e que não tendo elle Çamorim o tal cum-
» primento, em tal caso o Viso-Rey ajuda-
» ria á pessoa a que elle fizesse guerra, sem
» por isso quebrar o juramento das pazes. E
» se o Rey, ou Senhor com que elle Çamo-
» rim tiver algumas differenças, não quizer
» estar pelo que o Viso-Rey, ou Governa-
» dor

» dor ordenar, em tal caſo elle Çamorim o » poderia caſtigar.

» Que outroſi não conſentiria nem a » ſeus vaſſallos, nem a mercadores Eſtrangei» ros, navegarem de ſeus portos pera os de » Meca, nem pera os da coſta de Arabia, » porque não levaſſem de ſeus Reynos a pi» menta, e gengivre, que era obrigado a dar » a ElRey de Portugal por eſtes contratos.

» Que elle Çamorim ſeria obrigado a » dar toda a ajuda, e favor ao que gover» naſſe o Eſtado, quando lhe foſſe requeri» da, e pedida, e que não receberia em ſeus » portos Turcos, nem Rumes, nem outros » inimigos do Eſtado.

» Que em todas as ſuas terras, nem de » ſeus vaſſallos houveſſe dalli por diante na» vio algum ligeiro de guerra, nem de paz, » e que todos os que eram feitos ſe alevan» taſſem, e fizeſſem de feição, que não pu» deſſem ſervir mais que pera carga.

» Que duas bombardas noſſas, que ti» nham tomadas nas guerras paſſadas de Co» chim, as mandaria logo entregar.

» Que todos os que em ſeus Reynos não » quizeſſem conſentir, nem eſtar por eſtes con» tratos de pazes, os lançaria fóra delles; e » ſe ſenão quizeſſem ir, o Çamorim os man» daria matar, e o meſmo poderia fazer a » peſſoa, que governaſſe o Eſtado, ſem o

» Ça-

» Çamorim se escandalizar, antes lhe dar » pera isso toda ajuda, e favor.

» Que o Viso-Rey iria a Calecut ver-se » com o Çamorim pera ambos jurarem as » pazes. »

Destes contratos se fez assento no livro delles pelo Secretario João da Costa, em que se assináram o Embaixador do Çamorim, China Cotiale, que pelos poderes que tinha d'ElRey seu Senhor os acceitou, e com elle os Officiaes d'ElRey, e alguns Fidalgos; e logo o Viso-Rey mandou apregoar as pazes por toda a Cidade de Goa, o que se fez com grande solemnidade, festas, e alegrias de todos; mandando o Viso-Rey logo negociar a Armada pera se embarcar, despachando as náos da carreira pera irem a Cochim tomar a carga, mandando hum galeão com provimentos a Ceilão, e outros pera as fortalezas de Dio, e Ormuz, negociando-se o mais depressa que podia pera se embarcar.

CAPITULO VII.

De como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha adoeceo, e mandou seu filho D. Alvaro a jurar as pazes com o Çamorim: e de como Antonio da Silveira se embarcou pera o Reyno: e de como lá foi recebido.

ANdando o Viso-Rey negociando-se pera se embarcar pera se ir ver com o Çamorim, como ficou assentado no contrato das pazes, veio adoecer de humas febres; e como era muito velho, ficou logo tão fraco, que quasi não estava perá governar; pelo que assentou em Conselho, que fosse em seu lugar seu filho D. Alvaro com Diogo Lopes de Sousa, Capitão mór das náos do Reyno, (que em Goa ficou pera acompanhar o Viso-Rey,) e por coadjutores Dom João de Castro, Fernão Rodrigues de Castello-branco, Veador da Fazenda, e Secretario, dando-lhes Procurações bastantes pera em seu nome jurarem as pazes com o Çamorim. E porque isto era já entrada de Dezembro, embarcáram-se com muita pressa, despedindo o Viso-Rey o Embaixador do Çamorim com muitas honras, e peças pera ElRey, e pera elle, e o mesmo pera El-Rey de Chalé, e Tanor, entregando-o a Manoel de Brito que o trouxe. D. Alvaro

ro ſe fez á véla com toda a Armada, que era de muitos galeões, e outros navios; e os Capitães, que neſta jornada o acompanhá-ram, foram os ſeguintes:

Diogo Lopes de Souſa, D. João de Caſtro, Fernão Rodrigues de Caſtello-branco, Veador da Fazenda, D. João de Lima, D. João Deça, D. Paio de Noronha, Dom Manoel de Menezes; eſtes em galeões. Capitães de caravelas, Franciſco de Bairros, Diogo de Souſa, e outros. De galés, João de Mendoça, Fernão de Lima, Pero de Lemos, D. João Manoel o Alabaſtro, João de Souſa Rates, e Manoel de Souſa de Sepulveda. Capitaes de galeotas, e fuſtas, o Secretario, D. Manoel de Lima, Bernaldim de Souſa, D. João Maſcarenhas, D. Triſtão de Soto-Maior, D. Franciſco de Menezes, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida Freire, Franciſco de Sá dos Oculos, Fernão de Souſa de Tavora, Dom Franciſco de Noronha, D. Diogo de Vaſconcellos, Triſtão de Taíde, e outros a que não achámos os nomes. E ſeguindo ſua jornada, foram ſurgir na barra de Panane, onde o Çamorim eſtava. D. Alvaro mandou logo deſembarcar Manoel de Brito com o Embaixador, pera que o foſſe entregar ao Çamorim, que já o eſperava com todos os Grandes, e o recebeo com muitas honras

e Manoel de Brito lhe entregou o ſeu Embaixador, que levava pela mão, aſſim como o elle fez, quando ſe embarcou pera Goa. O Çamorim feſtejou muito Manoel de Brito, que foi ſer hoſpede do Embaixador; e o Çamorim mandou logo viſitar D. Alvaro com algum refreſco. E tratando-ſe do modo, que ſe havia de ter no jurar das pazes, de que o Çamorim tinha moſtrado muito goſto, não pudéram concluir nas viſtas por razão das preeminencias; pelo que ſe aſſentou, que foſſe a terra o Secretario pera com Manoel de Brito as ver jurar, o que ſe fez ao outro dia com muito grande ſolemnidade, de que ſe tiráram inſtrumentos. Feito iſto, mandou o Çamorim China Cutiale a ver jurar as pazes por D. Alvaro, e com elle tres, ou quatro dos de ſeu Conſelho. Dom Alvaro tinha no ſeu galeão todos os Fidalgos, e Capitães, e elle muito embandeirado, e formoſamente aparamentado, e na tolda os recebeo, onde ſe fez aquelle auto, ao ſom de muitas charamelas, trombetas, e ſalvas da artilheria de toda a Armada. Diſto ſe fizeram papeis aſſinados por todos.

Acabada eſta ſolemnidade, deo D. Alvaro aos do Çamorim peças de brocado, e de eſcarlata, porque levava pera iſſo muitas, deſpedindo-os muito ſatisfeitos, e em ſua companhia o Secretario, por quem D. Al-

va-

varo mandou de novo visitar o Çamorim, e o Principe com peças mui ricas de presente. O Çamorim mandou logo apregoar as pazes em Panane, e Calecut com grandes solemnidades de instrumentos a seu modo, e ó mesmo fez D. Alvaro em toda a Armada com grandes mostras de alegria. Dalli por diante ficáram correndo em amizade. Estas pazes duráram perto de trinta annos, que foram os mais felices, que a India teve, porque por toda a costa do Malavar passavam navios de mercadores Portuguezes grandes, e pequenos, carregados de muitas fazendas, com dous homens, surgindo por todos aquelles portos, e bahias sem receberem hum muito pequeno aggravo.

Concluidos os negocios de Penane, foi-se D. Alvaro pera Cochim, onde deo grande pressa á carga das náos, e até dez de Janeiro as fez á véla. D. Estevão da Gama, que invernou em Cochim, aonde fora ter o Março passado, vindo de Malaca, estando-se negociando pera se ir naquella Armada pera o Reyno, dizem que o deixou de fazer, por humas cartas que pelas mesmas náos teve do Conde do Vimioso, sogro do Conde Almirante seu irmão, em que lhe dizia, que se Martim Affonso de Sousa fosse ido pera o Reyno, que se deixasse elle ficar na India, e quando não, que se fosse: no que

lhe dava claramente a entender, estar na primeira succesão após Martim Affonso de Sousa.

Nesta Armada se embarcou Antonio da Silveira, o do cerco de Dio, (a que com muita razão poderemos dar o sobrenome de Grande,) que chegando ao Reyno, o foram buscar á náo o Marquez de Villa-Real, o Conde de Vimioso, o da Vidigueira, o de Sortelha, o de Redondo, e todos os Fidalgos, e Senhores da Corte, que o levåram a ElRey D. João, que o esperou em Casa da Rainha com os Infantes, onde o recebeo com muita honra. Dalli se recolheo pera casa de sua mulher, filha de Lopo Vaz de Sampaio, Governador que foi da India, que já era morto, com quem estava desposado por palavras de futuro, (cujo casamento fez seu pai na India antes de ser Governador, como no Cap. III. do Liv. I. da IV. Decada temos dito.) Esta Senhora o esperava com todos os parentes, e parentas pera celebrarem os esposorios. E indo Antonio da Silveira pelo caminho, deteve-se antes de chegar a sua casa, dizendo ao Marquez, e áquelles Condes, que o acompanhavam, que lhe era necessario tornar a ElRey a lhe pedir licença pera receber sua mulher, porque lhe esquecêra de o fazer, quando lhe beijára a mão. O Conde do Redondo lhe dis-

disse, que se detivesse que elle lha iria buscar; e voltando pera o Paço, entrou com ElRey, e lhe deo conta do negocio. ElRey lhe disse, que era muito contente de elle a receber. Com esta licença chegáram a sua casa, onde estavam todos os parentes della, e hum Prelado os recebeo perante todos.

Era tão grande a fama deste homem, e foi tão espantoso o cerco que sustentou, que todos os Reys Christãos o mandáram visitar pelos Embaixadores, que traziam na Corte, e dar-lhe os parabens das vitorias, que na India houve. E ElRey Francisco de França o mandou tirar pelo natural, e o seu retrato foi posto na casa da fama entre os Varões famosos. Era homem de meã estatura, grosso, espadaudo, de hum juizo subtil, e agudo, de grande coração, e tão liberal, que se houve por prodigo. E assim lhe fez isso nojo com ElRey; porque o Janeiro de quarenta e hum, em que determinava de prover a India de Governador, o mandou chamar a Almeirim, e dizem que com tenção de o mandar á India, e alli esteve com grandes gastos, e despezas, dando banquetes aos Senhores da Côrte, em que despendeo muito. Isto se lhe estranhou tanto, que não faltou quem dissesse a ElRey, que lhe não convinha mandar á India homem, que tanto sem ordem gastava sua propria fazenda,

pel

pelo que ElRey dissimulou, e elegeo pera Governador da India Martim Affonso de Sousa, como em seu lugar diremos. E a Antonio da Silveira despachou com a Capitanía de Machico, na Ilha da Madeira, de juro, e de herdade, que renderia então quasi oitocentos mil reis.

Viuvou este Fidalgo da filha de Lopo Vaz logo, porque durou pouco, e casou segunda vez com huma filha de Ruy Fernandes de Almada, Feitor, e Embaixador d'El-Rey em Flandes, tão honrado Fidalgo, que indo em seu lugar outro a servir aquella Feitoria, e Embaixada, dizendo a ElRey de França, que o que hia era tão bom homem como Ruy Fernandes, respondeo: *Se elle he tal, assás de forte bom homem he.* Deramlhe com esta mulher quarenta mil cruzados, que lhe duráram pouco por sua condição, e chegou depois a estado, que vendeo a Capitanía de Machico ao Conde do Vimioso por outros quarenta mil, e assim morreo depois pobre, mas sempre honrado, porque nunca se acanhou em cousa alguma. Depois de falecer Antonio da Silveira, casou esta Senhora, que se chamava Dona Clara, com Ruy Telles, Mordomo Mór do Infante Dom Luiz, e Alcaide mór de Moura.

CA-

CAPITULO VIII.

De como o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha faleceo : e das partes , e qualidades de ſua peſſoa.

DEpois que D. Alvaro de Noronha deſpachou as náos pera o Reyno , deo á véla pera Goa , indo em ſua companhia Dom Eſtevão da Gama. Foi devagar por cauſa dos Noroeſtes. De paſſagem viſitou as fortalezas de Chalé , e Cananor , deixando alguns navios de remo por aquella coſta , por cauſa de alguns ladrões formigueiros , ſe os houveſſe ; e em fim de Março chegou a Goa , achando o Viſo-Rey ſeu pai já muito mal. E foi ſua doença em tanto creſcimento , que deſconfiáram os Medicos delle , porque era muito velho , e decrepito. E moſtrando claros ſinaes de ſeu fim , foi aviſado por Religioſos , pelo que logo fez todos os autos de Chriſtão , primeiro que tudo. Depois mandou chamar todos os Fidalgos , e lhes mandou dizer pelo Secretario , que bem viam o eſtado em que eſtava , eſperando por horas o fim derradeiro , pera o que lhe era neceſſario deſembaraçar-ſe de todos os negocios da vida , pois havia de entrar em outros mais importantes da outra , que eram os da alma. E porque o ſerviço d'ElRey

nã

não perecesse, lhes pedia quizessem consentir, que seu filho D. Alvaro governasse por elle, em quanto elle assim estava; e que depois de falecido, se faria o que ElRey mandava nas successões. Os Fidalgos lhes respondêram, que Deos lhe daria ainda vida, e saude pera os governar a todos; e que se consentissem no que lhes pedia, e vissem outrem em seu lugar, haveriam que já era morto; que em quanto o tinham vivo, estavam todos contentes, e satisfeitos; que aquillo era já perto do inverno, em que havia pouco que fazer, pera o que bastava o Veador da Fazenda. (Isto disseram elles, porque D. Alvaro era ainda mancebo, e não queriam que os mandasse em cousa alguma.) O Viso-Rey não replicou a isto, antes mandou ao Veador da Fazenda Fernão Rodrigues de Castello-branco, que corresse muito depressa com os provimentos das fortalezas, o que elle fez com muita brevidade, despedindo hum galeão pera Maluco, e despachando D. Jorge de Castro pera ir entrar naquella Capitanía de que estava provído, por ter acabado seu tempo Antonio Galvão, provendo tambem as mais fortalezas da India, despachando muitos Fidalgos pera irem invernar a ellas, principalmente pera Baçaim, onde foram dar meza Fernão de Sousa de Tavora, Fernão da Silva, Alcaide mór, e

Con-

Commendador de Alpalhão, Francisco de Sá dos Oculos, D. Luiz de Taíde, Antonio de Souto-Maior, D. Jorge, e D. Aleixo de Menezes, ambos primos. O Viso-Rey recolheo-se com seu Confessor, e outros Religiosos, tratando das cousas de sua alma, fazendo seu testamento muito á sua vontade, sem consentir que se lhe fallasse em negocio algum. E como o seu mal era de morte, e com mais razão se podia dizer, que era velhice, que enfermidade, entrou no artigo derradeiro, e tomando os Divinos Sacramentos, com grandes mostras de Christão, e de arrependimento de suas culpas, faleceo aos tres dias do mez de Abril deste anno, em que andamos de quarenta, tendo governado a India hum anno e sete mezes. Foi sua morte muito sentida de todos, pelas partes, e qualidades de sua pessoa, que por ellas, e por sua idade, e Fidalguia lhe tinham todos muito grande respeito. Seu corpo foi levado á Sé de Goa, e depositado na Capella mór, onde jaz no chão, e tem huma campa de pedra marmore com suas armas, e letreiro. Fizeram-se-lhe os Officios a seu enterramento com muita solemnidade, estando presentes todos os Fidalgos, e Officiaes da Cidade, e d'ElRey, todos vestidos de dó.

Foi este Viso-Rey D. Garcia de Noro-

nha,

nha, filho de D. Fernando de Noronha, e neto de D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa, filho do Conde Gijão. D. Fernando ſeu pai foi caſado com Dona Coſtança de Caſtro, filha de Gonçalo de Alboquerque, Senhor de Villa Verde, pai do grande, e valoroſo Capitão Affonſo de Alboquerque, Governador que foi da India: deſta Senhora houve D. Fernando eſtes filhos: D. Alvaro, que foi Capitão de Azamor, pai de D. Fernão d'Alvares de Noronha, Dom Antonio de Noronha, que morreo na tomada de Goa, D. Affonſo de Noronha, que foi Capitão de Sacotará, e eſte D. Garcia, que foi caſado com huma filha de D. Alvaro de Caſtro, Governador de Lisboa, que já fora mulher de Ayres Telles, filho herdeiro de Ruy Telles. Della houve D. Garcia eſtes filhos: D. Alvaro de Noronha, que depois foi Capitão da fortaleza de Ormuz, D. Bernardo, que o não quiz ſer, e D. Antonio de Noronha, que foi Capitão de Malaca. Foi eſte D. Garcia á India a primeira vez o anno de 1511. por Capitão mór de huma Armada de ſeis náos, e ficou na India com ſeu tio Affonſo de Alboquerque. Achou-ſe na tomada de Beneſtarim; foi aquelle anno a Cochim com poderes de Governador fazer a carga das náos, e fez pazes com o Çamorim, e deſta vez lhe conce-

cedeo lugar em Calecut pera fazer a fortaleza ; achou-ſe na eſcala da Cidade de Adem. Foi o anno de treze outra vez a Cochim fazer a carga das náos, de que era Capitão mór João de Souſa de Lima. Foi outra vez a Ormuz, (quando ſeu tio Affonſo de Alboquerque foi fazer aquella fortaleza,) e trouxe de lá na ſua náo os quinze Reys cegos, que não eram Reys, como em outro lugar diremos; e foi-ſe aquelle anno pera o Reyno por Capitão mór das náos, e lá ſe ſervio ElRey delle muitas vezes nos lugares de Africa, e em outras partes. Permittirá o Senhor, que tambem ſe houveſſe delle por ſervido, e que lhe tenha dado ſua gloria, e que nella ſua alma deſcance perpetuamente.

DECADA QUINTA.

LIVRO VII.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha ſuccedeo na Governança da India D. Eſtevão da Gama: e das couſas, em que logo começou a entender.

FAlecido o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, eſtando ſeu corpo depoſitado na Capella mór da Sé de Goa, depois de feito o Officio todo, antes de o enterrarem, abrio o Veador da Fazenda o cofre, em que eſtavam as ſucceſsões da Governança da India, preſentes todos aquelles Fidalgos, e Officiaes, e tirou de dentro a primeira ſucceſsão, que entregou ao Secretario pera a abrir, e elle a amoſtrou ao povo, pera que viſſem que eſtava inteira, e ſem ſe

ſe nella tocar, nem bolir; e dando-a ao Ouvidor Geral, a examinou bem. Feitas eſtas diligencias, conforme ao Regimento, o Secretario a abrio, lendo primeiro o ſobreſcrito, que dizia aſſim: *Primeira ſucceſsão da Governança da India, que ſe abrirá falecendo o Viſo-Rey D. Garcia, o que Deos não permitta*; e ao pé eſtava ElRey aſſinado. Aberta a ſucceſsão, foi o Secretario lendo-a alto, e achou nella Martim Affonſo de Souſa, que era ido pera o Reyno.

E guardando aquella ſucceſsão, tirou a ſegunda, em que fizeram o meſmo exame, e diligencia; e abrindo-ſe, achou-ſe nella D. Eſtevão da Gama, que eſtava preſente, que foi levado nos braços de todos, e alli logo lhe fez o Veador da Fazenda entrega da India, pela ordem, e regimento do Eſtado, dando della a menagem nas mãos do Capitão da Cidade; e depois tomou o juramento de cumprir com as obrigações de ſeu cargo, que lhe deo o Ouvidor Geral. Acabado eſte auto, depois do corpo do Viſo-Rey enterrado, recolheo-ſe o Governador pera ſua caſa, acompanhado de todos os Fidalgos, e Vereadores da Cidade.

A primeira couſa que fez ao outro dia, foi, mandar pelo Ouvidor Geral, e Provedor mór dos defuntos, fazer inventario de toda ſua fazenda, o que ſe fez com todas

as ſolemnidades, e exames neceſſarios, e ordinarios, tomando elle juramento, e dando-ſe ás peſſoas, que corriam com ſua fazenda. Iſto fez eſte Governador, porque eſtava muito rico, e não queria que diſſeſſem, que acquirira tanta fazenda no cargo, porque determinava de ſer nelle muito puro, e deſintereſſado, como foi. E ſegundo ouvimos a algumas peſſoas daquelle tempo dignas de credito, montou ſua fazenda perto de duzentos mil pardáos, couſa que podia ſer, porque herdou a de ſeu irmão D. Paulo, e ſervio de Capitão da fortaleza de Malaca ſinco annos, porque lhe deo ElRey o tempo, que reſtou de ſeu irmão, como já diſſemos no Cap. XI. do Liv. VIII. da quarta Decada. Feito iſto, deſpedio o Governador logo recado a todas as fortalezas da India, fazendo-lhes ſaber de ſua ſucceſsão; e a voltas das cartas do Capitão de Baçaim, Ruy Lourenço de Tavora, eſcreveo a Fernão de Souſa de Tavora, de quem era eſpecial amigo, que ſe foſſe invernar a Goa; e aſſim o fez, porque em lhe dando a carta do Governador, logo ſe embarcou em huma galeota, que lhe deo o Capitão, que era do ſerviço do rio, porque todos os mais navios eſtavam já varados, e ainda eſta lhe deo com lhe prometter de lha tornar a mandar, porque a não eſcuſava. Embarcaram-

ſe

-se com elle D. Jorge, e D. Aleixo de Menezes, ambos primos. Chegados a Dabul, porque achâram ameaços do inverno, desembarcou-se Fernão de Sousa de Tavora com os outros Fidalgos, pera dalli se irem por terra, e despedio com muita pressa a galeota pera Baçaim; porque quiz antes arriscar sua pessoa em ir por terra, que sua palavra; no que os Fidalgos daquelle tempo traziam tanto posto o primor, que antes morreriam mil mortes, que cahirem em huma tacha tão avorrecida, ainda em gente baixa, quanto mais em homens, que pelo sangue tem tantas obrigações, e tão differentes da outra gente.

E assim antre os Gentios, e Mouros da India se trazia por exemplo a grande verdade dos Portuguezes; e porque depois se mudou isto, com outros muitos, e bons costumes, disse hum Rey de Cochim muito avisadamente: *Que aquelles tempos eram os bons, em que os Portuguezes trouxeram á India tres cousas, verdade, espadas largas, e Portuguezes de ouro fino*; porque esta era a moeda com que naquelles tempos se fazia a carga das náos. E por certo, que notou aquelle Gentio muito bem isto; porque depois que estas cousas vieram a faltar na India, declinou ella, porque muitos, e mais espantosos feitos se fizeram, quando pe-

lejavam com espadas largas, e ferrugentas, do que se fizeram depois com verdugos compridos, e dourados; porque aquellas armas traziam-se pera pelejar, e agora usam-se estoutras pera parecerem bem. E assim dizia ElRey D. João o II., que o bom Portuguez ha de ferir com os terços.

E tornando a Fernão de Sousa de Tavora, despedida a galeota pera Baçaim, elle com os mais tomáram o caminho por terra, e em poucos dias chegáram a Goa, sem por todo elle receberem hum pequeno aggravo; assim pelo grande respeito, e medo que tinham aos Portuguezes, como pela muita verdade, e primor com que elles tratavam a todos.

O Governador D. Estevão da Gama nos primeiros dias despedio hum Antonio de Sousa, filho da India, que sabia a lingua Persia mui bem, e com elle hum Judeo, chamado Manasses, pera irem a Ormuz em hum catur muito ligeiro, pera dalli passarem ao Reyno por terra com cartas a ElRey do estado em que a India ficava, e de sua successão; e pera os Condes da Vidigueira seu irmão, e do Vimioso seu sogro, solicitarem com ElRey não lhe mandar successor.

Da jornada destes homens não achámos lembrança alguma, sómente sabemos chegarem ao Reyno, sendo já nomeado Martim

Af-

Affonſo de Souſa pera Governador da India, porque teve a valía do Conde da Caſtanheira ſeu primo com-irmão, como adiante diremos; e ElRey reſpondeo, que folgára de ſaber que elle governava, antes de ter nomeado Martim Affonſo, pera ir ſucceder ao Viſo-Rey D. Garcia de Noronha; e que ſe pudera, ſem faltar com ſua palavra, deixar de o mandar, o fizera, pela muita confiança que tinha delle D. Eſtevão o haver de ſervir bem.

Antre as inſtrucções que o Governador D. Eſtevão da Gama achou d'ElRey nos papeis de D. Garcia de Noronha, foi huma, em que lhe encommendava muito, que mandaſſe a Suez queimar as galés, por algumas intelligencias, porque não paſſaſſem a dar trabalho á India. E querendo elle ſer o author deſte negocio, determinou de ir em peſſoa áquella jornada, por ſer muito importante, e de muita honra; porque eſta deſejava elle mais que fazenda. Pelo que ſe foi pôr na ribeira a mandar dar preſſa á Armada, viſitando a miude os armazens, e provendo-os de todas as couſas neceſſarias. E conta-ſe delle, que a primeira vez que foi viſitar a ribeira, chamou o Veador da Fazenda, e todos os Officiaes, e apontador, e toda a mais gente que havia do ſerviço della, e achou perto de ſetecentos homens

mens Portuguezes, Meſtres, Pilotos, Bombardeiros, Marinheiros, Grumetes, Calafates, Carpinteiros, Meſtres de bombas, e outros de náos, e navios; e ſabendo pelos pontos paſſados do tempo de Nuno da Cunha, que ſempre paſſáram de oitocentos homens os da obrigação da ribeira, começou a bradar com os Officiaes por haver tão pouca gente. Trouxemos iſto, porque chegou eſta ribeira depois a eſtado de não ter mais de ſeis, ſete peſſoas, e eſſas ainda deſcontentes, e mal pagas.

O Governador foi viſitado dos Reys vizinhos, com quem confirmou de novo as pazes, e antre eſtes foi ElRey de Garzopá, Senhor da Cidade de Mangalor na coſta do Canará, que havia muitos annos eſtava revel, e alevantado, ſem pagar as pareas; mandou-ſe reconciliar com o Governador por hum Embaixador ſeu, chamado Timoja, e deo pelas pareas paſſadas oito mil fardos de arroz, e ſe obrigou de novo a pagar cada anno dous mil fardos; e que de ſeus portos nunca mais ſahiria ladrão algum. E poſto que o Governador andava muito occupado na Armada, nem por iſſo ſe deſcuidou das couſas de noſſa Religião Chriſtã, tão encarregadas dos Reys de Portugal a ſeus Viſo-Reys, e Governadores.

E porque em Goa creſcia muito a Chriſtan-

ſtandade, e havia muitos moços de differentes caſtas, que andavam deſagazalhados, ordenou hum Seminario na rua, que chamam da Carreira dos cavallos, a que poz nome o *Collegio da Santa Fé*, e nelle mandou recolher todos eſtes moços, tomando a cargo pera mandar correr com ſua doutrina o Padre Miguel Vaz, Vigario Geral da India, homem virtuoſo, e Apoſtolico, que na vinha do Senhor trabalhou com muito zelo, e fervor, em quanto eſteve na India.

CAPITULO II.

Do que eſte anno de 1540 aconteceo em Maluco: e de como ſe deſcubríram as Ilhas dos Cellebes, Macaçá, Bogis, e outras: e dos Reys, e Senhores dellas, que ſe fizeram Chriſtãos: e de como Franciſco de Caſtro deſcubrio as Ilhas de Mindanáo.

POr nos não deſcuidarmos das couſas de Maluco, com que imos continuando por ordem dos annos, entraremos aqui com o que aconteceo todo eſte paſſado naquellas Ilhas, que deixámos em paz, e quietação, e o Capitão Antonio Galvão muito reſpeitado de todos, tratando mais do que compria ao ſerviço de Deos, e d'ElRey, que do ſeu proprio particular. Depois de recolhido Diogo Lopes de Azevedo com a vi-

toria dos Jaos, que atrás contámos no Cap. V. do Liv. VI., desejoso Antonio Galvão de ser hum dos ministros, que fizessem soar aquella voz do Evangelho, e em todas aquellas Ilhas, e nos fins daquellas terras fazer ser ouvida a palavra de Deos, despedio hum João Fogaça, homem honrado, em hum navio pera ir ás Ilhas dos Papúas solicitar a amizade daquelles Reys, e ver se achava nelles disposição pera o que pertendia. Este homem chegou áquellas Ilhas, e visitou aquelles Reys, em quem achou mais humanidade do que esperava, e assentou com elles pazes, e carregou de muitos mantimentos, que os ha alli muitos, com que se tornou pera Maluco. No mesmo tempo foram a Ternate huns Embaixadores das Ilhas dos Macaçás, (que estam ao Ponente das de Maluco, perto de sessenta leguas a mais perto,) que foram muito bem recebidos de Antonio Galvão. Vinham antre elles dous mancebos nobres, ambos irmãos, com quem Antonio Galvão tomou grande amizade; e achandolhes disposição pera o que queria, os convidou algumas vezes pera banquetes, e os foi apalpando por meios suaves pera ver se os podia metter na manada, e rebanho do Senhor; e tanto trabalhou nisto, que os rendeo, mandando-os catequizar, e depois lhes deo o santo Bautismo com grande so-

le-

lemnidade, e a hum poz nome Antonio, e a outro Miguel Galvão; e quando se tornáram pera suas terras, lhes deo peças, e brincos, de que foram tão satisfeitos, como logo diremos.

Estas Ilhas são muitas, e juntas, e andam nas cartas de marcar, lançadas em huma só muito grande pelo rumo a que os mareantes chamam Norte e Sul, perto de cem leguas de comprido. Quer esta Ilha imitar a fórma de hum gafanhoto grosso, cuja cabeça (que lança pera o Sul sinco gráos e meio) são os Cellebes, que tem Rey sobre si. Pela coda, que he a parte mais chegada a Maluco, atravessa a Equinoccial, e ainda lança quasi hum gráo pera a banda do Norte. São estas Ilhas senhoreadas de muitos Reys, differentes nas linguas, desviados nos ritos, e costumes. Começando da parte da coda, tem o Reyno de Bogis, por sima de quem córta a Equinoccial. A principal Cidade se chama Savito, que he grande, de casas sobradadas, e formosas, mas todas de madeira. Aqui queimam os mortos, e suas cinzas se recolhem em vasos, que se enterram nos campos em lugares separados, onde fazem suas capellas abertas por todas as partes, e todo aquelle anno lhes vão todos os dias os parentes levar de comer, que põem em sima das covas, onde os cães, gatos,

tos, e aves os vam comer, e tomar; e mette-se-lhes em cabeça, que o defunto o comeo: não tem templos, fazem suas orações, olhando pera os Ceos com as mãos alevantadas, por onde se vê que tem conhecimento do verdadeiro Deos. Os naturaes não tem mais de huma mulher, e os Reys tres, e quatro.

Tem logo o Reyno de Macaçá; sua Cidade principal se chama Goá; aqui enterram os defuntos.

Tem vizinho deste outro Reyno, chamado Dirapa, e a sua Cidade principal tem o mesmo nome. Estes guardam os costumes, e ritos dos Bogises; são os Reys parentes.

Tem outro Reyno, que chamam Chiraná, que tem os mesmos costumes.

Tem outros muitos Regulos sujeitos a estes. Ha nestas Ilhas algodão, cobre, ferro, chumbo, e muito ouro, de que as mulheres fazem manilhas pera os braços. Tem pedraria vermelha de que fazem joias, sandalo, sapão; fazem-se nellas muitos, e bons pannos de seda de muitas feições. São estas Ilhas muito abastadas de arroz, legumes, frutas, sal; tem cavallos, alifantes, muitas gallinhas, carneiros, bufaras, veados, porcos, perdizes, e toda a mais caça do mato, mas não tem vaccas. Tem navios de muitas feições, huns a que chamam Pelan, que

são

são muito ligeiros de remo, com que fazem guerra. Ha outros chamados Lopi, que são da carga, e outros maiores a que chamam Jojoga. São todas estas gentes de côr baça como os Malucos. São os homens mui bem dispostos, e gentís-homens, mas çujos no viver, e mui dados ao peccado nefando; as mulheres são formosas, grandes serviçaes, e todas as que vam ter ás mãos dos Portuguezes são cativas na guerra, que sempre fazem huns aos outros, e destas levam todos os annos a vender a Malaca huma grande cópia dellas.

E tornando aos nossos Christãos Macaçás, que Antonio Galvão despedio satisfeitos, e contentes, chegando a suas terras, fizeram-se novos Prégadores da nossa Lei, e Religião Christã, de quem disseram tantas cousas, que movidos muitos dos naturaes dellas, lhes pedíram buscassem modo pera serem bautizados. Os novos Christãos zelosos daquelle bem, tornáram-se logo pera Ternate, indo com elles outros mancebos nobres, que todos foram bem recebidos de Antonio Galvão, e elles lhe pedíram algum Religioso pera ir com elles, porque ficavam muitos de seus naturaes mui abalados, e desejosos de receberem a Lei de Christo, e esperavam com grande alvoroço por quem os bautizasse. Antonio Galvão deo muitos

lou-

louvores, e graças a Deos por aquella mercê, e mandou logo com muita preſſa hum navio, em que mandou embarcar hum Franciſco de Caſtro, Cavalleiro muito honrado, e com elle dous Sacerdotes pera irem em companhia dos Macaçás exercitar aquelle ſanto officio, fazendo (primeiro que ſe partiſſem) Chriſtãos todos os que foram em companhia daquelles dous mancebos, dando regimento a Franciſco de Caſtro pera aſſentar pazes, e amizades com aquelles Reys, a quem mandou peças, e brincos.

Partido Franciſco de Caſtro de Ternate, deo-lhe hum tempo contrario tão rijo, que lhe foi forçado correr por onde melhor pode, e no cabo de alguns dias foi dar com humas Ilhas, que ainda não erão ſabidas, que eſtavam ao Norte das de Maluco mais de cem leguas, e por ir falto de agua as foi afferrar, mandando a terra algumas peſſoas a fallar com os naturaes, com quem ſe não entendêram, mas ſouberam chamarſe aquella Ilha, que tomarám, Setigano; e reſgatando alli algumas couſas, tornáram-ſe pera o navio, mandando aquelle Rey pedir a Franciſco de Caſtro que ſe viſſe com elle, como logo fez. ElRey o agazalhou bem, e o teve comſigo alguns dias, em que os Religioſos, que hiam com Franciſco de Caſtro, o apalpáram; e achando-o facil, e domeſ-

meſtico, q fizeram Chriſtão, com tres irmãos ſeus, e ſuas caſas, mulheres, e filhos, pondo nome a ElRey D. Franciſco. Alli acudio muito povo a pedir o Bautiſmo, e aſſim ſe converteo a mór parte dos moradores daquellas Ilhas.

Depois de gaſtarem alli mais de hum mez, partíram-ſe com grandes ſaudades do Rey, e de todos os novos Chriſtãos, e foram tomar outra Ilha, chamada Seligano, aonde tambem convertêram aquelle Rey, que ſe chamou Antonio Galvão, e o meſmo fez a ſua mulher, e a duas filhas, e a ſeſſenta peſſoas de ſua caſa, bautizando-os a todos. E aſſim convertêram outros tres Reys de outras Ilhas vizinhas, chamados Betuano, Pimilarano, e Camiſino; a todos eſtes poz nome Joannes em memoria d'ElRey D. João de Portugal, em cujo tempo ſe convertêram eſtas Ilhas.

Foram depois achadas o anno de quarenta e tres por Bernardo de la Torre; mas aqui ſe dá a honra de ſeu deſcubrimento a eſte Franciſco de Caſtro, porque por razão, e verdade he ſua propria. Depois que por alli gaſtou alguns mezes naquella tão ſanta obra, tornou-ſe pera Ternate, e foi recebido de Antonio Galvão mui bem, dando muitas graças a Deos pela conversão daquelles Reys. Tão zeloſo foi ſempre eſte homem

mem da Lei de Christo se estender, e dilatar, que em nenhuma outra cousa trazia os pensamentos; e assim em seu tempo esteve aquella Ilha tão cheia de Christãos, que cada dia acudiam ao Bautismo, que era pera louvar a Deos.

E porque havia muitos moços nobres Christãos, que andavam desagazalhados, ordenou á sua custa hum Seminario, onde os recolheo, pera alli serem doutrinados nas cousas da nossa santa Lei, e Fé Catholica, pera depois virem a ser Prégadores della, pela falta que havia então de Sacerdotes, e Religiosos. Este Seminario foi depois approvado pelo Santo Concilio Tridentino, e Antonio Galvão foi o primeiro fundador delle nas partes da India; porque o que depois fez o Governador D. Estevão da Gama, (como atrás dissemos no Cap. I. do VII. Liv.) foi á imitação deste.

Vendo os Mouros a grande multiplicação que havia por todas aquellas Ilhas de Christãos, temendo que sua falsa seita se viesse de todo extinguir nellas, convocando aquelles Reys de Ternate, Tidore, Geilolo, e outros a huma liga geral pera acudirem áquellas cousas, e praticando sobre ellas, não acháram outro melhor meio, que mandarem lançar muitos pregões por todas suas Ilhas, que todo o que tomasse a Lei

dos

dos Christãos, perdesse seus bens, e fosse cativo pera sempre. Isto metteo tão grande medo em alguns, que andavam pera entrarem na manada, e rebanho de Christo, que se sobrestiveram com temor das penas; mas em outros accendeo mais o desejo, porque sem recearem cousa alguma, acudíram á fortaleza a pedir o Bautismo; e entre estes foi hum Governador de Ternate, chamado Cachil Colão, a que puzeram nome Manoel Galvão; e assim acudio a Ternate hum primo d'ElRey de Geilolo, que bautizáram com grandes festas, e alvoroço de todos.

E pera Deos mostrar mais suas maravilhas, tambem veio ferido de sua setta hum Mouro Arabio, da geração de Mafamede, de tanta authoridade entre todos aquelles Reys, e Senhores, que o adoravam como a seu proprio Califa. Este com grande instancia pedio Bautismo, vituperando a lei de Mafamede, contra quem prégou publicamente. Antonio Galvão fez a este homem muitas honras, bautizando-o com grandes festas, sendo seu Padrinho, e dando-lhe tudo o necessario da sua fazenda; com o que ficou tão satisfeito, e contente, que pasmavam todos.

Isto foi causa de muitos Mouros, e Gentios virem a se converter, de maneira, que procedeo Antonio Galvão neste negocio todos

dos os ſeus tres annos tão catholicamente, que nelles não fez outros empregos, nem veniagas, nem quiz nunca comprar hum bar de cravo, dizendo, que droga, que tinha ſinco pontos na cabeça, que repreſentavam as ſinco Chagas de Chriſto, pertencia ſó a ElRey de Portugal, que as trazia por armas: e aſſim diziam as regateiras de Lisboa, (quando ElRey D. Manoel andava em differenças com o Catholico Rey D. Fernando ſobre eſtas Ilhas,) que pertenciam ſó a ElRey de Portugal, aſſim por ſerem ſinco, como pelo cravo dellas repreſentar a figura das quinas, que aquelle Reyno tinha por armas.

E chegou a tanto eſtremo niſto Antonio Galvão, que mandando-lhe ElRey de Tidore huma quantidade de cravo de preſente, o não quiz tomar pera ſi, e o mandou receitar pera ElRey, e metter na ſua Feitoria. Eſta he a razão, por que nos ſeus tres annos deſpendeo doze mil cruzados, que tinha da herança de ſeu pay Duarte Galvão, que todos levou pera aquella fortaleza empregados em fazendas. E quando ſe embarcou pera o Reyno, foi tão pobre, que por não ter com que viver, nem lhe quererem dar de comer, ſe metteo no Hoſpital de Lisboa, onde lhe deram huma ração em quanto viveo, requerendo elle ſempre em

ſa-

tisfaçaõ de ſeus ſerviços hum conto de renda; mas por fim elle veio a morrer tão pobre, que o enterrou a Confraria da Corte.

Puderamos ſobre eſte negocio dizer muito; mas por não culparmos hum tão bom Rey, como foi ElRey D. João o III. nos calamos. Ainda que neſta materia toda a culpa foi, e pomos a ſeus Officiaes, que para iſſo os tem o Rey, e ſe fia delles pera fazerem juſtiça, e ſaberem repartir o ſeu, e não darem os dões de Ayax ao liſonjeiro Ulyſſes. E deſta injuſtiça que elles uſáram, tomáram os Capitães da India occaſião, e exemplo pera não ſahirem de ſuas fortalezas em eſtado, que fiquem á cortezia dos deſpachadores, porque receam de irem ter aos Hoſpitaes, como Antonio Galvão, e querem antes perder por carta de mais. E aſſim trazem mui verſado aquelle adagio, (dos neſcios leaes ſe enchem os Hoſpitaes.) Em fim, neſte eſtado eſtavam as couſas de Maluco, quando chegou D. Jorge de Caſtro, a quem Antonio Galvão entregou a fortaleza, e como foi tempo, ſe embarcou pera a India.

CA-

CAPITULO III.

De como o Senhor de Damão foi correr as terras de Baçaim: e de como Ruy Lourenço de Tavora o foi buſcar: e do recontro que com elle teve, em que o desbaratou, e lhe tomou o galeão Zambuco.

QUando Soltão Badur deo as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha, tomou-as hum Capitão ſeu, chamado Bramaluco, a quem as tinha dado juntamente com a Cidade de Damão, aonde elle ſe recolheo. Aqui viveo até agora muito magoado de lhe tomarem aquellas terras, que lhe rendiam muito. Agora ſabendo da morte do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, determinou de ver ſe por todas as vias podia tornar a ſenhorear-ſe dellas, ao menos comer ſuas aldêas com a eſpada na mão, o que parece não havia de ſer ſem licença d'El-Rey de Cambaya, cujo vaſſallo era; teria ſeus tratos em ſegredo. Baſta, como quer que foſſe, elle entrou pelas terras da jurdição de Baçaim com ſinco mil homens de pé, e trezentos de cavallo, ſendo a mór força do inverno; e como as achou ſós de guarda, logo ſe apoderou dellas, mandando apregoar ſeguros aos lavradores, pera que pudeſſem lavrar ſuas terras ſem receberem

ag-

aggravo, acudindo-lhe a elle com os foros ordinarios. Com isto lhe começáram logo acudir muitos; e outros, que não quizeram obedecer, se recolhêram a Baçaim.

Sabendo Ruy Lourenço de Tavora, Capitão daquella fortaleza, como o Bramaluco era entrado nas terras, tomou parecer com os Capitães, e Fidalgos, que alli invernáram, sobre o que faria; e assentou-se, que fossem buscar os inimigos, e lhes dessem batalha, primeiro que tivessem novo soccorro; porque se se dissimulasse com elles, comeriam todas as terras, e ElRey de Cambaya como os visse senhor dellas, tentaria novidades; e quando menos, os favoreceria em segredo com gente, o que seria muito grande trabalho lançallos depois fóra.

Assentado isto se começou a preparar, e fazer alardo da gente, que poderia levar, e achou perto de seiscentos Portuguezes, em que entravam sincoenta de ginetes, gente toda lustrosa, e bem armada. De toda esta gente fez quatro bandeiras, de que deo as Capitanías a Fernão da Silva, Commendador, e Alcaide mór de Alpalhão, que havia de levar a vangarda; a D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, que o Viso-Rey tinha alli mandado a invernar com alguns navios ligeiros, pera em Agosto sahir a esperar as náos de Meca. Os

ou-

outros dous Capitães eram Francisco de Sá dos Oculos, e Antonio de Soto-maior, ficando Ruy Lourenço com a gente de cavallo, que os mais delles eram Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados. Levou mais alguns Nayques com trezentos, ou quatrocentos piães da terra; e sahindo-se da fortaleza, que deixou entregue ao Alcaide mór, começou a caminhar em busca dos inimigos, lançando-lhes espias diante, de quem foi avisado que estavam na aldêa de Bulão, ou Baylão, duas leguas da fortaleza pera o sertão.

E determinando de os tomar na força da sésta, em que os Mouros costumam a se lavarem, e repousarem, foi marchando devagar, porque tinha sahido da Cidade no quarto d'alva. E sendo meia legua do lugar em que estavam, parou, e mandou aos seus que descançassem, e almoçassem, pera mais folgadamente darem nelles; e assim se puzeram debaixo de hum grande, e sombrio arvoredo, onde havia agua, e deram de comer, e de beber aos cavallos, e todos almoçáram á sua vontade. Os inimigos como traziam suas espias, foram logo avisados da ida dos Portuguezes, e de como estavam naquelle lugar comendo, e descançando, pelo que determináram de os ir commetter, e assim o fizeram, chegando aos nossos

sos

foi tão de sobresalto, que quando os víram foi já travados com elles, porque os commettêram com grande determinação, e de todo estiveram os nossos perdidos, se Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, que estava na dianteira, não tivera o pezo dos inimigos, que lhes não deram lugar a se armar; e assim com muito animo, e valor com alguns poucos, que o acompanháram, teve todo aquelle encontro até chegar Antonio de Soto-maior, que o ajudou, achando já Fernão da Silva ferido n'uma perna, e elle fazendo tudo o que se esperava de seu grande valor, e esforço.

Ruy Lourenço teve com isto tempo pera se armar, e acudindo com todo o resto, deo nos inimigos com grande furia, travando-se todos em huma aspera batalha. Antonio de Soto-maior andava já naquelle tempo com algumas feridas, e tinham-lhe os Mouros mortos alguns companheiros; mas elles se tinham satisfeito com bem de damno dos inimigos, tanto, que quando chegou Ruy Lourenço de Tavora, andavam já tão soffregos, que cuidavam ter a vitoria nas mãos. Este dia foi hum em que os nossos mais mostráram o valor Portuguez, porque os inimigos eram muitos, e muito bem armados, e muito determinados. As nossas quatro bandeiras, tanto que o Capitão che-

gou, deo *Sant-Iago* nos inimigos, fizeram elles hum termo com que tiveram tempo de se ordenarem, pondo-se pera quatro partes com as costas huns nos outros, porque os inimigos os tinham rodeados. Ruy Lourenço ficou de fóra com os sincoenta de cavallo, rodeando os seus, e dando alguns toques nos inimigos, de que sempre lhes derribou muitos. A espingardaria dos nossos, que jogava pera todas as partes, fez grande estrago nos Mouros, porque os tomava em descuberto, com o que se começáram alguns de retrahir. O que entendido por Ruy Lourenço, arrancou com todo o poder, appellidando *Sant-Iago*, e deo nelles com tamanho impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo. E vendo a mercê que Deos lhe fizera, teve os seus, por não haver no alcance algum desmando, e recolheo-se ao lugar em que estava, onde mandou curar os feridos, que eram muitos, e alli gastáram aquelle dia.

Ruy Lourenço tomando parecer sobre o que faria neste negocio, assentáram, que repousassem alli aquella noite, e que ao outro dia pela manhã fossem buscar os inimigos até os ensecarem, e desbaratarem de todo; e assim passáram toda a noite com grandes vigias. No quarto d'alva se levãrám, e foram marchando pera o lugar de

Bai-

Bandeira, cuidando que achassem nelle os inimigos; o que não foi assim, porque de tal maneira ficáram escaldados das mãos dos nossos, que largáram as terras, e se recolhêram pera o rio d'Antora. Ruy Lourenço mandou suas espias apôs elles, de quem soube serem passados da outra banda, pelo que se tornou a recolher correndo as terras todas, e reduzindo os lavradores ao serviço d'ElRey de Portugal; e pera sua segurança ordenou algumas tranqueiras em alguns passos, em que poz guarda de piães da terra, porque os inimigos lhes não entrassem outra vez pelas aldêas.

E porque foi avisado que no rio de Agaçaim tinham os Mouros huma muito formosa náo acabada, e posta ainda no estaleiro, que o Bramaluco tinha pera mandar a Meca, determinou de a ir tomar; pera o que mandou fazer prestes muitos viradores, cabrestantes, e outros apparelhos necessarios pera se lançar ao mar. E tanto que o inverno deo jazigo, deitou dez navios ao mar, de que foi por Capitão mór D. Luiz de Taíde, levando nelles duzentos homens; e em sua companhia mandou outras embarcações com todos os apparelhos necessarios, mestres, marinheiros, e officiaes pera aquella obra, mandando-os que o fossem esperar a Agaçaim; e elle o mesmo dia começou a

marchar com toda a mais gente que havia na fortaleza, e todos os piães das tranqueiras, e hum grande número de ſervidores das aldêas, pera virarem a náo. Era iſto em huma conjunção de aguas vivas, e aſſim elle por terra, como a Armada por mar chegáram a Agaçaim quaſi a hum meſmo tempo.

D. Luiz de Taíde entrou o rio de maré cheia, e foi deſembarcar junto da povoação, que era muito pelo rio dentro, achando alguma reſiſtencia, em que lhe matáram ſinco, ou ſeis homens; mas elle com muito valor desbaratou os inimigos, e os foi mettendo pela povoação dentro, que já Ruy Lourenço de Tavora vinha entrando, e aſſolando; e todavia o poder dos inimigos era tão grande, que eſteve muito arriſcado, porque ſe determináram com elle alguns Abexins, que lhe matáram dez homens, e feríram muitos. Mas todavia como na dianreira dos noſſos pelejavão Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, Franciſco de Sá dos Oculos, Antonio de Soto-maior, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, de tal maneira apertáram com os Mouros, que com grande eſtrago ſeu os puzeram em desbarato, e ajuntando-ſe todos os noſſos, aſſim os da Armada, como os que foram por terra, em hum eſquadrão, deram fogo á Cidade por todas as partes por ſe lhe não metterem nel-

la os inimigos, que já eram recolhidos, e logo os officiaes começáram a armar os apparelhos, no que gastáram todo aquelle dia, e noite, que os nossos passáram com grandes vigias. Ao outro dia lançáram a náo ao mar muito folgadamente, e ás toas foi tirada pera fóra, e D. Luiz de Taíde com sua Armada a levou pera Baçaim, pera onde Ruy Lourenço de Tavora se foi recolhendo; e depois que D. Luiz de Taíde metteo a náo no rio, o tornou a mandar pera a enceada a esperar as náos de Meca com cartazes. Esta náo era muito grande, e estroncada toda, pelo que lhe puzeram nome o Zambuco, que depois fez muitas viagens pera o Reyno, como em seu lugar diremos.

140950

CAPITULO IV.

Da Armada que eſte anno de 1540. partio do Reyno pera a India, de que era Capitão mór Franciſco de Souſa Tavares: e das pazes que o Governador D. Eſtevão da Gama fez com ElRey de Cambaya: e dos apercebimentos que fez pera ir buſcar as galés: e de hum honrado deſafio que tiveram Ruy Lourenço de Tavora, e D. Franciſco de Menezes: e dos Embaixadores que ElRey da Cota mandou ao Reyno.

ANdava o Governador D. Eſtevão da Gama mui occupado na Armada, que pertendia levar ao Eſtreito, ajuntando as couſas neceſſarias pera aquella jornada, porque forçado havia de invernar fóra da India, eſperando com grande alvoroço pelas náos do Reyno pera ſaber novas delle. A dez dias de Setembro ſurgíram na barra de Goa quatro, de que era Capitão mór Franciſco de Souſa Tavares, e os mais Capitães, Vicente Gil, Simão da Veiga, e Vicente Lourenço Batevias. Trouxeram eſtas náos boa viagem, e boas novas da ſaude d'ElRey, e de todo o Reyno, que o Governador feſtejou muito; e antre as inſtrucções que ElRey mandava ao Viſo-Rey D. Garcia, era huma, em que lhe encommendava muito que mandaſſe quei-

mar as galés dentro em Suez, e lhe dava os agradecimentos do modo que tivera nos soccorros de Dio, e no que fizera em se deixar ficar sobre a barra de Goa. Com esta instrucção se acabou o Governador de resolver naquella jornada, e despedio logo seu irmão D. Christovão da Gama com huma Armada de navios ligeiros pera ir a Cochim com cartas áquella Cidade, em que lhe pedia o quizessem ajudar com algum emprestimo de dinheiro, e escravos pera chusma das galés, pois era pera hum serviço d'ElRey tão grande, e bem tão commum de toda a India, como ir queimar as galés dos Rumes pera segurança de todos; porque em quanto estivessem em pé, haviam todos de viver com sobresaltos, e o Reyno de Portugal com inquietações. E juntamente despedio D. Antonio da Gama com oito navios pera andar na costa do Malavar até Dezembro, em que havia de partir pera o Estreito.

Despedidos estes navios, chegou a Goa hum Embaixador do Bramaluco, Senhor de Damão, e requereo ao Governador pazes com muita instancia; mas assentou-se em conselho, que se não concluisse com elle em cousa alguma, por quanto era vassallo d'ElRey de Cambaya, e estava como alevantado; que se mandasse Embaixador áquelle Rey sobre aquellas cousas, e que lá se concluissem. Com is-

isto despedio o Governador hum homem, a que não achámos o nome, nem as particularidades do Regimento, nem da jornada, sómente em somma soubemos que foi bem recebido de Soltão Mahamude, que confirmou as pazes, que estavam feitas com Dom Garcia, e concedeo mais ao Governador Dom Estevão da Gama ametade do rendimento da Alfandega de Dio pera ElRey de Portugal, não tendo dado ao Viso-Rey mais que o terço, e ficáram feitas as pazes com o Senhor de Damão. Com isto se recolheo Dom Luiz de Taíde com a Armada pera Goa, e os Fidalgos que invernáram em Baçaim pera acompanharem o Governador naquella jornada, porque lhes mandou elle recado. O Governador mandou Manoel de Vasconcellos á costa do Canará a recolher todos os mantimentos que já lá estavam feitos, e a receber os oito mil fardos de arroz, que ElRey de Garzopá era obrigado a pagar, e a fazer outras cousas necessarias pera a jornada. Posto que estava resoluto em ir ao Estreito, quiz todavia pôr aquillo em parecer dos Fidalgos, e Capitães; e fazendo ajuntamento de todos, lhes fez esta falla:

» Senhores Fidalgos, e Capitães, ElRey
» nosso Senhor por entender que em quan-
» to as galés, que foram a Dio, estivessem
» em Suez, sempre a India havia de estar
» com

» com sobresaltos, porque o Turco não he
» homem, que tão depressa desista das cousas
» que começa, e mais destas em que tem met-
» tido tanto cabedal, e que elle havia por
» honra de sua religião, pois o principal in-
» tento da jornada, que mandou fazer por
» Soleimão Baxá, foi desimpedir a navega-
» ção do Estreito do mar Roxo, que com
» as nossas Armadas lhe tinhamos tão defen-
» dida, que quasi se hia perdendo a romagem
» da casa do seu Mafamede: Pelo que, nas
» cartas que ElRey escreveo por terra em
» resposta das em que lhe o Viso-Rey Dom
» Garcia de Noronha, que Deos tem em glo-
» ria, deo conta da jornada das galés; e por
» outra instrucção que nestas náos mandava
» ao Viso-Rey, lhe encommendava muito
» trabalhasse por mandar queimar as galés,
» pera assim ficar a India segura, e o Rey-
» no de Portugal desapressado dos grandes
» soccorros, que he forçado mandar todas as
» vezes que lhe forem novas que se tornam
» a armar. E segundo o descuido com que
» estam varadas em Suez, conforme as in-
» formações que pelas espias tenho, muito
» facilmente se podem queimar, porque se
» não póde esperar, nem cuidar que os Por-
» tuguezes tenham tamanho atrevimento, que
» vam commetter com suas Armadas o fun-
» do do Estreito, tão cheio de restingas, bai-

» xos,

» xos, e outros perigos, que nella ha. E ain- » da que ellas eſtejam com grandes guardas, » e vigias, eu levo Armada, e gente pera » aſſolar todo eſſe Eſtreito; e quanto mais » diſto for, então ſerá maior gloria pera to- » dos os que aqui eſtamos, porque bem ſei » que os eſpiritos de todos ſe não ſatisfazem, » ſenão de couſas muito arriſcadas. Por iſſo, » Senhores, livremente podeis dizer o que » mais vos parecer ſerviço de Deos, de S. » A. e bem deſte Eſtado. »

Calado o Governador, foram votando os Fidalgos, e quaſi todos concordáram, que aquella jornada, além de ElRey a mandar fazer, era muito neceſſaria pelas razões que apontára, e que elles eſtavam preſtes pera o acompanharem nella. Sómente Garcia de Sá, Ruy Vaz Pereira, e Diogo Alvares Telles foram de differente parecer, dizendo: » Que ſe as galés eſtavam deſcuidadas, » e com tão pouca vigia, como elle dizia, que » pera ſe queimarem baſtavam ſeis catures li- » geiros, que podiam entrar o Eſtreito ſem » ſerem ſentidos, o que não podia fazer hu- » ma Armada tamanha, como a que perten- » dia levar de náos, galeões, e galés; que » forçadamente haviam de ir atroando o Mun- » do, e eſpertando os inimigos, e mais eſ- » tando já tão experimentados, que todas as » vezes que noſſas Armadas groſſas entráram

O

» o Estreito, sahiram delle perdidas, e des» baratadas, como foram as do Governador » Affonso de Alboquerque, Lopo Soares, e » Diogo Lopes de Siqueira, e que além do » perigo, não serviria sua ida de mais, que » de espertar o Turco a mandar reformar os » presidios de todos os portos daquelle Es» treito. E sobre tudo isto, que o Estado não » estava pera despender trezentos mil cruza» dos, que aquella Armada havia mister; e » que elles por entenderem que era assim » mais serviço d'ElRey, o não haviam de a» companhar na jornada; e que daquelle pa» recer, e de assim lho requererem, haviam » de tirar instrumentos pera mandarem a El» Rey.» O Governador lhes disse: » Que fi» zessem o que quizessem, que elles dariam » conta a ElRey de não acompanharem o seu » Governador; e que elle esperava em Deos » de deixar as galés feitas em cinza, e que » elles se haviam ainda de arrepender de se » não acharem em cousa tão honrosa.» Não » arrependeremos, disse hum delles, antes o » festejaremos tanto, que no cais onde des» embarcardes, estenderei esta capa de grã (por» que tinha elle huma vestida) nelle pera » passardes por sima della.»

Concluido o conselho, e assentada a ida pelos votos dos mais, começou o Governador a repartir os navios, e embarcações pe-

pelos Capitães, que haviam de ir com elle. E pelo pouco segredo que nestas cousas teve, (porque logo tanto que succedeo na Governança, publicou esta jornada,) deixou de ser de muito grande effeito, porque chegando logo as novas a Cambaya, Coge Çofar, por querer ganhar terra com o Turco, despedio logo huma náo sua com cartas pera todos os portos daquelle Estreito, do aviso da nossa Armada.

Andando o Governador repartindo os navios, chegou a Goa Ruy Lourenço de Tavora, Capitão de Baçaim, pera se ir pera o Reyno, e dizia-se, que porque aquelle anno vieram novas, que o Conde da Castanheira (que era casado com sua irmã) privava muito com ElRey D. João, queria elle ir ver se por sua valia se podia melhorar, e tornar á India por Governador a tirar D. Estevão. E porque aquella fortaleza de Baçaim ficava vaga, e entregue ao Alcaide mór, e em Goa andavam dous providos della, D. Francisco de Menezes, e Dom Manoel de Lima, mandou-o D. Manoel requerer a D. Francisco (que era o primeiro provido) que fosse servir seu tempo, porque não queria que depois o embaraçasse outro despachado de trás delle, arguindo-lhe, que não fizera diligencias, e que deixára passar o tempo que cabia a D. Francisco. E como el-

elles ambos eſtavão preſtes pera acompanharem o Governador neſta jornada, e mui deſviados de a deixarem por nenhuma fortaleza, (porque os Fidalgos deſte tempo traziam mais os penſamentos em honras, que em fazendas,) vieram-ſe ambos a concertar, mettendo-ſe o Governador por terceiro, neſta fórma: » Que Antonio de Lemos da Troſa, » Capitão do galeão Reys Magos, (que era » hum Fidalgo de ſetenta annos,) trocaſſe com » D. Franciſco, e lhe déſſe o galeão, e el» le ficaſſe em Baçaim por Capitão em lugar » de D. Franciſco, por quem correria todo » o tempo que a jornada duraſſe, e que to» dos os proveitos foſſem do dito Antonio » de Lemos; e que tanto que o Governador » tornaſſe do Eſtreito, foſſe D. Franciſco aca» bar ſeu tempo, » e aſſim ſe partio logo Antonio de Lemos pera Baçaim, e o Governador deo o galeão Reys Magos a Dom Franciſco.

E porque o deſafio d'antre elle, e Ruy Lourenço de Tavora foi de dependencias da meſma fortaleza, e nelle houve mui grandes primores antre eſtes dous Fidalgos, não deixaremos de o contar, porque foi muito honrado, e porque delle não recreſcêram deſgoſtos alguns, nem deſavenças antre eſtas duas gerações, o que não fizeramos ſe niſſo renovaramos eſcandalo, antes o fazemos

ao

ao grande primor, e honra, que os Fidalgos daquelle tempo uſavam: o caſo foi eſte.

Quando Ruy Lourenço veio de Baçaim pera ſe embarcar pera o Reyno, dizem, que eſtando em praticas com o Governador, lhe diſſera, que Baçaim era couſa pouca, e que não era pera os homens como elle; e como o Governador contou iſto a algumas peſſoas, chegou a D. Franciſco de Menezes, que tomado daquelle negocio (por ſer provído daquella fortaleza, e ſer hum Fidalgo tão honrado, e de tantos merecimentos, que nenhum outro lhe fazia em couſa alguma vantagem) enfadou-ſe diſto tanto, que diziam, que andára eſperando Ruy Lourenço ou pera o acutilar, ou pera lho perguntar. Iſto chegou logo ao Governador, que por ſe achar culpado naquelle negocio, metteo a mão nelle de feição, que ſatisfez D. Franciſco, (devia de ſer com lhe affirmar, que Ruy Lourenço lhe não diſſera tal, como na verdade não diria, porque bem podia ſer naſceſſe aquillo de algum amigo de zizanias, que nunca faltão,) e aſſim tratou com ambos, que onde quer que ſe encontraſſem, ſe fallaſſem, e ſe converſaſſem como de antes. Succedeo logo eſtar D. Franciſco no terreiro do Paço, e entrar nelle Ruy Lourenço; e vendo D. Franciſco que eſtava parado lá no cabo delle, o foi demandar, e eſtiveram hum

hum espaço em conversação, e apartando-se Ruy Lourenço, que hia em hum cavallo folhão, e que se hia pondo sobre as pernas, e pelo quebrantar o arremesou duas, ou tres vezes muito curto. D. Francisco de Menezes desconfiou daquelle negocio, porque estava o terreiro cheio de Fidalgos, havendo que Ruy Lourenço fizera aquillo de fonfarrão, e bizarria, pera dar a entender a todos que ficára bem daquelle negocio. E recolhendo-se pera casa muito malenconizado, mandou desafiar Ruy Lourenço, que o acceitou; e vendo-se ambos no campo, pelejáram mui bem, e delle se recolhêram amigos, Ruy Lourenço com huma cutilada por sima de huma fonte, de que lhe correo muito sangue, e D. Francisco de huma estocada pelo braço direito. Isto nunca se soube senão depois de estarem em suas casas, acudindo logo os parentes de ambos, e amigos a saber a cousa como passava, no que ambos tiveram tão grande primor, que D. Francisco respondia, que o que dissesse Ruy Lourenço, e elle, que o que D. Francisco contasse, isso era, sem nunca se saber o que passáram. As feridas foram pequenas, e sarárum logo, e Ruy Lourenço se embarcou pera o Reyno. Conta-se delle aquella galanteria, que disse no Paço a huma Dama, sobrinha do mesmo D. Francisco, filha de D.

D. Jeronymo ſeu irmão, que entrando Ruy Lourenço em caſa da Rainha, eſtando com as Damas, poz os olhos nelle fitos, e vendo elle o modo de como o olhava, por eſtar perto della, poz o dedo na ferida de ſobre a fonte, dizendo: *Senhora, que me olha voſſa mercê? Eſta me deo o Senhor D. Franciſco voſſo tio, que he a mór honra que eu tenho.*

E tornando a noſſo fio, o Governador deo preſſa á eſcritura do Reyno, e deſpachou as náos pera Cochim a tomar carga, e nellas ſe embarcou D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha. Embarcáram-ſe tambem dous Embaixadores d'ElRey da Cota de Ceilão, que hiam mui bem negociados, e por elles mandava aquelle Rey pedir a ElRey D. João lhe fizeſſe mercê de jurar por Principe herdeiro da Cota a hum neto ſeu, filho de ſua filha, e de Tribuli Pandár, por não ter outro herdeiro; mandando-lhe a figura do neto, que era de Maraa, em vulto de ouro, mettido em hum grande cofre, com huma coroa de ouro, e de muita pedraria na mão pera ElRey o coroar com ella. Eſtas náos chegáram a Portugal a ſalvamento, e ElRey recebeo mui bem eſtes Embaixadores; e para o auto do juramento do Principe, mandou ElRey chamar todos os Senhores do Reyno, e o fez

em

em sala pública com a mór solemnidade, e ceremonia que podia ser, coroando o Principe ao modo do Reyno, mandando que se fizessem grandes festas, e se corressem touros. E passando-lhe sua carta de confirmação, fazendo muitas mercês aos Embaixadores, os tornou a mandar nas náos seguintes muito satisfeitos.

CAPITULO V.

Da grande Armada, com que o Governador D. Estevão da Gama partio pera o Estreito do mar Roxo: e do que lhe aconteceo até chegar a Maçuá.

DEspedidas as náos pera Cochim, começou o Governador a fazer paga aos soldados, e a prover os navios, que havia de levar, de mantimentos, e munições; e tendo tudo prestes, e negociado, tanto que chegáram as Armadas de D. Christovão da Gama, e de D. Antonio da Gama, e de Manoel de Vasconcellos com dinheiro, e escravos, que os moradores de Cochim lhe mandavam, e com muitos outros provimentos: passada a festa do Natal, entregou a India ao Veador da Fazenda Fernão Rodrigues de Castello-branco, tomando-lhe della a menagem, dando-lhe por Coadjutores o Capitão da Cidade, e o Ouvidor Geral logo se em-

barcou. E ao primeiro de Janeiro de 1541. ſe fez á véla, *embarcando em hum galeão* da Armada o Patriarca D. João Bermudes, que tinha vindo do Reyno pera ir ao Preſte João, como atrás diſſemos. Levava o Governador ſetenta e dous navios, em que entravam doze de alto bordo, duas *galés*, e os ſeſſenta mais, galeotas, e caturcs. Os Capitães que neſta jornada o acompanháram, são os ſeguintes.

D. Franciſco de Menezes no galeão Reys Magos, Triſtão de Taíde no S. Mattheus, D. Franciſco de Lima no galeão Bufara, D. Garcia de Caſtro em S. Boaventura, D. João de Caſtro no Coulão, Manoel da Gama em outro galeão, hum Foão de Pina, Capitão da Guarda do Governador, em huma caravela latina; Franciſco de Moura, que hia por Feitor da Armada, em outra náo de mantimentos; Antonio Correa em hum galeão, que levava artilheria, e munições de ſobrecellente, com quem hia embarcado o Patrão mór Affonſo Vaz. Capitães das galés eram, D. Chriſtovão da Gama, e Diogo de Reynoſo. Capitães de navios de remo, Dom Martinho de Souſa, Alonſo Henriques, Manoel de Souſa de Sepulveda, Bernaldim de Souſa, Fernão da Silva, Alcayde mór de Alpalhão, Fernão de Souſa de Távora, Dom Diogo de Almeida, filho do Contador mór,

D.

D. Jorge Tello, João de Mendoça Caſsão, Henrique Mendes de Vaſconcellos, Martim Correa da Silva, D. Luiz de Taíde, Manoel de Vaſconcellos, D. Antonio da Gama, D. Diogo de Almeida Freire, Luiz Mendes de Vaſconcellos, Antonio Moniz Barreto, Franciſco de Sá de Menezes dos Oculos, Manoel da Cunha, Affonſo Pereira de Lacerda, Antonio de Soto-maior, D. Bernardo de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Jorge de Mello, Rafael Lobo, Lopo Vaz de Siqueira, Ruy Gomes de Azevedo, Vaſco da Cunha, Miguel da Cunha, Diogo Pires de Sá, Miguel Carvalho, Fernão de Lima, Antonio de Sá o Rume, Luiz de Noronha, Gaſpar de Souſa, João Zuzarte Tição, Franciſco de Mello Pereira, Jorge Pimentel, Simão Botelho, Franciſco Freire, Chriſtovão de Caſtro, Franciſco de Ilher, Mattheus de Brito, Antonio Pereira, Franciſco de Meſquita, Duarte Pereira, Ruy de Mello Pereira, D. João Lobo, D. Jorge de Menezes, Dom Paio de Noronha, Leonel de Lima, João Rodrigues de Araujo, D. João Manoel Lacaſtro, Gonçalo André, Franciſco Alvares, Pero Froes, Mem Rodrigues de Freitas, João Calado, Alvaro Serrão o Pereirinha, e outros a que não achámos os nomes. Neſta frota hiam dous mil homens os melhores da India.

Seguindo ſua viagem com Levantes rijos, foram haver viſta da coſta de Arabia, poſto que derramados. O Governador a foi ver em Monte de Felix entrada de Fevereiro, e foi devagar, eſperando pera ajuntar toda a ſua Armada, por quem eſperou na boca do Eſtreito da banda do Abexim; alli ſe foram todos ajuntar com elle, ſómente o galeão de Antonio Correa, que deſappareceo, ſem ſe ſaber onde, nem como. O Governador como teve a Armada junta, foi demandar a entrada do Eſtreito, e no Cabo Raſbel, que eſtá em doze gráos bem na garganta do Eſtreito, achou hum navio, de que era Capitão Garcia de Noronha, que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha fez Chriſtão em Dio, que o Governador tinha mandado diante a vigiar as galés, e delle ſoube eſtarem varadas em Suez, e que ſegundo tinha alcançado, não havia no Eſtreito ainda novas de ſua ida; com iſto ficou o Governador alvoroçado. E entrando as portas, foram os navios de remo fazer aguada em huma enceada, que fica logo da banda de dentro. Dalli foram de longo de huma enceada, a que puzeram nome do *Palmar*, por ter muitas palmeiras, que eſtá em doze gráos. Dalli paſſáram pelas Ilhas primeiras em doze gráos e meio, e pela enceada velha em treze eſcaſſos, e pela enceada da Fortuna na

meſ-

mesma altura; e em outra adiante, que está em treze gráos e meio, surgio o Governador. Em todas estas enseadas, e angras, desde a boca do Estreito até Suez, foi Dom João de Castro tomando o Sol, e fazendo roteiro, sondando todas aquellas paragens, e notando as mais cousas daquelle Estreito, de que fez hum curioso tratado, que dirigio ao Infante D. Luiz, em que dá muitas, e boas razões sobre as manchas vermelhas, que se acham por todo aquelle Estreito, sobre que tantas variedades ha nos Escritores, que disso tratam.

Desta enceada partio a Armada, e foi passando as Ilhas da Pascoa, e as do Camelo em quatorze e quatorze gráos e meio, e a Ilha de Laca em quinze, e hum quarto, e depois a enceada dos Medãos em quinze largos até chegar a Arquico, e a Maçuá, que estam em quinze gráos e meio. Arquico, affirmam muitos que foi o lugar de Aduli, de que Arriano falla, que diz foi edificado dos escravos fugitos do Egypto; e Maçuá parece ser a Ilha de Orene de Ptolomeu. O Governador surgio aqui aos dezoito de Fevereiro de 1541., e mandou cifar, e alimpar, e prover os navios de novo. E tomando conselho sobre o que faria, assentou-se, que deixasse alli os navios grossos, e que com toda a Armada de remo passasse a Suez;

e

e os Pilotos da terra lhe difficultáram a ida dos navios grandes, assim pelo inconveniente do tempo, que era tarde, como pelos muitos riscos, e baixos do caminho, com o que se resumio em se passar aos navios de remo. E sendo informado dos Regedores de Maçuá, como o Rey de Cuaquem (que era amigo do Estado da India, e vassallo do Imperador da Abasia) se tinha feito vassallo do Turco, e que recolhia os Turcos no seu Reyno, o que era necessario atalhar-se, porque não viessem por alli a se fazerem senhores de todos aquelles pórtos, e ficar com isso impedida a communicação da Abasia aos Portuguezes, polo que os Reys de Portugal tinham trabalhado tanto, solicitando-a por terra, primeiro que se descubrisse a India, e depois por mar mandando-lhes seus Embaixadores (como nas historias atrás se conta.)

Consideradas todas estas cousas muito bem, determinou o Governador de destruir aquelle Rey de passagem, pera o que despedio logo seu irmão D. Christovão com doze navios, pera que se fosse lançar derredor daquella Ilha, até elle chegar com a mais Armada, pera que nem ElRey se pudesse sahir della, nem se vasasse a fazenda pera á terra firme, porque desejava de dar hum ensayo aos soldados; porque aquelle Rey, e sua-

na-

naturaes eram ricos, e a terra eſtava cheia de mercadorias ricas, e entulhada de mercadores de todos os portos do Eſtreito, aſſim da banda da Arabia, como da Abaſia. D. Chriſtovão chegou áquella Ilha, e lançou-ſe antre ella, e a terra firme, porque não ſahiſſe couſa alguma pera fóra; mas El-Rey era já paſſado, porque por terra teve logo novas da Armada Portugueza, e com muita preſſa as deſpedio pera Suez, que chegáram primeiro que o Governador.

CAPITULO VI.

De como o Governador D. Eſtevão da Gama deſtruio a Ilha de Çuaquem: e de como partio pera Suez: e dos grandes contraſtes que achou.

DEpois do Governador D. Eſtevão da Gama deſpedir D. Chriſtovão da Gama pera Çuaquem, ficou dando ordem a algumas couſas neceſſarias, e entregou a Armada groſſa a Manoel da Gama pera ficar alli com ella, deixando ſetecentos homens nella, e aſſim lhe entregou o Patriarca pera da torna-viagem lhe dar aviamento a ſua jornada. Feito iſto, embarcou-ſe o Governador So[illegible] Urganda, de que era Capitão Lo-hum [illegible]az de Siqueira, que era o melhor na-co que havia na India, e os mais Capitães

de

de galeões, e náos se passaram a outros navios de remo; e aos vinte e sinco do mez de Fevereiro se fez á véla com toda a Armada de remo, tirando as galés, que tambem ficáram em Maçuá, e com todos chegou a Çuaquem, havendo sete dias que Dom Christovão lá estava, e delle soube como ElRey era passado a terra firme, e que todavia a Ilha estava com todo o seu recheio. ElRey de Çuaquem receando-se que lhe destruissem a Ilha, mandou logo visitar o Governador, e pedir-lhe pazes, offerecendo todas as satisfações que quizesse. Não deixou o Governador de dar orelhas áquillo, respondendo-lhe mais humanamente. O Mouro como era astuto, e sabia que o Governador não se podia deter alli muito, foi-lhe dilatando o tempo de recado em recado, gastando-se oito dias em lhe mandar prometter a metade do rendimento da Alfandega daquella Ilha, que era o que dava ao Turco, e que lhe daria Pilotos pera o pôrem em Suez. Estes recados fingio ElRey, que hiam em muito segredo, pelo não saberem os Turcos, que andavam em sua companhia, e por derradeiro não concluio em cousa alguma. Vendo o Governador aquellas dilações, e entendendo que eram manhas dos Turcos, que estavam em sua companhia, assentou de o castigar, e de o ir buscar onde estava;

va, que era huma legua pela terra dentro.

Estas detenças que o Governador fez, foram a causa principal de elle não queimar as galés, e de pôr depois tantos dias no caminho, que tiveram os Turcos tempo de acudirem com guarnições do Cairo pera guarda das galés, porque se embaraçou com cousas, que depois pudera fazer muito á sua vontade, e em que hia pouco; porque os offerecimentos daquelle Rey, posto que por então foram verdadeiros, duraria o effeito delles em quanto a Armada alli andasse; mas tanto que se recolhesse, estava certo tornar a alevantar a bolada, porque bem entendia que se não haviam formar armadas pera o irem castigar: em fim, resoluto o Governador em ir castigar aquelle Rey, desembarcou na terra firme hum dia de madrugada, com mil homens repartidos em duas batalhas, huma deo a D. Christovão, que havia de levar a vangarda, e o Governador ficou com a outra em guarda da bandeira de Christo. E marchando apressados pera chegarem ao arraial antes de amanhecer, como fizeram, D. Christovão o commetteo com grande determinação, e o entrou com morte, e damno de muitos Mouros. Hum ElRey em lhe dando o rebate, cavalgou com hum formoso cavallo, e foi-se recolhendo

do pera o ſertão, ſem eſperar golpe de eſpada. O meſmo fizeram os Turcos, que tambem foram eſcalavrados das mãos dos noſſos. O Governador entrou no arraial, que achou com todo o ſeu recheio, que foi logo roubado, e eſcalado, e ao que não puderam levar deram o fogo, em que tudo ſe conſumio. E não havendo alli mais que fazer, ſe recolhêram pera a Armada, mandando o Governador ao outro dia deſembarcar ſeu irmão D. Chriſtovão em Çuaquem com toda a ſoldadeſca, dando-lhes toda aquella Cidade (que era muito grande) a eſcala franca, onde acháram muito ouro, prata, marfim, drogas, roupas, e a mór parte diſto eſtava enterrado pelas caſas. Houve homens de quatro, e ſinco mil cruzados de preza, e muitos de quinhentos, e trezentos. Acháram-ſe muitas caſas cheias de trigo, milho, manteigas, e outros muitos mantimentos, de que ſe encheo toda a Armada. Eſta Cidade da terra firme de Çuaquem por muitas conjecturas parece o lugar de Theron de Arriano, de Plinio, e Ptolomeu, que elle mette em dezeſete gráos, poſto que hoje anda verificado em dezoito. O Governador depois de deixar aquella Cidade feita cinza ſe embarcou, ſendo já dez de Março, e deo á véla pera Suez; no caminho achou os ventos tão contrarios, tantos baixos, e reſtingas,

gas, que em dezoito dias não andou mais de vinte leguas, porque não caminhavam de noite.

Vendo o Governador que todavia os ventos não deixavam de curſar da banda de Oes Noroeſte, que lhe eram muito ponteiros, e que o caminho até Suez era muito comprido, e perigoſo, e que os mantimentos ſe lhe hiam acabando, eſtando recolhido em huma enceada, tomou parecer com os Pilotos ſobre o que faria, e todos lhe affirmáram, que aquelles tempos alli duravam muito, e que não era poſſivel poder chegar a Suez com tamanha Armada, porque hiam muitos navios mui pezados; e que ſe remavam mal, que ſe lhe relevava ir a Suez, tomaſſe doze, ou quinze navios os mais pequenos, e ligeiros, e que não levaſſem outra couſa mais que mantimentos, e que aſſim ainda com trabalho poderia chegar aonde deſejava. Ao Governador pareceo muito bem aquelle conſelho, e logo começou a fazer eleição dos navios, eſcolhendo antre todos dezeſeis, que eram os ſeguintes.

Elle que hia na Urganda, D. Garcia de Caſtro, com quem ſe embarcáram por ſoldados D. João Maſcarenhas, e Manoel de Souſa de Sepulveda, Triſtão de Taíde em hum catur ſeu, chamado o Papagayo, e com elle Diogo de Reynoſo, e Antonio de So-

Soto-maior, D. João de Castro no catur do Pereirinha, D. Christovão da Gama em hum calemute, que levou pera o serviço da galé, Francisco de Mello Pereira em huma fusta sua, D. Francisco de Menezes, Duarte Pereira, Jorge de Mello o Punho, Diogo Pires de Sá, Vasco da Cunha, Alonso Henriques, Fernão de Sousa de Tavora, Dom Francisco de Lima, D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, e Miguel Carvalho: estes navios se despejáram de tudo, enchendo-os de mantimentos, e por elles iriam repartidos duzentos e sincoenta homens, ordenando o Governador, que os mais navios se tornassem pera Maçuá, onde ficava a Armada grossa de galeões, e galés.

CAPITULO VII.

Das differenças que o Governador teve com alguns Fidalgos: e de muitos aggravados que houve, por não serem eleitos pera aquella jornada: e do que a Armada passou até á Cidade de Alcocer.

ESta eleição dos Fidalgos, que haviam de ir com o Governador a Suez, tanto que se declarou, todos os que ficáram de fóra se escandalizáram, praguejando publicamente do Governador, e de suas cousas, e soltando-se alguns em palavras, como homens, que

que se haviam por muito offendidos delle. Isto lhe foi ás orelhas; e desejando de temperar aquellas cousas com brandura, fez ajuntamento de todos, estando em terra na enceada, e lhes fez esta breve falla.

» Bem sei, Senhores, que a honrosa in» veja, que vos toca desta eleição, nasce a » todos do grande desejo que tendes do ser» viço de Deos, e d'ElRey nosso Senhor, e » de quererdes mostrar o grande animo, e » valor de vossas pessoas, de que todos já » tendes dado tantas provas, com tanta ex» periencia, como he notorio ao Mundo to» do. E bem entendido he de vosso primor, » e esforço, quanto sentireis verdes o vosso » Governador em perigos, e trabalhos, fi» cando vós de fóra, não sendo dos primei» ros nelles. Nem a mim me convinha com» metter negocio tão arriscado, sem compa» nhia de tão valorosos Capitães, e esforça» dos Cavalleiros, de cujo saber, e esforço » me he muito necessario ajudar-me, e va» ler-me pera poder sahir delle com honra, » e gloria. Mas como eu não faço esta jor» nada mais que pera dar fé das galés, e ver » o modo de como estam, por de todo não » ficar sem algum effeito, já que temos o » tempo tanto contra nós, com que esses na» vios grandes não podem surdir avante, e » de todo se perderá algum bom effeito, se

» Deos

» Deos o tiver ordenado; pareceo melhor
» aos Pilotos fazer esta eleição dos navios
» mais ligeiros, pera ver se á força de bra-
» ço posso vencer este caminho, e ver as ga-
» lés, pera dar razão a ElRey do que vi. E
» posto que não faça mais, ficarei desculpa-
» do com elle, porque bem ha de entender,
» que melhor me fora arriscar-me com ses-
» senta navios, que com dezeseis. E na pou-
» quidade delles, e da gente que levam, se
» vê que não vou a outro fim; porque se fo-
» ra pera pelejar, a mim mesmo me não con-
» vinha deixar a companhia de tão valerosos
» companheiros, como aqui estam, e ainda
» toda a Armada com que de Goa parti, com
» que pudera destruir todo este Estreito; mas
» por causa do tempo, bem vistes que foi ne-
» cessario deixar os navios grossos em Ma-
» çuá, e estoutros de remo, com que cuidei
» pudesse chegar a Suez, ha trinta e seis dias
» que com elles não tenho andado mais de
» vinte leguas. Vejo a monção gastada, e o
» tempo encarniçado contra nós, e não que-
» ria que tamanha Armada, e despezas co-
» mo fez, ficasse de todo sem algum fruto.
» E porque já agora não posso ter esperan-
» ças de outros mais, que de ver as galés com
» o olho, como já vos disse, (pero que o
» tempo ainda não sei se me dará lugar,) es-
» colhi estes navios. E porque não he possi-
» vel

» vel poderdes ir todos nelles, vos peço, Se» nhores, hajais por bem, aos que a ſorte » vos coube, de ficardes, porque tamanho ſer» viço fazeis niſſo a ElRey, como ſe comi» go foreis, e eu aſſim lho certificarei, pera » que vos faça mercês conforme a voſſos me» recimentos. E de ſua parte vos peço, que » deiteis de vós os eſcandalos, que não ſer» vem de mais, que de ſeu deſerviço, e voſ» ſa inquietação. »

Alguns moſtráram não ſe ſatisfazerem das razões do Governador, dizendo, que o tempo com que foſſem dezeſeis navios, poderiam ir todos os mais; mas todavia ficáram hum pouco mais moderados, não querendo porém que a jornada ſe fizeſſe ſem elles; e aſſim todos os Capitães, e Fidalgos ſe paſſáram aos dezeſeis navios por ſoldados; e alguns houve, que tiráram os bombardeiros, e ſe mettêram em ſeus lugares. Alguns apaniguados do Governador quizeram valer-ſe delle pera lhes darem lugar nos navios, que elle quiz repartir por elles, e huns lhos acceitáram, outros não, como foi Franciſco de Mello Pereira, que mandando-lhe pedir lhe levaſſe hum homem, eſcuſou-ſe, com lhe mandar dizer, que hia muito pezado, e que ainda deixava muitos parentes ſeus na Armada pelos não poder levar. Sobre iſto ſe paſſáram recados de parte a parte, até chega-

garem a ter palavras de feição, que enfadado Francisco de Mello, lhe mandou dizer, *que nem havia de levar o homem, nem elle queria ir com elle a Suez, e que jurava de vender o navio que era seu.* A isto lhe sahio D. Manoel de Lima, que estava com elle embarcado por soldado, e lhe pedio, que se tal havia de fazer, fosse a elle, pois já estava embarcado nelle. Francisco de Mello, que estava com paixão, lho vendeo logo por quatrocentos cruzados; com condição, que levasse todos os homens que estavam embarcados com elle; e deixando-lhe tudo o que tinha na fusta, se passou a huma das que se haviam de tornar pera Maçuá.

O Governador logo foi avisado de tũdo, e tomou-se muito de D. Manoel lhe comprar o navio, e mandou-lhe dizer, que lhe havia de levar aquelle homem; do que elle tambem se escusou. E como o Governador era hum pouco teimoso, (cousa de que muito ha de fugir quem estiver naquelle lugar,) lhe tornou a mandar dizer, que ou lha havia de levar, ou não havia de ir com elle. A isto respondeo D. Manoel, *que elle acompanhava o homem que estava em lugar d'ElRey, e que havia de ir a Suez, que por isso comprára aquelle navio.* O Governador apaixonou-se tanto, que determinou de o ir prender, e mandallo prezo pera

ra Maçuá; ao que lhe foi á mão D. Francisco de Menezes, que áquella hora achegou acaso, pedindo-lhe, » não fosse com a » paixão por diante, porque D. Manoel era » hum Fidalgo muito honrado, e Gallego » teimoso, que se não havia de descer da sua, » e que pera aquillo haviam os Governado» res da India de ter muita brandura, pera » temperarem as paixões dos Fidalgos, que » serviam a ElRey, e não escandalizallos, » porque se não haveria ElRey por servido » disso. » Com isto ficou o Governador hum pouco refreado, e dissimulou com aquelle negocio; porque se quizera ir por diante com elle, era-lhe necessario enfadar-se com muitos, porque tambem Alonso Henriques, e outro Fidalgo lhe não quizeram acceitar outros homens.

Aquelle officio, que D. Francisco de Menezes alli fez, era o dos Fidalgos daquelle tempo, que não andavam senão a temperar paixões, e não a accendellas, como póde ser que alguns hoje façam. E tambem os Governadores tinham tanto respeito aos Fidalgos, que se refreavam com elles, o que não sei se os de hoje tem.

Em fim assentada a ida, o Governador despedio todos os mais navios pera Maçuá, e entrada de Abril se fez á véla com os dezeseis; e daqui ficou esta enceada com o no-

me dos *Aggravados*, que está em altura de vinte gráos e meio do Norte. E seguindo sua derrota, navegando de dia a remo, por causa do vento, que era contrario, e surgindo de noite pelas muitas restingas, e baixos que havia, foram tão devagar, que se lhes acabou a agua. E indo Miguel Carvalho em grande necessidade della, chegou-se a terra; e vendo huma bahia, entrou nella, e mandou alguns marinheiros a ver se havia agua; estes acháram alguns póços della, e huma muito formosa fonte, e dando recado a seu Capitão, fez sinal a toda a Armada, que logo acudio; aqui se refrescáram, e se apercebêram, não achando mais que alguns pastores com seus gados, a que se não fez aggravo algum. Aqui tomou D. João de Castro o Sol, e achou vinte e hum gráos e meio.

Partidos dalli, foram seguindo seu caminho; ao outro dia houveram vista de huma gelva, a que deram caça, e vendo-se ella apertada varou sobre huma restinga, lançando-se logo a gente ao mar pera se passar a terra firme, que era perto; mas todavia não pode ser tão depressa, que ao mesmo tempo que varou, se não lançassem alguns dos nossos á restinga, onde tomáram ainda dous Mouros, com que se recolhêram pera o Governador, que não souberam dar novas de Suez, porque eram dalli perto, e hiam pe-

ra

ra Quaquem. O Governador os mandou levar á bom recado, porque ſabiam a terra pera ſe aproveitar delles. Eſte lugar, em que a gelva varou, eſtá em vinte e dous gráos e meio. Daqui foram navegando por eſpaço de ſinco dias, e no cabo delles acháram huma formoſa angra, onde toda a Armada entrou a fazer agua, que achou de muitos póços.

Aqui ſe deſafiáram dous ſoldados, chamados Antonio do Prado, e Fernão Nunes Vidal, que nós conhecemos mui bem, e foi da obrigação de D. Diogo de Caſtro, o magro de Evora, e em tempo do Conde do Redondo foi Feitor de Goa. Eſtes ſoldados eram ambos mui bons Cavalleiros, e andando brigando muito eſpaço, Fernão Nunes como era homem mui manhoſo nas armas, e mui deſtro da mão eſquerda, andando com o outro na força da briga, mudou a eſpada á mão eſquerda, e tomando o Prado por huma ilharga em deſcuberto, deolhe huma eſtocada de que logo cahio, e cuidando ficava morto, recolheo-ſe pera a fuſta de D. Garcia de Caſtro, com quem hia, que logo ſe affaſtou pera fóra, appellidando outros Capitães amigos, pera que o Governador lhe não foſſe prender o ſoldado. O Prado era da fuſta de Alonſo Henriques, e tanto que lá ſe ſoube, foram os mais ſoldados por elle, e achando-o ainda vivo, o re-

colhêram, e o curáram, e viveo. E nesta era de noventa e sete, em que isto escrevemos, vive ainda hum Fernão Nunes nesta Cidade de Goa, que foi hum dos que o leváram ás costas. Deste successo se ficou esta aguada chamando a do *Desafio*, que está em vinte e quatro gráos e meio.

CAPITULO VIII.

De como o Governador D. Estevão da Gama destruio a Cidade de Alcocer, e desembarcou em Tór: e de como deixou de destruir aquella Cidade a rogo dos Frades de Santa Catharina de Monte Sinay: e dos Cavalleiros que alli armou: e da Regra que estes Frades seguem.

PArtidos da aguada do desafio, dahi a tres dias tomáram huma enceada pequena, duas leguas antes da Cidade de Alcocer, aonde se detiveram por darem folga aos marinheiros, mariscando, e fazendo agua; e começando a ventar o Levante, se recolhêram com muita pressa, e deram á véla, por se aproveitarem do vento. Succedeo ficarem dous marinheiros em terra, por andarem muito desviados; e acudindo á praia, vendo ir os navios á véla, assentáram de se ir de longo do mar, porque forçadamente os navios haviam de tomar alguma enceada de noite,

ou

ou surgirem perto da terra pera se lançarem a nado a elles; e assim foram caminhando até darem em huma grande estrada, pola qual foram dar na Cidade de Alcocer. E sendo vistos dos naturaes, e conhecendo que era gente estranha, (posto que tambem eram Mouros Arabios como elles,) prendêram-nos, e nas perguntas souberam da Armada Portugueza, e de tudo o que era passado.

Os moradores da Cidade assombrados com aquellas novas, mandáram com muita pressa as mulheres pera a serra, e tomáram os que eram pera isso as armas pera se defenderem, se os Portuguezes quizessem entender com elles. Andando neste trabalho, appareceó a nossa Armada, que se hia chegando bem á terra pera a descubrirem, e notarem a Cidade, que estava estendida sobre o mar. Os della lhe atiráram algumas bombardadas pequenas, que accendêram o desejo ao Governador de desembarcar, porque hia em dúvida se o faria, ou não: e declarando seu parecer a todos, os achou conformes; pelo que pondo a prôa em terra, deitou a gente nella, repartida em tres bandeiras, de que eram Capitães D. Christovão da Gama, que levava a dianteira, Tristão de Taíde, e o Governador com todos os Fidalgos da Armada. D. Christovão commetteo a Cidade com grande valor, e determinação, desbara-

ra-

ratando os que ſe lhe offerecêram em defensão, com quem foi entrando de envolta. Os naturaes cortados do ferro, e do medo dos nossos, largáram a Cidade, e ſe acolhêram á ſerra. D. Chriſtovão mandou recado ao Governador, que a Cidade eſtava deſpejada; e indo-ſe chegando, mandou tocar a recolher, porque não houveſſe algum deſmancho; deſpedindo recado a D. Chriſtovão, que ſe não embaraçaſſe com couſa alguma por não perderem tempo, e que ſe recolheſſe, e foſſe dando fogo á Cidade; o que elle logo fez, ardendo toda, ſem ficar couſa alguma em pé, no que houve notaveis perdas, por eſtar maciſſa de mantimentos, e fazendas, como aquella, que era a principal eſcala de toda aquella banda.

Os noſſos embarcáram-ſe a ſeu ſalvo, e no mar queimáram huma náo, e hum galeão da feição dos noſſos, de quatrocentos toneis, e muitas gelvas carregadas de mantimentos, de que primeiro ſe proveo toda a Armada. Os marinheiros que eſtavam prezos, neſta revolta tiveram tempo pera fugirem, e ſe embarcáram em ſeus navios. Aqui tomou D. João de Caſtro o Sol, e achou que eſtava eſta Cidade em vinte e ſinco gráos e meio. Della ao Cairo ha ſinco dias de caminho. Nas muitas ruinas de edificios, que ainda hoje apparecem, ſe moſtra que já eſ-

ta

ta Cidade foi muito maior; e aſſim preſumíram alguns, que foſſe a antiga Filotéra, ainda que quanto a nós, mais parece Amioſormo de Plinio. Eſte dia, que foi hum Domingo quatorze de Abril, ficou alli a Armada dando folga aos marinheiros, e a outro dia ſe fizeram á véla, e atraveſſáram a outra banda de Arabia, e á quinta feira foram haver viſta do lugar de Tór. O Governador por ſaber que havia alli Chriſtãos, determinou de tomar terra, por ver ſe podia haver falla de algum, pera ſaber o eſtado em que eſtava Suez; e endireitando com a terra, vio andar na praia hum eſquadrão de Turcos de eſpingardas, que ſe aſſomavam em duzentos, que tanto que houveram viſta das noſſas vélas, acudíram á praia a ver o que era. D. Eſtevão mandou tomar as vélas, e a remo ſe foi chegando pera a terra, donde lhe atiráram algumas bombardadas; e detendo-ſe, tomou parecer ſobre o que faria, e a todos pareceo bem que deſembarcaſſem, ainda que não foſſe mais que pera tomarem alguma peſſoa, que lhe déſſe razão de Suez. E armando-ſe com muita preſſa, mandou o Governador que deſembarcaſſem na meſma ordem que em Alcocer, como logo fizeram, ſendo o Governador o derradeiro, e a bandeira de Chriſto, que lhe levava Luiz Henriques ſeu Alferes.

Poſ-

Poſtos em terra, acháram nos Turcos grande reſiſtencia, porque como eram os mais de'les de eſpingardas; feríram da primeira ſurriada alguns; mas D. Chriſtovão da Gama apertou tanto com elles, que a ſeu pezar, e com muito damno os arrancou do campo, e os fez recolher pera a Cidade, que era muito arrezoada, e de grandes caſarias. Os da dianteira, que hiam apertando com elles, foram entrando de envolta; mas os Turcos de eſcaldados varáram pela outra banda fóra, e o meſmo fizeram todos os moradores. D. Chriſtovão, e Triſtão de Taíde foram entrando a Cidade apôs os inimigos, cada hum por ſua parte. Triſtão de Taíde pela que foi encontrou dous Frades dos de Monte Sinay, que hiam com muita preſſa pedir miſericordia aos Portuguezes, pera que não deſſem fogo á Cidade, porque tinham nella hum Templo. Triſtão de Taíde em os vendo, logo conheceo que eram Religioſos pelos habitos, e tonſuras, porque tinham cercilhos, e coroas; e remettendo a elles, os levou nos braços com muito amor, e com elles voltou pera o Governador, e chegando a elle ſe lhe lançáram aos pés, pedindo-lhe da parte de Santa Catharina, que perdoaſſe áquella Cidade, e a não mandaſſe queimar, porque havia nella muitos Chriſtãos, e hum Templo Divino.

O

O Governador com as lagrimas nos olhos de ver em meio daquelle Mouraiſmo Religioſos, e Chriſtãos, abaixando-ſe todo, os levou nos braços, alevantando-os com muita caridade; e logo mandou com muita preſſa recado a D. Chriſtovão, que ſobreſtiveſſe, e não fizeſſe damno algum na Cidade, o que elle fez tornando-ſe pera elle. O Governador ficou com os Frades em muitas práticas, e em perguntas, de que lhes deram boa razão, mas nenhuma do eſtado em que Suez, nem as galés eſtavam. Os Frades lhe pedíram, que foſſem com elles ao ſeu Moſteiro pera os honrar, e pera conſolar os mais Religioſos, o que elle fez com muito goſto, indo na ordem em que deſembarcáram, e atraveſſáram a Cidade até chegarem ao Moſteiro, que era do Orago de Santa Catharina. A' porta delle foram muito bem recebidos de todos os mais Religioſos com grandes moſtras de amor, e caridade; e tomando o Governador no meio, entráram pela Igreja em prociſsão, cantando Pſalmos a ſeu modo. Na Capella fez o Governador oração, e pela Igreja todos os mais com huma alegria, que lhes pulava pelos olhos, por ſerem os primeiros Chriſtãos da Europa, que com mão armada, e com ſuas Armadas chegáram áquelle lugar.

E pera memoria de tão admiravel jornada,

da, (muito mais digna de engrandecer, que a de Jaſon ao Velocino de ouro,) armou o Governador dentro na Capella Cavalleiros a todos os que quizeram, e pedíram aquella Ordem todos os Fidalgos: eſta foi a couſa de que D. Luiz de Taíde (que aqui foi armado então Cavalleiro) mais ſe jactava, que de todas em que ſe achou; e hoje em noſſo poder eſtá ainda o proprio Alvará de Cavalleiro, que o Governador alli paſſou a hum João Camello, que relata eſta jornada muito por extenſo.

Eſte Auto celebrou o Governador com muitos inſtrumentos de alegria, e com grandes ſalvas de artilheria, e ſobre tudo com muitas graças, e louvores, que todos deram a Deos noſſo Senhor, e á bemaventurada Santa, em cuja Caſa eſtavam, por tamanha mercê como aquella. O Governador pedio aos Padres algumas reliquias ſantas pera levar pera memoria, e lembrança ſua, que lhes elles deram, ainda que poucas, por dizerem, que as principaes, e mais eſtimadas eſtavam na propria Caſa de Santa Catharina, que dalli apparecia em ſima do Monte Sinay, huma jornada de caminho, pedindo ao Governador que eſperaſſe dous dias pera lhas irem buſcar. Elle lhes agradeceo muito aquella vontade, dizendo-lhes, que ſe não podia deter. E mandando-lhes fazer algumas

ca-

caridades, ſe deſpedio delles, que o acompanhâram até á praia, onde todos ſe abraçâram com muito amor, não ſe fartando os noſſos de os ver, e cariciar; e aſſim ſe embarcáram com grandes ſaudades.

Eſtá eſta Cidade de Tór em altura de pouco mais de vinte e oito gráos; foi em outro tempo muito proſpera, e por muitas ruinas antigas, e por ſeu ſitio, affirmam alguns Geografos que foi a antiga Elana. Os Frades deſte Moſteiro de Monte Sinay são da Ordem de S. Baſilio; ſeguem a Igreja Grega, e obedecem áquelle Patriarca, o que ha de ſer ſempre eleito ou deſta Ordem, ou da de S. Sabba, que são outros Religioſos, que vivem apartados do povo, aſſim como os noſſos Biguinos da ſerra d'Oſſa, a que os Gregos chamam Calorios, que quer dizer, Homens bons, e virtuoſos, que ſeguem os Eſtatutos de Santo Antão primeiro Abbade. Neſte lugar de Tór ha ſinco braças do fundo muito bom, e limpo.

CA-

CAPITULO IX.

De como o Governador D. Eſtevão da Gama chegou a Suez: e da deſcripção de todo aquelle Eſtreito: e do ſitio deſte lugar: e de como querendo deſembarcar lhe ſahio muita gente que eſtava de guarnição, e o Governador ſe recolheo ſem fazer couſa alguma.

PArtido o Governador D. Eſtevão da Gama de Tór pera Suez, foi ſeguindo ſua derrota; e já dalli pera dentro quem não vai muito cozido com a terra, a vai vendo de ambas as partes, porque ſe vão mettendo no ſacco do Eſtreito. Por aqui foram navegando de dia com muito tento, e ſurgindo de noite por cauſa das reſtingas; e no cabo de oito dias, huma quarta feira á noite, ſurgíram duas leguas de Suez com grande alvoroço de todos. E primeiro que tratemos do que lhe aconteceo, diremos brevemente do ſitio deſte lugar.

Foi antigamente alli huma formoſa Cidade, e ao preſente era couſa tão pouca, que não tinha mais de trinta, ou quarenta caſas de palha, por ſer o lugar em ſi deſerto, e eſteril, ſem huma arvore, nem herva verde, nem agua de que aquelles moradores bebeſſem; e como são pobriſſimos, provêm-

vêm-ſe de alguns poços, que eſtam dalli a duas leguas, donde lha trazem em camellos a vender, e ainda eſta he tão ſalobra, que quem a não coſtuma, a não póde beber. Neſte lugar apparecem ainda grandes ruinas de huma muito formoſa Cidade, que já alli eſteve em tempo de Pagãos; e muitos affirmam, que foi a dos Heroas, tão nomeada dos Eſcritores antigos, poſto que a mais commum opinião he que foi a Cidade de Arcinoe, que Plinio diz ſer no fundo do mar Roxo, edificada alli de Ptolomeu Philadelpho, do nome de huma ſua irmã.

Eſtrabo nos diz, que eſta Cidade tambem fora já chamada Cleoparrida, e que junto della era a Cidade dos Heroas. Foi eſta Cidade em tempo dos Reys do Egypto a mais célebre, que havia por aquellas partes, porque todas as fazendas do Oriente, que hiam por via do mar Roxo, deſcarregavam alli; e aſſim o mais importante rendimento, que aquelles Reys tinham, eram as entradas que ſe pagavam dellas. E era iſto tanto aſſim; que affirmam Eſtrabo, e Plinio, que deſejando ElRey Seſoſtre de fazer aquellas entradas mais faciles, por eſcuſar o trabalho de levarem dalli as fazendas por terra em camellos, mandára abrir huma das bocas do Nilo, chamada Delta, pera levar o mar por huma foſſa grande até á Cidade de Arcinoe,

que

que ferá diftancia mui perto de doze leguas, pera por ella irem as embarcações defcarregar no Nilo. E porque lhe affirmáram que o mar Roxo era mais alto que o Egypto, e que fe lhe déffe paffagem alagaria toda a terra, levára mão da obra.

Outros dizem, que efta cava não mandára abrir fenão ElRey Pfanitico, fendo moço, e que por fua morte a fora continuando Dario, e que depois Ptolomeu a quizera acabar, e que tambem a deixára imperfeita. Efta obra intentou tambem o Turco Amurathes, (que morreo agora na era de noventa e quatro, ou noventa e finco,) porque parece defejava de paffar por alli fuas Armadas á India, e mandou a Alio Mamede Baxá, e alguns grandes Officiaes pera aquelle negocio, pera que fe ajuntaffem com o Baxá do Egypto, e viffem fe era poffivel fazer-fe aquella cava, pera por ella entrar o mar Roxo no rio Nilo. Eftes homens andáram fazendo fuas traças, e deitando fuas medidas, e acháram o inconveniente, que Sefoftre, e que fem dúvida o mar Roxo era mais alto tres covados que o Nilo, e que fe perderia toda a terra do Egypto; e levou por efta razão tambem mão da obra. Ifto nos contou nefta Cidade de Goa hum Rabi muito douto na lei, chamado Jofeph, natural de Soloniche, que dizia, que fe

ſe achára preſente acaſo áquellas medidas.

E tornando a noſſo fio, Plinio parece que chama tambem a eſta Cidade de Suez, Daneo, porque diz eſtas palavras: *No ultimo ſeio do golfo Arabico eſtá hum porto chamado Daneo, de que já determináram levar huma foſſa navegavel até o Nilo*; porque naquella Cidade de Daneo ſe deſcarregavam as fazendas, que hiam da India por mar, e dalli paſſavam em cafilas até Alexandria. Eram tão groſſas as entradas, que os Reys do Egypto tinham deſtas fazendas, e ainda o Imperio Romano, (depois que foi ter a ſeu poder,) que affirma Marco Tulio em huma Oração, que rendiam doze mil e quinhentos talentos, que pela conta de Budeo fazem ſete milhões e meio de ouro, como melhor ſe póde ver nos ſete volumes das Leis, onde eſtam eſcritas todas as ſortes de fazendas, e drogas, que da India hiam pera aquelle Eſtreito, que Arriano Author Grego tambem nomea muito particularmente. E por eſta razão os Soldões do Egypto mandáram abrir muitas ciſternas, que ſe enchiam de agua do Nilo, por aquella cava que Seſoſtre mandou abrir; o que tudo os Mouros depois desfizeram, e derribáram, ficando ainda muita parte deſta cava, e de outras couſas, conſervando a memoria antiga do que alli foi.

E

E poſto que o noſſo João de Barros compare mui bem eſte Eſtreito a hum lagartho; e aſſim o moſtra nas cartas, e mappas, todavia não deixaremos de fazer tambem noſſa demonſtração, que não vai a deſpropoſito; e por ella ſe entenderá melhor eſte ſitio de Suez, e do modo em que as galés eſtavam.

Quer todo eſte Eſtreito imitar a tromba de hum alifante, cujos dentes ficam alli como aquellas duas entradas da banda de Arabia, e da Abaſia; e aſſim como a tromba vai fazendo aquelle vão pelo meio, deixando aquellas ilhargas de huma, e da outra parte, aſſim faz pelo meio deſte Eſtreito hum bom canal, e pelas ilhargas quaſi que he todo maciſſo de reſtingas, ilhas, baixos, e outros impedimentos, por onde ſe não póde navegar, ſenão de dia, e em vaſilhas pequenas, e com muito tento. Vai todo eſte Eſtreito fenecer naquelle focinho de alifante com duas ventas, onde eſtá o lugar de Suez; e naquelle vão que divide huma venta da outra, faz neſte lugar hum eſteiro, e na venta da banda de Arabia tem hum arrecife de pedra, e da outra banda do Egypto faz huma ponta de huma ſerra, que alli ſe vai abaixando até vir beber no mar, com huma praia de arêa á roda, em cuja ponta eſtá hum Caſtello roqueiro de taipa qua-

dra-

drado de trinta braças em quadra, e em cada huma ſeu cubelo com algumas peças de artilheria. De longo deſtà praia eſtavam varadas as galés, que eram quarenta, que entram por eſte Eſtreito, que faz ambas as ventas.; e na outra da banda de Arabia eſtavam as náos, e galeões, que tambem entram pera ſe vararem por eſte canal de aguas vivas.

O Governador tanto que ſurgio, chamou os Capitães a ſi, e lhes diſſe, que ſería bem mandar diante Triſtão de Taíde com alguns homens de confiança pera irem a Suez, a ver ſe podiam tomar alguma eſpia, pera ſaberem o como as galés eſtavam; e parecendo bem a todos, mandou embarcar no Papagayo com Triſtão de Taíde o Grego Janizaro Garcia de Noronha, (que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha fez em Dio Chriſtão, como temos dito no Cap. VII. do V. Liv.,) e com elle tres valoroſos ſoldados, chamados Fernão Dias Ceſar, João Fidalgo, e Antonio Pereira, (eſte homem teve em Goa huma irmã, chamada Jeronyma Pereira, caſada com hum Cidadão honrado, por nome Simão da Cunha, de quem teve alguns filhos, e duas filhas caſadas, huma com Ayres de Souſa, filho de Chriſtovão de Souſa de Santarem, que foi Capitão de Chaul nas differenças de Pero Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo, como na quarta Decada diſſemos no

Cap. VIII. do III. Liv.; e outra com Manoel de Saldanha, filho de Antonio de Saldanha, tambem de Santarem, que faleceo de parto.) Eſtes tres ſoldados por ordem do Governador D. Eſtevão da Gama ſe deſpíram, e encacháram, e ſe untáram de cevo todos, pera que não pudeſſe peſſoa alguma pegar delles, e deo ordem a Triſtão de Taíde, que foſſe ao lugar que lhe moſtraſſe Garcia de Noronha, (que ſabia mui bem a terra,) e em muito ſilencio lançaſſe aquelles tres ſoldados a nado, pera irem a terra a ver ſe podiam tomar alguma peſſoa pera lhes dar razão de como as galés eſtavam, dando por regimento a Triſtão de Taíde que tornaſſe a voltar antes do quarto d'alva.

Partido Triſtão de Taíde, foi remando tudo o que pode, e errando o canal (por ſer muito eſcura a noite) andou ás apalpadellas até ſe lhe gaſtar toda a noite; e vendo Triſtão de Taíde aquillo, tornou a voltar pera a Armada, a que chegou de madrugada. Vendo o Governador o que lhe tinha acontecido; mandou levar ancora, e foi ſeu caminho com determinação de ir aſſim, ſem mais eſpia, commetter o porto, onde chegou ao outro dia pela manhã, diviſando logo o Caſtello, e as galés, que eſtavam todas varadas, ao longo daquella praia, com as prôas pera o mar.

Eſ-

Eſta viſta foi pera todos do mór contentamento que podia ſer. O Governador ajuntando a ſi as fuſtas, mandou a ſeu irmão D. Chriſtovão da Gama, que ſe adiantaſſe com oito navios, que lhe nomeou, e que foſſe queimar as galés, e que elle lhe iria com os mais nas coſtas. D. Chriſtovão com os ſeus navios poſtos em armas foi demandar a terra, e ſendo a tiro de falcão, diſparáram das náos hum tiro groſſo, que era o ſinal que faziam aos ſeus; porque já eſtavam ſobre aviſo da Armada, aſſim de Coge Çofar, como de Çuaquem. Os navios hiam aviados, e adiantaram-ſe de todos Dom João de Caſtro, Triſtão de Taíde, e Dom Francisco de Menezes, que eram mais ligeiros, e foram endireitando com a ponta do eſteiro, onde as galés eſtavam. Vendo D. Chriſtovão que já não podia chegar com elles, voltou pera a outra banda, onde eſtavam as náos, pera as queimar; e como daquella parte era tudo arrecife, varou por ſima delle, e com trabalho ſe tornou a afaſtar, e tornou a indireitar pera onde hiam os outros; e como hia atraveſſado, lhe deram do Caſtello huma bombardada, cujo pelouro deo junto delle, e o borrifou todo. D. João de Caſtro, Triſtão de Taíde, e D. Franciſco de Menezes chegáram a terra, indo os meſmos ſoldados encevados, com

lanças de fogo pera saltarem em terra, e irem pôr fogo ás galés; e ainda bem os navios não chegáram, quando arrebentáram de detrás do monte perto de dous mil Turcos de cavallo, com duas bandeiras grandes, e farpadas, gente toda muito lustrosa, e remettêram com a praia. Alguns dizem que já o soldado Antonio Pereira estava nella, e que se recolhêra com a agua pelos peitos. Os nossos vendo os Turcos, affastáram-se pera fóra, e lhes deram huma salva de falcoadas, de que lhes derribáram alguns; e assim se tornáram ao Governador muito descontentes, e magoados daquelle negocio, que cuidavam fizessem a seu salvo.

O Governador chegou a si todos os Capitães, e lhes perguntou o que faria; ao que todos respondêram, que não havia mais que recolher, primeiro que os Turcos lançassem algumas galés ao mar, porque se os seguissem lhes dariam trabalho. Com isto se foram affastando, e aquella noite surgíram na ponta de Faraó em quatro braças, huma legua e meia affastada de Suez. Ao outro dia deram á véla com vento fresco; e indo de longo da costa de Arabia, mandou o Governador perguntar aos Mouros, que tomáram na Gelva, se havia por aquella paragem agua; e elles lhe mostráram defronte hum lugar, que diziam chamar-se os doze

po-

poços de Moysés; e que por aquelle proprio lugar por onde hiam então, passáram os filhos de Israel, quando fugíram de Faraó; e que aquella era a agua, que se lhes abríra. O Governador porque levava bom vento não se quiz deter. Os soldados que ouvíram como por alli passára Moysés, enchêram alguns frascos daquella agua, e depois de chegarem a Goa, foram á rua direita, onde viviam alguns Christãos novos mercadores, e vasando-lhes a agua pelas portas, diziam: *Vedes aqui a agua que se abrio a vossos antepassados, quando foram fugindo do Egypto.*

Estes poços que alli mostráram aquelles Mouros, (e que andam nas nossas cartas de marear por poços de Moysés,) não achamos a causa, porque se chamam assim; porque, segundo temos da Escritura, depois dos filhos de Israel passarem o mar Roxo á outra banda, não acháram logo agua, e andáram pelo deserto de Sur tres dias até irem ao lago amargo, que Moysés fez doce com a vara; e dalli passáram a Elim, onde acháram doze fontes de agua doce.

O Governador foi seguindo sua viagem com vento prospero, e em poucos dias chegáram a Maçuá, e achou todos os soldados alevantados contra Manoel da Gama, que era hum Fidalgo tão forte, e trabalhoso de condição, que não se podia soffrer,

pe-

pelo que se lhe foram oitenta homens pera o Preste, e no caminho foram roubados, e mortos, e elle tirando devassa do caso, enforcou sinco homens, que achou que sabiam de sua fugida, que o Governador achou ainda na forca, que estava na praia.

Estes homens, segundo todos dizem, foram enforcados sem culpa, e á hora de sua morte emprazáram a Manoel da Gama, que antes de hum mez endoudeceo, e morreo, indo já o Governador sahindo pelo Estreito fóra, e o mandou enterrar em huma daquellas Ilhas da boca. Tanto que o Governador chegou a Maçuá, que soube do caso, sentio-o muito, e dissimulou-o, porque Manoel da Gama era seu tio. Chegou o Governador aqui alguns dias já andados de Junho, e deixou-se ficar esperando a monção pera a India.

CA-

CAPITULO X.

De todos os Imperadores Christãos da Ethyopia, que reinâram depois que se descubrio a India: e das guerras que lhe fez ElRey de Adel, tomando-lhe a mór parte de seu Reyno: e de como a Rainha mãi d'ElRey, sabendo estar o Governador em Maçuá, o mandou visitar, e pedir-lhe soccorro.

JA' que havemos de tratar das cousas da Abasia daqui por diante, pareceo-nos bem fazermos huma breve relação de todos aquelles Imperadores, de que tivemos conhecimento, e noticia até agora, porque com o favor Divino, pelo decurso da historia iremos continuando com os que succedêram.

Pelo que se ha de saber, que nos annos do Senhor de 1488 mandou ElRey Dom João o II. de Portugal a descubrir o Preste João, pela fama que confusamente andava na Europa delle. Reinava naquelle tempo sobre toda aquella Ethyopia o Imperador Escander (por outro nome Alexandre) que faleceo naquelle tempo, em que D. Vasco da Gama foi a primeira vez descubrir a India. A este succedeo seu filho Naut, que reinou doze annos, e por sua morte ficou seu filho David menino debaixo da tutoria de sua mãi Helena, (que he aquella, que mandou a Por-

Portugal o Embaixador Mattheus, que foi aquelle, que o anno 1515 levou comsigo Dom Rodrigo de Lima, quando ElRey D. Manoel o mandou por Embaixador ao Preste; e já quando lá foi, governava o David, que viveo pouco depois. A este succedeo Unag Sagad seu filho, que morreo perto dos annos do Senhor de 1531. Ficou-lhe succedendo no Reyno seu filho Atanad Sagad, (que he este com quem havemos de continuar,) que por outro nome se chamava Claudio, e assim o nomeam o P. Francisco Alvares, Castanheda, e Pedro Mafeo.

Este tambem ficou moço por morte de seu pai, que já em sua vida trazia grandes guerras com hum Rey Mouro vizinho, chamado Gradá Amed, que reinava naquella parte, a que os Geografos chamam Troglodita, e tinha sua Corte na Cidade de Zeilá, e chama-se aquelle Reyno de Adel. Este havia poucos annos que se tinha feito vassallo do Turco Soleimão, sendo-o antes dos Imperadores da Ethyopia, sobre o que eram todas as guerras com ElRey Claudio, ou com seu pai. Vendo agora o Rey menino, e em poder de tutores, como era sagaz, entendeo que aquillo era muita parte de destruição dos Reynos; pelo que ajuntou grandes exercitos, com que entrou por toda a Ethyopia, conquistando, e senhoreando tudo

do por onde paſſava, deſtruindo, e aſſolando os Templos, cativando, e maltratando os Religioſos, fazendo-ſe em poucos annos ſenhor da mór parte daquelle Imperio.

O Imperador Claudio recolheo-ſe pera aquella parte do Reyno de Goiame, e a Rainha ſua mãi com o Barnagais ſe metteo em huma ſerra, chamada Damá, que a natureza fez ſobre todas as do Mundo inexpugnavel, por eſta maneira. Vai ſubindo eſta ſerra do meio de hum campo grande em igual diſtancia hum bom pedaço, em ſima ſe vai eſtendendo huma planicie em fórma circular, lançando pera todas as partes hum capello, que quer imitar a fórma de hum ſombreiro, com a cópa virada pera baixo, e a roda toda de ſima he huma planura, que terá huma muito boa legua de largura. E aſſim como o ſombreiro virado com as abas por ſima, lança aquellas fraldas pera fóra, aſſim eſta ſerra lança aquelle capello tão direito, e igual, que parece que o talhárão á mão, não deixando lugar pera ſe poder ſubir aſſima, ſenão por huma ſó parte, polo que ſe ſóbe em caracol com trabalho, até chegarem aſſima á aba, onde a natureza parece que deo hum golpe com huma tiſoura, deixando naquelle capello huma pequena abertura, como eſcotilhão de navio pera entrarem por elle; e pera iſſo he ne-

necessario lançarem de sima huma padiola com huma corda grossa, em que deitada a pessoa, he alada assima, e nesta parte tem humas portas de ferro pera defensão da subida, sem embargo de ninguem poder ir assima, senão for levado na padiola. Tem esta serra no cume huma boa povoação com hum Templo de Religiosos, em que haverá perto de sincoenta. Tem grandes cisternas, em que se recolhe agua da chuva, afóra algumas alagôas, que o inverno faz, em que bebe todo o gado grosso, e miudo, que em sima ha de continuo. No plano de sima semeão tanto mantimento de toda a sorte, que bastantemente póde sustentar cada anno quinhentos homens, o que a faz ser muito mais forte, porque nem por guerra, nem por fome póde ser tomada. E por ser tal, costumam os Imperadores da Ethyopia recolher nella todos seus filhos, tirando o herdeiro, e alli vivem como fechados, e encarcerados, sem poderem perpetuamente sahir dalli, (o que fazem pera evitar divisões entre os irmãos.) Aqui tem Paços grandes, com seus jardins pera sua recreação.

Esta serra escolheo a Rainha, que se chamava Sabani, e por outro nome Elisabel, com suas mulheres, e familia, com o Barnagais, assim por forte, e segura, como por de todo não desamparar aquella parte, onde

de já não havia outra cousa por conquistar dos Mouros senão ella. Assim estava este Imperio de Christãos no mais miseravel estado, em que nunca se vio, porque não havia Templo em pé, nem Religioso recolhido; por todos andarem pelos desertos desagazalhados, e desconsolados. E chegando as novas á Rainha de como huma Armada de Portuguezes estava em Maçuá, e que o Governador da India hia nella, despedio com muita pressa o Barnagais ao visitar, e a lhe presentar as necessidades em que estava; e havendo poucos dias que o Governador era chegado de Suez, chegou elle a Maçuá, mandando-lhe diante recado de sua ida. O Governador tanto que foi avisado della, mandou armar tendas em terra pera o receber, tendo comsigo o Patriarca, e todos os Fidalgos, e Capitães, mandando embandeirar toda a Armada, e toda a gente della posta em fileiras, e ordenanças diante de sua tenda, e assim o esperou com grande magestade.

Chegado o Barnagais, o Governador o sahio a receber fóra de sua tenda, fazendo-lhe grandes honras, e gazalhados, e a Armada toda lhe deo sua salva. Recolhidos pera dentro, depois de assentados ambos em cadeiras de espaldas, o Barnagais com huma Cruz de páo na mão, perante os Fidalgos,

gos, que estavam em pé derredor do Governador, lhe deo sua embaixada, cujo theor era:

» Que a Rainha Sabani mãi d'ElRey A-
» thana Sagad lhe mandava os parabens de
» sua vinda áquellas partes, e que lhe fazia
» a saber, que ElRey de Zeilá com o favor
» dos Turcos tinha entrado por todo o Im-
» perio da Ethyopia, e ganhados muitos
» Reynos, e Provincias, e destruido todos
» os Templos Divinos, e avexados os Re-
» ligiosos, pelo que estava no derradeiro es-
» tremo de se perder toda aquella Christan-
» dade. E que pois elle era Christão, e to-
» dos de huma mesma Lei, e Deos o trou-
» xera áquelle tempo, cousa que parecia mi-
» lagrosa, lhe pedia por aquella Cruz, em
» que Christo padeceo, a quizesse soccorrer,
» porque de todo se não perdessem as reli-
» quias daquella Christandade: que Deos nos-
» so Senhor teria cuidado de lhe pagar aquel-
» le tão grande serviço seu; e que elle tra-
» zia ordem pera dar todas as cousas que
» fossem necessarias pera a jornada, pera to-
» da a gente que fosse. » Isto lhe disse com tão efficazes exteriores, e ainda interiores de tristeza, que o corpo lhe tremia, e os olhos eram vivas fontes.

O Governador D. Estevão da Gama com o barrete fóra tomou a Cruz, e a beijou,

e a poz sobre sua cabeça, e depois consolou o Barnagais, e lhe disse: » Que se ha-
» via por muito ditoso em ter vindo a tal
» tempo áquellas partes, em que pudesse fa-
» zer tamanho serviço a Deos, e ao Impe-
» rador da Ethyopia, e cumprir em parte
» com os desejos que ElRey de Portugal seu
» Senhor tinha áquelles Imperadores, que
» por serem Christãos os amava, e tinha co-
» mo irmãos; que se agazalhasse, que tra-
» taria com seus Capitães aquelle negocio,
» e que logo lhe responderia. » O Barnagais se lhe humilhou todo; e sabendo que aquelle era o Patriarca, que o Summo Pontifice de Roma mandava pera aquelle Imperio, ajoelhou-se a seus pés, e tomou sua benção; e despedindo-se do Governador, foi-se aposentar na Cidade que era perto.

CAPITULO XI.

De como se assentou, que se désse soccorro á Rainha: e de como o Governador Dom Estevão da Gama elegeo pera aquella jornada seu irmão D. Christovão da Gama: e do que lhe aconteceo até se ver com a Rainha.

DEspedido o Barnagais, chamou o Governador todos os Capitães a conselho, e lhes propoz a embaixada da Rainha, e as ne-

necessidades daquella Christandade, pedindo-lhes conselho sobre o que faria. Debatido por todos aquelle negocio, assentáram que era muito justo que se soccorresse aquelle Rey, pois era Christão; e pera que vissem os naturaes a conta que tinham os Portuguezes com as cousas de sua Religião, que se mandasse em favor da Rainha hum Capitão com quatrocentos homens, e com todas as cousas, que lhe fossem necessarias pera aquella guerra. E como antre todos causou grande alvoroço aquelle negocio, os mais daquelles Fidalgos se foram offerecer ao Governador pera aquella jornada; mas o Governador sem dar conta a pessoa alguma, elegeo D. Christovão da Gama seu irmão; o que todos tomáram mal, não porque não tivesse todas as partes necessarias a hum bom Capitão, mas porque era ainda muito mancebo.

O Governador lhe nomeou quatrocentos homens, repartidos por sinco bandeiras, de que fez Capitão Manoel da Cunha, irmão de Vasco da Cunha, João de Affonseca, Francisco, e Inofre de Abreu, ambos irmãos, e Francisco Velho da creação do mesmo D. Christovão. Cada hum destes levava sincoenta homens, e o Capitão-mór ficou com os cento e sincoenta pera guarda da bandeira de Christo. Os soldados destas compa-

panhias eram dos melhores da Armada, que se foram offerecer pera aquella jornada. O Governador mandou ordenar oito peças de artilheria de campo, e cem mosquetes acarretados, e muitas munições; e além das armas, que os soldados levavam suas, mandou o Governador dar outras tantas de sobrecellente, espingardas, peitos, morriões, e todas as mais cousas, que lhe parecêram necessarias em abastança.

Prestes tudo, deo o Barnagais todos os servidores, camellos, mulas, bois, e mais cousas pera a fabrica do exercito. E aos seis dias do mez de Julho mandou o Governador, que começassem a marchar, despedindo todos com muitas benções, e com seu irmão se apartou por aquella praia sós, onde se despedíram com grandes saudades, e lagrimas, como que lhe adivinhava o coração que se não haviam de ver mais; porque com os derradeiros abraços, se viráram as costas com muitos soluços. Recolheo-se o Governador pera o seu galeão, e Dom Christovão foi hum pedaço pela praia só desabafando em suspiros, e dalli se foi a dar ordem ao exercito, que já começava a marchar. O Patriarca hia entregue ao Barnagais, que lhe deo mulas pera elle, e pera os seus servidores, e assim mesmo todas as cousas bastantemente. Indo o exercito seu caminho, tan-

tanto que se affastáram da praia, entráram por humas serranias mui asperas, e fragosas, e aquella noite se recolhêram ao pé dellas.

Ao outro dia começáram a marchar; e como o Sol sahio, (que naquelle tempo andava no Tropico de Cancro, debaixo de quem aquellas terras jazem, e ficava perpendicular sobre suas cabeças,) era a quentura tão excessiva, que os abrazava, e por mór ajuda a agua era pouca, de maneira, que passáram muito grande trabalho. Depois de se recolherem com cedo, tomando parecer sobre o que fariam, assentáram, que caminhassem de noite, e se recolhessem de dia, porque o ardor do Sol não se podia esperar, e assim o fizeram. E como hiam por aquellas serras, foram dar em hum passo tão estreito, e ingreme, que lhes foi necessario descarregarem os camellos, e mulas, e passarem os soldados toda a artilheria, munições, e mais fabrica ás costas, sendo Dom Christovão o primeiro que ferrava do trabalho, com tamanha alegria, que fazia a todos sentirem aquillo menos. Seis dias tardáram em passar estas agruras, e serranias, sendo jornada de dous de hum homem escoteiro. Descidos os montes á outra banda, deram nas grandes campinas de Baroá, cabeça do Estado do Barnagais, que víram todas reta-

lha-

lhadas de muitas, e frescas ribeiras, e assim eram todas aquellas terras fertilissimas de mantimentos, e gados. Por alli foram caminhando dous dias, e no cabo delles chegáram á Cidade de Baroá, que era muito grande, e de formosos edificios. Por meio della atravessava hum muito grande rio, que de continuo trazia muitos, e bons pescados, que se espalhava por todos aquelles campos em muitos braços, e pelas margens havia muitas Villas, Castellos, quintas, e casas de prazer, que tudo estava destruido, e desbaratado com as guerras.

Ao entrar da Cidade, mandou D. Christovão pôr as bandeiras em ordenança, e elle com a de Christo, e com elle o Patriarca detrás. A' porta da Cidade achâram muitos Frades, e Religiosos em procissão, cantando as Ladainhas. Chegados a D. Christovão, e ao Patriarca, deitáram-se-lhes aos pés, abraçando-lhos, e pedindo-lhes misericordia; elles os levantáram com muitas lagrimas de prazer de se verem naquelle estado.

O seu maioral começou a engrandecer com palavras a D. Christovão, dizendo-lhe: » Que aquella Tua vinda era obra de Deos » nosso Senhor, que como seu Apostolo o » *mandava remir tantas avexações*, quantas » *havia* quatorze annos que padecia aquella » Christandade, por mãos de Mouros inimi-

» gos de ſua Fé, que tinham poſtos todos » aquelles Chriſtãos em huma miſeravel ſer» vidão, e os Templos, e Conventos de » ſua Chriſtianiſſima Religião deſtruidos, aſ» ſolados, e convertidos em caſas de abo» minações; e que não havia em todo aquel» le Imperio Templo alevantado, em que » pudeſſem offerecer ſeus Sacrificios ao Al» tiſſimo Deos, de cuja parte lhe pedia tor» naſſe ſua honra a ſeu lugar, e que reſti» tuiſſe aquella terra á ſua antiga liberdade. » Iſto diſſe com tanta dor, e mágoa, que moveo a todos a lagrimas. D. Chriſtovão diſſe: » Que ſe conſolaſſem, e tiveſſem eſpe» ranças em Deos noſſo Senhor, que elle era » o que lhes havia de dar forças, e poder » pera caſtigar ſeus inimigos.

Acabado iſto, foram caminhando pera a Igreja, que eſtava toda arruinada, e parecia que já fora couſa grande, aſſim em edificios, como em columnas, e portaes, de que ainda havia muitos ſinaes. Aqui tinham os Religioſos huma Capella cuberta de palha, em que diziam Miſſa; nella fez Dom Chriſtovão oração, e tornou a voltar pera fóra da Cidade, onde tinha mandado armar ſuas tendas.

Agazalhados todos, mandou D. Chriſtovão fortificar o ſeu arraial com foſſas, e vallos fortes, aſſentando ſua artilheria nos

lu-

lugares necessarios, e repartindo os Capitães por estancias, que cercavam todo o arraial. O Barnagais começou a correr com os mantimentos, dando cada dia oito vaccas, e dous bolos de milho, e nachinim grandes a cada pessoa, que lhes bastava bem, e as vaccas tambem se repartiam por todos. A D. Christovão deram-lhe novas, que os Mouros andavam por alli perto; e chamando o Barnagais, e mais Capitães Abexins, praticou com elles sobre o modo que teria naquella jornada; se esperaria pelo Imperador, ou se iria buscar os inimigos? O Barnagais lhe disse: » Que o Imperador estava muito » longe, e que havia mister dous mezes pe» ra lhe levarem o recado; que aquillo era » inverno, que se não podia andar pelas ter» ras por serem alagadiças; que era de pa» recer, que se deixassem estar naquelle lu» gar até vir o verão, que era ordinario en» trar por todo o mez de Outubro, e que » entretanto se podiam commetter os inimi» gos com alguns assaltos, pera satisfazer a » vontade dos soldados Portuguezes, que se » enfadavam de estar ociosos; e que se man» dasse buscar a Rainha pera andar no exerci» to, porque como por todo o Reyno se sou» besse estar em companhia dos Portuguezes, » logo lhe acudiriam seus vassallos, e todos » os mantimentos, de que tivesse necessidade. »

Pareceo bem a D. Christovão, e a todos aquelle conselho, e logo despedio hum correio á Rainha, que estava dalli a hum dia de caminho, a fazer-lhe a saber de sua vinda, e a pedir-lhe que se quizesse vir pera elle; e pedio ao Barnagais, que fosse após o correio pera a fazer vir, e acompanhar; e mandou Miguel da Cunha, e Francisco Velho, que fossem com elle com os seus soldados, pera virem acompanhando a Rainha. Tambem despedio D. Christovão correios, que o Barnagais ordenou com cartas pera o Imperador, em que lhe dava conta de todas estas cousas, e lhe pedia se viesse ajuntar com elle, porque esperava em Deos de desbaratar seus inimigos, e de lhe dar seus Reynos livres, e quietos.

O Barnagais com os Capitães Portuguezes chegáram ao pé da serra onde estava a Rainha, que já tinha o primeiro recado de D. Christovão, e estava com grande alvoroço; e vendo-se o Barnagais com ella, deo-lhe conta de tudo o que passava, e com muito alvoroço mandou chamar os Portuguezes assima, a quem ella recebeo com muitas honras, e os mandou agazalhar bem, em quanto se fazia prestes, mandando logo dar pressa pera ao outro dia se partir, como fez, deixando alli sua mãi (que ainda era viva) em companhia de seus filhos. Leva-

vava a Rainha grande casa de Donas, donzellas, e servidores de continuos della; e no meio dos Portuguezes foi caminhando pera Baroá. D. Christovão foi avisado de sua vinda, e preparou-se pera a receber, esperando-a fóra do exercito com toda a gente posta em ordenança, e elle vestido muito louçãmente; e em apparecendo a Rainha, começáram os nossos a dar-lhe huma formosa salva de artilheria, e arcabuzaria, cousa que ella estimou muito, porque nunca tal ouvíra.

A Rainha foi entrando por antre as fileiras, que a foram salvando de todas as partes. Vinha em huma formosa mula com huma maneira de andilhas, cubertas de seda até o chão, com hum esparavel, que se armava dos braços das andilhas, que se fechava todo á roda com cortinas de seda. A Rainha vinha vestida em humas roupas muito alvas, e por sima hum bedem de setim preto, com grandes cadilhos de ouro; trazia na cabeça huns toucados grandes, e alvos, e de sima da cabeça lhe cahia hum véo, que lhe cubria todo o rosto. Tanto que começou a entrar por meio das fileiras, deteo-se o Barnagais, e a tomou pela redea, com o braço direito despido pera maior cortezia, e por sima das espadoas huma pelle de Tigre, e a cada estribeira hia hum Senhor dos principaes da mesma maneira. Ella cor-

reo

reo as cortinas pera ir vendo os Portuguezes; e antes de chegar ao cabo das fileiras, onde D. Chriſtovão eſtava com a bandeira Real, foi-ſe elle adiantando pera lhe fallar. O Barnagais a aviſou de como elle era: pelo que ella, por lhe fazer honra, levantou o véo, e ficou com o roſto deſcuberto.

D. Chriſtovão chegando a ella, humilhou-ſe-lhe, e ella o recebeo com grande gazalhado, e mandou-lhe perguntar pelo Governador da India ſeu irmão, e pela ſaude delle; elle lhe mandou dizer: » Que o Gover-» nador ficava bem; e que por entender o » goſto que ElRey de Portugal ſeu Senhor » tinha de em tudo ajudar, favorecer, e ſer-» vir o Imperador ſeu filho, e a ella, e ſa-» bendo o trabalho em que eſtava, o mandá-» ra com aquella gente pera a acompanhar, » e que pera o anno eſperava de lhe man-» dar maior poder; e que entretanto elle » com aquelles ſoldados eſtava muito preſ-» tes pera tudo o que foſſe ſerviço do Im-» perador ſeu filho, e ſeu della. » A Rainha com o roſto cheio de gazalhado lhe mandou dizer: » Que já agora tinha muita con-» fiança em Deos N. Senhor, que as couſas da » Ethyopia, que eſtavam tão derribadas, tor-» naſſem a levantar cabeça, e os inimigos de » ſua Fé pagaſſem as injúrias, e affrontas, que » tinham feitas a ſeus Templos, e a ſeus Fieis.

Aca-

Acabado isto, tornáram a dar outra salva; e D. Christovão foi a pé acompanhando a Rainha até suas tendas, que lhe tinham já armadas antre a Cidade, e o exercito. Dahi a dous dias a foi D. Christovão visitar, estando com ella o Barnagais, e outros Senhores Abexins, e alli tornáram a assentar, que passassem naquelle lugar o inverno, e que entre tanto viria recado do Imperador. Assim ficáram alli todo o tempo, que o inverno durou, correndo D. Christovão sempre muito pontualmente com o serviço da Rainha, e com o governo do seu exercito, de feição, que não houve pessoa que se escandalizasse, nem tivesse aggravo de soldado algum seu em todo aquelle tempo.

DECADA QUINTA.
LIVRO VIII.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como Martim Affonso de Sousa foi eleito no anno de 1541 pera Governador da India: e de como ElRey mandou pedir a Roma Padres da Companhia: e quaes foram os primeiros que entráram em Portugal, e passáram á India: e do que aconteceo na jornada a Martim Affonso de Sousa até Moçambique, onde invernou.

PElas cartas que ElRey D. João o III. teve do Governador D. Estevão da Gama por terra, que chegáram este Outubro passado, soube da morte do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, e de sua succesão, pelo que logo determinou de prover a India de Governador. E posto que D.

D. Estevão da Gama tinha na Corte dous parentes tão honrados, como o Conde da Vidigueira seu irmão, e o do Vimioso seu cunhado, (que trabalháram bem por lhe não mandarem successor,) todavia pode mais a valia do Conde da Castanheira, que então mandava tudo, e metteo naquelle lugar Martim Affonso de Sousa, seu primo com irmão, que naquellas náos passadas tinha chegado da India tão honrado, e cheio de victorias. E posto que por então parecia que entrava valia naquella eleição, quanto á pessoa foi muito acertada, porque este Fidalgo tinha todas as partes necessarias pera o cargo, por cujo saber, e prudencia, depois, em quanto viveo, foi hum dos principaes do Conselho d'ElRey D. João, e de El-Rey D. Sebastião seu neto.

E como ElRey nesta conquista da India tinha o intento principal na dilatação da Fé Catholica, vendo como nella hia crescendo aquelle grão de mostarda do Evangelho tanto, que começava a fazer sombra a todo aquelle Paganismo do Oriente, e que por falta de Ministro deixava de se estender ainda mais, vindo-lhe novas como os Padres da nova Companhia de Jesus começavam a florecer em letras, e doutrina, despedio correios apressados a Roma com cartas a D. Pedro Mascarenhas, que lá tinha por

Em-

Embaixador, pera que lhe houvesse do Summo Pontifice, e do Padre Ignacio de Loyola, Fundador desta nova Religião, seis Padres pera irem á India a prégar, assoprar, e accender o lume da Fé naquelles carvões apagados da Gentilidade do Oriente.

Era o Padre Ignacio, ou Ignigo, que era o seu verdadeiro nome, de nação Hespanhol, natural da Provincia de Guipofcoa, filho de Beltrão de Loyola, Senhor da Villa de Loyola, e cabeça daquella Familia, que era nobilissima, que arrebatado de hum amor, e caridade sobrenatural de Deos, e dos proximos, desejando de aproveitar, e não ser chamado servo inutil, sahio de sua patria, e nos annos do Senhor de 1538, no Pontificado de Paulo III, começou a dar principio áquella nova Companhia, pondo nella as primeiras plantas, não simples, nem tenras, que os ventos, e contrastes pudessem logo derribar, mas de Varões gravissimos, doutissimos, e de vida Apostolica, que logo começáram a espantar o Mundo com sua vida, e doutrina.

D. Pedro Mascarenhas, tanto que lhe deram as cartas d'ElRey, logo communicou aquelle negocio com o Padre Ignacio, que era seu Confessor, mostrando-lhe as cartas, e com muita instancia lhe pedio os seis Padres, que ElRey lhe encommendava. O Pa-

Padre Ignacio lhe disse: » Que communicaria » aquillo com o Summo Pontifice; mas que » não podia dar seis Padres por não terem » até então mais de dez. » Todavia D. Pedro Mascarenhas communicou aquelle negocio com o Papa, e elle lhe concedeo os Padres, que a Ignacio parecesse bem. Em fim elle elegeo pera aquella jornada os Padres Mestres Simão Rodrigues, e Mestre Francisco Xavier, e o Padre Micer Paulo, e o Irmão Francisco de Monsilhas; e fazendo-se todos prestes, partiram-se logo com Dom Pedro Mascarenhas, que já estava aviado.

E chegando a Lisboa, acháram as náos de verga d'alto. ElRey recebeo bem os Padres, e vendo sua doutrina, pedio ao Padre Mestre Simão Rodrigues, que ficasse naquelle Reyno, e os mais mandou embarcar com Martim Affonso de Sousa. O Padre Mestre Simão fundou logo o Collegio de Coimbra, que foi o primeiro que os Padres tiveram em toda a Christandade, tirando o de Roma. O Governador Martim Affonso de Sousa deo á véla a sete de Abril deste anno de 1541, e hia embarcado na náo Sant-Iago. As mais náos eram quatro, de que hiam por Capitães D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que hia provído da Capitanía de Malaca, Alvaro Barradas, Francisco de Sousa, e

Luiz

Luiz Cayado, cunhado de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Affonso de Sousa. Embarcáram-se nesta Armada muitos Fidalgos, que hiam servir, e merecer. Antre elles foram D. João Pereira, e D. Duarte de Menezes seu irmão, filhos do Conde da Feira.

Este D. Duarte era mancebo, grande cortezão, e de quem se contam muitas galanterias, e huma só que nos occorreo trataremos pera mostrar o seu brio. Sendo o Governador Martim Affonso de Sousa huma tarde do inverno no campo, foi este Fidalgo em busca delle, e achou-o lançado na relva com os Fidalgos em conversação, e descavalgando, foi-se pera elle. O Governador o recebeo com grande gazalhado, perguntando-lhe: *Donde vem V. m. Senhor Dom Duarte?* Ao que lhe respondeo com muita graça: *De lá venho de tres, ou quatro Condes.* E assim era, porque era filho, e neto do Conde da Feira, e do Conde Prior D. João de Menezes. Outra galanteria quasi semelhante aconteceo em outra tarde destas a Bernaldim de Sousa, filho do Alcaide mór de Arronches, que era muito grande cortezão, e muito gago. Tinha elle muitas vezes porfias com o Governador Martim Affonso de Sousa sobre qual era o chefre dos Sousas. Bernaldim de Sousa dizia, que

que o Morgado de Arronches, e Martim Affonso, que a Casa do Prado. E chegando huma tarde o Bernaldim de Sousa ao campo em busca do Governador, levantou-se elle ao receber, dizendo pera os outros Fidalgos: *Aqui vem o Senhor Bernaldim de Sousa, que he dos chefres dos Sousas*; ao que elle respondeo gaguejando: *Esse osso haveis vós de roer.* Festejou-se muito a resposta, como tambem a de D. Duarte assima.

E tornando a nosso fio, Martim Affonso de Sousa foi seguindo sua derrota, em que teve tantos contrastes, que quando foram todas as náos ferrar Moçambique foi já em Setembro, e por não ser tempo de passar á India, deixou-se ficar pera a monção de Março. Estava João de Sepulveda por Capitão de Moçambique, que o recebeo muito bem, e havia pouco que succedêra na Capitanía a Aleixos de Sousa, que tambem alli estava pobre, por ter gastado tudo em serviço de Deos, e d'ElRey, como dissemos no Cap. IX. do III. Liv. O Governador estimou muito achallo alli, porque eram parentes, e amigos, e por sua honra, esforço, e saber; ficando todos correndo com muitos, e grandes primores. E aqui os deixaremos até tornar a elles.

CA-

CAPITULO II.

De como o Governador D. Estevão da Gama partio pera a India: e do que lhe aconteceo na jornada até chegar a Goa: e de como partio pera Cochim: e das nãos que negociou pera mandar ao Reyno por faltarem todas as de viagem.

DEsejoso o Governador D. Estevão da Gama de chegar a Goa antes das náos do Reyno, tanto que despedio seu irmão D. Christovão, mandou fazer prestes a Armada, e por fim de Julho se fez á véla, e foi tomar Sacotorá, onde fez agua, e se proveo de mantimentos. E partindo dalli, lhe deo hum tempo tão grosso, e tormentoso, (por ser a despedida do inverno da India,) que espalhou toda a Armada, e foi cada hum correndo por onde melhor pode á vontade dos ventos, perdidos, e alagados muitas vezes.

A galeota de Gaspar de Sousa, logo no primeiro dia, não podendo soffrer os mares, abrio por ser velha, e foi comida delles, acabando elle alli com seu irmão, e outros Fidalgos, que hiam embarcados com elle. Desappareceo mais a fusta de Alvaro Serrão; todas as outras foram alagadas, e cubertas dos mares muitas vezes, e as que pu-

puderam ſurdir, os galeões trabalháram por ſe pôrem por ſuas eſteiras, porque ficavam os mares maçados, e quebrados, com o que tinham mais algum folego, não largando as bombas das mãos, nem de dia, nem de noite, comendo pouco em pé, e dormindo muito menos, tudo com tanto trabalho do corpo, e do eſpirito, que não havia homem que ſe pudeſſe menear, e que não foſſe deſconfiado da vida, fazendo muitos votos, huns de Religião, outros de caſtidade, outros de romarias, conforme a como Deos os movia.

Antre eſtes houve hum ſoldado, que por galanteria fez voto a Deos; ſe o livraſſe daquella tormenta, de caſar com D. Leonor, filha de Garcia de Sá, (que era a mais formoſa Dama, que naquelle tempo havia na India, que depois caſou com Manoel de Souſa de Sepulveda, que ſe perdeo com ella no Cabo de Boa Eſperança, como em ſeu lugar diremos.) Depois da Armada chegar a Goa, contáram a Garcia de Sá o voto do ſoldado, o que elle feſtejou tanto, que o mandou buſcar, e lhe perguntou por couſas da jornada, de que lhe elle deo boa razão, dizendo-lhe que aquelle inverno ſe encheriam os Moſteiros de ſoldados, pelos muitos votos que ſe fizeram na tormenta. E vós (diſſe Garcia de Sá) fizeſtes alguns? O

ſol-

ſoldado lhe diſſe rindo: *Hum fiz, Senhor, que não poſſo cumprir, poſto que da minha parte eſtou muito preſtes.* E apertando Garcia de Sá com elle, lho contou, e elle lho feſtejou muito, e diſſe ao ſoldado, que pois em tal tempo lhe vieram penſamentos tão honrados, que era juſto lhe montaſſem alguma couſa. E chamando hum homem, que tinha cuidado de ſua caſa, chamado Franciſco Nunes, lhe mandou que agazalhaſſe comſigo aquelle ſoldado, e lhe déſſe de comer como a ſua propria peſſoa, e que lhe déſſe logo cem pardáos em dinheiro, e lhe fizeſſe hum caixão de fato pera ſua peſſoa, o melhor que pudeſſe ſer. E diſſe ao ſoldado, que ſe agazalhaſſe, e que em quanto quizeſſe teria alli certo o neceſſario, e como ſe lhe acabaſſe o dinheiro, lhe déſſe de olho, que logo ſería provído. E aſſim todo o tempo que viveo foi muito bem tratado delle, e muito conhecido de todos pelo ſoldado de Garcia de Sá; e depois que ſuccedeo na Governança da India, lhe deo huma Eſcrivaninha do galeão de Maluco, e morreo por lá. Trouxemos iſto pera que ſe veja o como os Fidalgos d'aquelle tempo tratavam os ſoldados, e os agazalhavam.

Tornando ao Governador D. Eſtevão da Gama, foi correndo a tormenta; e poſto que o ſeu galeão era formoſo, e grande,

de, elle, e todos os mais se víram muitas vezes perdidos, seguindo-os sempre alguns, que pudéram aturar o forol. E no fim de Agosto foi o Governador tomar Angediva com a mór parte dos galeões; a mais Armada, huns tomáram a barra de Goa a Velha, outros foram tomar Baçaim, Bombaim, e outros pórtos. O Governador embarcou-se logo em alguns navios de remo, que o seguíram, e entregou a Armada a Manoel de Vasconcellos, e com os mais Fidalgos de sua companhia se partio pera Goa; e os soldados dos galeões como hiam enfadados, ajuntando-se alguns magotes, partíram-se por terra pera Goa, pera onde passáram sem lhes fazerem damno, nem descortezia alguma.

O Governador poz dous dias até Goa, e foi muito bem recebido da Cidade, e ficou esperando pelas náos do Reyno todo o Setembro: e parecendo-lhe que iriam tomar Cochim, determinou de as ir lá esperar, porque se lhe viesse successor, se embarcasse pera o Reyno, e quando não, dar aviamento á carga das náos. E primeiro que partisse, mandou fazer prestes hum galeão pera mandar ao Reyno dalli de Goa por via de Moçambique pera mór brevidade, e deo a Capitanía delle a D. Francisco de Lima, escrevendo a ElRey o successo de sua jornada, e aos Condes da Vidigueira, e do Vimio-

miofo, a quem encommendou feus negocios. Efte galeão deixou o Governador prestes pera fe partir entrada de Outubro, dando por regimento a D. Francifco de Lima, que trabalhaffe por chegar ao Reyno antes que as náos foffem partidas. E elle fe embarcou pera Cochim, defpachando primeiro D. Francifco de Menezes pera ir entrar em Baçaim, e acabar feu tempo. Levou o Governador feis galeões, e perto de trinta navios de remo, e como levava vento frefco, em poucos dias foi a Cochim, onde não achou náos, o que o metteo em confusão, por não faber o que feria feito dellas, porque não haviam de deixar de partir de Portugal; pelo que determinou de mandar duas náos com pimenta, que já eftava comprada, pera ajuda das defpezas do Reyno, porque havia de eftar em neceffidade, pelos exceffivos gaftos que tinha feitos os annos atrás paffados nas grandes Armadas que á India foram. E affim com muita preffa mandou negociar huma náo pequena, que comprou a hum cafado de Cochim, a que poz nome *S. Thomé*; a Capitanía della deo a D. João Deça, e o galeão Zambuco, que Ruy Lourenço de Tavora tomou em Agaçaim, que fahio de manhas excellentes, cuja Capitanía deo a João de Mendoça Cafsão.

E

E porque ſobejava pimenta, negociou mais huma caravela das que comſigo levou, que deo a D. Pedro de Caſtello-branco, que tinha ſahido da fortaleza de Ormuz, de quem elle era muito amigo. Eſtes tres navios ſe negociáram com tanta brevidade, que na entrada de Janeiro deſte anno de 1542, em que com o favor Divino entramos, ſe fizeram á véla. Embarcáram-ſe muitos Fidalgos nellas, e ſó na S. Thomé com Dom João Deça, foram D. João Manoel Labaſtro, D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, D. João de Caſtro, D. Bernardo de Noronha, D. Jorge de Souſa, Dom Jorge Tello, D. João Lobo, Manoel de Mendoça, e outros.

E porque não havia tantos marinheiros, e grumetes, tomáram eſtes Fidalgos todo o trabalho da náo á ſua conta, repartindo antre ſi as couſas mais neceſſarias, por eſta maneira. Dous delles os amantilhos, outros dous as eſcotas das gaveas, outros dous os eſtingues, hum o cabreſtante da prôa, outro o de poppa; e aſſim toda a viagem acudíram a eſtas couſas com ſeus criados com tanta diligencia, e preſteza, que o não pudéram fazer melhor muito expertos marinheiros, e por eſta razão ſe chamou eſta náo a dos Fidalgos, e tiveram tão boa viagem, que chegáram a Portugal na entrada de Julho. O

Governador D. Eſtevão da Gama, depois de dar aviamento ás náos, vendo que forçado as de viagem que faltavam haviam de eſtar em Moçambique, deſpedio logo hum galeão, de que fez Capitão Luiz Mendes de Vaſconcellos pera ir lá, dando-lhe por regimento, que ſe achaſſe as náos lhe tomaſſe os cofres do cabedal, e ſe tornaſſe a invernar á India, pera com o dinheiro ſer negociada a pimenta pera a carga de ambas as Armadas, que haviam de chegar em Setembro, aſſim a que eſtava invernada, como a que havia de vir, e partir em Março; e de ſua viagem adiante daremos razão.

Depois do Governador D. Eſtevão da Gama partir de Goa, chegáram navios de Ormuz, que deram por novas, que Martim Affonſo de Souſa era partido do Reyno por Governador da India; eſtas novas ſe ſouberam por cartas de Veneza. Eſtava em Goa hum Fidalgo, chamado Diogo Soares de Mello, Gallego, grande Cavalleiro, que não era amigo do Governador D. Eſtevão da Gama, e era-o muito grande de Martim Affonſo de Souſa. Eſte ſabendo as novas, e entendendo que havia de eſtar em Moçambique de invernada, negociou huma galeota em ſegredo, e partio-ſe em Dezembro pera o ir buſcar.

E primeiro que entremos em outra mate-

te-

teria, ſerá bem que demos conta da viagem de todas eſtas náos brevemente; e primeiro continuaremos com D. Franciſco de Lima, que partio de Goa. Eſte Fidalgo foi ſeguindo ſua derrota, e na entrada de Dezembro foi tomar Moçambique, onde achou Martim Affonſo de Souſa tal, que lhe não fallou por eſtar com humas grandes febres, e freneſis, rapado da cabeça, e barba, e quaſi na derradeira. D. Franciſco de Lima fez aguada, e foi ſeguindo ſua jornada até chegar ao Reyno, e entrou por Lisboa em Abril, depois da Armada partida pera a India.

Foi eſte Fidalgo muito bem recebido d'ElRey, e por elle ſoube muito particularmente as novas da India, e lhe affirmou que Martim Affonſo de Souſa ſería morto, pelo eſtado em que o deixára em Moçambique. As outras náos que partíram de Cochim chegáram a ſalvamento, ſó a caravela de D. Pedro de Caſtello-branco encontrou na volta das Ilhas dos Aſſores huns navios Francezes, que o abordáram, e entráram, roubando-o, e tomando-lhe tudo o que levava, e aſſim chegou ao Reyno, e logo ſe paſſou a França com cartas d'ElRey a requerer ſua fazenda, porque fora roubado, havendo pazes antre aquelles dous Reys. Eſte Fidalgo andou na Corte de París muito

to tempo, requerendo áquelle Rey lhe mandasse fazer restituição de sua fazenda, sobre o que elle (segundo dizem) mandou fazer diligencias dissimuladas, sabendo elle mui bem o que lhe fizeram, e tendo quinhão nas peças, que lhe tomáram; e D. Pedro lhe conheceo humas estribeiras de ouro, e huns anneis ricos. Estando hum dia em praticas com elle, desculpando-se elle, que se não achava rasto de cousa alguma, nem elle sabia donde aquillo podia vir, lhe respondeo D. Pedro: » Como, Senhor, dizeis isso? se » as estribeiras que o outro dia levastes eram » minhas, e esses anneis que tendes nos de» dos eu os mandei fazer? » No que isto parou não soubemos cá na India, onde escrevemos isto; sómente nos parece ouvir em Portugal dizer, que algumas peças, e fazendas lhe tornáram, porque depois viveo este Fidalgo rico, e por sua morte ficou seu filho D. Antonio de Castello-branco com muita renda, e casa, e casou com huma filha do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, cujo casamento os pais delles fizeram na India, de quem se não logrou tres mezes. E conta-se delle esta grandeza, que depois da mulher falecer, deixando-o a elle por herdeiro de tudo, tomou o casamento que lhe deram em dinheiro, (que eram quinze mil cruzados,) e os mandou a D. Alvaro seu cunha-

nhado, mandando-lhe dizer, que tinha escrupulo de comer aquelle dinheiro, que seu pai D. Garcia ganhára, e que sua filha tão mal lográra. Foi D. Pedro de Castello-branco casado com huma filha de João Brandão, neta do grande Duarte Brandão.

E tornando á nossa historia, partido Diogo Soares de Mello na galeota, chegou a Moçambique em Janeiro, e já achou Martim Affonso de Sousa são, que o recebeo muito bem, e estimou muito sua vinda. Logo depois delle chegou Luiz Mendes de Vasconcellos, a que o Governador Martim Affonso de Sousa não fez muita festa, e mandou metter o galeão dentro, negociando-se pera se partir em Março por lhe Diogo Soares de Mello facilitar a jornada.

CAPITULO III.

De como o Nizamoxá tomou as fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, que eram do Estado de Cambaya: e de como D. Francisco de Menezes Capitão de Baçaim foi soccorrer os Senhores dellas, e as tornou a ganhar: e da Doação que dellas fizeram a ElRey de Portugal.

VEndo o Nizamoxá as grandes revoltas que estes annos passados houve no Reyno de Cambaya com a morte de Soltão Ba-

Badur, desejou de haver ás mãos duas fortalezas daquelle Reyno, que estavam nos estremos de seus Reynos sobre duas altissimas serras, que subiam como pyramides, em cujo cume estavam ambas, muito fortes, assim por sitio, como por artificio, que se chamavam Sangaçá, e Carnalá, pouca distancia huma da outra, que apparecem a quem vai pelo rio de Bombaim dentro. Estas duas fortalezas tinha Soltão Badur dadas a dous Mouros seus vassallos, chamados Nacodá Amorgim, e Atridican, que nellas residiam com gente de guarnição, e comiam muitas aldêas, que havia por derredor de sua jurdição. Estes dous Castellos tinham os Reys de Cambaya naquella parte, como dous marcos dos estremos do seu Reyno, e do Nizamoxá. E trazendo este Rey o olho sobre ellas havia muito, desejando alguma occasião pera as haver ás mãos, veio-lha offerecer o tempo na entrada deste verão em que entramos, com serem ausentes estes Capitães, que se apoderáram dellas. Quando os dous Mouros Amergim, e Atridican tornáram de Cambaya, e as acháram tomadas, não tiveram outro remedio mais que valerem-se de D. Francisco de Menezes, Capitão de Baçaim, que havia pouco era chegado áquella fortaleza, pedindo-lhe ajuda pera as tornarem a ganhar, obrigando-

se

ſe a ſe fazerem vaſſallos d'ElRey de Portugal.

Eſta obrigação, nem os pontos della não apparecem, nem nós o ſabemos, ſó ſabemos que ajuntou D. Franciſco de Menezes trezentos Portuguezes, e alguns peães da terra, e embarcando-ſe em muitos navios foi pelo rio dentro deſembarcar ao pé daquellas fortalezas, e pondo ſua gente em ordem, fez della tres bandeiras, de que deo as Capitanías a D. Jorge, e a D. Aleixo de Menezes ſeus ſobrinhos, e a outra tomou pera ſi, e toda a gente da terra hia debaixo da bandeira de Pero de Lemos, Tanadar mór das terras de Baçaim, e os dous Capitães Mouros com ſua gente, que ſeriam perto de quatrocentos homens. D. Franciſco de Menezes deo a dianteira a D. Aleixo de Menezes, que começou logo a marchar pela ſerra aſſima, indo todos devagar por chegarem folgados, e póſtos em ſima, commettêram a fortaleza de Carnalá cercando-a á roda, e encoſtando-lhe logo muitas eſcadas, que pera iſſo levavam, a commettêram com grande impeto, pondo-ſe logo em ſima dos muros. Os de dentro vendo a determinação dos Portuguezes, cortados de medo ſe lançáram por huma parte, que hia a pique ſerra abaixo, e perigando alguns, os mais ſe acolhêram, fican-

cando a fortaleza vasia, que logo foi entrada.

E deixando-lhe dentro guarnição, foram logo em fresco commetter a de Sangaçá, que já tinha rebate do que succedêra á outra; e não querendo os de dentro experimentar o ferro Portuguez, primeiro que elles chegassem se acolhêram, ficando desta feita aquellas fortalezas em poder de D. Francisco de Menezes, sem golpe de espada; e logo fez dellas entrega aos Mouros, que lançando suas contas, e vendo que já lhes ficava contenda com o Nizamoxá, não se atrevêram a defender aquellas fortalezas sem o favor de D. Francisco de Menezes; e antes que se partisse lhe pedíram, que até se segurarem lhes deixasse aquelles dous sobrinhos com alguns soldados, e que elles lhes fariam todas as despezas. D. Francisco de Menezes lho concedeo, deixando D. Alvaro em Sangaçá, e D. Jorge em Carnalá com sessenta arcabuzeiros cada hum, e muitas munições; o que tudo provído se tornou pera Baçaim, e despedio recado ao Governador de tudo o que era passado. O Nizamoxá teve logo aviso do negocio, e despedio tres Capitães com quatro, ou sinco mil homens, que entráram pelas aldêas da jurdição daquellas fortalezas, e as destruíram, e assoláram de todo. Vendo Amergim, e Atridi-

can

can que ficavam ſem rendas pera ſupprirem as deſpezas, e que o Nizamoxá havia de metter todo o cabedal por tornar a haver aquellas fortalezas, aſſentáram, que lhes não vinha bem contenderem com inimigo tão poderoſo, que o bom ſería largallas de todo aos Portuguezes com alguns partidos; e aſſim ſe carteáram com D. Franciſco de Menezes, ſobre o que foram, e tornáram recados até ſe concertarem, que lhes dariam algumas aldêas nas terras de Baçaim, e que largaſſem aquellas fortalezas; de que logo fizeram Doação a ElRey de Portugal, e ſe recolhêram a Baçaim.

D. Franciſco de Menezes mandou prover as fortalezas, como proprias do Eſtado; e porque D. Jorge de Menezes adoeceo, e ſe foi curar a Baçaim, mandou em ſeu lugar Pero de Lemos, Tanadar mór. O Nizamoxá não ſabendo ainda deſte contrato, havendo que toda a contenda era com os Capitães Mouros, deſpedio mais Capitães com outros ſeis mil homens, em que entravam muitos Magores, mil arcabuzeiros, e oitocentos cavallos acubertados, e mandou que lhes tomaſſem aquellas fortalezas.

Eſtes Capitães ajuntando os mais que andavam pelas terras, foram pôr cerco á fortaleza de Sangaçá, em que eſtava D. Aleixo de Menezes, e cercando-a á roda, a commet-

mettêram por todas as partes com grande determinação. D. Aleixo com grande valor, e esforço lha defendeo com muito damno dos inimigos, que todo aquelle dia lhe não deram eſpaço pera comerem ſenão em pé, e com as eſpingardas nos roſtos, e de noite tambem a paſſáram toda com as armas ás coſtas; e no quarto da modorra deitou D. Aleixo hum peão, homem muito determinado, que ſe offereceo pera ir dar aviſo ao Capitão de Baçaim. Eſte peão como foi ao pé do Caſtello, em gatinhas, e arraſtos, foi paſſando por bem perto dos inimigos, e tomou hum caminho pela ſerra abaixo, não muito uſado, e andando toda a noite, ao outro dia chegou a Baçaim, e deo recado ao Capitão.

D. Franciſco de Menezes logo ſe foi pôr na praia, e mandou repicar o ſino pera lhe acudir a gente, e entretanto fez negociar todas as embarcações grandes, e pequenas que achou, que foram muitas. Os caſados, e ſoldados acudindo á praia com ſuas armas, eſcolheo D. Franciſco de Menezes cento e ſeſſenta homens de pé, e vinte de cavallo, e mandou appellidar as aldêas, de que lhe logo acudíram mil e duzentos peães com ſeus Naiques; e em quanto eſtes ſe ajuntavam, pera quem deixou embarcações, elle ſe embarcou com toda a gente. Os Fidalgos

gos que o acompanháram nesta jornada, foram D. Jorge de Menezes, que já estava são, D. Roque Tello, D. Pedro de Menezes o ruivo, irmão do Conde de Cantanhede, Rodrigo Homem, Estevão Peixoto, e outros Cavalleiros honrados; e foi esperando pelos peães, que o foram tomar ao caminho. Ao outro dia foram amanhecer ao pé daquellas fortalezas. D. Aleixo foi este dia combatido de todos os Capitães mui asperamente, fazendo elle, e todos os companheiros tudo o que foi necessario pera sua defensão, rebatendo os inimigos por muitas vezes, de que algumas os tiveram entrados. E esta noite passáram tambem grande trabalho, porque os não deixáram repousar hum momento com assaltos; mas bem lhes custou, porque a nossa espingardaria fez nelles bem grande estrago.

CAPITULO IV.

De como Jorge de Lima, Capitão de Chaul, avisou D. Francisco de Menezes da gente do Nizamoxá: e da grande batalha que deo aos inimigos, em que os desbaratou.

ESTava neste tempo por Capitão em Chaul Jorge de Lima, que tanto que o Nizamoxá despedio aquelles Capitães, logo teve

car-

cartas da ſua Corte da gente que era, e pera onde hia. E como conhecia do animo, e valor de D. Franciſco de Menezes, que não havia de deixar de ſoccorrer aquellas fortalezas, por muito que foſſe o poder, todavia pareceo-lhe obrigação aviſallo, como fez por huma carta mui apreſſada, em que lhe dava muito particular conta dos Capitães que eram, e da gente que levavam, aconſelhando-lhe, que devia de ſobreeſtar até vir recado do Governador, a quem já tinha eſcrito, que o ſoccorreſſe.

D. Franciſco de Menezes tanto que chegou ao pé das fortalezas, deſembarcou toda a gente, e deſpedio hum peão a Pero de Lemos, que eſtava em Carnalá com hum eſcrito, em que lhe mandava dizer, que lhe mandaſſe ao caminho vinte ſoldados eſpingardeiros; e elle ficou junto de huma ribeira pondo ſua gente em ordem. Eſtando aqui, lhe deram a carta de Jorge de Lima, que abrio, e leo em ſegredo com hum roſto muito alegre, e riſonho. E porque chegavam a elle muitos homens pera ſaberem o que era, ſem fazer termo algum, foi lendo a carta alto pera que a ouviſſem todos, mudando-lhe as palavras com tanta preſſa, e artificio, que foi eſpanto, na maneira ſeguinte:

» Senhor, são partidos alguns Capitães

» do

» do Nizamoxá pera as fortalezas de Sanga-
» çá, e Carnalá: a gente que levam he pou-
» ca, e esta ainda forçada, e atemorizada,
» por isso apresse-se V. m. porque não tem
» nelles hum almoço.» E dobrando a carta, disse:

» Vedes aqui, Senhores, do que nos avi-
» sa Jorge de Lima, por certo que tomára
» eu que foram os inimigos mais pera a vi-
» toria, que por virtude de vossos braços
» espero de haver ser mais de gloriar; mas
» já que assim he, vamos buscar estes pou-
» cos, e desenganemo-los, porque nos não
» tornem outra vez a inquietar; e cada hum
» siga-me, e faça o que eu fizer.» E logo cavalgou com a gente posta em ordem, e começou a marchar.

Alguns grandes Capitães tiveram pera si que não era licito mentir nunca, senão offerecendo-se perigo, ou pela saude da patria; e assim o usou algumas vezes o grande Sertorio, que em tempo de grandes necessidades mentia a seus soldados, e lhes lia cartas fingidas pera os tirar do temor em que os via, porque todo o outro mentir em hum Capitão he baixeza. Da mesma maneira este valoroso Capitão D. Francisco de Menezes, vendo que se fallava verdade, ficavam os das fortalezas a risco de se perderem; porque se descubrisse aos seus o poder dos

ini-

inimigos, não haviam de querer paſſar dalli, e tudo ſe perderia. Em fim, elle foi caminhando em muito boa ordem, e logo encontrou os eſpingardeiros, que Pero de Lemos lhe mandava. Os inimigos logo tiveram aviſo do Capitão de Baçaim ſer chegado de ſoccorro, e deſcêram abaixo, e lançáram-ſe em duas emboſcadas de mil homens cada huma, deitando-lhe alguns poucos deſcubertamente, que traváram com D. Jorge de Menezes, que hia na dianteira, que lhes lançou alguns peães, que foram pelejando com elles até os metterem no meio das emboſcadas. Os inimigos de ſoffregos ſahíram dellas, e deram nos peães, que fizeram voltar pera D. Jorge. Os Portuguezes de ſua companhia vendo os inimigos, tambem voltáram alguns pera irem buſcar as embarcações. D. Jorge com grande animo teve o encontro aos inimigos, chamando pelos que o deixavam, e affrontando-os de palavras.

D. Franciſco de Menezes com os vinte de cavallo tomou hum paſſo eſtreito do rio por onde os inimigos haviam de paſſar, (e já o vinham demandar,) e alli ſobre a paſſagem ſe travou huma aſpera batalha, pondo-ſe D. Franciſco de Menezes diante. E ao primeiro em que poz a lança deo com elle do cavallo abaixo, que aſſim nelle, como nas armas ſe differençava dos mais, por

on-

onde ſe julgou ſer o Capitão daquella companhia. D. Roque Tello, D. Pedro de Menezes, Eſtevão Peixoto, e Rodrigo Homem nunca largáram D. Franciſco de Menezes, e todos derribáram de encontros alguns Mouros, defendendo-lhes com muito esforço, e valor aquelle paſſo. D. Jorge de Menezes, que pelejava na dianteira, poz as coſtas pera D. Franciſco de Menezes pelo não commetterem os inimigos por detrás; e todavia apertáram tanto com elle, que ſe baralháram todos, pelejando-ſe de ſua parte com grande esforço.

Aqui ſuccedeo huma couſa mui digna de memoria a hum Foão Trancoſo, irmão do Doutor Antonio Trancoſo, Deſembargador da Caſa do Civel, (homens mui nobres, que eu conheci mui bem.) Era eſte Trancoſo hum homem agigantado, e muito forçoſo: andando accezo na batalha, (em que tinha mui bem pelejado, e moſtrado o valor de ſua peſſoa,) alcançou com a mão eſquerda hum Mouro, e mettendo-lhe o braço pelo cingidouro, que era hum camarabando de muitas voltas, o alevantou no ar, fazendo delle adarga, e remettendo com os Mouros, lançou-ſe no meio delles como hum leão, matando, e derribando muitos, não ouſando os Mouros a deſcarregar nelle ſeus golpes, por não matarem o compa-

nheiro, com quem o Trancoso se amparava dos que lhe tiravam, e se alguns lhe deram, todos recebeo nelle; e assim desta maneira fez grandes destruições nos Mouros muito a seu salvo. Feito era este por certo digno de se engrandecer com mais palavras; mas se o houvermos de fazer a todos os grandes, faltar-nos-ha tinta, faltar-nos-ha papel, faltar-nos-ha tempo, e faltar-nos-ha estilo pera isso. Este homem viveo depois muitos annos, e foi casado em Taná, onde teve netas, casadas com D. Francisco de Sousa, e D. Diniz de Almeida, ambos provídos da fortaleza de Dio, que nenhum logrou.

E tornando a D. Francisco de Menezes, aquella gente de cavallo, com que pelejava no passo do rio, era chegada daquella hora do Balagate, e não sabiam della os outros Capitães Mouros, e vinham demandar áquella hora aquella ribeira pera refrescarem, e descançarem, sem saberem das ciladas, que estavam armadas aos nossos; e andando em batalha com D. Francisco de Menezes, (que os tinha assás bem escandalizados,) indo os da parte de D. Jorge em desbarato pera as embarcações, como atrás dissemos, foram dar em outra cilada, que lhes sahio de través: elles embaraçados com aquelle supito temor, tornáram a voltar fugindo pera o

pe-

perigo, de que primeiro fugíram, e foram com aquelle impeto pera aquella parte onde D. Francisco de Menezes pelejava pera se ampararem com elle. Os Mouros que pelejavam com D. Francisco de Menezes, não sabendo o que aquillo era, parecendo-lhes sería gente que chegava de soccorro, como já estavam escandalizados, e bem cortados dos nossos, supitamente voltáram fugindo daquelles, que hiam fugindo dos seus, deixando-se vencer dos que hiam vencidos.

Vendo D. Francisco de Menezes aquelle medo, foi carregando sobre elles, matando, e derribando nelles á sua vontade. Os nossos, que vieram fugindo pera D. Francisco de Menezes, vendo tão supita mudança, cobrando hum novo animo, ajuntando-se com a sua bandeira, foram seguindo a vitoria. D. Jorge que até então esteve em grande aperto pelo pezo dos inimigos, ajuntando-se todos os seus, foi seguindo o alcance aos Mouros, que se puzeram em desbarato, vendo fugir os que pelejavam com Dom Francisco de Menezes; e levavam tamanho medo, que chegando ao arraial, que tinham sobre Sangaçá, não parando nelle, foram fugindo pela outra banda, indo sempre Dom Jorge nas suas costas picando-os, e fazendo nelles muito grande estrago. D. Francisco de Menezes chegou assima á fortaleza,

e achou o arraial dos inimigos vaſio de gente, mas não de mantimento, de munições, e de armas, e de tudo o mais que os inimigos com a preſſa não pudéram levar. E não ſe detendo, paſſou adiante a favorecer D. Jorge, que hia no alcance dos inimigos; e não ſe precatando, deram nelle por detrás trezentos eſpingardeiros, que eſtavam ſobre Carnalá, que ſe hiam recolhendo pera o arraial, não cuidando que o damno dos ſeus era tão grande; e vendo ir Dom Franciſco de Menezes, arrebentáram daquella maneira, e deram-lhe huma ſurriada de que lhe feríram alguns, e deſviando-ſe, foram dando em alguns dos noſſos deſmandados, e matáram doze.

D. Franciſco de Menezes mandou recado a D. Jorge, que ſe recolheſſe, como fez, e tornáram-ſe pera o arraial, ſahindo Dom Aleixo da fortaleza a lhe fallar. Os mantimentos, e munições todas ſe recolhêram na fortaleza, e tudo o mais ſe entregou aos ſoldados, que ſaqueáram bem á ſua vontade, e achiram boas prezas. Morrêram neſta batalha quinhentos dos inimigos, afóra muitos feridos. Dos noſſos morreriam quaſi vinte; e provendo D. Franciſco de Menezes aquellas fortalezas de mais gente, recolheo-ſe a Baçaim vitorioſo.

CA-

CAPITULO V.

Do que fez o Governador D. Estevão da Gama depois que deo aviamento ás náos do Reyno: e de como partio pera o Norte: e do soccorro que mandou a Sangaçá, e Carnalá: e dos tratos, que Nizamoxá teve com elle sobre lhe largar aquellas fortalezas: e das pareas a que se obrigou por ellas.

PORque ha muito que deixámos o Governador D. Estevão da Gama, he necessario tornar a continuar com elle por guardarmos a ordem da historia: Depois que despedio as náos pera o Reyno, logo voltou pera Goa, aonde chegou ainda em Janeiro, e despachou Manoel de Sousa de Sepulveda pera ir entrar na fortaleza de Dio, de que nestas náos foi provído por huma carta missiva. E porque aqui succedeo hum primor bem grande a D. João Mascarenhas com elle, bem differente do que hoje se usa na India entre os Fidalgos, não deixaremos de o contar.

Estava D. João Mascarenhas provído da Capitanía de Dio por huma Patente, que lhe tinha vindo o anno atrás passado, pera ir entrar após Diogo Lopes de Sousa, que a estava servindo, e nestas náos passadas man-

mandou ElRey a Manoel de Sousa de Sepulveda huma carta missiva, por que lhe fazia mercê da fortaleza de Dio na vagante de Diogo Lopes de Sousa, antepondo-o a D. João Mascarenhas; e diziam, que aquillo fora cousa da Rainha D. Catharina, que favorecia muito suas cousas, porque era Castelhano, e seu pai viera com ella de Castella. Tanto que Manoel de Sousa teve a carta, mandou-a mostrar a D. João Mascarenhas, pera que visse que por ella entrava primeiro na fortaleza; e elle D. João Mascarenhas vendo a carta d'ElRey, a poz sobre sua cabeça, dizendo, que se cumprisse sua vontade, pois estava tão clara, que elle entraria quando lhe coubesse; e assim foi Manoel de Sousa entrar, podendo D. João allegar de seu direito, como depois fizeram muitos Fidalgos, que tinham mais o olho em seu interesse particular, que no serviço, e vontade d'ElRey, sentenceando-se em outros casos semelhantes, que Patente sempre precedia a carta missiva, e que a tenção d'ElRey nunca era prejudicar a terceiros, nem metter hum provído diante do outro; mas aquella Fidalguia, e primor dos homens daquelle tempo está tão corrompida neste, que já não ha nenhum que vá entrar em sua fortaleza, ou em qualquer outro cargo, com que esteja provído, e despachado sem pas-

sar

ſar primeiro pelo eſcabel da demanda, arguindo huns aos outros defeitos em ſuas Patentes; e o que ainda he peior, que o fazem em ſuas peſſoas pera lhes precederem. Eſta corrupção, e malicia entrou na India depois que nella entráram tantos Letrados Juriſtas, porque com elles entrou hum marulho, que veio a dar em mares cruzados de trapaças, em que ferve todo eſte Eſtado. E deixando eſta materia, tornemos a noſſo fio. Tanto que o Governador deo expediente em Goa a muitos negocios, tornouſe a embarcar em navios ligeiros por cauſa dos Noroeſtes, pera ir viſitar as fortalezas do Norte; e no caminho encontrou o recado de Jorge de Lima, Capitão de Chaul, do aperto em que eſtavam as fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, e deſpedio com muita preſſa Triſtão de Taíde com oito navios, em que levava duzentos homens, pera ſe ir ajuntar com D. Franciſco de Menezes, que ſe foi adiantando. O Governador D. Eſtevão da Gama chegou a Chaul ao outro dia, depois que Jorge de Lima eſcreveo aquella carta a D. Franciſco de Menezes, e não havia ainda novas do que era paſſado. E como tinha já mandado Triſtão de Taíde com o ſoccorro, ficou eſperando recado. Triſtão de Taíde deo-ſe tanta preſſa, que chegou ao pé daquellas fortalezas ao outro dia, depois

pois de D. Francifco de Menezes fe ter ido pera Baçaim; e fabendo da vitoria que tinha alcançado, voltou pera o Governador, que feftejou em eftremo as novas, e ficou dando defpacho a muitas coufas.

O Nizamoxá teve logo rebate do desbarato dos feus Capitães, e juntamente foube ferem já aquellas fortalezas dos Portuguezes; e vendo que já lhe ficava contenda com homens mais poderofos, e com quem não havia de ter bom partido, ficou muito malenconizado; e logo tambem lhe chegáram novas de como o Governador era chegado a Chaul, porque lhas defpedíram pela pofta. E porque tinha pazes com o Eftado, e corria com elle em amizade, determinou de o mandar vifitar, e a voltas diffo ver fe podia haver delle aquellas fortalezas com todos os partidos que quizeffe, porque lhe não vinha bem eftarem em poder alheio duas forças tão importantes nos eftremos de feus Reynos, porque fempre lhe teria o vizinho que as tiveffe, com ellas o pé no pefcoço. Pelo que logo defpedio hum Embaixador mui bem acompanhado, que o Governador D. Eftevão da Gama recebeo com muitas honras. E depois de fazer fua vifitação, tratou o negocio a que hia fobre aquellas fortalezas, pedindo-lhe que lhas largaffe, que daria as pareas que foffem juftas, e honeftas.

O

O Governador poz aquelle negocio em conſelho; e aſſentou-ſe, que aquellas fortalezas não ſerviam ao Eſtado de mais, que de fazer deſpezas com ellas, e que de nenhuma importancia eram. Com eſta reſolução tratou aquelle negocio com o Embaixador, que trazia poderes pera tudo, e vieram a concluir: » Que lhe largaria aquellas » duas fortalezas, porque o Zamaluco lhe » obrigaria a dar cada anno de pareas ſinco » mil pardáos de ouro, além dos dous mil » que já pagava, pela obrigação que lhe poz » o Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida. E » que deſtes ſete mil pardáos de ouro (de » que fez obrigação por encheio, que ſe não » acha, por tudo ſer perdido) ſe pagariam » os Officiaes d'ElRey de Portugal nas fa- » zendas das ſuas náos, que foſſem de Or- » muz, ou de Meca ter áquelle porto de » Chaul. E que os Governadores da India » as poderiam mandar tomar pera com ef- » feito ſerem pagos da dita quantia. » Eſtes ſete mil pardáos de ouro ſe pagam, e arrecadam por andarem por regimento naquella fortaleza, e pela poſſe em que ElRey de Portugal eſtá, e não ha delles mais obrigação, porque neſte Eſtado commummente ſe tratou quaſi ſempre mais do que relevava a cada hum em particular, que do que importava a ElRey. E ainda que nos ſobejára

ra o tempo, e a idade pera paſſar avante. o pouco goſto, e favores que hoje ha nos homens, nos tem bem encolhido, e arrependido deſta empreza, porque já não ha no Mundo quem pertenda perpetuidade na eſcritura, ſenão accreſcentamento na fazenda.

Queixava-ſe João de Barros já no tempo que eſcrevia, que os homens que hiam da India, de quem tomava as informações, que o marinheiro não lhe queria dar razão ſenão da arte de marear, o mercador das fazendas que corriam, o ſoldado das couſas em que elle ſe achára; e nós queixamo-nos, que nem o marinheiro, nem o mercador, nem o ſoldado, nem ainda o Fidalgo querem que lhe pergunte ſenão pelos preços das fazendas que correm na terra, pelo que valerá em Ormuz, e em Malaca, pelo que tiráram de ſuas fortalezas; e todo o que os demanda pera lhes perguntar pelas couſas da guerra, e do conſelho, e por outras deſta qualidade, que em outro tempo tinham por obrigação, tem hum homem por jogral, e não lhe falta mais que apedrejarem-no por doudo; não negando porém, que antre tantos não haja alguns porquem a honra ainda puxa, e que folgam de favorecer noſſo trabalho (com palavras) e ſem algum ſeu.

Deixando eſtas miſerias do Mundo, torne-

nemos á nossa historia, com segurarmos, que nem o pouco gosto, nem os poucos favores seram bastantes pera desistirmos de nosso proposito; porque ainda que alguns dos presentes não pertendam fama, não deixáram de alcançar os passados toda a sua, que tanto merecêram, porque se não perca tudo.

CAPITULO VI.

De como o Governador D. Estevão da Gama escreveo a D. Francisco de Menezes largasse aquellas duas fortalezas ao Nizamoxá: e dos inconvenientes que teve: e de como em fim lhas largou: e de outras cousas em que o Governador proveo: e de todos os Reys Mouros, que houve naquelle Reyno de Mandanager, ou de Chaul.

FEitos, e affinados os contratos, passou o Governador D. Estevão da Gama huma Provisão ao Embaixador pera ir a Baçaim tomar entrega daquellas fortalezas, escrevendo a D. Francisco de Menezes, como se assentára em conselho, que se largassem, porque mais importava ao Estado sincoenta mil pardáos de ouro de renda cada anno, sem despeza alguma, que tellas, e sustentallas com tamanha, e com tão grande risco. Este Embaixador chegou a Baçaim, e deo a carta, e a Provisão a D. Francisco de Mene-

nezes; o que elle tomou muito mal, pelo que lhe aquellas fortalezas tinham custado. E sobrestando na entrega dellas, escreveo ao Governador huma carta em que se queixava » de concluir aquelle negocio sem seu » parecer, estando tão perto, sendo elle o » que ganhou aquellas fortalezas com a lan» ça na mão, e que havia tão pouco que as » tinha descercado com tanto risco seu; e » que se ellas custáram tanto aos Fidalgos » que votáram naquelle negocio, não hou» veram em algum tempo de ser daquelle pa» recer. E que quanto a elle, havia por mui» to descredito do Estado largar aquellas for» talezas por aquelle modo a Rey, que ne» nhum direito tinha nellas, que se algum » o tinha, era ElRey de Cambaya, de cujo » Estado eram: » dando sobre isto muitas razões, como Fidalgo muito prudente que era, desenganando ao Governador, que em quanto elle fosse Capitão de Baçaim, não as havia de largar. Com isto despedio o Embaixador, que logo mandou pela posta recado ao seu Rey, que como soube o que passava, despedio doze mil homens pera irem cercar de novo aquellas fortalezas, e mandou ter com o Governador muitas satisfações.

D. Francisco de Menezes, como Capitão muito precatado, logo receou que o Ni-

za-

Samoxá mandasse gente sobre aquellas fortalezas, pelo que com muita pressa se embarcou, levando gente, mantimentos, e munições, e as foi prover muito bem; e o mesmo dia que a ellas chegou, teve rebate da dianteira dos inimigos, e deixando-as seguras, e provídas, tornou-se pera Baçaim. Ao outro dia chegáram os Capitães Mouros, e assentáram seus exercitos sobre aquellas duas fortalezas, mandando fazer grandes protestos, e requerimentos aos Capitães dellas, que lhas entregassem, como o Governador mandava, e senão que dos males que succedessem elles seriam a causa, e os quebrantadores das pazes. Os Capitães lhes mandáram dizer: » Que mandassem fazer » aquelles requerimentos ao Capitão de Ba» çaim, a quem elles tinham dado dellas as » menagens, e que o que elle mandasse, is» so fariam. » Os Mouros vendo aquelle desengano, começáram a guerra, commettendo as fortalezas com grande determinação, mas os de dentro lhas defendêram com outra maior.

E deixallos-hemos aqui por continuar com o Embaixador, que depois de D. Francisco de Menezes o desenganar, e de despedir recado ao seu Rey, foi-se pera Chaul, e deo a carta de D. Francisco de Menezes ao Governador, que posto que tomou aquillo

lo mal, bem entendeo que D. Francifco de Menezes tinha alguma razão de fe queixar, ao menos de lhe não dar conta daquelle negocio. Poucos dias depois chegáram as cartas do Nizamoxá pera o Governador, em que fe queixava de D. Francifco de Menezes, fazendo feus proteftos, e requerimentos; affim lhe chegáram as novas do aperto, e cerco em que os Capitães Mouros tinham aquellas fortalezas; e vendo que não podia fazer outra coufa fenão cumprir os contratos que eftavam feitos, defpedio outra vez o Embaixador com outra Provisão pera D. Francifco de Menezes, em que lhe mandava: » Que fem embargo dos inconve-
» nientes que lhe apontára, tanto que aquel-
» la viffe, entregaffe logo a aquelle Embai-
» xador ambas aquellas fortalezas, por cum-
» prir affim ao ferviço d'ElRey de Portu-
» gal. » Com efta Provisão chegou o Embaixador a Baçaim, e dando-a a D. Francifco de Menezes, vendo a refolução do Governador, mandou dous homens Portuguezes com cartas pera os Capitães que eftavam nas fortalezas, em que lhes mandava, que logo as entregaffem ao Embaixador, e fe recolheffem a Baçaim, porque o mandava affim o Governador, e que elle daria conta a ElRey daquillo. O Embaixador chegou áquellas fortalezas com os homens, e

cada hum delles foi á sua, e deram suas cartas áquelles Capitáes. Vendo D. Aleixo de Menezes a carta de D. Francisco, mandou pelo proprio Portuguez outra a Pero de Lemos, que estava em Carnalá, pera saber delle o que determinava. Pero de Lemos lhe respondeo: » Que naquelle negocio não ha» via mais, senão fazerem o que lhes o Go» vernador, e o seu Capitão mandavam. »

Com isto mandou D. Aleixo de Menezes dizer pelo mesmo Portuguez ao Embaixador: » Que mandasse recolher seus Capi» táes, e se affastassem, em quanto se elles » recolhião; » e mandou recado a Pero de Lemos, pera ao outro dia se ir ajuntar com elle. Os Mouros alevantáram seus exercitos da vista das fortalezas, e aquelle dia gastáram os Portuguezes em se negociarem. Ao outro chegou Pero de Lemos com toda a sua gente a Sangaçá. D. Aleixo de Menezes, que estava prestes, sahio da fortaleza, e se ajuntou com elle; e com suas bandeiras desenroladas, e a gente posta em ordenança, toçando suas caixas, e pifaros, foram marchando muito devagar, disparando sua arcabuzaria per ordem, como homens que hiam vencedores; e assim chegáram ao mar, onde já acháram embarcações, que Dom Francisco de Menezes lhes tinha mandado, em que se recolhêram a Baçaim, ficando os

dous

dous Portuguezes, que foram com o Embaixador nas fortalezas, pera as entregarem aos Capitães Mouros, como logo fizerem. E porque temos promettido de continuar com todos os Reys deste Decan, e já o temos feito com os de Visapôr, o faremos agora com estes Reys de Chaul.

Já temos dado conta no Cap. IV. do decimo Liv. da IV. Decada, de como os Mouros conquistáram o Decan, e daquelles sinco Capitães, que se levantáram com os Estados que governavam, sendo Rey Daudarcan, e antre estes foi hum delles o Nizaman Moluc, que quer dizer *Page da lança*, (porque o era d'ElRey, como já dissemos.) Este no alevantamento geral o fez com aquella parte que governava, desde Cifardan até Nagatona, appellidando-se Soltão Hocen, (porque este era o seu nome,) e poz sua cadeira na Cidade de Amadanager. Este reinou até os annos de 1494, e por sua morte succedeo seu filho Beran Soltan, que se jactava proceder do sangue Real dos antigos Reys de Xarbedar, porque se affirmava, que dando Daudar Soltan, Rey de todo o Decan, huma mulher a este seu Capitão Nizaman Moluc, que hia já prenhe delle, e que paríra este Boran Soltão; e assim se iactava tanto disso, que depois da morte d'ElRey (que cuidava que era seu

pai)

mai) tomou por titulo, Soltan Boran Bauri, que quer dizer *ElRey Boran Falcão*; porque assim como esta ave se tem por mais real de todas, assim se tinha elle por mais do sangue Real, que todos os outros Reys do Decan.

Foi este Rey grandioso, grande Cavalleiro, muito liberal, e tão amigo dos bons Cavalleiros, que mandava por todos os Reynos estranhos buscar todos os que havia de nome, e lhes dava muito, e fazia grandes mercês. E assim ajuntou em seu Reyno todos os Estrangeiros famosos, que á India passáram naquelle tempo, assim nas armas, como nas letras, com o que o engrandeceo sobre todos os do Decan. Em principio de seu reinado descubrio o valoroso Capitão Vasco da Gama a India, e este foi o que deo a D. Lourenço de Almeida, filho do Viso-Rey D. Francisco de Almeida, dous mil pardáos cada anno de pareas pera El-Rey de Portugal, pela guarda que dava ás náos, e navios que hiam a seus pórtos, que depois o Viso-Rey D. Francisco de Almeida lhe pôz por obrigação de vassallagem, pela culpa que o seu Tanadar de Chaul teve na morte de seu filho D. Lourenço de Almeida, porque os que lhe tinha dado a elle eram voluntarios. E tambem foi o que deo a Diogo Lopes de Siqueira, sendo Go-

vernador da India, lugar naquelle porto de Chaul pera fazer a fortaleza, que ainda hoje está em pé; e o que se concertou com o Governador D. Estevão da Gama sobre as fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, como agora acabámos de dizer.

Foi este Rey tocado do mal de S. Lazaro, e buscou todos os remedios pera sarar delle, até se banhar em sangue de meninos, de que mandou encher grandes tanques, por lhe fazer crer hum Medico, que assim sararia, mas nada aproveitou; e assim viveo muitos annos, como adiante diremos, porque havemos de ir continuando com todos os que forem succedendo, por assim ser necessario.

E tornando ao Governador D. Estevão da Gama. Tanto que concluio os negocios de Chaul, passou a Baçaim, e a Dio, e provêo naquellas fortalezas em muitas cousas. De Dio despedio Manoel de Vasconcellos com sinco navios de remo pera ir ao Estreito de Meca a espiar as galés, e a levar provimentos de munições, e armas a seu irmão D. Christovão da Gama. Os Capitães, que com elle foram nos outros navios, eram Manoel da Fonseca, Rafael Lobo, Christovão de Castro, e Affonso Pereira. Despedidos estes navios, e providas algumas cousas mais naquella fortaleza, deo o Governador á véla

la pera Goa, aonde chegou, e provêo nas causas de Malaca, e Maluco; e mandou Manoel Coutinho a invernar á fortaleza de Chalé com soldados; e Bernaldim de Sousa a Cochim; e Vasco da Cunha foi a Bengalá com huma náo carregada de fazenda por conta d'ElRey, que era então viagem, que importava muito. E porque na costa do Canará andavam alguns ladrões formigueiros, despachou pera andar nella o resto do verão D. Luiz de Taíde com oito navios, e recolheo-se como foi tempo com alguns que tomou.

CAPITULO VII.

Das cousas, que acontecêram a D. Christovão da Gama na Abasia: e de alguns recontros que teve com os Mouros, em que os desbaratou.

DEixámos D. Christovão da Gama na Cidade de Baroá em companhia da Rainha, esperando que passasse o inverno, e que lhe viesse recado do Imperador, a quem tinha escrito, como já dissemos no derradeiro Cap. do VII. Liv., que não tardou muito que lhe não viesse, ainda que não foi a resposta de suas cartas; mas com o primeiro recado da Rainha, que o Imperador teve da chegada dos Portuguezes, despedio

logo hum correio apreſſado com cartas a D. Chriſtovão. Eſte correio chegou a Barroá, havendo vinte dias que alli eſtava, em que lhe dizia, como ſoubera de ſua chegada alli, e que aquelle ſerviço feito a Deos, elle o pagaria aſſim a ElRey ſeu irmão, como a elle; que lhe pedia muito, que ſe foſſe chegando pera elle como entraſſe o verão, pera ſe ajuntarem ambos, e irem buſcar os inimigos; e que com ſua ajuda eſperava de os desbaratar, e deſtruir de todo. Com eſta carta ſe começou D. Chriſtovão a negociar, mandando a Rainha trazer muitas mulas, e ſervidores pera o meneo do exercito. E em Outubro paſſado de 541. tanto que as chuvas ceſſáram, começáram a marchar em muito boa ordem.

Hiam diante dous Capitães com algumas peças de artilheria de campo, e no meio toda a bagagem, e atrás della a Rainha, e o Patriarca, entregues a ſincoenta eſpingardeiros Portuguezes, de que era Capitão Miguel de Caſtanhoſo, (que de toda eſta jornada fez hum copioſo Tratado, que eſtá em noſſo poder.) Na retaguarda hia Dom Chriſtovão, o Barnagais, e os mais Capitães Abexins hiam pelas ilhargas do eſquadrão, e diante de todo elle hiam alguns cavallos ligeiros pera deſcubrirem o campo. Neſta ordem caminháram oito dias até chega-

garem a huma ſerra, que chamam o Gane, que era de hum Senhor Abexim, que andava lançado com os Mouros. Aqui veio hum irmão ſeu lançar-ſe aos pés da Rainha, e de D. Chriſtovão, a cujo rogo ella lhe fez mercê das terras do irmão.

Eſtando aqui, chegou recado apreſſado de como ElRey era já abalado, e vinha caminhando pera ſe ajuntar com elles. Por eſte caminho acudíram muitos vaſſallos, que andavam auſentes com medo dos Mouros. Em ſima deſta ſerra do Gane havia huma Cidade, e no mais alto della huma Ermida muito alva, a que nenhuma peſſoa podia ir ſem muita difficuldade, e trabalho, por cauſa do caminho ſer demaziado ingreme, eſtreito, e de muitas voltas, que era o que o fazia mais difficultoſo. Junto deſta Ermida, em huma pequena caſa, eſtavam trezentos homens mirrados, todos cozidos em couros ſeccos, e alguns delles eſtavam já rotos, e gaſtados, mas os homens ſãos, e inteiros. Corria entre a gente da terra, como por tradição, que havia muitos annos que aquelles homens vieram ter áquella terra, e que a conquiſtáram em tempo dos Romanos. Outros diziam, que eram Santos; e o Patriarca D. João Bermudes era deſte parecer, e que foram alli martyrizados pelos Romanos com aquelle genero de martyrio, e que iſ-

isto era o que ouvíra dizer no tempo que esteve no Preste, antes que fosse Patriarca; e algumas pessoas lhes tinham tão grande veneração, que tomavam reliquias suas, tendo-os por Santos martyres; mas não havia nenhum dos naturaes, que soubesse dizer-o como aquillo era, nem escritura que disso désse noticia.

Seja o que for, o caso he assás notavel, e digno de memoria, nem póde carecer de algum grande mysterio, estarem tantos annos trezentos homens brancos, cozidos em couros, sem lesão, ou corrupção alguma; parece que traz caminho o que dizia o Patriarca, que foram martyrizados em tempo dos Romanos. E ou sejam, ou não sejam Martyres, não he nosso intento affirmallo, mas escrevemo-lo pera que haja memoria de huma cousa tão notavel.

Daqui foram os nossos caminhando até outra serra fortissima, chamada Canete, que estava por ElRey de Zeilá, e tinha dentro mil homens de guarnição. Tinha esta serra tres passos mui difficultosos, e fortificados com muros, e portas, e os caminhos que hiam ter a elles eram tão ingremes, e estreitos, que era medo vellos, quanto mais commettellos, porque só com galgas se podiam defender a todo o poder do Mundo. A serra em sima era muito chã, e fresca, de mui-

tas

tas fontes, e ribeiras de aguas serenissimas, e singulares, e por derredor muitas aldêas, e grandes creações de gados. Aqui se costumavam a coroar os antigos Imperadores da Abasia. A gente que aqui tinha ElRey de Zeila sahia de continuo a saltear os caminhos, e a destruir as aldêas circumvizinhas.

Informado D. Christovão dos damnos que dalli faziam, determinou de tomar aquella serra, e tirar dalli aquelle impedimento. Isto communicou com a Rainha, e Barnagais, que trabalháram muito pelo tirarem daquelle pensamento, pelo muito grande risco a que se queria pôr, sem proveito algum, porque haviam por cousa muito impossivel poder-se entrar aquella serra; mas D. Christovão confiado em Deos, por cujo serviço se offerecia a todos aquelles riscos, e trabalhos, não desistio de seu proposito, e depois de bem informado, e certificado do sitio, e passos da serra, poz a sua gente em ordem, e mandou Manoel da Cunha, e Francisco Velho com suas companhias, e com três peças de artilheria, que commettessem o primeiro passo; e João da Fonseca, e Francisco de Abreu com outras tantas peças, que commettessem o segundo, ficando elle com a sua gente pera o terceiro passo. E assim dada ordem a tudo, os com-

met-

mettêram ao primeiro de Fevereiro, ficando a Rainha, e o Patriarca com o Barnagais no exercito, e Miguel de Caſtanhoſo com os eſpingardeiros de ſua guarda. E remettendo com os paſſos, deram-lhe huma grande ſurriada de artilheria, e de arcabuzaria. Os inimigos, que eſtavam álerta, deſcarregáram pela ſerra abaixo com huma multidão de galgas, que vieram por alli abaixo com tamanho terremoto, que parecia que ſe desfazia o Mundo. Os noſſos que já eſtavam enſinados de D. Chriſtovão do que haviam de fazer, tanto que deram ſua ſalva, tornáram-ſe a recolher pera ſeus alojamentos, porque não quiz eſte dia mais, que reconhecer os paſſos, como fez. Os Mouros cuidando que os Portuguezes fugiam, deram grandes apupadas, e toda a noite fizeram grandes feſtas, havendo que tinham alcançado huma grande vitoria. A Rainha ficou triſte, porque cuidou que aquella retirada dos noſſos fora por não ouſarem a commetter a ſerra, e quaſi que deſconfiou.

D. Chriſtovão logo foi aviſado de tudo aquillo, e mandou-lhe dizer, que ſe não agaſtaſſe, porque ao outro dia veria como os Portuguezes pelejavam, e que elles não coſtumavam a fugir a ninguem, que antes perderiam as vidas, que fugirem polas conſervar. Ao outro dia pela manhã, que foi

da

da Purificação da Virgem Maria Senhora nossa, mandou D. Christovão dizer Missa, a que todos estiveram com muita devoção; e acabada ella, remettêram na ordem passada com a serra, deixando a artilheria ao sopé della, em parte que pudesse jogar, só pera terror. E commettendo os Capitães as partes que lhes estavam encommendadas, deitáram pelas ilhargas a arcabuzaria, que foi disparando sempre pera affastarem os inimigos, que lançavam as galgas, que vieram cahindo com grande terremoto por antre os nossos, matando alguns; os mais como hiam com aquella furia, foram rompendo por tudo até chegarem ás paredes dos passos, sendo os primeiros que se adiantáram até ás portas Manoel da Cunha, e Francisco Velho, e abalroando-as, subíram por ellas, levando os inimigos diante ás lançadas até á outra porta, que estava antes de chegar ao cume. Aqui foi a referta grande, onde matáram tres Portuguezes. Os Mouros, que estavam em sima, huns a cavallo, outros a pé, vendo a pouquidade dos Portuguezes, mandáram abrir a porta para que entrassem. Manoel da Cunha, e Francisco Velho vendo a determinação, e confiança dos inimigos, entráram pelas portas adiante até subirem ao taboleiro, onde se travou huma formosa batalha. O Capitão da serra andava

em

em hum formoso cavallo, e dos primeiros encontros matou dous soldados; e como homem soberbo, e confiado andava a huma, e a outra mão escaramuçando, atirando-lhe os nossos muitas espingardadas sem algumas lhe acertar. Nos outros passos tambem havia trabalho. João da Fonseca, e Francisco de Abreu, depois de perderem alguns companheiros, passáram todas as difficuldades até subirem ao plano da serra; e o mesmo fez D. Christovão, soffrendo grandes riscos, e trabalhos até se pôr em sima, aonde se travou antre todos huma asperissima batalha, fazendo a nossa espingardaria grande estrago nos inimigos.

Em fim, tanto apertou D. Christovão pela sua parte, que levou os Mouros de arrancada, e o mesmo fizeram João da Fonseca, e Francisco de Abreu, que depois de se ajuntarem foram matando, e ferindo nos Mouros até os levarem diante de si, ao passo em que o seu Capitão pelejava com Manoel da Cunha, e Francisco Velho, que tinham pelejado muito bem, porque o faziam com a mór força dos inimigos, que todos acudiam aonde estava o seu Capitão. D. Christovão, e os mais Capitães chegáram áquella parte, ficando-lhe já os inimigos no meio, e apertando com elles os puzeram em desbarato, matando muitos, e os outros com a pres-

pressa, e desattento por fugirem da morte, déram em outra muito mais cruel, que foi lançarem-se da serra abaixo, e fazerem-se em pedaços. O Capitão Mouro nunca se quiz recolher, e pelejou até o matarem. Havida esta tamanha vitoria, foi-se D. Christovão ao lugar principal, que estava com todo o recheio, e muitas mulheres, e meninos, que foram cativos, e tudo mais mettido a sacco.

D. Christovão mandou pela Rainha, e pelo Patriarca, e subidos assima ficáram passmados do que víram, parecendo-lhes aquillo sonho, porque na imaginação dos naturaes era cousa que se não podia crer, nem acabar por forças humanas. D. Christovão da Gama pedio ao Patriarca que benzesse huma Mesquita que alli estava, o que elle logo fez com grandes ceremonias, invocando-a *Nossa Senhora da Vitoria*, onde ao outro dia se disse Missa, a que todos assistíram com grande devoção. A Rainha se deteve em sima alguns dias, provendo aquella serra de Capitão, e gente. E pera esta vitoria ser mais celebrada, chegáram áquella serra dous Portuguezes, que Manoel de Vasconcellos despedio de hum porto junto de Maçuá, porque depois que partio de Goa entrou aquelle estreito, e não foi demandar Maçuá por estar pelos Turcos, mas foi

to-

tomar outro porto dez, ou doze leguas mais pera dentro, donde despedio aquelles homens com cartas a D. Christovão.

Estes homens foram recebidos com grande alvoroço de todos, festejando-se por todo o exercito as boas novas da India. E porque Manoel de Vasconcellos esperava por seu recado pera lhe mandar as cousas que lhe levava, despedio logo Francisco Velho com a gente da sua bandeira, em companhia daquelles dous homens, pera arrecadar as cousas que Manoel de Vasconcellos lhe trazia, apressando o mais que pudéram, porque Manoel de Vasconcellos havia de tornar a invernar á India. D. Christovão escreveo ao Governador seu irmão muito largamente todas as cousas, que até então lhe eram acontecidas.

CAPITULO VIII.

Do que mais aconteceo a D. Christovão da Gama: e de como o Rey de Zeilá o foi commetter em os vallos: e da aspera batalha que tiveram, em que ElRey foi ferido, e desbaratado, e escapou fugindo.

DEspedido Francisco Velho, dahi a poucos dias chegou outro recado do Imperador pera D. Christovão da Gama, em que lhe rogava, que se fosse chegando pe-

ra

ra elle, porque elle tambem o vinha fazendo pera se ajuntarem ambos. Com isto começou D. Christovão a marchar na mesma ordem, em que até alli viera, e foi entrando pelas terras do Jarte, (que era outro Senhor Abexim,) que tambem andava com os Mouros. Este sabendo da ida de Dom Christovão da Gama, mandou hum Embaixador á Rainha a lhe pedir perdão das culpas passadas, e que se obedecêra ao Rey de Zeilá, fora por não poder mais; que elle a queria acompanhar, e servir naquella jornada, como seu vassallo que era. A Rainha lhe mandou perdão, e seguro, com o que elle logo veio com toda a sua gente a beijar a mão á Rainha, e dar-lhe a obediencia. Depois foi fallar a D. Christovão, a quem deo seis cavallos muito formosos pera sua pessoa, affirmando-lhe, que pelo caminho que levavam não deixariam de encontrar ElRey de Zeilá, porque elle tinha sabido por espias certas, que era partido muito determinadamente em busca delle.

Com estas novas foi D. Christovão da Gama caminhando com mais resguardo, e vagar, por ir esperando por Francisco Velho, que era em Maçuá. ElRey de Zeilá, que vinha caminhando em busca dos nossos, não tardou dous dias depois, que não tivesse D. Christovão recado dos corredores,

que

que já os Mouros appareciam. D. Christovão não se mudou, nem turvou em cousa alguma, antes com grande animo, e conselho ordenou sua gente em hum formoso campo, e assentou seu exercito com as costas em huma serra, fazendo-o na mais pequena fórma que pode, ordenando-lhe seus vallos, fossas, e trincheiras, plantando sua artilheria á roda, e repartindo as estancias pelos Capitães, ficando a Rainha com o Patriarca em meio com toda a bagagem, e o Barnagais em sua guarda. Aquella noite passáram com grande vigia, e ao outro dia, que foi Domingo de Ramos, apparecêram os corredores d'ElRey de Zeilá, que vinham descubrindo o campo, e vendo o exercito, tornáram a voltar.

D. Christovão mandou dous Portuguezes em cavallos ligeiros, que fossem descubrir os inimigos, que de sima de hum tezo os víram, e muito devagar estiveram notando o exercito, e o número da gente; e tornando a voltar, disseram, que os Mouros eram tantos, que cubriam os campos. Não tardou após isto muito espaço, que não começassem de apparecer por sima de hum tezo, em que ElRey se poz a ver o arraial, mandando dalli alguns Capitães, que fossem dar huma vista aos nossos, e travassem com elles algumas escaramuças pera os provocarem

rem a sahirem ao campo fóra dos vallos, havendo que se os colhessem fóra, haveria pouco que fazer em os desbaratar. Os Capitães foram-se estendendo pelo campo, e cingindo o arraial com grandes estrondos de atabales, trombetas, e outros instrumentos de guerra, dando mostras de quererem commetter o exercito. D. Christovão sem perder hum ponto de sua obrigação, visitou todas as estancias, e provêo em tudo o que lhe pareceo necessario, animando, e esforçando aos Abexins; que os Portuguezes não tinham necessidade disso, porque o estavam tanto, que desejavam de saltar fóra dos vallos pera pegarem com os Mouros.

E porque se chegavam muito, mandou D. Christovão que desparassem nelles algumas peças de artilheria, com que os fizeram affastar com bem de damno, e mortes dos inimigos; e todo aquelle dia ficáram no campo á vista dos nossos. A D. Christovão pareceo-lhe que de noite o quizessem commetter, toda ella passou com as armas na mão. Ao outro dia, tanto que amanheceo, tornáram os Mouros a se chegar, adiantando-se alguns Turcos por ganharem terra com ElRey de Zeilá, que sempre esteve no tezo com tres bandeiras arvoradas, e commettêram as estancias com grande determinação, despejando primeiro suas cargas; mas

a

a artilheria os escandalizou de maneira, que se affastáram com muitos menos, e a tiro de espingarda fizeram humas paredes de pedra em sosso, e detrás dellas se puzeram ás espingardadas com os nossos, de que ferí-ram alguns. D. Christovão acudio áquella parte; e porque os inimigos se não fossem avizinhar mais com elle, deitou fóra Manoel da Cunha, e Inofre de Abreu com suas bandeiras pera irem desfazer as paredes.

Sahidos elles do arraial, remettêram com as paredes ás espingardadas; e pondo-lhes os peitos, deitáram dellas os Turcos bem escandalizados, e derribáram as paredes á sua vontade. Os Capitães d'ElRey de Zeilá vendo fugir os Turcos, remettêram com os nossos, que os esperáram com as costas no arraial, travando com elles huma formosa batalha, em que houve algum damno de ambas as partes, ajudando-os das outras estancias com a artilheria. D. Christovão da Gama tocou a recolher, porque não houvesse algum desarranjo, o que elles fizeram com muito tento, ficando todo o campo descuberto á artilheria, que fez nos inimigos tal estrago, que se recolhêram pera onde estava ElRey. Esta noite passáram os nossos com grande vigia.

E porque naquelle lugar não havia agua, nem palha pera os cavallos, e poucos manti-

timentos pera a gente, tomou D. Christovão conselho sobre o que faria, e assentou-se, que se alevantassem dalli, e fossem marchando em hum esquadrão muito fechado; e que se os Mouros os commettessem, que lhes dessem batalha. Com esta resolução se leváram, e formáram seu esquadrão muito bem, levando a artilheria de feição, que pudesse jogar pera todas as partes. No meio hia a Rainha, e o Patriarca, e toda a bagagem.

D. Christovão da Gama ficou de fóra com oito de cavallo pera governar o exercito, e ver com o olho tudo, e o Barnagais com os mais Capitães Abexins repartio em duas alas de ambas as bandas do esquadrão; e nesta fórma foram caminhando muito seguros, e concertados. ElRey de Zeilá esteve vendo os Portuguezes como se ordenavam; e tanto que foram marchando pelo campo largo, arrebentou com todo o poder, e os foi commetter, rodeando-os por todas as partes, sem os nossos deixarem o compasso que levavam, jogando sua arcabuzaria para huma, e outra parte em muito boa ordem. Os Turcos, que hiam affrontados dos Portuguezes lhes ganharem as paredes, apertáram muito com elles, adiantando-se de todos com sua arcabuzaria, com que fizeram algum damno. D. Christovão da Ga-

Gama vio-se tão apertado, que mandou a Manoel da Cunha, que lhes sahisse com a sua gente, o que elle logo fez, travando com os Turcos muito determinadamente, matando-lhes do primeiro commettimento alguns, e fazendo-os retrahir a seu pezar. Os Mouros vendo os nossos baralhados, acudíram aos seus, e misturando-se todos, rodeáram Manoel da Cunha, que fez maravilhas, e todavia esteve arriscado a se perder, se D. Christovão o não soccorrêra em pessoa, mettendo-se no meio dos inimigos como hum leão bravo, matando, e derribando muitos; e todavia nos primeiros encontros lhe deram huma arcabuzada por huma perna, com que pelejou sem se sentir que estava ferido. El-Rey acudio áquella parte com todo o seu poder, travando-se entre todos huma asperíssima batalha, pelejada por todas as partes com grande crueza. A artilheria ficou sempre jogando o melhor que pode, fazendo nos Mouros damno grandissimo. A Rainha vendo a batalha naquelle estado, e a multidão dos Mouros, de que toda á roda estava cercada, houve tudo por perdido; mas todavia vendo o que os Portuguezes faziam, e o grande esforço com que pelejavam, não deixava de ter alguma confiança, encommendando o Patriarca aquelle negocio a Deos, que permittio que estando a cou-

cousa no maior perigo, dessem huma espingardada em ElRey por huma coxa, que lha atravessou toda, cahindo logo ao chão. Os seus acudindo alli, e cuidando que era morto, alevantando-o, abatêram as tres bandeiras, que andavam sempre pegadas com elle, e foram-se recolhendo. D. Christovão vendo ir os inimigos em desbarato, contentou-se com a vitoria, que Deos lhe tinha dado, e fazendo final a recolher, plantou alli seu exercito pera se curar, e o fazerem a muitos que estavam feridos. Morrêram da nossa parte onze Portuguezes, em que entravam Luiz Rodrigues de Carvalho (aquelle, de que muitas vezes fallámos no primeiro cerco de Dio no Cap. III. do Liv. III.) e Lopo da Cunha, homens Fidalgos, e muito bons Cavalleiros, que primeiro que perdessem as vidas, tomáram dellas bem larga satisfação nos inimigos, mandando-os Dom Christovão da Gama enterrar a todos juntos.

Vendo a Rainha a mercê que lhe Deos fizera, mandou armar suas tendas, e em huma dellas recolheo todos os feridos, que mandou curar com muito cuidado, fazendo o primeiro a D. Christovão, e a Manoel da Cunha, que tambem tinha outra espingardada, estando ella presente á cura de ambos, fazendo com suas proprias mãos os fios, e as ataduras, com muitas lagrimas de pra-

zer ; e por huma parte feſtejava a vitoria, por outra moſtrava o ſentimento que tinha de ver D. Chriſtovão ferido, adminiſtrando ella, e ſuas mulheres todas as couſas neceſſarias pera os feridos, com muito amor, e caridade. D. Chriſtovão não ſe deſcuidou com a ferida de ſua obrigação, antes, depois de curado, mandou fortificar o arraial, indo elle em huma cadeira correr as eſtancias, e ver tudo com o olho, e deſpedio eſpias pera irem ſaber dos inimigos. E logo aquelle meſmo dia eſcreveo huma breve carta pera o Governador, em que lhe dava conta da vitoria, e a deſpedio por hum correio pera a levar a Manoel de Vaſconcellos; eſcrevendo tambem a Franciſco Velho, que ſe apreſſaſſe o mais que pudeſſe pera ſe vir pera elle, porque o hia eſperando.

Naquelle lugar ſe deixáram ficar até o Domingo da Paſcoela, mandando a Rainha buſcar por todas as aldêas vizinhas todas as couſas neceſſarias pera a gente. Paſſada aquella ſemana, achando-ſe D. Chriſtovão já bem, e os mais dos feridos sãos, levantou o arraial pera ir buſcar os inimigos, que eſtavam dalli perto, pera lhes dar batalha, porque eſtavam atemorizados, e facilmente os poderiam desbaratar ; e aſſim foi marchando, muito fechado, e com grandes atalaias. ElRey de Zeilá logo foi aviſado da ida

dos

dos Portuguezes; e porque já se achava bem da espingardada, ao menos fóra de perigo, levantou seu campo, e os foi esperar ao caminho, fazendo-se levar em hum andor. Chegados huns á vista dos outros, tornáram os Mouros a estender-se pelo campo pera cercarem os nossos á roda; mas os nossos como estavam com a mão folgada da vitoria passada, os esperáram com mais determinação, travando-se antre todos huma aspera batalha, fazendo a nossa artilheria, e espingardaria nos Mouros mui grande estrago. Os inimigos desejando de se satisfazerem da quebra passada, mettiam-se pela batalha como desesperados, não arreceando perigo algum. Hum Capitão de sincoenta cavallos, que parece foi magoado, foi-se metter em meio dos nossos como doudo furioso, mas foi logo morto com a mór parte dos seus.

D. Christovão subio-se em hum formoso cavallo, e vendo que os nossos levavam já a melhor, appellidando *Sant-Iago*, *Sant-Iago*, rompeo nos Mouros mui denodadamente, seguindo-o todo o mais cabedal do exercito; e dando nelles com tão grande impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo, fazendo-lhes virar as costas. D. Christovão, tanto que os vio ir em desbarato, despedio alguns Capitães em compa-

pa-

panhia do Barnagais, pera que lhes fossem seguindo o alcance, como fizeram, indo derribando, e matando nelles bem á sua vontade. Aqui fizeram os Abexins maravilhas, que em quanto a batalha esteve arriscada, deixáram todo o pezo della sobre os nossos. Os Mouros hiam tão desordenados, que se Dom Christovão da Gama tivera duzentos Portuguezes de cavallo, sem dúvida ElRey de Zeilá fora tomado ás mãos, porque hia no andor fugindo; e todavia perdeo a mór parte de sua gente no alcance, que durou hum bom espaço. D. Christovão da Gama tomou conselho com o Barnagais, aonde passariam aquella noite, e assentáram, que fosse em huma ribeira, que estava dalli meia legua; e assim foram marchando, enterrando primeiro alli nove Portuguezes, que nesta batalha morrêram.

ElRey de Zeilá estava agazalhado nesta mesma ribeira, bem descuidado de os Portuguezes poderem passar lá aquelle dia, e os nossos de cuidarem achallo alli: chegando os Portuguezes á vista della, tanto que teve rebate, metteo-se no andor, e foi fugindo com muita pressa, e os seus após elle, e todo o resto do dia, e toda a noite foram caminhando com tamanha pressa, que o medo lhes fazia parecer que os nossos lhes hiam nas costas, e não paráram até se

re-

recolherem em huma ſerra muito forte. Dom Chriſtovão chegou á ribeira, e junto della ſe alojou por ſer muito abundante de aguas, e mui abaſtada de hervas pera as cavalgaduras, e alli deſcançáram aquella noite com grandes feſtas. Ao outro dia chegou Franciſco Velho com muitas munições, armas, e provimentos, e com cartas do Governador pera D. Chriſtovão, e pera todos os Capitães, com o que a vitoria ficou ſendo de mais goſto, ainda que metteo grandes invejas em Franciſco Velho, e ſeus companheiros, por ſe não terem achado nella. Alli ſouberam todas as novas, que lhe Manoel de Vaſconcellos deo. E porque começavam ameaços do inverno, recolhêram-ſe a invernar, onde á Rainha melhor lhe pareceo, e onde pudeſſem ſer melhor provídos de tudo: alli ſe deixáram ficar eſperando pelo Imperador.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo ao Governador Martim Affonſo de Souſa em Moçambique até partir pera a India: e de como a ſua náo ſe foi perder em Baçaim, e elle chegou a Goa: e de como D. Eſtevão da Gama lhe entregou a India.

HA muito que deixámos o Governador Martim Affonſo de Souſa em Moçambique, fazendo-ſe preſtes pera ir invernar á India; e andando-ſe negociando com muita preſſa, foi aviſado que D. Alvaro de Taíde, irmão do Governador D. Eſtevão da Gama, que viera na ſua companhia, determinava de mandar diante ſeu irmão, e que pera iſſo ſe negociava hum pangaio em muito ſegredo; e achando ſer verdade, mandou-o prender dentro na fortaleza, e a Luiz Mendes de Vaſconcellos, que era o que determinava de ir a Goa, e mandou pôr grandes guardas no rio, porque nada ſahiſſe pera fóra; e por todos os rios de huma, e da outra parte mandou tomar todos os pangaios que havia, fazendo ſobre iſſo grandes exames, pera que não foſſe couſa alguma diante delle. E dando ordem a algumas couſas daquella fortaleza, e deſpedindo hum catur, que alli achou, com cartas a Martim Affon-

fonſo de Mello Juzarte, Capitão de Ormuz, pera que em Agoſto lhe mandaſſe todo o rendimento da Alfandega que houveſſe, eſcrevendo a ElRey, e ao Guazil cartas de offerecimentos.

Feito iſto, embarcou-ſe no galeão, em que foi Luiz Mendes de Vaſconcellos, por ſer navio mais maneavel, e ligeiro, levando comſigo Aleixos de Souſa; e a ſua náo Sant-Iago fez della Capitão D. Franciſco de Noronha, filho de hum irmão do Marquez de Villa-Real, Clerigo, pera a levar comſigo, deixando as outras náos pera ſe irem na monção de Agoſto, e a quinze de Março ſe fez á véla, indo em ſua companhia Diogo Soares de Mello na ſua galeota, ſem largar huma hora o galeão. O Governador foi correndo a coſta de Melinde, e ſurgio na bahia daquella Cidade, onde ElRey o foi logo viſitar ao galeão com muitas feſtas, e tangeres, e lhe mandou diante hum grande preſente de couſas da terra. E detendo-ſe aquelle dia, tornou á ſua viagem, e por achar muitas calmarias, foi tomar Sacotorá, onde ſe refez de agua, e refreſco. Dalli atraveſſou com tempos freſcos, e no golfo ſe apartou delle a náo Sant-Iago, que foi correndo ſua derrota: dando-lhe na entrada de Maio algumas trovoadas, que eram ameaços do inverno, foi haver viſta da coſ-

ta

ta da India de Dabul pera ſima. Alli lhe deo hum tempo da parte do Sul tão groſſo, que lhe foi forçado correr em poppa com hum bolſo de véla. E como o vento, e a tormenta era grande, e o Ceo eſtava toldado, e o tempo eſcuro, não vendo o Piloto por onde hia, foi varar no rio das cabras na Ilha de Salſete de Baçaim, onde ſe fez em pedaços. A gente parte della ſe affogou, por ſe querer lançar a nado á terra, e a outra, que ſe deixou ficar na náo, toda ſe ſalvou, porque da terra lhe acudíram logo muitas almadías. D. Franciſco de Menezes, Capitão de Baçaim, foi logo aviſado, e embarcando-ſe no meſmo dia em alguns navios, acudio á náo, de que cóm grande diligencia, e trabalho tirou o dinheiro do cabedal, e toda a artilheria, e muita fazenda outra, e ainda a mór parte do cobre, que levava no laſtro, e muitas outras couſas da náo, amarras, ancoras, cordoalhas, maſtos, vergas, entenas, cabreſtantes, poleame, e todas as mais couſas, que ainda ſervíram depois; e levou D. Franciſco de Noronha, e toda a gente da náo pera Baçaim, onde invernou, mandando-lhes pagar quarteis, e dar meſas, deſpendendo muita parte de ſua fazenda, e da d'ElRey, porque não atavam os Governadores naquelle tempo tanto as mãos aos Fidalgos como agora, porque tambem enten-

tendiam delles quão puros, e desinteressados viviam.

O Governador com a galeota de Diogo Soares de Mello, que sempre o seguio, foi tambem correndo o tempo que lhe alcançou, mas já perto dos Ilheos queimados, e tão pegado com a terra, que lhes não fez nojo, e ainda que com trabalho, foram ferrar a barra de Goa a seis dias de Maio já Sol posto, sem haver delle aviso, nem ser visto, por logo escurecer. O Governador desembarcou logo na galeota de Diogo Soares de Mello, e ás onze horas da noite se foi metter nas casas de Antonio Pessoa Correa, a que chamavam Santos, que estam fóra da Cidade no caminho de S. Pedro. Dalli despedio na mesma galeota o Secretario Antonio Cardoso, homem Letrado, que com elle vinha, por quem mandou visitar D. Estevão da Gama, e a fazer-lhe a saber de sua chegada. E com elle mandou Jeronymo Gonçalves Sarmento, seu Camareiro, e outro homem de sua obrigação, pera que lhe fossem levar o Secretario, e o Thesoureiro, porque hum não pudesse fazer Provisão alguma, em quanto D. Estevão lhe não entregava a India; nem o Thesoureiro pudesse fazer pagamento algum, porque sua tenção foi tomar todos de sobresalto. E assim deo por regimento ás pessoas que mandava, que

que não lhes dessem lugar pera irem ao Governador, nem pera bolirem em cousa alguma. Diogo Soares de Mello foi surgir com a sua galeota no caes da Cidade, onde hoje estam os aposentos dos Viso-Reys, sendo já meia noite, ou mais, e disparou hum falcão com pelouro, que foi zonindo por sima das casas do Sabayo, onde pousava D. Estevão da Gama. O Secretario desembarcou logo, e foi bater ás portas do Governador, a quem mandou recado, que estava alli. D. Estevão da Gama sahio fóra cuberto com hum roupão, e Antonio Cardoso lhe disse: » Que o Governador Mar» tim Affonso de Sousa lhe mandava beijar » as mãos, que lhe mandasse novas de sua » saude, e que lhe fazia a saber que era » chegado. » D. Estevão com muita segurança lhe perguntou onde estava, e dizendo-lhe que nas casas de Antonio Pessoa, dando á cabeça, disse ao Secretario: » Assim me to» ma o Senhor Martim Affonso como ladrão? » Ora dizei-lhe, que sua vinda seja boa; » e com isto o despedio. Os outros dous, que eram enviados aos Officiaes, entráram por suas casas, e lhes deram o recado do Governador; e não lhes dando lugar pera se vestirem bem, assim mal vestidos os leváram comsigo, e com elles se deteve o Governador toda a noite em saber das cousas da fazenda.

D.

D. Estevão da Gama ficou enfadado do pouco respeito, que em Portugal se lhe teve, e de o mandarem tirar por hum homem, que não era seu amigo, e toda a noite passeou sem dormir, cuidando no aggravo que se lhe fez. As novas da chegada do novo Governador corrêram logo pela Cidade, que começou a arder em alvoroço, acudindo os parentes, e amigos de hum, e de outro a saberem novas, e aos acompanhar até amanhecer. D. Estevão da Gama foi logo avisado de como o Secretario, e Thesoureiro foram levados com aquella pressa, do que se tomou tanto, que disse palavras como homem magoado. Tanto que foi de dia, mandou D. Estevão recado aos Vereadores, e Officiaes, e com os Fidalgos que o acompanháram, foi a casa do Governador pera lhe fazer entrega da India. Martim Affonso soube de sua ida, e o sahio a receber fóra, mostrando-se-lhe D. Estevão carregado, e de poucos cumprimentos; e alli lhe fez entrega da India, perante Fernão Rodrigues de Castello-branco, Veador da Fazenda, e de João da Costa, Secretario, que disso fez seu termo ordinario. Feito este auto, despedio-se D. Estevão do Governador, e dalli se embarcou pera Pangim, onde invernou, sem mais querer correr em amizade com Martim Affonso, que tanto que tomou pos-

se

ſe da Governança, logo provêo o cargo de Veador da Fazenda em Aleixos de Souſa, que lho acceitou por pobre, e por parente.

Os Vereadores preparáram hum grande recebimento ao Governador, e dahi a alguns dias entrou em Goa com grandes feſtas, e alegrias. O P. Meſtre Franciſco com os companheiros, que vieram no galeão com o Governador, ſe recolhêram ao Hoſpital, começando logo a dar grandes moſtras de ſuas vidas, e doutrina, curando os enfermos com muita caridade, viſitando os Hoſpitaes dos gafos, conſolando-os, e esforçando-os. Aos Domingos, e dias Santos ſahiam pelas ruas a enſinar publicamente a doutrina Chriſtã aos moços, prégando, e confeſſando a toda a hora que os chamavam, com grande conſolação de todo o povo. D. Eſtevão da Gama tanto que ſe foi pera Pangim, mandou chamar o Ouvidor Geral, e o Provedor mór dos defuntos com ſeus Eſcrivães, e mandou por elles fazer inventario de toda ſua fazenda, tomando elle juramento, e mandando-o dar a todos os criados, que lhe corriam com ſua fazenda; e ſegundo ouvimos affirmar a peſſoas daquelle tempo, dignas de fé, acháram-ſe-lhe menos ſincoenta mil pardáos do que tinha antes de entrar na Governança, e a mór parte delles gaſtou na jornada do Eſtreito, e diſto tirou certidões pera moſtrar a ElRey.

CA-

CAPITULO X.

Da Armada que este anno de 1542 partio da nova Hespanha pera as Ilhas de Maluco, de que era Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos: e do que lhe aconteceo na jornada até á Ilha de Saragão: e do aviso que D. Jorge de Castro, Capitão de Maluco, teve desta Armada: e de hum protesto, que mandou fazer ao Capitão Ruy Lopes de Villa-Lobos.

COm a cubiça do cravo de Maluco, e com as grandezas que daquellas Ilhas contáram os da Armada passada, determinou D. Antonio de Mendoça, Viso-Rey da Nova Hespanha, mandar a ellas huma Armada por sua conta, de que elegeo por Capitão D. João de Alvarado, Adiantado da Provincia de Gatimala, trezentas leguas do Mexico, que tinha tambem quinhão na jornada; mas depois das despezas feitas faleceo o D. João de Alvarado de huma queda que deo de hum cavallo, andando na conquista da Nova Galiza, pelo que ficou toda a Armada ao Viso-Rey, que elegeo pera ir nella Ruy Lopes de Villa-Lobos. Esta Armada partio do porto de Natividad dia de Todos os Santos deste anno de quarenta e dous; a Armada era de seis navios, em

em que iram trezentos e sincoenta soldados, e quatro Frades da Ordem de Santo Agostinho, de que era maioral Fr. Jeronymo de Santo Estevão.

E navegando ao Ponente, no cabo de oito dias víram huma Ilha chamada Santo Thomaz, que está em dezoito gráos e tres quartos, e passáram por algumas despovoadas em dezoito gráos do Norte. Dia de Natal descubríram muitas outras pequenas cheias de arvoredo, e tão alcantilladas, que não ousáram a surgir antre ellas. E dia de Santo Estevão o fizeram em huma, a que puzeram o mesmo nome: alli fizeram agua, e lenha, e Villa-Lobos tomou posse della, e de todas as daquelle Arquipelago, pelo Imperador Carlos V. A este Arquipelago puzeram nome *dos Coraes*, pelos arrecifes todos serem delles, como os de Maluco: daqui partíram dia dos Reys, e passáram por muitas Ilhas, a que puzeram nome (por frescas) *as dos Jardins*, que estam em dez gráos. E navegando por antre ellas, dalli a dezoito dias chegáram a huma Ilha verde, de que lhe sahíram alguns paráos com gente da terra baça, como a de Maluco; e chegando junto de huma das náos da conserva, lhe fallou hum dos paráos em Portuguez, e lhes disse: *Bons dias, matalotes*, e voltáram logo, porque víram despedir-se da náo Capi-

pi-

pitanea o esquife pera os ir chamar, e daqui se ficáram estas Ilhas chamando as dos *Matalotes*, que estam em dez gráos. E logo adiante acháram outra Ilha, a que puzeram nome *dos Arrecifes*, por ter muitos, que tambem está em dez gráos. Passada esta Ilha, acháram outra na mesma altura, a que puzeram nome a *Cesarea*, por amor do Imperador.

Aqui surgio a Armada, e se deteve trinta e dous dias, e deixáram de a povoar por não ser a terra boa, e porque levava o Villa-Lobos determinado de o não fazer mais de doze gráos. E passando adiante, foram demandar a Ilha de Mindanáo, que não pudéram dobrar, porque traziam os Pilotos da Armada a ponta da Ilha em onze gráos e meio, estando ella em onze. E achando alli o vento contrario, corrêram ao Sul, e foram surgir em Saragão, e querendo desembarcar, foram mal recebidos da gente da terra, e lhe matáram quatro companheiros, pelo que se tornáram a embarcar. Aqui foi ter com elles huma galeota da sua companhia, que havia dias que se tinha desgarrado com tempo, que foi dar em humas Ilhas muito abastadas de mantimentos, onde se provêram, e lhes puzeram nome as *Filippinas*, pelo Principe D. Filippe, herdeiro do Imperador Carlos V. Aqui em Saragão es-

estiveram alguns dias embarcados; e porque lhes faltavam mantimentos, embarcou-se o Villa-Lobos na galeota, e tomou outro navio, e foi demandar outras Ilhas, que estavam á vista, pera ver se achava nellas cousa, de que se provesse. E chegando a ellas, desembarcou na praia com todos os da sua companhia, e em os vendo os naturaes, despejáram a povoação, e se acolhêram a hum outeiro. Os Castelhanos os foram commetter, e tiveram com elles huma batalha, em que lhes matáram muitos, e perdêram hum só companheiro; e dando busca á povoação, acháram alguns poucos mantimentos, com que se tornáram pera a Armada. E vendo que por alli não tinham onde se provessem, e sabendo como nas Filippinas acháram os da galeota muitos mantimentos, mandou o General hum Bernardo de la Torre por Capitão de hum galeãozinho, chamado S. Joanilho, e a Pero Ortiz de la Rueda na galeota, e lhes deo por regimento, que fossem áquellas Ilhas a buscar mantimentos, com que tornaria a galeota, e o galeão se faria na volta da Nova Hespanha com recado ao Viso-Rey do que lhe tinha succedido naquella jornada, escrevendo-lhe sobre isso largamente. Estes navios foram ter áquellas Ilhas, e a galeota carregou de mantimentos, e tornou a voltar pera a Ar-

mada, e o Fernão de la Torre se ficou negociando, e provendo pera sua jornada, e partio pera a Nova Hespanha entrada de Agosto, e de sua jornada adiante daremos razão.

Alli ficáram os Hespanhoes comendo alguns mantimentos que tinham, que se lhes acabáram logo, e começáram a passar fomes, e necessidades de feição, que entráram por cousas immundas, e nojentas, como cães, gatos, ratos, cobras, lagartos, e outras cousas semelhantes.

A nova desta Armada chegou a Maluco a D. Jorge de Castro; e porque sentio na gente da terra algum alvoroço, despedio logo hum Antonio de Almeida, que diziam que era filho bastardo do Contador mór do Reyno, com duas corocoras, e lhe deo por regimento, que fosse á Ilha de Saragão, e soubesse a certeza daquella Armada, e que achando-a, désse huma carta, que levava ao Capitão mór della.

Partidas estas corocoras, foram com muito trabalho á Ilha de Saragão, e achando a Armada, mandou Antonio de Almeida pela corocora da companhia, hum soldado a pedir ao General licença pera se ver com elle, pedindo-lhe refens pera sua segurança. Chegada a corocora á Armada, poz a novidade daquella embarcação alvoroço em to-

dos os della, e entrando na Capitanea, lhe deo o recado de Antonio de Almeida. Ruy Lopes de Villa-Lobos o recebeo com muita honra, e lhe entregou hum daquelles Capitães pera ficar na outra corocora em refens, em quanto vinha fallar com elle. Com esta segurança foi Antonio de Almeida ao galeão, e o Capitão mór o recebeo a bordo; e recolhidos pera a varanda, lhe deo a carta de D. Jorge, que continha o seguinte:

» Senhor, por algumas pessoas da terra » soube da chegada de V. m. a essas Ilhas; » se foi com tempo fortuito, não tenho que » fazer mais, que pedir-lhe se venha pera es» ta fortaleza, onde o servirei, e proverei » de tudo o necessario; mas se sua vinda he » a outra cousa, e por outro respeito, fa» ço-lhe a saber, que estas Ilhas são d'ElRey » de Portugal, e que pelo contrato que es» tá feito antre elle, e o Imperador seu cu» nhado, nenhuma Armada sua póde passar » das Ilhas das Vélas, que estam em dezese» te gráos escassos, e que elle estava dos li» mites pera dentro naquellas Ilhas em que » estava. Que lhe requeria da parte d'ElRey » de Portugal, e do Imperador, que logo » se tornasse, e não quizesse quebrantar as » pazes, que antre elles estavam feitas. »

Ruy Lopes leo a carta, e logo lhe respondeo, dizendo assim de palavra a Anto-

nio

nio de Almeida, como por carta a Dom Jorge: » Que elle não vinha alli a deſervir » ElRey de Portugal em couſa alguma, nem » quebrava as pazes, porque aquellas Ilhas, » em que eſtava, eram do Imperador; » e com iſto lhe eſcreveo muitos cumprimentos, de que os Heſpanhoes nada são avaros, e teve com Antonio de Almeida outros. Elle ſe deſpedio do Villa-Lobos, ſem poder notar a gente que os navios tinham, nem o modo de como eſtavam, nem elle quiz perguntar couſa alguma, porque lho não haviam de dizer. E voltando pera Maluco, deo conta a D. Jorge do que paſſava, e pela carta vio a reſpoſta. E não faltou quem murmuraſſe de Antonio de Almeida, havendo que vinha peitado dos Caſtelhanos, porque trazia peças, e brincos, que lhe elles deram.

Vendo D. Jorge a reſpoſta do Villa-Lobos, deſpedio logo Belchior Fernandes Correa em tres corocoras, e com elle hum Tabellião, por quem lhe mandou fazer grandes proteſtos, e requerimentos, pera que ſe ſahiſſe daquellas Ilhas; e deo por regimento a Belchior Fernandes, que lhe mandaſſe huma corocora com a reſpoſta, e que com as outras ſe foſſe pôr a Taguima, pera dar á náo da carreira, ou á Armada, ſe o Governador a mandaſſe, de tudo o que era paſſado.

Bel-

Belchior Fernandes foi ſua derrota, e achou já os Caſtelhanos em Mindanáo com muitos menos, porque lhe morrêram muitos de doença, e fomes em Saragão, e foi demandar o porto de Camarião, onde a Armada eſtava; e entrando no galeão do Capitão mór, que o recebeo bem, lhe mandou notificar o proteſto, e requerimento que levava, que continha o meſmo que por Antonio de Almeida lhe eſcreveo. O Villa-Lobos lhe reſpondeo tambem por outro proteſto, feito pelo meſmo Tabellião: » Que » elle não eſtava nos limites do Sereniſſimo » Rey de Portugal, nem entraria nelles por » lhe ſer muito defezo, mas que eſtava nos » do Imperador ſeu Senhor. E que lhe re» queria, que não perturbaſſe a paz, porque » elle eſtava muito preſtes pera a cumprir em » tudo. » Com iſto ſe deſpedio Belchior Fernandes, e os Caſtelhanos ficáram naquelle lugar eſperando pela galeota, que era nas Filippinas, e huns poucos delles ſahíram hum dia em terra pera tomarem mantimentos, e deram os negros nelles, e matáram alguns, ao que acudio Franciſco Marinho, Meſtre do campo, com alguma gente, e tambem o matáram com muitos de ſua companhia, e o Ruy Lopes de Villa-Lobos imaginou ſempre que fora ardil do Belchior Fernandes Correa, e que deixára peitados

os

os da terra pera darem nos Hespanhoes, se fossem a ella. Neste mesmo tempo chegou a galeota das Filippinas com muitos mantimentos, e deo por novas, que o galeão São Joanilho era partido pera a Nova Hespanha, e que aquella terra era muito boa, e fertil, e que os naturaes os desejavam lá muito. Com estas novas tornou o Villa-Lobos a mandar a galeota, e hum bargantim, em que foi o mesmo Pero Ortiz, pera que se confederasse com os da terra, e lhe trouxessem mantimentos.

Partidos estes navios, dahi a oito dias o fez tambem o Villa-Lobos na sua náo, e dous bergantins que fez, (porque outro navio dos da sua companhia era perdido,) e tomou a derrota das Filippinas, e tendo navegado sincoenta leguas, lhe deram os brizas, com que não pode passar, e despedio os bergantins pera as Filippinas, e nelles Fr. Jeronymo de Santo Estevão, Prior dos Agostinhos, e elle se foi metter em huma bahia da Ilha de Cesarea, chamada Blancai, onde se deixou ficar mais de hum mez esperando pelos bergantins, e alli lhe vendiam os da terra algum pouco mantimento. A galeota, que hia pera as Filippinas, achou ventos contrarios, por onde não pode passar, e tomou huma Ilha, chamada Hunaco, onde lhe matáram doze soldados. E vol-

voltando pera Mindanáo, foi tomar a enceada, onde eſtava o ſeu General tão falto de tudo, e em tanto aperto de fome, que dava a cada peſſoa quatro onças de arroz por dia, ſem mais outra couſa.

E deixando-os agora pera ſeu tempo, tornaremos a Belchior Fernandes Correa, (que foi com o proteſto ao Villa-Lobos.) Chegado a D. Jorge com o recado, e proteſto, que lhe o outro mandava fazer, temendo-ſe de alguma novidade, fortificou-ſe muito bem, e fez hum baluarte de pedra, e cal no canto do muro, que ficava ſobre o mar, e forrou o muro com vigas muito groſſas, e com ſeus entulhos. E temendo-ſe que os Caſtelhanos foſſem ao Moro, determinou de mandar lá huma Armada; e porque não tinha mais que duas fuſtas, pedio a ElRey algumas coroçoras, que lhe elle não quiz dar, com bem ruins eſcuſas, porque não quiz anojar o Rei de Geilolo, e o de Tidore, que favoreçiam os Caſtelhanos, por pertender ſeu favor, ſe o quizeſſem tirar do Reyno, porque eſperava todos os annos que tornaſſe de Goa o irmão Tabarija.

Vendo D. Jorge que todos eram contra elle, tratou de prender ElRey; mas deixou de o fazer por não quebrar com todos, e pelos não ter declaradamente contra ſi. Quaſi

ſi no meſmo tempo a dezoito de Outubro, chegou ao porto de Talangame o galeão da carreira, em que hia Gil de Caſtro, que ſuccedia naquella Capitanía a Fernão de Caſtro, que falecêra em Malaca; e por huma Provisão que levava do Viſo-Rey, nomeou em ſeu lugar a Gil de Caſtro, que devia de ſer ou irmão, ou primo. D. Jorge foi logo aviſado de ſua chegada, e o mandou viſitar, e pedir-lhe ſuas Provisões. Gil de Caſtro lhas levou, e D. Jorge o recebeo bem, e o levou por ſeu hoſpede. Ao outro dia preſentes os Officiaes, lhe pedio D. Jorge a carta de guia pera lhe entregar a fortaleza, e elle a apreſentou, e abrindo-ſe, ſe achou fallar ſó em Fernão de Caſtro, pelo que lhe não podia entregar a fortaleza, porque não havia couſa, por onde ficaſſe deſobrigado da menagem della. Gil de Caſtro fez ſeus proteſtos; mas em fim o negocio ſe calou, porque D. Jorge o ſatisfez, e lhe comprou muito bem ſua fazenda, e ficáram amigos.

CAPITULO XI.

Do que aconteceo a Hamau Paxá Rey dos Magores na Corte de Xá Ismael : e da ajuda que lhe deo pera tornar a conquistar seus Reynos : e de como foi contra o Reyno dos Patanes : e de sua descripção : e de como foi desbaratado o Hamau, e lhe nasceo seu filho herdeiro.

EM quanto nos dura o tempo do inverno, em que não ha que fazer em nossas cousas, daremos razão das alheias, e esta ordem guardaremos sempre pelas não misturarmos todas. E assim agora daremos conta do que aconteceo ao Rey dos Magores, que deixámos desbaratado de Xircan, e acolhido pera Persia, porque são cousas, que convem a nossa historia, pera melhor entendimento della.

Pelo que se ha de saber, que partido Hamau Paxá do Reyno do Cinde, (como atrás dissemos no Cap. III. do X. Liv. da quarta Decada,) foi ter á Corte de Casbim, onde Xá Ismael residia, que o recebeo honradamente, compadecendo-se de suas miserias, e consolando-o, promettendo-lhe toda ajuda, e favor que pudesse pera cobrar seus Reynos, mandando-lhe dar aposentos, e todas as cousas necessarias á sua pessoa,

e Estado. Na Corte andou este Rey dous annos, dilatando-lhe o Ismael de dia em dia o soccorro, sem acabar de concluir em alguma cousa. O Hamau Paxá sempre trouxe suas intelligencias antre os inimigos pera ser avisado do que passava, andando muito enfadado das dilações daquelle Rey. A mulher, que se recolheo a Cabul (como dissemos) tanto que soube ser elle na Persia, o mandou logo avisar, de como o esperavam os naturaes daquelle Reyno pera lho darem, por ser seu primo falecido sem herdeiros. Isto deo grande alento ao Hamau, e mais vontade ao Xá Ismael pera lhe dar o soccorro que lhe tinha promettido. Apôs estas novas lhe chegáram outras, de como o Xircan era ido pera as partes de Bengalá a acudir a alguns Reynos, que se lhe rebelláram, e que ficava o de Deli, e todos os mais com pouco cabedal, e que com qualquer soccorro os podia tornar a ganhar; por isso que se aproveitasse da occasião do tempo, e que se apressasse, porque o não era de a perder tão boa, e tão opportuna.

Destas cousas deo conta ao Xá Ismael, dizendo-lhe como estavam dispostas pera com mais facilidade tornar a ganhar o seu. O Xá Ismael movido de compaixão, determinou de o negociar, e lhe pedio a fortaleza de Cahandar com toda sua jurdição, que era

do

do Reyno de Cabúl, que elle herdava, porque ficava no estremo daquelle Reyno, e do de Coraçone, que era do Xá Ismael, por ser huma cousa muito importante pera segurança daquelle Estado. O Hamau lha deo, e concedeo, concertando-se, que de caminho a entregasse a seus Capitães, e que dalli fosse conquistar seus Reynos. Prometteolhe mais de tomar seu carapução, e de seguir sua seita, como fez. Com isto lhe ordenou quinze mil Quizilbaxis, com que mandou hum filho seu mais moço, menino de dez annos, entregue a Beran Can seu Capitão geral, a quem hia commettida aquella empreza. A tenção do Xá Ismael mandar este filho nesta jornada, foi de elle ficar na Cidade de Cahandar, e fazello Rey daquella parte, porque tinha muitos filhos, e queria accommodar este.

Prestes o soccorro, despedio-se o Hamau do Xá Ismael, e começou a marchar pera o Reyno de Cabul, aonde a mulher o havia de estar esperando com toda a gente daquelle Reyno; e antes de chegarem a Cahandar, (que era a Cidade, que elle tinha promettida a Xá Ismael,) faleceo o menino seu filho, e o Beran Can despedio recado ao pai pera saber o que faria, indo-se detendo até lhe chegar a resposta do Xá Ismael, que não tardou, mandando-lhe dizer,

zer, que profeguiffe elle na jornada por geral do exercito, até reftituir o Hamau em feus Reynos. Chegado a Cabul, tomou o Hamau a Rainha comfigo, com toda a gente que tinha feita, e foi entrando por feus Eftados, fenhoreando-fe outra vez delles, desbaratando os Capitães que Xaholão tinha deixado com muita gente, e tornou a affentar fua Corte na Cidade do Deli, onde fez muitas mercês a todos os Perfas. E vendo a grande prudencia, e esforço de Beran Can, lhe pedio quizeffe ficar com elle, offerecendo-lhe taes partidos, que o rendeo, dandolhe muitas terras, e rendas, e o titulo de Cancana, (que he a maior dignidade do Reyno, que refponde á de Condeftabre.)

Vendo-fe o Magor quieto em feu Reyno, ficando com o de Cabul (que herdou) muito mór Senhor, e mais poderofo que de antes, e não fe contentando de poffuir o feu em paz, determinou de ir conquiftar o Reyno dos Patanes, e deftruir de todo o Xaholão, com quem a fortuna já tinha defandado a roda; porque affim como fubio apreffado, affim tornou a defcer com grande ligeireza. E ajuntando hum muito groffo exercito na entrada defte Verão paffado, entrou pelo Reyno dos inimigos. (E pofto que adiante com o favor Divino havemos de fazer huma particular defcripção de todos

os

os Eſtados ; que eſte Barbaro poſſue, aqui iremos fazendo huma muito breve do caminho que neſta jornada levou.)

Partido da Cidade do Deli, ſempre ao Naſcente, foi entrando por huma Provincia, chamada Matorás, aos tres dias de ſua jornada, por onde ha muitos, e grandes Pagodes daquelles Gentios, continuados dos romeiros de todo o Induſtan. Tres dias foi caminhando por ella, e no cabo delles foi ter á Cidade de Tatepur, que eſtá poſta ſobre huma formoſa ſerra. Dalli a hum dia de caminho foi á Cidade de Agará, (que depois foi Corte, e cabeça do Reyno dos Magores.) Daqui foi caminhando doze jornadas, ſempre ao longo de hum formoſo rio até chegar a duas fortalezas, que eſtavam de huma, e da outra banda, chamadas Manequipur, e Cará. Dellas a outras tres jornadas acháram a Cidade de Janapur, grande, e de formoſos edificios. Dalli a quatro dias de jornada foram á Cidade de Galepur, ou Galipi, que parecia que já em outro tempo fora couſa muito grande, pelas muitas ruinas que nella apparecem, aſſim de edificios, como de ſepulturas, e Pagodes. Neſta terra ſe faz muito açucar cande, que vai a Cambaya, e dalli pera todas as partes da India. Dalli a dez jornadas foram á Cidade de Paial, aonde eſtá hum ſo-

ber-

herbo Pagode dos antigos Reys, de muito grande romagem. Por eſta terra paſſa o rio Gange, e por ſer baixa he muitas vezes alagada, e recebeo delle grandes damnos, e deſtruições; pelo que indo depois o filho deſte Hamau Paxá, ſendo Rey, em romaria áquelle Pagode, vendo o grande damno que ſuas inundações faziam, mandou que ſe tapaſſe o Gange em ſima, e que o repartiſſem por outras partes, como ſe logo fez. Neſta obra ſe gaſtáram oito mezes, andando de continuo nella quarenta mil trabalhadores; e certo que foi obra igual á d'ElRey Xerxes, quando paſſou pera Grecia, agaſtado de ſe lhe affogar hum dos cavallos do ſeu carro, jurando de o fazer paſſar a váo, até as mulheres, como fez, dividindo-o em muitos regatos. Neſte lugar mandou eſte Rey tambem fazer huns Paços de tanta grandeza, e mageſtade, que ſe podem contar antre as maravilhas do Mundo, porque nos affirmáram os Magores, que puzeram em os fabricar trinta annos, andando de continuo dez mil trabalhadores nelles.

Partio o Magor do Paial, em ſinco jornadas chegou á Cidade de Canár, poſta ſobre hum braço do Gange, grande, forte, e formoſa. Dalli a tres jornadas chegáram a huma Provincia de Gentios, chamada Manarás, onde ha muitos, e grandes Pagodes,

e he tão continuada sua romagem de todos os Gentios do Oriente, que se affirma renderem os direitos das pessoas (que pagam huma cousa muito pouca) mais de hum milhão de ouro. A este Pagode se foi tambem offerecer ElRey *Geladdim Mamude*, *filho* deste Hamau; e vendo aquelle *trafego* de romeiros, franqueou aquella romagem a todos liberalmente. Daqui por diante foram entrando pela Provincia dos Patanes, gentes que já senhoreáram todo o Industan; e a duas jornadas por ella chegáram á Cidade de Gasapúr, que tomou muito facilmente. E caminhando adiante outras tres jornadas, chegáram a outra Cidade, chamada Jamanea, sobre quem assentou seus exercitos, por ter novas que o inimigo Xaholão vinha em busca delle com hum grosso poder. Alli se fortificou, e começou a combater a Cidade fortissimamente, por ver se a podia tomar primeiro, que o inimigo chegasse. Xaholan deo-se tanta pressa, que chegou poucos dias depois, e assentou seu arraial da outra banda do rio, huma legua do Magor, donde o foi commetter com muitas escaramuças, de que ambos recebêram bem de damno. O Patane, que era grande Capitão, e de grandes ardís, usou de todos os que pode. O Magor como estava bem provído, foi combatendo a Cidade de vagar,

que

[...]por ſer muito forte, e eſtar muito bem [...]ciada, ſe defendeo muito bem, gaſtan- [...] Magor ſobre ella até o mez de Julho, [...]o rio Ganges, que lhe paſſa per- [...]o, coſtuma a ter ſuas inundações com tan- [...] braveza, que alaga todos aquelles cam- pos mais de oito leguas á roda.

O Patane, que eſperava já por ellas, mandou cortar bem em ſima dous braços daquelle rio, fazendo-lhe primeiro grandes prezas. E chegando as primeiras aguas, as mandou largar de noite, que começáram a vir rompendo por aquelles campos, com tão grande terremoto, que parecia o Mundo ſe desfazia; e dando no exercito do Magor, que eſtava em parte baixa, o alagou todo, affogando-lhe mais de ſincoenta mil homens, a fóra cavallos, bois, e outras alimarias, que foi hum grande número. O Magor ſalvou-ſe com muito trabalho, e quaſi affogado em huma azemala por ordem de hum ſeu azemeleiro, e ſua mulher, que eſtava prenhe, e em dias de parir, eſcapou em hum alifante, com parte de ſuas mulheres em outros. O Parſeo Cancaná tambem eſteve affogado. Toda aquella noite andáram com grande riſco, ſem huns ſaberem dos outros até amanhecer, que ſe começáram a ajuntar ao Magor alguns Capitães, que eſcapáram com ſuas gentes, e ajuntou hum

exercito de perto de ſincoenta mil ho[illegible] E porque receou que os inimigos f[illegible] apôs elle, mandou diante ſua mulher, e [illegible]le foi paſſando por todas as Cidad[illegible] tinha tomadas, levando as guarniçoẽs qu[illegible] nellas tinha poſto, e foi-ſe caminhando a-preſſadamente pera o ſeu Reyno.

A Rainha, que hia algumas jornadas diante, deram-lhe as dores do parto de noite, e dizem algumas peſſoas, que paríra huma filha; e porque ſabia o grande deſgoſto, que o Magor diſſo havia de ter, receando que lhe vieſſe tomar avorrecimento, fiando-ſe de huma peſſoa ſua, ſabendo que aquella meſma noite paríra a mulher de hum Cornacá (que são os que governam os aliſantes, de alguns que levava) hum filho macho, mandou com muita preſſa, e em muito ſegredo, trocar a filha com elle, e affirma-ſe, que nem a mulher do Cornacá ſoubera da troca, porque quaſi foi no meſmo inſtante, que acabára de parir. Iſto nos affirmou muito hum homem Polaco, chamado Gabriel, que veio lá por Moſcovia aos Husbeques, e eſteve na Corte de Abdulacan, Rey de Camarcant, alguns annos, e dalli paſſou ao Magor, em cuja caſa, e ſerviço andou quinze annos, e depois veio ter a eſta Cidade de Goa, onde o communicámos, e ſoubemos muitas couſas daquellas

par-

es, que elle notou bem, por ſer hum
mem muito experto, e de vivo engenho;
conta que dava, vio tanto, ou mais
rco Polo Veneto, porque correo a
Maſcovia, a Husbequia, a Perſia, a Tarta-
ria, e chegou a Cambalec, Corte do Grão
Can, e entrou por parte da Provincia da
China, e voltou pera o Induſtan, e correo
todos os Reynos dos Magores, e todo o de
Cambaya, e Cinde, e depois de eſtar al-
guns annos em Goa, foi-ſe pera Cambaya,
onde morreo.

A Rainha foi creando o menino, e lo-
go ſe publicou que paríra; pelo que voltou
hum criado ſeu a dar novas ao Magor, que
em as ouvindo, e vendo que lhe naſcia hum
filho em tempo de tantas deſaventuras, e
trabalhos, olhando pera o Ceo, diſſe: *Alá
hacbar*, que quer dizer, Deos grande, e
poderoſo, e ao filho puzerão-lhe nome Ge-
laldim; e depois que herdou os Eſtados do
pai, e outros Reynos que conquiſtou, fi-
cando mór Senhor que elle, intitulou-ſe Hac-
bar, que quer dizer, Grande, e poderoſo.

E quanto á dúvida que delle ſe tem, ſe-
gundo praticámos com algumas peſſoas que
o víram, e ainda naturaes ſeus, não pare-
ce em ſua feição Magor, porque he homem
pequeno de corpo, preto, bexigoſo, e tão
mal barbado, que parece Jáo, ſendo todos

os Magores por natureza muito alvos, [illegible] des de corpo, rostos largos, e muito [illegible] bados. Algumas pessoas dizem, qu[illegible] lho da Rainha, e do Cornacá, e [illegible] ella no alifante, emprenhára delle.

E tornando ao Magor, foi caminhando apressado; e tanto que sahio das terras dos inimigos, cobrou mais algum alento. E chegando á Cidade do Deli, querendo gratificar ao azemeleiro, que o livrou da morte, fez aquillo que Assuero a Mordoqueu; vestindo-o em suas insignias Reaes, mandou-o por toda a Cidade acompanhado de toda a Corte como Rey, e depois o assentou em seu Throno, e tres dias continuos o tiráram pela Cidade com pregões, que declaravam o porque lhe fazia aquella honra. Concedeo-lhe mais, que tudo o que naquelles tres dias fizesse, fosse feito, e que nelles pudesse mandar como Rey, e que as rendas de todo o Reyno daquelles tres dias fossem suas, e se arrecadassem pera elle; ficando este homem de pobre, rico, de baixo, grande diante d'ElRey, que sempre lhe fez honras, e mercês. Mandou mais ElRey, que em todas as moedas, que dalli em diante se batessem, fossem cunhadas com huma figura de huma azemala, pela em que se salvou.

Nesta jornada se achou hum Portuguez, cha-

ado Cosmo Correa, casado em Chaul, mulher, e filhos, que ainda vivem, por espancar hum Feitor, fugio pera a, e dalli se passou á Corte do Magor: este homem dava desta jornada muito boa razão, por ser homem avisado, e de quem o Magor foi grande amigo. Contava delle muitas cousas, antre ellas dizia: » Que » estando hum dia praticando com elle, lhe » pedio, que lhe mostrasse o livro por on- » de rezava, que lhe elle mandou vir, que » eram humas Horas de Nossa Senhora, da- » quellas antigas de quarto, illuminadas to- » das; abrindo-as ElRey, deo logo no co- » meço dos sete Psalmos, onde estava a his- » toria de David com Bersabeth, illumina- » da, e grande, que tomava todo o quar- » to. E estando ElRey vendo, disse a Cos- » mo Correa: Que me darás, se te adivinhar » esta historia? Cosmo Correa lhe respondeo, » que tinha elle que dar a hum tamanho » Monarca. Dá-me a tua lança, disse o Ma- » gor, (que era huma de Portugal,) senão » eu te darei a cabeça de hum porco mon- » tez, que diante de ti matarei; e com is- » so lhe contou a historia, assim como a te- » mos na Escritura. » E dando-lhe o livro, lhe disse: » Que lhe mostrasse os quatro ho- » mens, que escrevêram a Lei dos Chri- » stãos. » Cosmo Correa lhe mostrou os Evan-

ge-

gelistas, que estavam illuminados nos co
ços das Paixões, que ElRey esteve ve
devagar; e depois lhe disse: » Ora sabe
» ma cousa, que muitas vezes ouvi
» meu pai Babur Paxá, que se a lei de Ma-
» famede padecesse detrimento, que não re-
» cebesse nenhuma outra, senão aquella, que
» fora escrita por quatro homens. » E assim
era este barbaro tão affeiçoado aos Christãos, que onde os via (principalmente Portuguezes) lhes fazia muitas honras, e mercês. Desta vez ficou o Magor em seus Reynos; e o Xaholan, assim como se levantou de nada, assim desceo apressado, porque quando morreo, já tinha perdido a mór parte de seus Reynos, não lhe ficando herdeiros, e com elle se acabou tódo.

CAPITULO XII.

De como se descubríram as Ilhas de Japão: e de huma breve relação do principio, e origem de seus povoadores: e de alguns ritos, e costumes daquellas gentes: e das Provincias que tem.

ESTando este anno de 1542, em que andamos, tres Portuguezes companheiros, chamados Antonio da Mota, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto no porto de Sião, com hum junco seu, fazendo suas fazendas; as-

áram de ir á China, por ser então viagem de muito proveito. E carregando o junco de pelles, e de outras fazendas, deram à vela, e com bom tempo atravessáram o grande Golfo de Ainão, e passáram pela Cidade de Cantão, pera irem buscar o porto do Chincheo, porque não podiam entrar naquella Cidade; porque depois que o anno de 1515 Fernão Peres de Andrade, estando na China por Embaixador, açoutou hum Mandarim, (que são os que governam a justiça, que antre aquelles Gentios he mui venerada,) de tal maneira ficáram os Portuguezes odiados, e avorrecidos, que mandou ElRey por hum Edicto geral: » Que se não » consentissem mais em seus Reynos os ho» mens das barbas, e olhos grandes; » que se escreveo com letras grandes de ouro, e se fixou sobre as portas da Cidade de Cantão. E assim nenhum Portuguez mais foi ousado a chegar a seu porto; e alguns navios depois por tempos foram a algumas Ilhas daquella costa a commutar suas fazendas, donde tambem os lançáram. Depois passáram ao Chincheo, pera onde estes hiam, e onde os consentíram pelo proveito que tinhão do commercio; mas do mar faziam seu negocio, porque se não fiavam delles. Este junco indo demandar o porto do Chincheo, deo-lhe hum tempo muito grosso, a que os

na-

naturaes chamam Tufão, que he tão [illegible]
bo, e feroz, e faz tantas bravezas, [illegible]
remotos, que parece que todos os eſpir[illegible]
infernaes andam revolvendo as on[illegible]
mares, cuja furia parece que alevanta laba[illegible]
redas de fogo nos ares, e em eſpaço de hu[illegible]
relogio de arêa, corre o vento todos os rumos da agulha, e em cada hum delles parece que ſe vai refinando mais.

He tal eſte tempo, que as aves do Ceo, por hum diſtincto natural, o conhecem oito dias antes, porque logo lhes vem deſcer os ninhos de ſima das arvores, e os vam eſconder em algumas lapas. As nuvens oito dias antes andam tão raſteiras, que parece que as trazem os homens ſobre as cabeças, e os mares neſtes dias andam mui maçados, e azulados. Primeiro que eſte tempo dê no mar, moſtra o Ceo hum ſinal mui conhecido de todos, que he huma couſa groſſa, a que os mareantes chamam Olho de Boi, todo de diverſas cores, tão malenconizadas, e triſtes, que mettem temor a todos os que as vem. E aſſim como o Arco celeſte, quando apparece, he ſinal de bonança, e ſocego, aſſim eſte o he da ira de Deos, que aſſim podemos chamar a eſte tempo.

Os mareantes em vendo o ſinal, logo ſe prepararam, aſſim pera com Deos, (porque poucos navios dos que tomavam naquelle tem-

tempo no mar eſcapavam,) como pera o paſſarem, dando com os maſtareos em baixo, e alijando ao mar todas as couſas de ſima, pera ficarem leſtes como eſtes fizeram, que ſe víram muitas vezes debaixo do mar, e alagados, não fazendo conta de ſi, porque já o junco não dava pelo leme; antes á vontade dos ventos, e dos mares era levado de huma pera outra parte. O mar fervia, os ares repreſentavam hum juizo final com trovões, e relampagos, e já nenhum dos companheiros o tinha pera couſa alguma, porque como mortos eſtavam, lançados por ſima da tolda, e pelos chapiteos, entregues á ſua ventura. Em hum extraordinario curſo da natureza, que ſe neſte tempo nota, ſe póde ver, que he o maior que póde haver no Mundo; porque em quanto dura, he tal ſua força, que reprime o curſo ordinario do mar, e enfrea as marés dos rios, que não encham, nem vaſem. Durou eſta tempeſtade a eſtes homens vinte e quatro horas, e no cabo dellas quietou o junco, mas ficou tal, e tão deſgovernado, que não houve outro remedio mais, que deixarem-ſe ir á vontade dos ventos, que ao cabo de quinze dias o foram lançar antre humas Ilhas, onde ſurgíram, ſem ſaberem onde eſtavam.

Da terra acudíram logo embarcações, em

em que vinham homens mais alvos, que os Chins, mas de olhos pequenos, e de poucas barbas. Delles souberam que se chamavam aquellas Ilhas Nipongí, a que commummente chamamos Japão. E achando naquella gente affabilidade, se foram com elles, que os agazalháram bem. Alli concertáram, e apparelháram o junco, e commutáram as fazendas por prata, que alli não ha outras; e como foi tempo, tornáram-se pera Malaca. A estes homens se deve a gloria deste descubrimento, posto que Marco Polo Veneto tinha dado a conhecer estas Ilhas muito primeiro, chamando-lhes Zipangó, de quem escreveo por ruins informações, estando no Cathaio, algumas cousas, que nos fizeram algum tempo duvidar, se eram estas Ilhas Zipango; porque diz no Itinerario que fez, que Zipango era huma Ilha no Oriente, apartada da terra de Mangi em mar alto mil e quinhentas milhas, que são mais de quatrocentas leguas; e que tinham ouro em tanta quantidade, que os Paços do Rey eram cubertos com grandes pastas delle; e que os idolos eram de diversas feições, com testas de boi, outros de cão, e outros de outras alimarias, huns com huma cabeça, outros com duas, huns com dous braços, outros de vinte até cento; e que os que tinham mais braços, era maior Deos. Diz mais, que

que comiam carne humana os naturaes de Zipango. Eſtas couſas nos fizeram já duvidar fallar de Japão, porque eſtas Ilhas não eſtam affaſtadas da terra firme de Mangi mais que trinta até quarenta leguas; ouro não ha nenhum, ſenão o que lhe levam da China. Nos idólos tambem varía, e muito mais no comer da carne humana, couſa, que ſe não achou nunca em alguma das Ilhas do Japão, por onde não ha dúvida naſcer eſte erro das ruins informações que lhe deram. Mas ſem dúvida que eſtas Ilhas são o ſeu Zipango; porque poſto que diga eſtarem apartadas da terra de Mangi tantas leguas, foi quando a diſtancia do porto do Chincheo, donde naquelle tempo navegavam pera ellas, e a differença que faz da terra de Mangi á da China, he a que cauſou confuſão nos Geografos; porque a verdade he, que o Reyno da China, e o de Mangi todo he hum, e tudo foi ſempre ſujeito a hum ſó Senhor; e o proprio, e verdadeiro nome daquelle Reyno he Cin Mancin, e aſſim o nomeam ſuas eſcrituras; e não declarando Marco Polo iſto, houveram todos, que eram duas Provincias, Cin, e Mancin.

E daqui naſceo a Abraham Ortelio lançar no ſeu *Theatrum Orbis* a Provincia da China deſde Cochimchina até o Cabo de Li-

Liampó, e dalli pera o Norte toda aquella coſta, que corre fronteira a Japão, a faz da Provincia Mangi. E em tudo ha tamanha corrupção, que á Provincia de Cin, que he o verdadeiro nome, chama China, e á Manci, Mangi; como tambem o nome deſtas Ilhas, que (como diſſemos) os naturaes chamam Nipongí, e elle Zipango, e deve de ſer eſte nome corrupto daquelle, por que os Chins as nomeam, que he Gipon, que tem mais ſemelhança. E os Portuguezes, depois que tratáram aquellas Ilhas, o corrompêram no de Japão. E poſto que os Padres da Companhia de Jeſus, que nellas tem tão dilatada a Fé de Chriſto (como diremos) eſcrevam dellas hiſtoria particular de ſua deſcripção, ritos, coſtumes, origem, e princípio, como homens, que as penetráram todas, e que ſabem a verdade dellas, por lerem, e eſcreverem a letra dos naturaes, e verem ſuas eſcrituras; todavia diremos brevemente o que dellas podemos alcançar, por informações de alguns curioſos, que a ellas foram.

Eſtão eſtas Ilhas do Japão, além de toda a India, oppoſtas áquella Provincia, a que Ptholomeu chama *Cinarum Regio*, de trinta pera trinta e oito gráos do Pólo Arctico; são muitas, e a principal he a de Nipongí, em que eſtá a Cidade de Meaco,

que

que he a Corte, e residencia do Imperador. Esta Ilha affirmam os naturaes, que tem de comprido quinhentas leguas suas, que fazem trezentas sessenta e seis nossas. Os Pilotos Portuguezes a fazem de duzentas e sessenta. Quer esta Ilha imitar a figura de hum leão, com ancas viradas pera a terra da China, e o rosto pera o Nascente: o mais alto da cabeça lhe fica em trinta e oito gráos do Norte, e a ponta do rabo, que he á feição de huma raposa, em trinta e quatro. Debaixo delle lhe ficam as duas Ilhas de Ximo, e Xicoco, de que logo daremos razão: e por baixo da barriga desta Ilha lhe ficam outras muitas, e o mesmo antre ella, e a terra da China. He repartida esta Ilha grande em sincoenta e seis governanças. E porque no nomear dellas não podemos guardar a ordem de sua situação, por estarem repartidas por todo aquelle corpo, começaremos da ponta do rabo, e iremos acabar na cabeça.

Nagotono, onde está o porto de Ximino Xeque; e Sino, onde está a Cidade de Jamaguche, Aquinoquinum, Bigo, Bicchum, Bijan, Juami, Izzumo, Misaseca, Farimá, Ccunoconi, Tamba, Meaco, Fogij, Inaba, Tagimá, Tango, Vocasa, Cavachi, Yzumi, Coya, Quinoconi, Ximá, Yxem, Amato, Iga, Vovari, Xivano, Mino, Vo-

sa-

ſaca, Vomi, Fida, Jechego, Chegon, Angua, Jecchum, Noto, Cozzuque, Camoconi, Mechava, Tutoni, Serugá, Izzum, Muſaxi, Aun, Cuzzaca, Ximoza, Fitachi, Sagamixuno, Ccuque, Chi Jafaá, Volum, Figou, Chiqugeu, Chichaga, Bujar, Beigo, Deua, Xuracanano, Xequei, Aquitano, Xiro, Sotonofama, Eccugaruco.

A ſegunda Ilha, que eſtá na ponta do rabo, chamada Ximo, he repartida em dez governanças, e eſtas por quatro Senhores, a que chamam Jacatas. O primeiro, e mais poderoſo he o de Bungo, que tem eſtas governanças: Bunga, Fonga, Bugem, Chiqugem, e Chicungo. O ſegundo he o Xaxumá, e Voſume. O terceiro o de Fongó. O quarto de Arima, e fingem que he hum Reyno muito grande.

A terceira Ilha, que fica aos pés da grande, he a de Xicoco, dividida em quatro governanças, Tonca, Sanoqui, Ava, e Jionoconi.

Quanto á povoação deſtas Ilhas, são tão ſoberbos os Japões, que ſe tem pelos primeiros do Mundo, ſobre o que fabulão couſas muito pera rir, de que brevemente diremos algumas.

Dizem ſuas eſcrituras, que hum gigante, que era ſenhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em ſima, e outro

tro em baixo; que efte de hum ovo, que poz hum galo, formára o Mundo todo, da gema os Ceos, e das claras os elementos: e que arremeçára de fima dos Ceos huma lança, que cahíra fobre aquella Ilha de Japão, e fe mettêra pela terra, e que da abertura della fahíra huma mulher muito formofa, que eftando hum dia affentada á borda da agua, fahíra hum crocodilo, e ferrára della, e a communicára por força, ficando daquelle acceffo prenhe; e que por tempo paríra hum filho delle, e della, de quem fe povoára toda aquella Ilha. E ainda ha hoje muitos Japones, a que chamam Conguis, que são Fidalgos, e continuos da Cafa do Rey, que fe jactão virem direitamente daquella cafta; e tanto fe honrão diffo, que trazem nos calções huns rabos dependurados á maneira dos dos crocodilos.

E deixando as fabulas, a verdade he, que procedem dos Chins, porque em fuas efcrituras fe acha, que foi hum Principe daquelle Reyno degradado parar naquellas Ilhas, onde fe deixou ficar, povoando-fe todas da gente que comfigo levou. Ifto em nenhum modo querem confentir os Japões, nem conceder, por haverem os Chins por muito inferiores a elles. Em tanto, que a mór affronta que fe póde fazer a algum, he chamar-lhe Chim: e pela mefma maneira fe

tem

tem os Chins por tanto mais honrados que elles, que o mór desprezo que se lhes póde fazer, he chamar-lhes Japões. Em fim, o governo destas Ilhas em seu principio, e ainda hoje, andou sempre, e anda nos descendentes daquelle Principe Chim, que tanto que vio a Ilha povoada, tomou titulo de Rey. E seus descendentes vendo a grande multiplicação, que já havia naquellas Ilhas, hum delles vendo-se tão grande Senhor, tomou hum titulo soberbissimo, que he V. O. que quer dizer *Imperador*. Este em certo modo tomou tambem pera si o poder do espiritual, que ficáram herdando todos, porque elles confirmam os seus Bonzos, que são os mestres de sua religião.

Este Imperador assentou sua cadeira na Cidade de Meaco, que está quasi no meio desta Ilha, ou na cintura do leão, em que a figuramos, que he o mais estreito da Ilha; porque por aquella parte não tem mais de trinta e quatro leguas de largura, dezoito até á Cidade de Vacaçá, que está da banda do Norte, sobre as costas deste leão; e dezeseis pera a banda do Sul, até á Cidade de Saqui. Hum destes Imperadores (porque o governo de tamanho Imperio lhe dava trabalho) provêo aquella Ilha de dous Governadores, com nome de Cubos, hum com a jurdição de Meaco pera o Levante,

e

o outro delle pera o Ponente, pera administrarem justiça a todos os Estados (que se governáram por Cubos, que os Imperadores proviam) em paz, e socego muitas centenas de annos. Mas perto dos do Senhor de mil, alevantáram-se entre estes dous Cubos taes guerras, que mettêram toda aquella Ilha em revolta, dividindo-se em dous bandos, favorecendo o Imperador hum delles; e por fim do negocio veio a vencer o da parte contraria, desbaratando em huma batalha o inimigo, e ficando-lhe o Imperador nas mãos; e com elle se recolheo á Cidade de Meaco, e o metteo em seus Paços, onde ficou sem eleição alguma de querer, governando o Cubo absolutamente, dando tudo o necessario ao V. O., que nunca perdeo a authoridade, assim no espiritual, como no temporal; porque todos os Cubos, que hiam succedendo tyrannicamente, tomavam a investidura de sua mão, fazendo-lhe seus acatamentos, como a Senhor supremo.

E o que he muito pera admirar, que nesta dignidade de Cubo, depois do primeiro tyranno até hoje, não succedeo filho a pai, nem irmão a outro, porque todos foram mortos por outros tyrannos ou com ferro, ou com peçonha: succedendo porém sempre na dignidade do V. O. herdeiros naturaes, sem se perder nunca aquella progenia.

Tem os Japões oito, ou nove feitas, alevantadas por homens Estrangeiros, que alli foram ter, e que acabáram em vida religiosa, a que elles chamam *Fotoques*. E tambem alguns naturaes, que elles veneram por Santos, a que chamam *Cammis*, fizeram outras; e todas são recebidas dos daquellas Ilhas, tendo bem differentes opiniões, vivendo cada hum na sua, sem lhe ninguem ir á mão. As seitas são as seguintes. A dos Jexuns: estes affirmam, que não ha mais que viver, e morrer: esta recebêram todos os nobres.

A dos Fonccenxum: estes adoram o Sol, e dizem, que depois que hum morre, vai viver lá outra vida em outro Mundo.

A dos Jodoxum: estes adoram hum idolo, a que chamam Amida: e crem que todas as vezes que o nomeam, ficam absoltos de seus peccados; e tem hum templo alevantado a este idolo, que se chama o *Paraiso de Amida*, em que estam todos os idolos de vulto que adoram; e affirmam, que tem mais de dous mil de differentes feições; (assim como assima dissemos no Cap. I. do Liv. VI., que Marco Polo escreve.)

A seita Jecoxú: os que a seguem affirmam, que depois da morte ha pena pera quem viveo mal, e gloria pera o que obrou bem: esta seita seguem os lavradores.

A

A seita chamada Jamabuxé, os que a seguem adoram os diabos, e communicam com elles domesticamente, e de ordinario lhes apparece em fórma de raposa; e cada vez que querem delles alguma cousa, os chamam com huma buzina, e tem com elles feito pacto, que cada vez que lho mandarem, entraráõ, e tornaráõ a sahir do corpo da pessoa que lhe disserem. E assim como tem odio a alguma pessoa, logo se vingam pela mão do diabo, porque se mette nella, e a atormenta.

Ha outras seitas, de que os Padres da Companhia fazem mais particular menção. Cada rito destes tem seus Prégadores, e defensores, a que chamam Bonzos, e trazem sinaes de suas opiniões pera serem conhecidos, e sobre ellas antre huns, e outros ha grandes disputas. Mas sobre todos estes idolos, adoram a hum Seutó, que dizem, que he huma substancia, e principio de tudo, e que suas moradas são os Ceos. Os peccados principaes que antre os Japões ha, são, fornicar, furtar, matar, beber, mentir: pera estes vicios tem suas purificações, por esmolas, por officios, orações, e por romagens; mas os peccados, que não tem absolvição, são, traição, e morte do pai; suas contas são pelos annos, que os Reys reináram. E isto baste dos Japões.

CAPITULO XIII.

De como ElRey de Zeilá foi ſoccorrido dos Turcos: e da ſerra do Judeo, que Dom Chriſtovão da Gama tomou: e de como os inimigos o foram buſcar: e do conſelho que tomou.

DEsbaratado ElRey de Zeilá por Dom Chriſtovão da Gama, determinou de ſe valer do Baxá do Zebit, a quem deſpedio Embaixadores com muito dinheiro pera lhe mandar mil Turcos de eſpingardas, que lhe elle logo mandou em navios. D. Chriſtovão da Gama eſtava invernando na Cidade de Offar, eſperando cada dia pelo Imperador da Abaſia; era iſto já neſte Agoſto em que andamos. Succedéo neſta conjunção ir ter com elle hum Judeo, e lhe diſſe: » Que ſe » tinha neceſſidade de cavallos, e mulas, que » elle o levaria a huma ſerra, onde ſe pro» veſſe de tudo muito abaſtadamente pera to» do o ſeu exercito; e que a ſerra era de » Judeos, e poderia ter quatrocentos Mou» ros de guarnição, que alli tinha ElRey de » Zeilá, » (parece que eſte Judeo por ſe vingar de outros alguns ſeus inimigos, lhe foi dar aquelle alvitre.) D. Chriſtovão informando-ſe do Barnagais, e de outros Capitães Abexins daquelle negocio, ſoube que

lhe

lhe fallava verdade, e que não ſó era neceſſario dar naquella ſerra pera ſe proverem de cavalgaduras, e tomarem-na aos Mouros, mas ainda pera franquear aquella paſſagem, porque pelo pé della havia de paſſar o Imperador. Pelo que determinou de ir em peſſoa áquelle negocio, levando comſigo as companhias de Manoel da Cunha, e a de João de Affonſeca, e alguns Capitães Abexins, ficando tudo o mais em guarda da Rainha, e do exercito. E todo aquelle dia foi caminhando guiado do Judeo, e paſſou huma ribeira grande em jangadas, e da outra banda alvergou, e no quarto da modorra tornáram a caminhar, e rompendo a manhã, chegáram ao pé da ſerra, que era tamanha, que ſe affirmava ter doze leguas em roda. O Judeo, que hia por guia, o encaminhou logo por hum paſſo muito facil, por onde foram ſubindo, achando em certas paragens alguns Mouros de guarda, que logo foram mortos. E paſſando adiante, ſubíram á chã, onde acudíram logo os Mouros de guarnição, que ſeriam perto de quatrocentos, e o ſeu Capitão diante em hum formoſo cavallo. D. Chriſtovão, que hia em outro muito grande, em vendo o Mouro diante, abaixando a lança, bateo as pernas ao cavallo, e o commetteo, e foi ſua ventura tal, que o levou na ponta da lança, dan-

do

do logo com elle morto no chão. Os nossos rompêram no mesmo tempo com os Mouros, dando-lhes sua carga de arcabuzaria, de que derribáram muitos; e baralhando-se huns com os outros, assim apertáram os nossos com elles, que os puzeram em desbarato, fazendo-lhes virar as costas; e seguindo-lhes o alcance, foram matando nelles bem á sua vontade, escapando-lhes muito poucos, ficando-lhes hum grosso despojo de cavallos, e mulas.

D. Christovão foi demandar huma Villa das principaes, que estava perto, que era povoada de Judeos, como outras seis, ou sete, que havia na serra, em que haveria perto de oito mil delles; e assegurando Dom Christovão a todos, acudíram das outras aldêas a lhe dar a obediencia.

Hum Judeo douto nos disse nesta Cidade de Goa, que aquelles Judeos, e outros que andavam espalhados pela Abasia, e pela Nubia, eram de algum daquelles Tribus que andam desapparecidos.

O Judeo, que guiou a D. Christovão da Gama, vendo as maravilhas que os Portuguezes fizeram, ficou pasmado, e pedio a D. Christovão que o fizesse Christão a elle, e a toda sua familia, mulher, filhos, e escravos; o que elle estimou muito, mandando-os bautizar por hum Sacerdote que leva-

vava, sendo seu Padrinho, e dando-lhe o seu nome, e alcunha; e de consentimento de todos os da serra lhe deo o governo della. Nisto gastou dous dias, e ao terceiro tornou-se pera o exercito, levando huma grande preza de cavallos, mulas, gado, e de outras cousas. E porque por causa desta carriagem hiam caminhando devagar, deixou em guarda della Affonso Caldeira com trinta espingardas, e elle se foi apressando tanto, que aquelle dia já de noite chegou ao exercito. Ao outro dia teve rebate, que os Mouros vinham em busca delle; pelo que se fortificou o melhor que pode, provendo suas estancias mui bem. ElRey de Zeilá com o soccorro dos Turcos ficou tão soberbo, e confiado, que foi logo buscar D. Christovão, e aquelle dia appareceo por aquelle campo com todo o seu poder, e se foi logo chegando ao exercito, e lhe deo huma formosa salva de arcabuzaria, que se julgou por de novecentas espingardas, e cercáram todo o arraial á roda, ficando os nossos dentro encurralados. D. Christovão ajuntou-se em casa da Rainha com os outros Capitães Portuguezes, e Abexins, e tomou parecer sobre o que faria, se seria bem recolher-se á serra, que estava perto, que era muito forte, pera alli esperarem o Imperador. Este conselho houvera D. Christovão de tomar

em

em principio, tanto que se ajuntou com a Rainha, e segurar-se em parte, que os inimigos o não pudessem cercar, até se ajuntar com o Imperador, e da serra pudéra sahir a dar todos os assaltos que quizera.

Mas como era mancebo orgulhoso, e grande Cavalleiro, mas de pouca experiencia nas cousas da guerra, levou-se mais do que o seu coração, e animo lhe pediam, (que era não recear cousa alguma,) que pelas regras, e medidas da milicia, que são prudencia, e circumspecção; e como bom jogador de enxadrés, trazer mais o olho nos lanços do contrario, que nos seus; e mais no que ha de jogar de futuro, que não nos que joga de presente: por isso dizia aquelle grande Menelao, que mais estimava hum Nestor, que dez Ayaces. E Anibal sempre receou mais a Fabio, quando não pelejava, que ao Consul Minucio seu companheiro, que cada dia o commettia; porque o sobejo esforço as mais das vezes dá em perdição, como veio a fazer o deste Fidalgo, que quando entendeo o que lhe relevava, já o não pode executar.

Tornando a nosso fio. Depois que Dom Christovão propoz no conselho o que lhe pareceo, foram os mais de parecer: » Que » já se não podiam recolher á serra, por» que os mesmos Abexins, que andavam

» com

» com elles, que eram por natureza falſos,
» e desleaes, em ſentindo qualquer mudan-
» ça, cuidando que o faziam de medo, to-
» dos ſe levantariam contra elles, por ſe ſa-
» nearem com os inimigos; que o menos
» mal era deixarem-ſe eſtar, porque os Mou-
» ros não lhe podiam entrar o exercito, por-
» que eſtava mui forte, e elles tinham den-
» tro todas as couſas neceſſarias pera ſe ſuſ-
» tentarem até á vinda do Imperador, que
» não podia tardar muito.» Com eſta deter-
minação ſe deixáram ficar, deſpedindo Dom
Chriſtovão hum correio Abexim com hum
eſcrito a Affonſo Caldeira, que ficou atrás
com a recovagem, pera que foſſe deman-
dar o pé da ſerra, e que no quarto da mo-
dorra commetteſſe o exercito, porque elle
eſtaria preſtes pera o recolher. Toda eſta noi-
te paſſáram os noſſos com as armas ás coſ-
tas, cuidando que os inimigos os commet-
teſſem.

CA-

CAPITULO XIV.

De como os Mouros commettêram D. Christovão da Gama: e da grande batalha que tiveram: e de como os nossos foram desbaratados, e D. Christovão da Gama cativo: e do cruel martyrio que recebeo.

AO outro dia, que foram vinte e nove de Agosto, em que se celebra a festa da Degollação de S. João Bautista, determinou ElRey de Zeilá de commetter o exercito dos Portuguezes; e repartindo os seus em duas partes, dando a dianteira aos Turcos, sahio de seus alojamentos com grandes carrancas, gritas, vozes, e sons de instrumentos, e remettendo com as estancias, as commettêram por duas partes, dando grandes surriadas de espingardaria. D. Christovão, que estava já prestes, acudio áquellas partes com alguns que o seguiam; e vendo a grande determinação dos Turcos, receando que o entrassem, determinou de lhes sahir a fazellos affastar. E escolhendo sincoenta soldados, sahio por huma porta, e deo nos Turcos com tamanha furia, que com morte de muitos os arrancou dalli. E porque vinha carregando sobre elle o pezo dos inimigos, se tornou a recolher com perda

de

de quatro homens, e elle com huma eſpingardada por huma perna; e porque ao entrar do vallo vinham já os inimigos ſobre elle, receando Manoel da Cunha (que eſtava em huma eſtancia perto, e via tudo) que entraſſem de envolta com D. Chriſtovão, ſahio-lhe por aquella parte com tamanha furia, e braveza, que ſem temer a multidão delles ſe metteo em meio, fazendo nelles tamanho eſtrago, que de já o não poderem ſoffrer ſe affaſtáram, e Manoel da Cunha ſe tornou a recolher com perda de tres ſoldados. As outras eſtancias eſtavam em grande aperto, porque quaſi que chegáram os inimigos a cavalgallas; e vendo-ſe todos tão arriſcados, querendo antes morrer no campo, que nos vallos, arrebentáram por elles fóra como leões, e deram nos inimigos com muita braveza, travando-ſe antre todos huma muito aſpera batalha. D. Chriſtovão, aſſim ferido como eſtava, ſahio de miſtura com os ſeus, fazendo muito bem o officio de Capitão, e de ſoldado, governando, e provendo nas couſas que lhe parecêram neceſſarias, e pelejando por ſeu braço com muito valor, e esforço, andava em hum formoſo cavallo todo armado; e correndo todas as partes, foi dar com Franciſco de Abreu cercado de hum grande número de inimigos, e elle no meio pelejando como deſ-

deſeſperado, tendo feito nelles grande eſtrago; e mandando-o ſoccorrer por Inofre de Abreu ſeu irmão com a ſua companhia, paſſou adiante por ver as outras partes em que ſe pelejava. Inofre de Abreu vendo o perigo em que ſeu irmão eſtava, ſem receio algum rompeo pelos Mouros, e apreſentou-ſe diante do irmão, que já eſtava muito ferido, e alli fez maravilhas. Mas como o número era tão deſigual, e os Turcos, que vieram de ſoccorro, deſejavam de parecer bem a ElRey de Zeilá, fizeram couſas eſpantoſas, não receando o ferro dos noſſos, que os cortava bem, e aſſim apertáram com elles, que os fizeram recolher aos vallos. Aqui deram huma eſpingardada a Franciſco de Abreu, de que o derribáram; o irmão vendo-o cahir, voltou pera o recolher, dando com grande furia nos inimigos, fazendo-os deter com morte de alguns; e querendo alevantar o irmão, lhe deram a elle outra eſpingardada, de que cahio morto ſobre elle, fazendo ambos neſte dia couſas dignas de grandes louvores. Os noſſos eſtivéram aqui de todo perdidos, recolhendo-ſe aos vallos já desbaratados, e ſem ordem, ficando muitos mortos no campo. Todo eſte tempo eſteve a Rainha em grande afflicção, curando por ſuas mãos os feridos, ajudando-a o Patriarca. D. Chriſtovão da Gama

ma se recolheo aos vallos o melhor que pode, bem perseguido dos inimigos, e mandou a Manoel da Cunha, que com sua gente voltasse a elles, e trabalhasse pelos affastar; e que quando se visse recolhendo, elle faria outro tanto, porque os inimigos não entrassem de mistura com elles. Manoel da Cunha voltou com grande furia, e determinação, arremeçando-se no meio dos inimigos, como hum raio abrazador, ferindo, e derribando nelles cruelmente; e fazendo-os affastar hum pouco, se tornou a recolher pera as estancias, como lhe era mandado. Os Turcos tornáram a carregar sobre elle com grande ímpeto; mas D. Christovão lhes tornou a fazer rosto, pera se poder recolher mais á sua vontade; mas como os Mouros vinham crescendo, nesta parte se tornou a travar huma muito cruel batalha, em que D. Christovão, e todos os seus, como leões famintos, se mettiam em meio dos inimigos sem recearem a morte, fazendo nelles tamanho estrago, que não parecia o damno feito por tão poucos, e tão cansados homens, senão por muitos, e muito folgados. D. Christovão da Gama, (que neste dia mereceo tanto, que bem se pudéra fazer delle só hum grande tratado,) andando accezo na batalha, pelejando por seu braço, e derribando muitos dos inimigos, invejosa a for-

fortuna da gloria de ſeu valor, e esforço, ordenou que lhe déſſem outra eſpingardada pelo braço direito, (que eſte dia tinha ganhado tanta honra, e obrado tão grandes maravilhas,) que lho quebrou de todo, ficando-lhe inhabilitado pera a eſpada. Aqui acudio Manoel da Cunha pelo recolher, voltando aos inimigos, que vinham já victorioſos, e por ſeu muito valor, e esforço ſe detiveram, pelejando os ſeus ſoldados como deſeſperados, vendo o ſeu Capitão mór tão maltratado. E tanto apertáram com os inimigos, que os detiveram, com o que hum ſoldado teve tempo de recolher Dom Chriſtovão, tomando-o ás coſtas com muito riſco ſeu, (e o nome deſte ſoldado tambem o tempo tem gaſtado, cómo o tem a outras muitas couſas bem dignas de memoria pelo deſcuido Portuguez.) Aqui recreſceo o poder dos inimigos; e arrebentando como hum furioſo torrente, deram em os noſſos, e os fizeram voltar de todo pera as eſtancias, ficando no campo deſta feita eſtirados João de Affonſeca, e Franciſco Velho, dous Cavalleiros principaes, que eſte dia fizeram bem grandes couſas. A eſte tempo eſtava D. Chriſtovão curando-ſe em caſa da Rainha; e dizendo-lhe que lhe entravam os vallos, mandou-ſe levar por alguns homens áquella parte, por onde diziam
que

que entravam os inimigos, mandando acudir a gente pera os defender; mas como os Mouros vinham de arrancada, e com a victoria nas mãos, rompêram por elles, e os entráram, acolhendo-se os que nelles estavam pera as tendas da Rainha, cuidando que nella achassem remedio. O Patriarca vendo a cousa perdida, cavalgou em huma formosa egoa, mui grande corredora, e foi-se sahindo do arraial, pela banda que hia pera a serra, porque estava por alli desapressada dos inimigos; e alguns Portuguezes, que o víram ir, o foram seguindo. A Rainha tambem se poz em outra egoa pera ver se se podia salvar. D. Christovão foi logo avisado disto, e mandou algumas pessoas de confiança, que fossem ter mão nella, porque com sua vida se acabaria tudo. O Barnagais, e mais Capitães Abexins nunca sahíram dos vallos pera fóra ajudar os nossos, e muitos delles se recolhêram com o Patriarca. Os Turcos entráram os vallos por duas partes, e vinham já rompendo pelo arraial dentro, matando muitos. Disto se deo rebate a Dom Christovão, que vendo-se perdido, quiz antes morrer ás mãos dos inimigos, que ficar cativo, e assim voltou pera aquella parte, com hum furor tão grande, que lhe fez esquecer as feridas que tinha; e tomando a espada com a mão esquerda, disse aos seus:

» Que

» Que quem o quizesse seguir o fizesse, por» que elle hia morrer em meio dos inimi» gos. » Alguns, que nunca o deixáram, vendo-o daquella maneira, o detiveram, dizendo-lhe: » Que aquillo era mais desesperação, » que determinação, que pera morrerem com » elle, todos estavam muito prestes, mas que » aquillo era arriscar a alma, porque nin» guem podia ir determinadamente buscar a » morte; que o bom sería tratar de se sal» var, porque com poupar a vida se reme» diava a honra, e ahi lhe ficava tempo pe» ra se satisfazer daquella perda. » E tomando-o por força, o puzeram em hum formoso cavallo, e quatorze companheiros em outros, e tomando a Rainha comsigo, e o Barnagais, se sahíram pela outra parte da banda da serra. O que pudéram bem fazer, porque como os Mouros andavam já senhores do arraial, descuidaram-se de tudo por roubarem. Logo se deo recado a ElRey de Zeilá, que D. Christovão era recolhido, pelo que mandou com muita pressa algumas Companhias após elle, encommendando-lhes muito o trouxessem vivo.

Os Turcos andavam espalhados pelas estancias, saqueando tudo; e entrando huma companhia delles nas tendas da Rainha, onde estavam todos os feridos, que não pudéram fugir, e com huma crueldade brutal

co-

começáram a cortar nelles. Vendo hum dos feridos aquella bruteza, alevantou-se o melhor que pôde, e poz o fogo a huns barrís de polvora, que estavam na mesma tenda; que arrebentáram, e deram por esses ares com as tendas, e com quantos havia dentro, sem escapar algum com vida.

E tornando a continuar com D. Christovão: tanto que se sahio do arraial, logo lhes anoiteceo, e perdendo o caminho da serra, se foram mettendo pelos matos, por onde andáram toda a noite; mas a Rainha com o Barnagais foram atinando melhor com muitos Portuguezes em sua companhia, por onde nos parece que D. Christovão foi o que se não quiz recolher á serra, porque sua tenção seria ir-se pera as terras do Barnagais. Em fim, como quer que fosse, elle andou toda a noite; e tanto que amanheceo, acháram huma fonte, onde se apeáram pera darem agua ás cavalgaduras, e pera repousarem hum pouco. Alli se apertáram as feridas huns aos outros o melhor que puderam. Mas a fortuna não satisfeita ainda de tantos males, ordenou que fossem Turcos dar com elles, guiados de huma escrava, que os tinha alli visto. E lançando mão delles, os leváram amarrados a ElRey de Zeilá, que em estremo estimou esta preza, havendo que Mafamede o or-

denára assim, por acabar de triunfar da victoria.

E tendo D. Christovão em pé diante de si, lhe mandou dar em seu rosto muitas bofetadas com as alparcas dos seus escravos, (vileza nunca vista em outro barbaro,) e das barbas lhe mandou fazer tranças, com candeas pequenas de cera, a que mandou pôr o fogo, e disse aos seus: » Que assim » fosse levado por todo o exercito pera » mór vituperio. » D. Christovão soffreo tudo com grande animo, e paciencia, e com o coração posto em Deos, por cujo amor, e serviço padecia aquelle martyrio. Depois de passada aquella affronta, o tornáram a ElRey, que com sua propria mão lhe cortou a cabeça, porque lhe tinha cobrado tão grande medo, que lhe não quiz dar vida, por não ficar vivendo com sobresaltos. Aos outros Portuguezes mandou metter em massmorras, e alguns morrêram logo das feridas, e os mais deviam de acabar no cativeiro, porque não achámos feito memoria de algum delles. Aos Turcos lhes pesou muito da morte de D. Christovão, porque desejavam de o levarem de presente ao Grão Turco, pelo valor, e esforço da sua pessoa; mas sua alma santissima foi-se apresentar na Gloria, diante do dador della, banhada no fresco sangue de seu glorioso marty-

tyrio, porque entrou formosa, e triunfante aonde recebeo a coroa aureola, que está guardada pera todos os que morrerem por sua Fé, honra, e serviço. De que he clara prova huma grande maravilha, que Diogo de Reinoso, e outra pessoa digna de fé víram, por se acharem presentes, e serem da companhia de D. Christovão da Gama, que o escrevêram. E a maravilha foi, que alli onde o Rey de Zeilá degollou D. Christovão, e o seu sangue se derramou, nasceo logo huma fonte de agua, que dava saude aos enfermos, que se lavavam com ella.

Outra maravilha aconteceo tambem no mesmo tempo, e dia, em que este valeroso Capitão, e Martyr de Christo foi degollado, que em certo modo mostrava Deos nosso Senhor nella quão acceita sua morte foi diante delle; porque n'um Mosteiro de Frades se arrancou por si huma arvore muito grande, que tinham na crasta, virando-se-lhe as raizes pera o ar, e a rama pera a terra, estando o dia muito quieto, e sereno, e sem lhe preceder nenhuma tempestade, a que isto se pudesse attribuir. E porque isto causou espanto, e admiração nos Religiosos, que moravão no Mosteiro, onde isto aconteceo, notáram, e escrevêram o dia que foi, por lhes parecer que não carecia de mysterio huma cousa tão nova, e

tão extraordinaria como aquella. E quando souberam da morte deste glorioso Martyr de Christo, (que assim lhe podemos chamar,) viram que foi no proprio dia, em que a arvore se arrancou, a cuja morte elles attribuiam aquella maravilha. E o que nisto he mais pera notar, he ver que estando esta arvore já havia tempos secca, e com as mais das raizes cortadas, aconteceo que vencendo o Imperador da Abassia ao Rey de Zeilá, que degollára D. Christovão da Gama, lhe cortou a cabeça, e no mesmo dia em que lha cortáram, tornou a arvore, que estava secca, a se virar com as raizes pera baixo, e metter-se na terra, e juntamente reverdecer como antes, que se arrancasse della.

A Rainha metteo-se na serra, que era forte, onde se deixou estar com grande dor, e tristeza, por não ter novas de D. Christovão, que ella amava como seu filho. Affonso Caldeira, (que, como atrás dissemos, deixou D. Christovão com toda a preza que tomou na serra do Judeo,) quiz sua boa fortuna, que indo demandar o exercito, aquelle mesmo dia deram com esse alguns, que hiam fugindo do desbarato; e sabendo ser a Rainha recolhida pera a serra, largando tudo, encaminhou pera ella com os trinta companheiros que levava, que a Rainha estimou muito. Poucos dias depois chegáram

ram as triſtes novas da morte de D. Chriſtovão da Gama, porque todos fizeram mui grande pranto, ſendo já alli juntos cento è vinte Portuguezes. Só Manoel da Cunha, depois de tudo perdido, ajuntou quarenta Portuguezes; e não querendo encaminhar pera a ſerra, deſviou-ſe por outro caminho, e foi ter ás terras do Barnagais, onde ſeus vaſſallos o agazalháram, e recolhêram, mandando dalli eſpias a ſaber de D. Chriſtovão, e da Rainha, de que não tinham novas algumas. Aſſim os deixaremos todos em ſua triſteza, até tornarmos a elles.

DECADA QUINTA.

LIVRO IX.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De algumas couſas, em que o Governador Martim Affonſo de Souſa provêo: e da Armada que eſte anno de 1542 partio do Reyno ſem levar Capitão mór: e de como o Governador ſe embarcou pera Cochim.

TAnto que o Governador Martim Affonſo de Souſa tomou poſſe da governança da India, começou de entender nas couſas da juſtiça, e fazenda, achando huma grande quebra nas pareas, que os Reys de Ormuz pagavam, em que já o Governador D. Eſtevão da Gama o Verão atrás tinha bulido. E porque o rendimento do Eſtado não vieſſe tanto a menos, e El-Rey

Rey de Ormuz se não fosse penhorando mais em dividas, desejando de prover naquellas cousas, as poz em conselho. E pera melhor entendimento desta materia, será necessario tornar de novo a dar razão das pareas, que os Reys de Ormuz pagavam. Pelo que se ha de saber, que pelo primeiro contrato, que Affonso de Alboquerque fez com ElRey Ceifadim, lhe poz de pareas quinze mil xerafins de ouro cada anno. Depois quando Antonio de Saldanha foi por Capitão mór aos Estreitos, indo invernar áquella Ilha, onde já reinava Toruxá, filho de Ceifadim, lhe accrescentou mais nas pareas dez mil xerafins, que ficavam sendo vinte e sinco mil. E indo o anno de vinte e tres o Governador D. Duarte de Menezes acudir aos alevantamentos, que houve naquella Ilha contra os nossos, falecendo naquelle tempo ElRey Toruxá, alevantando o Governador por Rey seu filho Mamedxá, fez com elle novos contratos, escritos por Sebastião de Vargas, Secretario de Estado, cujos Capitulos principaes eram.

» Que elle recebia aquelle Reyno de Or-
» muz da mão d'ElRey D. João de Portu-
» gal, que elle, e seus successores tornariam
» a entregar livremente á pessoa que os Reys
» de Portugal mandassem; e que pagaria mais
» de pareas trinta e sinco mil xerafins de ou-

» ro,

» ro, que com os vinte e finco mil pardáos,
» prefaziam fessenta mil xerafins de ouro,
» que elle, e seus successores seriam obriga-
» dos a pagar em ouro, prata, aljofre, pe-
» los preços da terra: com condição, que
» havendo guerra em Cambaya, donde vi-
» nha o principal rendimento daquella Alfan-
» dega, então os annos que durasse não pa-
» gariam mais que os vinte e finco mil xe-
» rafins de primeiro. » O que tudo se verá muito claro em hum livro dos Regimentos das fortalezas da India, que anda nos Contos de Goa, recopilado por Simão Botelho, Veador da Fazenda.

Depois disto os annos de vinte e nove, quando o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz invernar, vindo do Reyno, (como na quarta Decada fica dito no Cap. III. do Liv. VI.) depois daquella perdição de Barém, fazendo pazes com aquelle Guazil, o condemnou em quarenta mil pardáos de pareas, pelo alevantamento que fez, que pagaria do rendimento daquelle Reyno de Barém cada anno perpetuamente. Depois sabendo Nuno da Cunha que aquelle Guazil era vassallo do Rey de Ormuz, os carregou sobre elle, e os poz por Regimento naquella fortaleza, com o que ficáram as pareas em cem mil xerafins de ouro. Estes mandou que se arrecadassem pelo rendimento da Alfan-

de-

dega de Ormuz, e que não abrangendo, lançassem mão de todas as mais rendas do Reyno, até prefazerem aquella quantia. E porque aquelle Rey ficava sem ter com que se sustentar, (depois que lhe lançáram mão de todas as rendas,) mandou o mesmo Nuno da Cunha, que se lhe não bulisse nellas, nem se arrecadassem da Alfandega mais que dous terços, e que a demazia se deixasse a ElRey pera suas despezas. E como naquelle tempo não rendia a Alfandega tanto, que pudesse abranger a tudo, ficou ElRey de Ormuz devendo huma grande quantidade de dinheiro, porque o que faltava se lhe carregava por divida.

Depois mandando o Viso-Rey D. Garcia de Noronha a Ormuz fazer conta destes restes, achou-se ficar ElRey devendo até todo o anno de trinta e nove, trezentos setenta e sete mil e sincoenta e dous xerafins, sete candis, e quarenta e seis dinares. Desta quantia passou ElRey de Ormuz hum Conhecimento sellado com o seu sello, que o Governador Martim Affonso de Sousa achou nos Contos de Goa. E posto que alguns digam, que os quarenta mil pardáos, que o Governador Nuno da Cunha accrescentou nas pareas áquelle Rey, foi pela culpa que lhe achou na morte do Guazil Rax Hamed, (que succedeo naquelle Guazilado em au-

sen-

ſencia de Rax Xarafo, que Manoel de Macedo levou pera o Reyno, como temos dito no Cap. IV. Liv. VI. da quarta Decada,) foi ruim informação; porque nós achámos nas arrecadações dos Feitores daquelle tempo, que ſerviam em Ormuz, carregados eſtes quarenta mil xerafins, com declaração, que eram os que pagava de pareas o Guazil de Barém pelo alevantamento que fez. E porque eſte Guazil de Barém era vaſſallo d'ElRey de Ormuz, e elle lhe pagava aquelles quarenta mil pardáos pelo rendimento daquelle Reyno de Barém, e que não podia ſer pagar quarenta mil a ElRey de Portugal, e outros quarenta mil ao de Ormuz, mandou Nuno da Cunha, que ſe carregaſſem ſobre ElRey aquelles quarenta mil pardáos mais, e que elle os arrecadaſſe do ſeu Guazil; e que o dinheiro de alguns annos, que o Guazil de Barém tinha pagos, ſe abateſſem na divida, que devia ElRey de Ormuz. E porque os proprios papeis, que ſobre iſto ſe fizeram, ou são levados pera o Reyno, ou perdidos, ficou iſto fazendo confuſão, e o não podemos averiguar, ſenão pelo Regimento daquella fortaleza, que mandava arrecadar eſtes cem mil pardáos daquelle Rey, ſem fazer mais alguma declaração, que ſó dizer, que eram de pareas.

E achando o Governador Martim Affon-

tonso de Sousa os Conhecimentos das dividas nos Contos, mandou de novo fazer conta, desdo anno de trinta e nove aié a entrada deste de quarenta e tres, e se achou ficar aquelle Rey devendo quinhentos e dezoito mil e quinhentos e trinta e sete xerafins de ouro. E porque a quantia era muito grande, e não havia esperanças de se arrecadár, não querendo que fosse a divida mais por diante, poz aquelle negocio em conselho, (como começámos a dizer no princípio deste Capitulo,) pera ver o meio que naquillo se podia tomar. E debatido antre todos, assentou-se: » Que visto como ElRey » de Ormuz não podia pagar tanto dinhei- » ró, nem havia por onde se arrecadasse del- » le, (porque se lhe bulissem nas rendas fó- » ra da Alfandega, ficaria sem ter que co- » mer,) e que pois se não podia em tempo » algum arrecadar mais, que o rendimento » da Alfandega; que se lhe mandasse noti- » ficar, que a largasse toda a ElRey de Por- » tugal, e que lhe quitassem todas as divi- » das que devesse; e que na renda da mes- » ma Alfandega se lhe pagassem algumas » tenças aos continos de sua Casa; e que fos- » se o Secretario Antonio Cardoso a Ormuz » a pôr aquellas cousas em ordem.

E porque o Governador determinava de ir a Cochim, tanto que as náos do Reyno che-

chegassem, mandou dar aviamento á Armada que havia de levar; porque tambem se assentou em conselho: » Que se désse hum » grande castigo á Rainha de Batecallá, por» que estava rebellada, e havia annos que não » queria pagar as parcas que devia. » E andando occupado nestas cousas, entrada de Setembro chegáram á barra de Goa as náos da sua companhia, que ficáram invernando em Moçambique, e tres mais de viagem, de quatro que partíram do Reyno, que não traziam Capitão mór. Os Capitães eram Henrique de Macedo, Balthazar Jorge, e Lopo Ferreira, e o Capitão que faltava era Vicente Gil, que se foi perder na costa de Melinde, em parte que se salvóu toda a gente.

O Governador começou a pagar soldados pera a sua Armada, e lançar navios ao mar, porque determinava de se partir logo pera Cochim a dar ordem á carga das náos, e a escrever pera o Reyno. Tambem despachou as náos pera Malaca, em que se embarcou Fernão de Castro, que era provído da Capitanía de Maluco, porque lhe cabia entrar. D. Estevão da Gama, que estava em Pangim, sem correr com o Governador, mandou recado ao Veador da Fazenda, que havia mister navios pera se ir pera Cochim, que lhos désse dos d'ElRey como era obri-

ga-

gação. O Veador da Fazenda o fez a saber ao Governador, que mandou que se lhe déssem com todo o necessario, como se fez, e elle se embarcou sem se despedir do Governador. Martim Affonso de Sousa, porque se queria logo embarcar, deo despacho a muitas cousas, e antre ellas foi agazalhar os Padres da Companhia, que até então estavam no Hospital, e assentou com os Vereadores, que se lhes désse o Seminario, que D. Estevão da Gama ordenou na carreira dos cavallos, onde estavam os Meninos orfãos, e os novamente convertidos á Fé Catholica, pera os ensinarem, e doutrinarem, e lhes deram hum arrezoado chão pera suas officinas.

Os Padres se mudáram logo pera lá, e ordenáram hum moderado Templo, conforme ao lugar, e tempo, pera nelle celebrarem os Officios Divinos; e começáram a administrar com muita caridade os Sacramentos, sendo ajudados em tudo dos Cidadãos de Goa com muito amor; e assim foram crescendo, assim em virtude, como em número, e Templo, porque depois (como diremos) fundáram no mesmo lugar aquelle celebrado Collegio de S. Paulo, que he hum dos melhores da Europa.

O Governador deo despacho ao Secretario Antonio Cardoso pera Ormuz, que se em-

embarcou logo ; e segundo ouvimos dizer a Fidalgos daquelle tempo, antre os Capitulos que lhe deo de seu Regimento, foi hum, que devaçasse de Martim Affonso de Mello Juzarte, Capitão daquella fortaleza, porque desejava de embicar com elle, porque não era seu amigo; e assim nos affirmáram, que lhe passára huma Provisão em segredo, pera que achando-o culpado nos Capitulos que levava, o mandasse prezo, e elle ficasse por Capitão até ir o provído. Mas a verdade he, que lhe mandáram de Ormuz muitos capitulos contra elle, falsos, e mentirosos, porque nestas fortalezas sempre ha homens de ruim zelo, capituladores, e máos de contentar.

O Governador se embarcou de todo, e deo á véla em Outubro, levando comsigo as náos do Reyno. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram, foram D. Manoel de Lima, D. Martinho de Sousa, Pero Vaz de Siqueira, Alonso Henriques, Manoel de Sousa de Sepulveda, Bernaldim de Sousa, Fernão da Silva, Alcaide-mór de Alpalhão, Fernão de Sousa de Tavora, Dom Diogo de Almeida Freire, Diogo de Mendoça, Diogo de Reynoso, Francisco de Sá de Menezes, Francisco Lopes de Sousa, Antonio de Sá o Rume, D. Duarte de Menezes, Antonio de Soto-maior, Affonso Pe-

rei-

reira de Lacerda, Jorge de Mello o Punho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Pires Deça, Fernão de Lima, Gaſpar de Souſa, Affonſo Furtado, Alvaro de Mendoça, D. Franciſco de Noronha, Fernão Gomes de Souſa, João de Mendoça, D. João Henriques, D. João Maſcarenhas, Luiz Cayado, Vaſco da Cunha, Luiz Falcão, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a que não achámos os nomes. E ſeguindo ſua viagem, foi ſurgir com toda ſua Armada ſobre o porto de Batecalá.

CAPITULO II.

Do ſitio da Cidade de Batecalá: e de como o Governador Martim Affonſo de Souſa deſembarcou nella, e a deſtruio: e de como D. Eſtevão da Gama ſe embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.

ESta Cidade de Batecalá eſtá na coſta do Canará em altura de gráos do Norte; foi ſempre ſujeita aos Reys de Biſnagá; eſtá ſituada quaſi huma legua por hum muito freſco rio aſſima, e eſtendida em hum plano com muitos palmares, hortas, e fazendas ao derredor, com muitos, e grandes campos, e varzeas, em que ſameam muito arroz, e huma laia delle, a que chamam Gi-

Giracal, o melhor de toda a costa da India, de que se provê a mór parte della. He povoada de Gentios, he grande, e de grandes edificios, e pagodes. Foi sempre muito prospera, rica, e mui continuada de mercadores Estrangeiros da Persia, e da Arabia, que alli hiam carregar suas náos de fazendas, porque ha alli muitas sortes de roupas muito finas, muito gengivre, ferro, e outras cousas. A sua barra he muito ruim, e não podem entrar por ella senão navios de remo, e inda com maré cheia. Na boca della da banda do Norte tem hum morro alto com pedras na ponta sobre o mar; de longo della entra o rio, e torna a voltar caminho do Sul-Sueste, alargando pera dentro cada vez mais. Da outra parte da entrada da barra da banda do Sul tem huma praia muito grande, que faz huma bahia á maneira de concha, onde o mar em tempo dos Ponentes quebra, e anda muito banzeiro, por lhe ficar em opposito. Affastado da ponta da barra hum tiro de falcão tem hum ilheo redondo alto, e delle ao mar no mesmo parallelo perto de duas leguas outro, cheios ambos de mato, em que andam bichos peçonhentos; e por antre hum, e outro passam todas as náos; mas por antre o da terra só fustas. De longo de ambos ha algumas abrigadas, a que as fustas que alli an-

andam da Armada, ſe acolhem em tempos rijos.

Surto o Governador Martim Affonſo de Souſa, mandou requerer á Rainha, » que » lhe mandaſſe pagar as pareas, que devia » dos annos atrás paſſados, e que lhe en» tregaſſe logo todos os navios de remo, » que em ſeu porto eſtiveſſem, porque dal» li ſahiam a roubar todo aquelle mar, e » ella os recolhia dentro. » A Rainha quiz uſar de manha com o Governador, porque ſabia que hia pera Cochim, e que ſe não havia de deter muito, mandando-lhe dizer, » que pera tudo eſtava preſtes, que ajunta» ria as pareas, e que os navios logo ſe lhe » entregariam. » E pera maior diſſimulação, ao outro dia lhe mandou os caſcos de tres navios velhos, e dahi a dous dias outros dous, ſem virem as pareas, gaſtando neſtas dilações ſete, ou oito dias. O Governador enfadado, mandou fazer preſtes a todos pera ao outro dia deſembarcar, como fez, naquella praia da bahia, em que ordenou dous eſquadrões de ſeiscentos homens cada hum, dando hum a Fernão de Souſa de Tavora, a quem encommendou a dianteira, ficando o Governador com o outro, em que hiam os mais dos Fidalgos; e pelo rio dentro mandou vinte navios ligeiros pera irem commetter a Cidade pela banda do mar. E

postos em ordem, foram marchando pera a Cidade por meio daquelles palmares, onde a Rainha mandou lançar muita gente de espingardas, que travaram com a dianteira, indo os nossos pelejando com elles sem se sahirem de seu compasso, levando-os diante de si até os metterem pela Cidade, em que de envolta com elles foram entrando, achando grande resistencia, porque acudio alli a Rainha com todo o poder. E como todos pelejavam em defensão de sua Cidade, mulher, filhos, e fazendas, faziam maravilhas.

Aqui, antes de entrarem na Cidade, se adiantou hum soldado (a quem não achámos o nome) sobre quem carregáram mais de duzentos dos inimigos, cercando-o por todas as partes; mas elle com muito animo, valor, e esforço, saltando a huma, e a outra mão, como hum leão bravo, se defendia de todos, ferindo a muitos, que trabalháram por lhe chegar.

Estando neste conflicto, chegou outro soldado, chamado Francisco de Almeida, natural de Santarem; e vendo-o em tamanho aperto, espantado das cousas que fazia em sua defensão, rompeo por todos os inimigos, ferindo nelles até se pôr junto delle, e com as costas hum no outro se defendêram de todos, fazendo nelles mui grande estra-

go,

go, de feição, que já os inimigos não ousavam de os commetter de perto, mas de longe lhes atiravam com muitos tiros de arremesso. Mas elles como touros magoados das garrochas dos inimigos, bramindo, e assoviando, arremettiam com elles, e os magoavam bem, trazendo elles já muitas feridas; e assim se detiveram até chegar o esquadrão, que remettendo com aquelle cardume, desbaratáram-no logo, recolhendo aquelles dous valorosos soldados.

Os que entráram a Cidade apertáram tanto com os inimigos, que os arrancáram della, recolhendo-se pera o sertão. O Governador entrou na Cidade; e sabendo ser despejada, a deo a sacco aos soldados, que se ceváram bem á sua vontade, não perdoando a sexo, nem a idade, mettendo tudo a ferro; e depois que se carregáram, e fartáram, deram fogo á Cidade, que por todas as partes ardeo toda sem ficar cousa em pé.

O Governador mandou cortar todos os palmares, e quantas fazendas havia á roda, e depois de tudo consumido, assolado, e feito em cinza, se recolheo pera a Armada, deixando por toda aquella costa tamanho terror, e espanto em todos, que se mudou hum antigo adajo, que por toda a India corria (de Oxar Batecalá) que quer dizer, guardar de Batecalá, por serem seus

naturaes tão soberbos, que nada soffriam: E dalli por diante se disse, Oxar Martim Affonso; e assim em qualquer parte da costa da India, em que depois os Portuguezes desembarcavam, diziam pelos quebrantar: *Oxar Martim Affonso*; e assim ficáram naquella costa tão respeitados, e temidos de todos, que só sua memoria, ou lembrança os atormentava. O Governador deo á véla, e foi sua derrota pera Cochim, e desembarcando naquella Cidade, foi della muito bem recebido, e logo começou a entender na carga das náos, com que D. Estevão hia correndo, conforme ao Regimento, em que manda ElRey: » Que todo o Governador » que acabasse seu tempo, em quanto esti- » vesse em Cochim, usasse de poderes de Go- » vernador, assim na carga das náos, como » justiça, » ainda que muito depois lhes tirou o poder, como em seu lugar diremos, na justiça, porque perdoavam muitos casos feios, e muitos degredos.

D. Estevão da Gama como estava tomado, e não corria com o Governador, passou-se pera a Ilha de João Pereira, donde se embarcou na entrada de Janeiro na náo Burgaleza. Tiveram estas náos boa viagem até o Reyno. Sómente a náo Santo Espirito, de que era Capitão Alvaro Barradas, indo por dentro, por onde então hiam to-

das

das as náos, foi-ſe perder junto de Titangone, onde ſe ſalvou toda a gente, e a mór parte da fazenda. D. Eſtevão da Gama foi em Portugal deſembarcado por todos os Senhores, que o leváram a ElRey, que o recebeo mui bem. E pelo ElRey D. João o III. querer caſar, e elle não querer, lhe não deram ſatisfação de ſeus ſerviços, que foi cauſa de ſe elle ir viver a Veneza com ſua licença, onde eſteve annos, muito reſpeitado do Senado, até o Imperador Carlos V. o perſuadir com largas promeſſas de mercês, que lhe ElRey faria, a ſe vir a Portugal, que lhe não cumpríram.

Foi eſte Fidalgo filho ſegundo de Dom Vaſco da Gama, primeiro Conde Almirante, o que deſcubrio a India. Era homem de meã eſtatura, bem aſſombrado, e alegre: era groſſo, eſpadaúdo, e muito barbudo, de cabello preto; e aſſim parece hoje na caſa dos Governadores, onde eſtá o ſeu retrato muito pelo natural. Foi Governador de Lisboa, foi Fidalgo liberal, de verdade, muito bom cavalleiro, homem, que executava os conſelhos, e era porfioſo; nunca foi caſado: teve hum filho natural, chamado D. Vaſco da Gama, que deixou por ſeu herdeiro, e caſou com huma filha de André Telles, Mordomo mór do Infante D. Luiz, e D. Catharina, Freira em Santa Clara de

Lis-

Lisboa. Dizem que depois de velho foi commettido pera ir á India, e que se escusára, porque quiz quietar; e pera melhor dizer, segurar a consciencia, porque ella, e a honra estam muito arriscadas naquelle cargo. Jaz enterrado na Vidigueira em hum Convento de Carmelitas, que se chama Nossa Senhora das Reliquias, tem Capella dotada, e tem hum letreiro na sua sepultura, que diz assim: *O que armou Cavalleiros ao pé do monte Sinay, veio acabar aqui.*

CAPITULO III.

Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa depois que despedio as náos do Reyno: e de huma breve relação de todas as cousas d'ElRey de Maluco, que estava em Goa: e de como foi despachado pera ir entrar no seu Reyno: e das cousas a que o Governador mandou Simão Botelho a Malaca.

DEspedidas as náos pera Portugal, ficou o Governador Martim Affonso de Sousa dando despacho a alguns Embaixadores, que o foram visitar, como foi o do Çamorim, que recebeo muito bem, e confirmou com elle as pazes de novo. E assim mesmo o da Rainha de Batecalá, que escramentada do castigo que lhe deram, não quiz ex-

experimentar mais o ferro Portuguez, e mandou pedir com muita humildade perdão das culpas passadas, offerecendo-se a pagar tudo o devido, e a continuar com as pareas, que era obrigada a pagar cada anno.

O Governador lhe concedeo as pazes, com condição: » Que entregaria logo tudo o » que devia, e que pagaria todos os annos de » pareas dous mil fardos de arroz, assim co- » mo se obrigára ao Viso-Rey D. Francisco » de Almeida.

» E que não recolheria em seus pórtos » navios alguns de cossairos.

» E que daria lugar pera feitoria pera es- » tarem os Officiaes d'ElRey feitorizando » suas cousas.

» E que nenhum gengivre iria mais pe- » ra Meca, antes todo se venderia na feito- » ria pelo preço da terra. » Disto se fizeram papeis, e a Rainha cumprio á risca tudo.

Acabados estes negocios, se embarcou o Governador pera Goa, onde começou a entender com as cousas d'ElRey de Maluco, que estava nella. E porque depois que foi tirado do seu Reyno não tratámos delle, daremos agora huma breve relação de todas, porque de proposito as guardámos pera este lugar, pelas não contarmos por pedaços.

Capitulo XIII. do VIII. Liv. da quarta Decada, temos dado conta de como chegan-

gando Triſtão de Taíde a Maluco, prendêra ElRey Tabarija de Ternate, e o mandára á India com hum auto de culpas, que lhe formára, ſendo aquelle Rey innocente de todas. E como Deos noſſo Senhor he verdadeiro Juiz, e igual pera todos, ſem excepção de peſſoas, vendo a grande ſem juſtiça que ſe lhe fazia, pondo os olhos nelle, tratou de o remediar, aſſim na reſtituição de ſeu Reyno, como na ſalvação de ſua alma, por eſta maneira.

Eſtando eſte Rey na Cidade de Goa, ſem lhe fallar a feito, por cauſa da guerra de Dio, dando-ſe-lhe porém tudo o neceſſario da fazenda d'ElRey: correndo aſſim eſte tempo, veio a tomar converſação com hum homem Fidalgo, chamado Jordão de Freitas, (que já era de mais longe, por algumas vezes que tinha ido a Maluco,) e aqui em Goa, onde elle correo com mais continuação, ſe lhe veio a entregar de feição, que não fazia ſenão o que lhe elle aconſelhava, ſolicitando elle ſeus negocios com o Governador Nuno da Cunha, a que o tempo não deo lugar pera o deſpachar. E como Jordão de Freitas era homem amigo de Deos, e virtuoſo, vendo aquelle Rey tão entregue a ſeu parecer, apalpou-o por vezes pera ver ſe o podia fazer Chriſtão; e achando ſempre nelle brandura, e affabilidade, e folgar de ouvir

pra-

praticar nas coufas de noffa Lei, e Fé Catholica, foi levando aquelle negocio por termos, que o veio a render, e a elle conhecer a verdade, e cahir no engano em que andava. Tendo-o Jordão de Freitas já difpofto pera fe declararem com elle, deo conta ao Governador Nuno da Cunha daquelle negocio, que elle eftimou muito. E vendofe com ElRey, lhe fez muitos differentes gazalhados: e fabendo delle que eftava feguro, e firme em fua vontade, mandou a alguns Religiofos virtuofos, que foffem correr com elle, e o catequizaffem, como fizeram, moftrando elle tamanho gofto daquillo, que em poucos dias aprendeo a Doutrina Chriftã.

E eftando já fufficiente pera receber o fanto Sacramento do Bautifmo, ordenou o Governador pera aquelle dia as mores feftas que podiam fer, mandando-lhe muitos ricos trajos á Portugueza; e elle pedio ao Governador de mercê: » Que foffe feu Pa» drinho, e que houveffe por bem, que Jor» dão de Freitas tambem o foffe, porque a » elle devia aquella mercê, que lhe Deos fa» zia. » Do que o Governador foi muito contente, e affim o bautizáram na Sé, pondolhe nome D. Manoel, ficando entregue a Jordão de Freitas, que correo fempre com feus negocios muito pontualmente. E como

El-

ElRey lhe eſtava muito affeiçoado, lhe fez doação da Ilha de Amboino, que era ſua. E entrando o Governador D. Eſtevão da Gama na governança, mandou a ElRey Dom João as culpas deſte Rey, eſcrevendo-lhe ſobre ſuas couſas; e aſſim o fez o meſmo Rey, pedindo-lhe mandaſſe que lhe fizeſſem juſtiça. Foram eſtes papeis todos a ElRey, porque eſtimou muito fazer-ſe aquelle Rey Chriſtão, e por elles vio que as culpas que lhe puzeram eram falſas.

Pelo que eſte anno de quarenta e tres eſcreveo ao Governador Martim Affonſo de Souſa, que o mandaſſe metter de poſſe do ſeu Reyno, eſcrevendo-lhe cartas mui honroſas, e mandando-lhe muitas peſſas; e confirmou a Jordão de Freitas a Ilha de Amboino, com certa jurdição, e fazendo-lhe mercê da Capitanía de Maluco, pera levar aquelle Rey comſigo, e o metter de poſſe do ſeu Reyno. Pelo que o Governador mandou negociar hum galeão muito formoſo, pera partir eſte Abril em que andamos, e deſpachou Jordão de Freitas pera ir entrar na Capitanía de Maluco, (por virem novas nas náos de Malaca, que Fernão de Caſtro, que hia pera entrar nella, era falecido naquella Cidade,) dando-lhe todas as couſas neceſſarias pera a viagem, pera o ſerviço daquelle Rey; e em vinte de Abril ſe fez

fez á véla, muito contente, e ſatisfeito do gazalhado que achou nos Governadores da India; e de ſua viagem adiante daremos razão.

E porque nas couſas da Alfandega de Malaca havia muitas deſordens, aſſim em prejuizo da fazenda d'ElRey, como das partes, pelas muitas injuſtiças, e tyrannias, que alguns Capitães uſavam, quiz o Governador mandar prover em tudo por Simão Botelho, que deſpachou com poderes de Veador da Fazenda, dando-lhe largos Regimentos ſobre eſte negocio a que o mandava. E por não deixarmos eſta materia pera outro Capitulo, (porque não ſoffre a grandeza da hiſtoria tanto,) diremos brevemente as couſas, que movêram ao Governador acudir a iſto, e dos antigos coſtumes do tempo dos Gentios, e Mouros, por ſer aſſim neceſſario pera melhor entendimento da hiſtoria.

Pelo que ſe ha de ſaber, que depois que o valoroſo Capitão Affonſo de Alboquerque tomou aquella Cidade de Malaca a ElRey Soltão Mahamed Xá, deſejou ElRey Dom Manoel em eſtremo de o reſtituir á ſua Cidade, e que ficaſſe regendo, e governando ſeus vaſſallos com as rendas da Alfandega, porque não queria mais, que ter alli huma fortaleza, pera acarretar dalli pera a India todas as drogas, que alli hiam ter de todas

as

as partes do Oriente por modo de commercio; porque havia, que correndo todas por ſuas mãos, montaria muito ao Eſtado da India; e que tambem poderiam ir alli carregar algumas náos da pimenta de Jaoa, e Sunda pera o Reyno. Sobre a tornada daquelle Rey pera a Cidade de Malaca trabalhou bem Affonſo de Alboquerque, mandando-lhe offerecer livremente a ſua Cidade, o que elle não quiz acceitar, antes fez muitas vezes guerra áquella fortaleza, como nas Decadas de João de Barros, e nas noſſas ſe conta.

Vendo ElRey D. Manoel que aquelle Rey não queria fazer razão alguma de ſi neſta materia, mandou que ſe arrecadaſſem os direitos daquella Alfandega, aſſim, e da meſma maneira que ſe arrecadavam em tempo de todos os Reys Malayos, que eram pela maneira ſeguinte.

De todas as fazendas que hiam ter áquella Cidade, des da boca do rio o Ganges até o Indo, pagavam a ſeis por cento. E de todas as outras Provincias, deſdo Ganges até a China, davam de todas as fazendas, que naquella Cidade entraſſem, a quarta parte a ElRey pela avaliação da Alfandega, e eſta avaliada por ſeus Officiaes, que ſempre punham o que valia doze em oito; e que lhes pagariam em outras fazendas,

tam-

tambem por avaliação dos mesmos Officiaes; que sempre a faziam de feição, que nella ganhavam aquelles Reys a vinte por cento. Isto montava muito áquelles Reys pela grande cópia de navios, e fazendas, que todos os annos hiam áquelle porto; e a estes costumes chamavam na sua lingua, Bullibulião, que se foram tambem arrecadando por conta d'ElRey, pagando-lhes as fazendas em outras, que os Governadores da India mandavam todos os annos pera isso. E além dos costumes d'ElRey, tomavam os Capitães, e Officiaes o que queriam pera si, fazendo tantos roubos, e tyrannias nisto, que escandalizáram os mercadores de feição, que deixavam já de vir áquella Cidade, e hiam buscar os portos dos Reys de Malaca, onde achavam mais moderação.

E esquecendo-se alguns Governadores de mandarem fazendas pera este resgate, foram os Capitães lançando mão delle pera si, usurpando a posse daquelles costumes, tomando as fazendas que alli hiam por muito menos, e dando-lhes outras por muito mais; e ficou ElRey de Portugal pondo (como lá dizem) as linhas de sua casa. Tanto, que rendendo d'antes bastantemente pera os gastos, e ordinarias das fortalezas, veio tudo a tanto menos, que foi necessario mandar-se do rendimento da India o cabedal pera aquellas des-

pe-

pezas. Informado o Governador Martim Affonſo de Souſa diſto, querendo prover a tamanhas deſordens, mandou Simão Botelho (como atrás diſſemos neſte meſmo Capitulo) com novos Regimentos pera tirar aquelles coſtumes antigos, ordenando: » Que » dalli em diante todos os mercadores, de qual» quer parte que foſſem, não pagaſſem na» quella Alfandega de Malaca mais que a » ſeis por cento de entrada, tirando as fa» zendas de Bengala, que eſtas pagariam a » oito; e as da China, que vieſſem por mãos » dos Portuguezes, a dez; mas os naturaes » não pagariam mais que a ſeis. » Iſto ordenou o Governador, porque ſe hiam pera aquellas partes muitos Portuguezes, e deixavam o ſerviço d'ElRey por ſe fazerem mercadores, e quiz com eſta alteração nos direitos, ver ſe podia evitar iſto.

Ordenando mais: » Que todos os man» timentos que entraſſem naquella Cidade, » foſſem livres, e izentos, » porque acudiſſem muitos, como fizeram; porque depois de Simão Botelho chegar áquella fortaleza; e pôr os direitos que levava por regimento, correndo a fama por todas as partes daquella liberdade, começáram a acudir tantas fazendas, que aquelle primeiro anno rendêram os direitos vinte e ſeis mil e duzentos e ſincoenta pardáos de ouro; e depois foram

ram ſubindo tanto mais, que no tempo em que iſto eſcrevemos, rende de vantagem de oitenta mil.

E todavia ſempre os Capitães ficáram na antiga poſſe de tomarem todas as drogas pela avaliação, que he couſa que lhe importava muito. Deſpedido Simão Botelho, deſpachou o Governador a D. Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim, por ter acabado ſeu tempo D. Franciſco de Menezes; e com iſto ſe cerrou o inverno.

CAPITULO IV.

Das couſas, que acontecêram na Abaſia: e como o Imperador com o favor dos Portuguezes deo batalha a ElRey de Zeilá, em que o desbaratou de todo.

ESTando a Rainha recolhida naquella ſerra em que a deixámos, muito triſte pela morte de D. Chriſtovão da Gama, eſperando cada dia por novas do Imperador ſeu filho, que lhe não tardáram muito, affirmando-lhe que já vinha perto: e tomando conſelho com os Portuguezes, que com ella eſtavam, ſobre o que faria, aſſentáram que ſe paſſaſſe pera a ſerra do Judeo, (que por outro nome ſe chamava de Caloa,) por onde elle forçado havia de paſſar. E partidos dalli, chegando a ella, já o acháram, porque

que era chegado do dia d'antes. O Imperador recebeo a mãi, o Patriarca, e os Portuguezes muito bem, sahindo aos esperar ao caminho, e então soube da morte de Dom Christovão, porque mostrou muito grande sentimento. Trazia elle muito pouca gente, porque vinha pela posta, e afforrado. E sabendo das cousas que eram passadas, e do poder do inimigo, foi-lhe necessario deixarse ficar na serra até lhe acudirem seus vassallos. Dalli mandou espiar os inimigos, e provêo todos os Portuguezes de armas, cavallos, e de todas as mais cousas necessarias, mandando-lhes armar tendas junto das suas, pera os ter sempre a par de si.

A fama de sua chegada correo logo pela terra, que foi causa de começar logo de acudir gente a ver o seu Rey, e em muito poucos dias ajuntou seis mil de pé, e quatrocentos de cavallo, com que determinou de ir buscar o inimigo, como delle tivesse novas. E sabendo como Manoel da Cunha com a gente de sua companhia estava na terra do Barnagais, o mandou logo chamar pela posta, escrevendo-lhe os Portuguezes, que viessem pela serra da Rainha, e trouxessem todas as armas de sobrecellente, que D. Christovão deixou nella. Poucos dias depois lhe chegáram novas de como o Rei de Zeilá, havendo-se por senhor da terra com

a vitoria que alcançára, despedíra os Turcos pera Zebit, ficando-lhe só os duzentos, que trazia de ordinario pera sua guarda; e que com parte de sua gente se passára pera a Provincia de Agá, por onde o Nilo atravessa, pera se santificar, e recrear nelle com sua mulher, e familia.

Com estas novas folgou o Imperador muito, e deo conta dellas aos Portuguezes; e aconselhando-se com elles sobre o que faria, lhe disseram: » Que fosse logo buscar » o inimigo, primeiro que se refizesse, por» que estava certo, em tendo novas de sua » chegada, ajuntar todo o seu poder pera o » esperar. » Com esta determinação se sahio da serra do Judeo com sua gente, posta em muito boa ordem, dando a dianteira aos Portuguezes. E caminhando por onde as guias o levavam, antes de chegarem a huma serra, que se chamava Oé nad qas na Provincia de Ambéa, hum dia pela manhã encontráram hum Capitão d'ElRey de Zeilá com trezentos de cavallo, e dous mil de pé, que parece que se hia pera ElRey, por haver já novas da chegada do Imperador. Os Portuguezes, que hiam na dianteira, mandáram recado ao Imperador, que se apressasse, porque elles começavam a travar com os inimigos. Sahiam os Portuguezes por todos sincoenta de cavallo, e determinando-se, re-

mettêram com os inimigos com muito animo, sendo o primeiro que nelles rompeo hum Antonio Cardoso, criado d'ElRey, homem nobre, que vendo o Capitão dos Mouros diante, enrestando a lança, o encontrou de meio a meio, e tomando-o pelos peitos, o derribou logo morto. Os outros Portuguezes tambem do primeiro encontro derribáram muitos, ficando todos baralhados em huma aspera batalha, em que os nossos fizeram muito por se satisfazerem do aggravo, que lhes era feito em lhes matarem Dom Christovão da Gama seu Capitão mór; e assim quando o Imperador chegou, tinham elles feito mui grande estrago nos inimigos.

O Barnágais, que hia diante do Imperador, chegando aos nossos, que andavam como leões, baralhou-se com elles, e dando nos Mouros com grande ímpeto, tambem lhe derribou muitos. O Imperador apressou-se; e chegando á batalha, que vio o furor com que os Portuguezes pelejavam, e o grande estrago que tinha feito nos inimigos, pondo as pernas ao cavallo, se foi metter no meio delles, animando-os, louvando-os, e pelejando com muito valor. Mas como os inimigos entendêram que alli estava o Imperador, logo se puzeram em fugida, indo os que escapáram dar novas a ElRey de Zeilá do que era passado, o que elle sen-

tio em eſtremo. Perdêram-ſe dos Mouros mais de oitocentos, e outros ſe eſpalháram, indo muitos feridos a buſcar a cura.

O Imperador mandou armar tendas no lugar da batalha pera dar deſcanço aos Portuguezes, que tinham muito bem trabalhado, não ſe fartando de lhes fazer honras, e gazalhados, mandando curar alguns feridos, que elle, e ſua mãi viſitáram, mandando ter delles muito grande cuidado. Ao outro dia pela manhã levou o Imperador ſeu campo, e foi marchando pera onde eſtava o Rey de Zeilá, porque com aquella quebra havia de eſtar enfraquecido; e tendo andado pouco mais de huma legua, houveram viſta delle, que eſtava com toda a ſua gente em ſom de batalha, porque ſabia que os Portuguezes haviam de fazer com o Imperador que o foſſe buſcar. Tinha feito duas batalhas de pé de tres mil homens cada huma, e na teſta quinhentos de cavallo, em que elle eſtava com todos os Turcos.

O Imperador chamou a ſi os Portuguezes, e eſteve notando a ordem, em que os inimigos eſtavam, e aſſentáram de os commetter na meſma fórma. E aſſim ordenou outros dous batalhões de outros tres mil homens cada hum, e na teſta poz trezentos de cavallo, em que entravam os Portuguezes, querendo-ſe tambem o Imperador achar com

elles, pedindo-lhe elles muito por mercê, que os deixasse sós. Póstos nesta ordem, foram commetter os inimigos, com quem os Portuguezes arremettêram, appellidando *Sant-Iago*; e ferrando com os de cavallo, se baralháram todos em huma cruel batalha, em que os nossos se assignaláram, derribando dos primeiros encontros muitos Mouros, perdendo-se sós dous companheiros. O Imperador na envolta dos nossos rompeo tambem nos inimigos, sendo dos primeiros que lhes puzeram as lanças, e derribando com muita força alguns dos encontros; e tanto apertáram com os de cavallo, que os fizeram recolher ao corpo do exercito quasi desbaratados, e com muitos perdidos. ElRey de Zeilá, que era muito bom cavalleiro, vendo o desbarato dos seus, sahio do esquadrão, e se passou á dianteira, tendo os seus, animando-os, esforçando-os, e fazendo-os voltar; e elle com hum filho seu de idade de dez annos, que trazia a par de si, remetteo com os nossos, que lhe tiveram o encontro, ficando travados em huma aspera batalha. Os esquadrões tambem se baralháram huns com os outros, ficando travados cruelmente pela pouca ordem da milicia, que huns, e outros tinham; mas sempre houve vantagem de nossa parte por causa da espingardaria dos Portuguezes, com

que

que fizeram em os inimigos mui grande estrago: e todavia a cousa esteve arriscada; mas permittio Deos, que hum Portuguez désse huma espingardada pela barriga a ElRey de Zeilá, que o passou da outra banda, cahindo sobre o arção dianteiro sem ir ao chão, por andar precintado no cavallo, que desatinado com o estrondo da arcabuzaria, foi fugindo pelo campo desenfreadamente.

Tanto que os Mouros víram o seu Rey daquella maneira, começáram-se a pôr em desbarato; o que os Turcos não quizeram fazer, havendo por affronta fugirem, antes quizeram morrer como Cavalleiros, que viverem com vituperio, e assim se deixáram ficar como desesperados, pelejando com o Barnagais, e com os seus, em quem fizeram mui grande estrago. Acertou de passar por aquella parte hum Portuguez de cavallo, chamado João Fernandes, da obrigação de D. Christovão, (porque todos os mais hiam no alcance dos Mouros,) e vendo o valor com que os Turcos pelejavam, e que o seu Capitão andava diante pelejando como hum leão, tendo já hum monte de Abexins mortos diante delle, e enrestando a lança, quiz sua boa ventura que o tomou pelos peitos, dando com elle no chão muito mal ferido; e passando com aquella furia

do

do encontro, porque lhe não parou o cavallo bem, se foi metter no meio dos Turcos, onde lhe deram huma cutilada por huma perna, de que depois ficou aleijado. E voltando logo com muito animo, e esforço, vendo que o Capitão dos Turcos se tornava a alevantar, pondo-lhe outra vez a lança, deo com elle no chão morto. Com isto se puzeram então os Turcos em desbarato, e de duzentos que eram só quarenta escapáram. Os Mouros que hiam do primeiro desbarato, a que os nossos seguiam o alcance, perdêram-se quasi todos, sómente trezentos se recolhêrám com a mulher d'ElRey, ficando o filho cativo em mãos dos nossos, que este dia tomáram mui grande satisfação da morte de D. Christovão da Gama. O Imperador, depois da vitoria concluida, mandou armar suas tendas ao longo do rio, e os Portuguezes a par delle, dando-lhes muitos, e publicos louvores, e fazendo a todos muitas mercês. E havendo quatro dias que isto era passado, chegou Manoel da Cunha com a sua companhia, que se houveram por muito mofinos de se não terem achado naquelle successo. Alli naquella ribeira se deixou o Imperador ficar o inverno, que já era entrado, mandando dalli prover nas cousas de seus Reynos, que logo tornou a reduzir á obediencia.

CAPITULO V.

Do que aconteceo ao Secretario Antonio Cardoso em Ormuz: e de como aquelle Rey concedeo a Alfandega daquella Ilha: e de outras cousas.

PArtido o Licenciado Antonio Cardoso de Goa, foi ter á fortaleza de Ormuz em Fevereiro; e primeiro que desembarcasse, foi o Capitão Martim Affonso de Mello Jusarte avisado ao que hia: pelo que o mandou logo visitar ao mar, e a pedir-lhe que quizesse ser seu hospede. O Secretario pareceo-lhe logo aquillo lanço de homem confiado, e desembarcou em terra, onde o Capitão o esperou, e o recebeo bem, e dalli se foi pera casas, que estavam já despejadas pera elle. E a primeira cousa, em que entendeo, foi em tirar devassa em muito segredo do Capitão pelos Capitulos, que lhe o Governador deo; e achou mui differente informação da que tinham dado ao Governador, porque não houvesse pessoa que se queixasse delle, antes todos diziam mil bens, porque era Fidalgo virtuoso, humano, e pouco cubiçoso. E tomando a devassa, a mandou ao Governador em huma náo, que partio dahi a poucos dias, escrevendo-lhe: » Que » Martim Affonso de Mello era Fidalgo, de » que

» que ElRey havia de fazer muita conta, e
» que lhe merecia muitas honras, e mercês. »
Vista a devassa pelo Governador, escreveo
huma carta ao mesmo Martim Affonso de
Mello, em que se desculpava: » E que fol-
» gára em estremo de ser falso tudo o que
» delle disseram, e que senão esperava me-
» nos procedimento de hum tão honrado Fi-
» dalgo: que lhe pedia lhe mandasse o Se-
» cretario invernar a Goa, e que ficasse
» elle com poderes de Veador da Fazenda. »
A esta carta dizem, que lhe respondeo Mar-
tim Affonso de Mello hum pouco apaixo-
nado, porque entendeo mui bem, que fol-
gára o Governador muito de lhe achar cul-
pas; e dizia huma particula della: » Que de
» Martinho a Martinho hia; e que se elle
» se tinha por bogio, que elle era tambem
» mono. »

E tornando a continuar com o Secreta-
rio. Começou a tratar os negocios que le-
vava por Regimento com ElRey de Ormuz,
presente o Capitão, e Guazil, persuadindo-o
» a largar a ElRey de Portugal todo o ren-
» dimento da Alfandega, pois aquelle era o
» melhor meio pera ficar desendividado, e
» desobrigado de tanta quantia de dinheiro,
» e de se não irem encapellando mais as di-
» vidas; e que ElRey teria respeito a suas
» despezas, e gastos, porque tambem a ten-
ção

ção do Governador não era deſpillo de to-
» do. » Tantas couſas lhe diſſe ſobre iſto, que lhe concedeo tudo o que lhe pedia, dizendo: » Que elle era vaſſallo d'ElRey de
» Portugal, e que tudo era ſeu, pois elle
» poſſuia aquelle Reyno de ſua mão, e lho
» podia tirar cada vez que quizeſſe. Que lhe
» lembrava, que elle não tinha outra couſa
» de que pagar as mocarrarias aos Reys ſeus
» vizinhos, nem tenças, e moradias a Fidal-
» gos, e criados de ſua Caſa, ſenão daquel-
» le rendimento da Alfandega. » O Secretario como levava largo Regimento ſobre eſte negocio, veio a concluir com elle os Capitulos ſeguintes.

» Que ElRey de Ormuz largava a Al-
» fandega daquella Ilha de Gerum em ſoli-
» do a ElRey de Portugal, com condição,
» que lhe quitaria todas as dividas, que até
» então lhe deveſſe, de que logo lhe fizeram
» quita em pública fórma.

» Que ElRey de Portugal lhe mandaria
» dar do meſmo rendimento as couſas ſe-
» guintes. Quarenta leques, que são mil e
» oitocentos xerafins de ouro, cada anno pe-
» ra veſtiaria de ſua peſſoa. Duzentos e ſin-
» coenta leques mais, que são nove mil trin-
» ta e ſeis pardáos de ouro, pera pagar as
» mocarrarias, que ſe entregariam ao Gua-
» zil, que havia de ſer Juiz daquella Alfan-

» de-

» dega, pera os repartir. Que lhe dariam mais
» todas as tenças, e moradias que pagava a
» seus criados.

» Que os officiaes Mouros, que tinha na
» Alfandega, haviam de ficar sempre corren-
» do com os cargos, que os Reys de Or-
» muz proveriam nas pessoas que quizessem. »

Destes Capitulos se fizeram autos assinados por todos, e se registráram nos livros da Feitoria daquella fortaleza com o Regimento da Alfandega. E além disto passou ElRey de Ormuz hum formão, por onde concedia aquella Alfandega aos Reys de Portugal, que nos pareceo bem ir aqui inserto, por ser notavel, que continha o seguinte.

» Formão, em que ElRey de Ormuz con-
» cedeo a ElRey D. João o III. as rendas
» da Alfandega daquella fortaleza.

» Formão sem nenhum outro igual a el-
» le, a quem mando que todos obedeçāo,
» pera que se saiba, que minha propria von-
» tade, e determinação he, pela muito gran-
» de amizade, conformidade, e obrigação
» que ha entre mim, e o meu Senhor, que
» em grandeza chega aos Ceos, e tem po-
» der sobre toda a redondeza da terra; e
» em Estado he igual ao Rey da China, ven-
» cedor de todas as guerras humanas, gran-
» de Rey de justiça, maior que todos os
» Reys do Mundo, chave do thesouro, que
» ha

» lha sobre a terra , que he a virtude , e a
» nobreza. Contas por onde se reza o saber
» reinar. Limpeza de todo o mar do reina-
» do , e edificador da povoação dos mora-
» dores. Boceta , onde se encerra a muito fi-
» na , e preciosa esmeralda. Alto baluarte,
» e defendedor de todos. Sol de justiça , e
» verdade. Fonte limpa , que mantem a lim-
» peza da terra , assim o povoado , como o
» deserto. Esperança em hum só Deos , e
» nelle muito confiado , alto Rey D. João ,
» a quem Deos sustenha no seu Reyno des-
» cançada , e socegadamente. Sempre os seus
» bens remedea a pobreza do Mundo , a cujo
» amparo estou chegado , e a minha boa ven-
» tura está em ser cercado de sua sombra , e
» a colher de minha esmerada fruita , que
» he regada com a agua de sua mercê : e sei
» certo , que a graça do meu Rey de Por-
» tugal está comigo , e me tem posto em
» muito grandes esperanças. Assim que por
» todas estas vias , vi que sou obrigado a ser
» conforme a suas cousas , e a pôr o Rey-
» no , e a fazenda por seu serviço ; e o no-
» bre Paço d'ElRey de Portugal havello por
» minha propria morada , e natureza , e não
» me affastar hum só cabello de minha obri-
» gação. E porque isto que faço he o que
» devo , meu preceito he , que o rendimen-
» to da Ilha Getum , depois de arrecadadas

» as

» as mocarrarias, e tenças de Fidalgos de » minha Casa, proes, e percalços dos Of» ficiaes da Alfandega, assim Mouros, co» mo Portuguezes, pelo costume ordinario; » tudo o que mais render aquella Alfande» ga, mando que se entregue aos Officiaes » d'ElRey de Portugal, em pago das pareas, » que sou obrigado a lhes pagar. E mando » a todos os Officiaes de meu Reyno, que » contra este meu formão não troção hum » cabello. Dado na Lua de Moarum da era » de Mafamede de novecentos quarenta e oi» to, » que são a 27. de Fevereiro deste anno de quarenta e tres, em que andamos.

Passado este formão, foi o Veador da Fazenda, e Secretario á Alfandega com o Guazil, e Officiaes de ambos os Reys, e tomou posse della em nome do de Portugal, começando-se a arrecadar por elle daquelle dia em diante, não innovando nos costumes cousa alguma. Passado isto, lançou o Secretario tambem mão das rendas das Orracas, que rendiam de vantagem de quatro mil cruzados, pelo levar assim por regimento; porque já que concedia áquelle Rey todas as despezas de sua Casa, mandou o Governador, que se lhe tomassem todas as outras rendas da Ilha. Disto se queixou ElRey, fazendo protestos, dizendo: » Que ficava » pobre, e sem cousa, com que pudesse sus-

...tentar ſeu Eſtado. » Eſta caſa das Orracas, que ſão vinhos, que ſe fazem de jagra de palmeiras, ha huma ſó naquella Ilha. Foi iſto em principio couſa tão pouca, que quando Affonſo de Alboquerque fez aquella fortaleza, deixou hum homem meſtiço, chamado Gaſpar Pires, por lingua daquelle Rey, por fallar muito bem Parſeo, a quem elle deo a renda das Orracas por tença, com o cargo, que então montaria duzentos pardáos. Eſta caſa poſſuio eſte homem muitos annos, e delle ſe ficou chamando Conaa Gaſpar, que quer dizer *a Caſa de Gaſpar.* E indo por tempos creſcendo aquella renda muito, lançáram os Reys de Ormuz mão della, dando na meſma caſa os duzentos pardáos de tença aos linguas, que ainda hoje logram. E aſſim ſubindo cada dia mais, chegou a render ſinco, ou ſeis mil cruzados cada anno, do que aquelles Reys faziam mercê a alguns Capitães. E ſuccedendo outros, a quem elles as não queriam dar, lhas tomavam por força, allegando a poſſe; e outros uſando de mais ſuavidade, lhas tomavam por manha, até que ElRey de Portugal provêo niſſo, e mandou que ſe lhe não buliſſe nas ſuas rendas, como em ſeu lugar diremos. Concluidas eſtas couſas, embarcou-ſe o Secretario pera Goa nos derradeiros navios que foram invernar.

CA-

CAPITULO VI.

Do que mais aconteceo a Ray Lopes de Villa-Lobos, depois que partio do porto de Camarião até chegar ao Moro: e da Armada que D. Jorge de Castro mandou em busca da dos Castelhanos: e do que lhe aconteceo pela Ilha do Moro.

DEixámos Ruy Lopes de Villa-Lobos na bahia de Blaçai, esperando pelas galeotas que tinha mandado ás Filippinas a buscar mantimentos, que tardáram tanto, que obrigado da necessidade se fez á véla pera ir ás Ilhas das Palmeiras, e ás outras suas vizinhas a buscar mantimentos, e para dahi voltar ás Filippinas; e por não achar bom vento pera poder tomar aquellas Ilhas, mandou governar pera Camaso, e chegou ao lugar de Sagalá, de Christãos arrenegados, que estava pelo Rey de Geilolo, já no fim deste anno de quarenta e tres, em que andamos, onde se deixou ficar correndo em amizade com aquelle Rey por recados. Aqui o deixaremos por tornarmos a continuar com os navios, que tinha mandado pera as Filippinas.

Atrás contámos no Cap. X. do Liv. VIII. como despedíra hum Bargantim, e a galeota, que se tornou; o Bargantim foi tomar

Abu-

Abuyo, e os da terra os agazalháram bem. Estando alli, foi ter com elles outro Bargantim, que partíra com o Villa-Lobos, em que hiam trinta soldados, e no outro, que já alli estava, vinte. Juntos todos, mandáram oito delles a hum lugar daquella Ilha a buscar mantimentos, e lá ou por sua desordem, ou pela malicia dos da terra, deram nelles, e matáram hum, e prendêram os mais, escapando hum só escravo, que foi dar as novas aos do Bargantim, que armando-se foram dar no lugar, e o entráram, e tomáram os companheiros, vingando-se bem da morte do outro com a de muitos, e com lhes queimarem a povoação. O outro Bargantim, em quia hia Fr. Jeronymo de Santo Estevão, da Ordem de Santo Agostinho, acabáram-se-lhe os mantimentos, e indo-os buscar a huma daquellas Ilhas, deram os naturaes nelles de sobresalto, e matáram-lhe quinze homens com o Capitão, e os que escapáram foram ter a Abuyo com os outros, comendo todo aquelle caminho cravo cozido por não terem outro mantimento.

Juntos os Bargantis todos, vendo que tardava o seu General, quizeram ir saber delle; mas succedeo hum soldado ter paixões com hum dos naturaes, que o matou de noite. E receando-se os Castelhanos que déssem nelles, leváram-se dalli em busca do

seu

seu Capitão, e deo-lhes huma tormenta, com que se apartáram os Bargantins; hum foi correndo pera a Ilha de Cesarea, e o outro pera a de Tendaja. Este chegando áquella barra de noite, soçobrou-se, e affogáram-se onze soldados, e os mais foram a terra, onde foram bem agazalhados; e como amanheceo, foi o outro Bargantim buscallos, e achando-os bem, e amigos com os da terra, os deixáram, e se foram na volta de Camaso, atravessando aquelle golfo, em que passáram tantos trabalhos, que quatro dias não bebêram agua, pelo que lhes foi forçado tornarem-se pera Tendaja, onde deixáram os companheiros do outro Bargantim, e alli se deixáram ficar, porque os da terra os tratavam bem. E assim deixaremos huns, e outros, por continuármos com Dom Jorge de Castro, Capitão de Maluco.

Depois de chegar Belchior Fernandes Correa com a carta de Ruy Lopes de Villa-Lobos, (como em outra parte dissémos Cap. X. Liv. VIII.,) determinou de armar contra os Castelhanos; mas não tinha mais que duas galeotas, e não ousava de pedir as corocoras ao Rey de Tidore por fiar pouco delle, e tambem porque lhe não entendesse a necessidade em que estava, porque lhe não quiz dar esse contentamento, e com isso mostrar-lhe que o não havia mister. Toda-

davia porque lhe pareceo que os Castelhanos haviam de andar perdidos, e desbaratados por antre aquellas Ilhas, armou as duas galeotas; porque se assim fosse, ellas bastavam, e fez Capitão dellas James Lobo, e Antonio de Almeida.

Estas galeotas levavam sincoenta homens, e partíram em Novembro. Deo-lhes D. Jorge por regimento: »Que fossem ajudar o » Geliato da Gomo Conorá, Christão, ain» da que arrenegado, que estava sobre o lu» gar de Galilás, que pertendia ser seu;» e o inimigo estava recolhido em hum forte muito provído, e bem negociado. Chegadas as galeotas a Toloco, souberam como o Geliato, que hiam favorecer, estava sobre a fortaleza inimiga; e deixando alli James Lobo a sua fusta, embarcou-se na de Antonio de Almeida, e foram a Momoya, onde ajuntáram muitos Christãos da terra. E mudando-se todos a alguns parós, foram desembarcar em huma praia, em que varáram as embarcações, e ás costas as levàram perto de meia legua por terra, até darem em huma formosa alagôa de agua doce; e embarcados nos parós, foram pela alagôa dentro meia legua, e no cabo della mettia a terra huma ponta grossa, que lhe ficava pegada por hum forte, e estreito passo, onde estava o forte dos inimigos. Alli assentáram os nossos o seu

arraial com o Geliato, que já alli eſtava. Os de dentro tanto que ſouberam ſerem chegados os Portuguezes, bradáram de noite que queriam pazes, que James Lobo, que era cabeça, lhe não quiz acceitar por fazer a vontade aos ſoldados, que eſperavam haverem dalli grandes prezas. Ao outro dia pela manhã ordenáram os noſſos duas grandes jangadas ſobre os parós, pera irem rodear nellas o forte, que ficava como Ilheo; e embarcados nellas, foram por derredor, e commettêram o forte, indo diante James Lobo, e poz a prôa na parte que eſtava ordenado. E como alli era muito alcantillado, ſaltáram os noſſos em terra hum, e hum; porque aſſim como hum ſaltava, recuava a jangada, e com muito trabalho tornava a chegar pera ſaltar outro. Deſta deſordem creſcêram o animo aos inimigos, e ſahíram de dentro com grande furia, e dando em alguns que eſtavam em terra, os fizeram fugir bem eſcalavrados, deixando-lhes as armas. Antonio de Almeida, que hia largando, vendo o deſarranjo de James Lobo, varou com a ſua jangada ſobre humas pedras, e ſaltou em terra pera o ajudar a recolher. Os inimigos vendo-os chegar, acudíram áquella parte, com o que os de James Lobo tiveram lugar de ſe recolherem á jangada todos muito mal feridos, e os mais delles ſem ar-

armas. Os inimigos chegando a Antonio de Almeida, que eſtava em terra, o commettêram com grande determinação; mas elle, que era esforçado Cavalleiro, ſe defendeo delles com grande animo, e esforço, porque era o número muito deſigual, travando-ſe entre os noſſos, e elles huma muito aſpera batalha, em que os noſſos moſtráram bem o valor de ſeus braços. James Lobo tanto que ſe embarcou na ſua jangada, acudio a recolher Antonio de Almeida, o que fez com muito trabalho, porque teve ſempre o pezo dos inimigos, em quanto os ſeus ſe recolhiam, ficando elle por derradeiro, que ſe embarcou ferido de muitas, e mortaes feridas. Aqui acontecêram caſos notaveis.

Andando hum Lopo de Reboredo pelejando com muito esforço, lhe tirou hum dos inimigos com huma fiſga, e o fiſgou pelo roſto, começando-o a alar pela alpoeira, que lhe ficava amarrada a hum braço pera o trazer a ſi (couſa que elles coſtumam muito na guerra.) Eſtava perto delle Henrique de Lima; e vendo-o ir aſſim após a fiſga, arremetteo a elle com muita preſſa, e com huma adaga lhe abrio a queixada, e lhe largou a fiſga, e o ſalvou. James Lobo recolheo todos os da companhia de Antonio de Almeida muito mal feridos, e elle tão mal,

que logo morreo. Recolhido pera o arraial, se tornou pera as galeotas, e despedio huma dellas com os feridos, que eram vinte e sete, pera se irem curar a Ternate. A galeota poz dous dias no caminho, e chegou á nossa fortaleza com os feridos ainda por curar, e D. Jorge os foi buscar, e recebeo com grande tristeza, mandando-os logo curar com grande resguardo. As pessoas principaes, e que hiam peior feridos, e mais perigosos, eram Gabriel Rebello, Antonio de Figueiredo, moço da Camara do Duque de Bargança, Henrique de Lima, Vasco Reymondes, e Lopo de Reboredo.

D. Jorge tornou a mandar a galeota com mais trinta soldados a James Lobo, pera que tornasse a favorecer o Geliato, que tanto que chegou, logo partio pera lá pela mesma alagôa, e nella acháram tres soldados dos nossos espetados, e já muito podres. James Lobo tornou-se a pôr no lugar de primeiro; e tanto que os cercados víram outra vez os Portuguezes, logo largáram o forte, que os nossos queimáram, assoláram, e destruíram de todo. Foi isto já no fim deste anno de quarenta e tres, quasi no mesmo tempo que Ruy Lopes de Villa-Lobos chegou a Cogalá, (como atrás dissemos no sexto Cap. do Liv. IX.) Era este lugar quatro leguas do Toloco, onde estava James Lobo, que tanto

to, que teve novas delle, deſpedio dous ſoldados em hum paró com hum requerimento da parte de D. Jorge, Capitão da fortaleza de Ternate. Eſtes homens foram bem recebidos do Villa-Lobos, e elles lhe notificáram o Proteſto, em que D. Jorge lhe requeria da parte dos Reys de Portugal, e Caſtella: » Que ſe era entrado naquellas Ilhas » com tempo fórtuito, que ſe foſſem logo » pera aquella fortaleza, onde lhes daria to- » das as couſas neceſſarias; mas ſe era de » outra maneira, que ſe tornaſſe a ſahir del- » las, porque eram d'ElRey de Portugal; » ſenão que o caſtigaria conforme ao contra- » to, que eſtava feito pelo Imperador com » ElRey D. João; e que de todos os da- » mnos, mortes, perdas, e mais couſas que » diſſo ſuccedeſſem, elle daria conta a El- » Rey de Caſtella. » O Caſtelhano depois de lhe notificarem o Proteſto, reſpondeo: » Que » elle não entraria nas Ilhas Clavarias, nem » em ſeus limites, e que a todo o tempo » que lhe conſtaſſe eſtar nellas, ſe tornaria a » ſahir; mas que aquellas em que eſtava, ha- » via por de Sua Mageſtade o Imperador, » e que ainda que o não foſſem, que a ne- » ceſſidade até os preceitos Divinos quebran- » tava, quanto mais os humanos. » Com eſta reſpoſta ſe tornáram os ſoldados. E os eſcritores que dizem, que James Lobo mandá-

dára ameaçar aos lugares vizinhos ſe déſſem mantimentos aos Caſtelhanos, enganáramſe, porque todos eram do Rey de Tidore, que eſtavam de guerra com a noſſa fortaleza, e todos eram noſſos inimigos, e nem por requerimentos, nem por ameaços haviam de deixar de os prover.

Com eſta reſpoſta ſe foi James Lobo pera Ternate, com que D. Jorge ficou enfadado, porque não ſó ſe havia de ficar receando dos Caſtelhanos, mas ainda da gente da terra, que como todos são amigos de novidades, receava que ſe carteaſſem com os Caſtelhanos, e começou a ter dahi em diante mais o olho nelles, e differente reſguardo na fortaleza.

O Ruy Lopes de Villa-Lobos pouco depois diſto ſucceder, com achaque de dizer, que o porto em que eſtava era doentio, e falto de mantimentos, deo á véla, e foi-ſe pera Geilolo, onde foi muito bem recebido daquelle Rey, e logo fez eſtancias em terra. E depois de ſe fortificar, deſpedio hum Mathias de Alvarado com hum requerimento a D. Jorge, que elle recebeo muito bem, e elle lhe moſtrou o requerimento que levava, em que o Villa-Lobos lhe dizia: » Que » elle chegára áquellas Ilhas com fortuna, » que lhe pedia, e requeria que fizeſſe bom » tratamento aos moradores daquellas Ilhas,

» por-

» porque eram vaſſallos do Imperador, e ſe » não que acudiria por iſſo. E que lhe man» daſſe os Caſtelhanos das Armadas paſſadas, » que eſtavam com elle na fortaleza, e aſ» ſim meſmo a artilheria, que fora tomada no » forte de Tidore. »

D. Jorge lhe mandou reſponder por outro requerimento, em que lhe dizia: » Que » aquellas Ilhas todas eram d'ElRey de Por» tugal, e que logo ſe ſahiſſe dellas, ſenão » que o lançaria por força, e o caſtigaria » como a quebrantador da paz. E que quan» to aos Caſtelhanos, ſe ſe quizeſſem ir pe» ra elle, que o podiam fazer, porque não » tinha delles neceſſidade alguma. E que mui» to mal diziam aquellas palavras com as pri» meiras, e que lhe tornava a requerer, que » ſe ſahiſſe das Ilhas d'ElRey de Portugal. »

Deſpedido o Alvarado, e vinda a monção de ſe irem pera a India, embarcou D. Jorge na náo da carreira Belchior Fernandes Correa com todos eſtes proceſſos por muitas vias, humas pera dar ao Governador, e outras pera elle levar pera o Reyno, (aonde o enviava com cartas pera ElRey de tudo o que era paſſado,) ficando os Caſtelhanos ém Geilolo, e D. Jorge fortificando-ſe o melhor que pode, e aſſim os deixaremos até ſeu tempo.

CA-

CAPITULO VII.

Da grande Armada, com que o Governador Martim Affonſo de Souſa partio pera o pagode de Tremel: e da tormenta que lhe deo, com que não pode paſſar: e de como deſembarcou em Callecoulão, onde eſteve desbaratado pela gente da terra.

POr muitas cartas de alguns homens da India foi ElRey informado, como no pagode de Tremel (que eſtá no Reyno de Biſnagá) havia hum infinito theſouro de caſas cheias de ouro, e com muito pouca guarda, que hum Governador da India facilmente podia tomar, ſe lá foſſe em peſſoa com huma Armada, com o que ficaria o Eſtado tão rico, e proſpero, que poderia proſeguir nas Conquiſtas que quizeſſe, e enriquecer a India, e todo o Reyno de Portugal. Tantas vezes puxáram por ElRey neſta materia, que ſe moveo a mandar fazer aquella jornada, porque eſtava pobre pelas muitas deſpezas que ſe tinham feitas nas grandes Armadas, que á India tinha mandado de ſoccorro. E neſtas náos paſſadas mandou ao Governador Martim Affonſo de Souſa, que em todo o caſo fizeſſe aquella jornada em peſſoa, mandando-lhe os traslados das cartas, que da India teve ſobre aquella materia,

ria, que o Governador teve em muito segredo, sem dar conta disto a pessoa alguma. E todo este verão se occupou em tomar informação das cousas daquelle pagode, e do tempo em que poderia fazer aquella jornada, com pessoas, que sabiam muito bem daquella costa de S. Thomé, onde elle estava.

Informado bem, vio que lhe era necessario partir de Goa na entrada de Agosto; porque como havia de desembarcar na Cidade de S. Thomé, pera dahi caminhar pera o sertão doze leguas, (que tantas estava della aquelle pagode,) e lhe era necessario passar os baixos de Chiláo, primeiro que a vara de Choromandel descarregasse, que de ordinario costuma a dar na Lua de Setembro, ainda que outras vezes na de Outubro, e que se o tomasse atrás delles, além do risco que corria por ser o tempo muito grosso, não poderia depois passar avante, e sería forçado arribar a Goa.

Resoluto na viagem, gastou todo este inverno em aperceber a Armada, que havia de levar, e ajuntar mantimentos, e munições, apontando duzentos moradores de Goa com seus cavallos pera irem com elle, sem dar conta a pessoa alguma do que determinava por se não espalharem as novas, e irem ter a Bisnagá. E dando muita pressa a tudo, tanto que entrou o mez de Julho, deitou

tou ao mar todas as galés, e navios de remo, e começou de se embarcar, dando primeiro ordem a muitas cousas, deixando o governo entregue ao Bispo, e ao Capitão da Cidade, que era D. Garcia de Castro, e Aleixo de Sousa, Veador da Fazenda. E porque o tempo era ainda muito verde, esperou o primeiro jazigo; e passada a Lua nova, que cahio na entrada de Agosto, deo á véla a doze daquelle mez.

A Armada que levava eram doze galés, oito galeotas, tres caravelas, e treze fustas. Os Capitães das galés, a fóra o Governador, que hia em huma, eram, Bernaldim de Sousa, Fernão de Sousa de Tavora, Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, D. João Pereira, Martim Correa da Silva, Pero Lopes de Sousa, irmão do Governador, Luiz Caiado, Alonso Henriques, e Luiz Falcão. Das galeotas eram, Diogo de Mendoça, Diogo de Reinoso, Alvaro de Mendoça, D. Francisco de Noronha, Fernão Gomes de Sousa, João de Mendoça Chum, D. João Henriques, e D. Martinho de Sousa. Das caravelas eram, Affonso Furtado, D. João Mascarenhas, e Vasco da Cunha. Das fustas eram, Antonio de Sá o Rume, Belchior de Sousa, Diogo de Ayala, Rodrigo de Movilha, Francisco Fernandes Moricale, Simão Gallego, e outros.

Da-

Dada á véla com toda esta frota, como o tempo era ainda verde, tornou a descarregar com tamanha furia, que espalhou a Armada, e quasi perdída se recolheo aos Ilheos de Angediva, sem a galé de Luiz Falcão, que aberta foi dar á costa, onde se salvou a gente, que foi ter aonde a Armada estava. Aqui esteve o Governador alguns dias, até que o tempo lhe deo lugar pera tornar a sua viagem, que foi já entrada de Setembro.

E dando á véla, foi seguindo sua derrota com ventos rijos, e seccos, até dobrar o Cabo do Comori; e como era conjunção de Lua, indo demandar os baixos, descarregou a vara de Choromandel com tanta braveza, que espalhou toda a Armada, que esteve perdida, correndo cada hum por onde melhor podia. O Governador com a mór parte das galés ferrou a Ilha das Vacas, quasi perdidos, e alagados. Alli esteve muitos dias até se lhe gastar a monção, e vendo que já não era tempo pera passar adiante, ficou triste, e malenconizado pelo ruim successo que teve numa Armada, que fez com tanta despeza. E mandando chamar á sua galé os Capitães, lhes descubrio ao que hia, e lhes mostrou as cartas d'ElRey, e as que lhe escrevêram da India, em que lhe facilitavam aquella jornada, dizendo-lhes, que por alli

ve-

veriam a razão, por que fizera aquella Armada, que vissem agora o que devia de fazer, porque elle estava prestes pera cumprir o que lhe ElRey mandava; que se era tempo pera ainda passar os baixos, que o faria, porque a despeza estava já feita. E chamados os Pilotos todos, praticando se poderiam ainda passar, assentáram todos, que a monção era acabada, e que já não havia que fazer. Com isto se concluio, que se tornassem, com o que o Governador voltou, e tornou a dobrar o Cabo, recolhendo alguns navios de sua companhia, que foi achando por aquelles portos.

E chegando a Callecoulão pera fazer aguada, soube que aquelle Rey era ido pelo sertão a fazer guerra a outro seu vizinho. E como nunca faltão homens amigos de alvitres, e de comprazerem aos Governadores, sentindo alguns Martim Affonso de Sousa muito magoado de não effeituar a jornada, fizeram-lhe crer, que o pagode de Tebilicaré, que estava dalli a huma legua pera o sertão, era tão rico, e tinha tanto ouro como o de Tremel, pera onde elle fizera tamanhos apercebimentos, e que não estava em mais encher a Armada de ouro, que em o commetter, porque não havia quem lho defendesse.

O Governador Martim Affonso de Sousa

ſa cubiçoſo de tanto ouro, não attentando que hia contra a obrigação da paz, e amizade que tinha com aquelle Rey, ſem dar conta mais que aos que o aconſelháram, deſembarcou com toda a gente poſta em armas, e foi marchando pera a parte do pagode, fazendo crer que hia ver a terra. E aſſim chegou a elle ſem os naturaes ſe temerem, nem ſe recearem de couſa alguma pela muita fé que tinham na verdade dos Portuguezes. E commettendo o pagode, que eſtava ſem guarda, o entrou, mandando-o buſcar todo, e cavando-o por todas as partes, ſem achar nelle mais, que huma panella de ouro, que ſervia de levarem agua pera lavarem o idolo, que quando muito podia ter tres, ou quatro mil cruzados, e neſte ſacco ſe deteve dous dias. Os naturaes vendo o ſeu templo eſtragado, e violado, appellidando a gente derredor, ajuntáram-ſe poucos mais de duzentos Náyres de eſpingardas, e arcos, e foram eſperar os noſſos ao recolher em huns caminhos eſtreitos, que corriam por antre huns vallos altos, e fortes, e poſtos em ſima delles, em os noſſos entrando, os começáram a derribar á ſua vontade, porque como hiam a fio, e o caminho era muito eſtreito, e ſem alguma maneira de repairo, não perdiam tiro. Garcia de Sá, que levava a dianteira, ſoffreo muito

tra-

trabalho, porqne lhe feríram, e matáram muita gente, sem se poder defender, nem offender aos inimigos. O Governador hia na retaguarda em hum formoso cavallo, e ficava mais em barreira ás espingardadas, que choviam de todas as partes sobre elle, de que Deos o livrou pela fortaleza das armas em que deram algumas. Os Fidalgos que hiam derredor delle, receando que lhe acontecesse algum desastre, lhe pedíram, que se descesse, e Vasco da Cunha lhe pegou de huma estribeira, dizendo-lhe, que não hia assim bem, que se devia descer pera segurar sua pessoa. O Governador dissimulou, porque o não tinha por seu amigo, pelo ser muito de D. Estevão da Gama, e houve que lhe não aconselhava cousa de sua honra. E todavia como as espingardadas hiam crescendo, e começavam a derribar alguns por derredor, tornou Vasco da Cunha a lhe puxar pela perna, dizendo-lhe, que não convinha ao serviço d'ElRey ir daquella maneira, que era forçado descer-se, porque se lhe acontecesse hum desastre se perderia tudo.

O Governador quasi desconfiado lhe disse: *Parece-vos, Senhor, bem isso?* e dizendo Vasco da Cunha que sim, se desceo logo, e deo o cavallo a hum João de Anhaya, e lhe mandou, que fosse dizer a Garcia de Sá, que se fosse detendo o mais que pudesse;

ſe ; o que o Anhaya fez com muito riſco de ſua peſſoa, paſſando por meio de nuvens de pelouros, e fréchas. O Governador chegou á bandeira de Chriſto aſſim, e foi caminhando a pé muito affrontado, porque já paſſava por ſima de corpos mortos. E tão arriſcado foi eſte negocio, que eſteve muito perto de ſer outro ſemelhante ao de Affonſo de Alboquerque, e do Marichal em Calecut. Com eſte perigo, e riſco paſſáram aquella rua, até darem no campo largo, onde ficáram mais deſaffogados, ficandolhes na rua trinta mortos, e ſahindo della mais de cento e ſincoenta feridos, de que depois morrêram alguns.

Aqui foi paſſado Fulgencio Freire de huma eſpingardada de parte a parte pela barriga, e viveo. O Governador chegou á praia com bem trabalho, arrependido do ruim ſucceſſo, e pouco proveito daquella jornada, que lhe ElRey depois eſtranhou tanto, que na primeira reſpoſta lhe eſcreveo, que tornaſſe a panella de ouro ao pagode donde a tiráram: e áquelle Rey eſcreveo cartas de mimos, e deſculpas. O Governador ſe embarcou, e foi pera Cochim. Algumas peſſoas affirmáram (que foram deſte tempo) que o Governador trouxera huma grande ſomma de ouro do pagode, dentro nos barrís em que faziam aguada pera as

Ar-

Armadas, de que logo houve murmurações na gente de sua companhia.

CAPITULO VIII.

De como o Accedeçan se levantou contra o Idalxá: e dos tratos que teve com Dom Garcia de Castro, Capitão de Goa, sobre fazer Mealecan Rey de Visapor.

ALgumas vezes temos dado conta do Accedecan, Governador de todo o Concan, que he aquelle, que deo as terras firmes de Salsete ao Governador Nuno da Cunha, e depois lhe tornou a fazer guerra. Este depois que por morte de Malucan, filho de Ismael, tratou de levantar por Rey Mealecan, filho de Cusocan, que foi Senhor de Goa, o que não pode fazer por ter Abrahemo irmão do Rey morto mais posse, e mais Capitães da sua parte, e sobre tudo sua avó Babu Fatima, que era huma Senhora de grande prudencia, e conselho; e depois de Abrahemo ficar Rey, temendo-se o Accedecan, porque fora contra elle, foi-se pera baixo pera o Concan, donde era Governador.

O Abrahemo como era bom homem, e de boa natureza, tanto que tomou posse do Reyno, mandou soltar seu tio Mealecan, e deo-lhe casa muito honrada, e o casou com hu-

huma Princeza, que se creára em casa da Rainha sua avó, da casta dos antigos Reys de Xarbodar. E mandou chamar o Accedecan, e se reconciliou com elle, perdoandolhe as culpas passadas; porque entendeo, que pera bem governar lhe era mais necessario andar cercado de amor, que de armas: perdoando mais a todos os culpados, contra vontade de Icuf Xandivan, e dos mais Capitães, que foram do seu bando, que desejavam de tirar do Mundo Mealecan, e o Accedecan, porque entendiam da boa natureza d'ElRey, que se havia logo de governar por elles, e sempre os havia de ter no primeiro lugar, o que a inveja de governarem tudo lhes não consentia; pelo que foram pouco, e pouco induzindo ElRey, e fazendo-lhe crer, que lhe não convinha ter seu tio Mealecan no seu Reyno, porque hia já tendo grande posse.

E porque quem já outra vez estando prezo solicitára fazer-se Rey, e que todas as vezes que o tempo lhe offerecesse occasião depois de solto, e poderoso, estava muito certo lançar mão della, e trabalhar por se assentar naquella cadeira, o que lhe sería muito facil, pois tinha o Accedecan por si, que o favorecia, e aconselhava. E como este negocio era muito grave, e muito facil de persuadir aos Reys, começou Abrahemo

de se pejar com o tio; mas elle como era homem avisado, e entendido, a poucos lanços alcançou que não andava ElRey gostoso delle, sem saber cousa alguma do que era passado, nem o porque; dissimulou o melhor que pode, e vendo o risco que corria sua pessoa naquelle Reyno, determinou de se desterrar delle pera viver sem sobresaltos; e estando hum dia com ElRey só, lhe disse:

» Que bem sería lembrado como Icuf seu » pai encommendára a ElRey Ismael, que » tanto que succedesse no Reyno, e elle Meale » fosse de idade pera entrar em Religião, » o mandasse pera Meca a servir seu Profe» ta; que elle estava já homem, e que por » duas obrigações estava penhorado pera a» quella jornada, huma a vontade d'ElRey » seu pai, e a outra hum voto que tinha fei» to de ir acabar na casa de Meca; que lhe » pedia por mercê lhe désse licença pera se » embarcar com sua casa, e familia, porque » hia tão contente, como se fora a herdar » hum grande Reyno.» ElRey folgou com aquella determinação do tio, assim por se tirar de suas imaginações, como por não chegar a ser homicida, (porque já andava traçando o modo de como o mandaria matar.) E assim lhe louvou muito seu proposito, mandando-lhe que se fosse embarcar a Dabul, onde lhe daria embarcação, e todo o necessario.

Ne-

Negociado o Mealecan, despedio-se d'ElRey, que lhe deo juramento, que não tomasse outro algum Reyno, mas que se fosse direito a Meca. E assim se foi embarcar com toda sua familia a Dabul o Abril passado de quarenta e hum; e não podendo tomar o Estreito por achar tempos contrarios, foi ao porto de Zeilá, onde invernou. Alli foi roubado, e maltratado da gente da terra, e daquelle Rey, de que escandalizado se tornou a embarcar na entrada de Agosto, e com os Ponentes tornou a voltar pera a India, e foi tomar Surrate, porto de Cambaya. Dalli se passou á Cidade de Amadabá, onde Estava ElRey Soltão Mahamud, que o recebeo mui honradamente, e lhe deo casa conforme a sua qualidade. E assim lhe deo huma Villa, chamada Nagará, com suas aldêas, que lhe rendia oito, ou dez mil pardáos pera despezas de sua casa.

Partido Meale da Corte do Idalcan, tratou ElRey logo de haver ás mãos o Accedecan, porque Icuf Xan, e outros Capitães seus inimigos o atiçáram tanto, que se determinou ao matar; e com este proposito o mandou chamar ao estremo do Reyno, onde estava pera negocios de importancia. Mas sendo avisado do animo d'ElRey por alguns seus amigos, dissimulou com a ida; e pera se segurar melhor, se recolheo á Cidade

de Bilgão, que era ſua, e eſtá no paſſo da entrada do Gate, e tem huma fortaleza muito forte, que fortificou, e proveo de tudo pera todo o anno, ajuntando a ſi a mais gente que pode, e carteando-ſe com alguns Capitães da Corte, que ſe foram pera elle. E porque ſabia muito bem, que tanto que o Idalcan ſoubeſſe que eſtava elle naquella Cidade, havia logo de metter todo o poder contra elle, tratou dous remedios. Hum, ver ſe podia metter Mealecan no Reyno, (porque já ſabia que eſtava em Cambaya,) o outro, quando não pudeſſe fazer iſſo, paſſar-ſe pera Meca.

Ambos eſtes começou logo a pôr em effeito, mandando todos ſeus theſouros (que ſe affirmava ſerem mais de dez milhões de ouro) pera o rio de Sanguicer, que tambem era de ſua jurdição, por ſer porto de mar, e dalli o embarcar cada vez que quizeſſe. Carteando-ſe juntamente com ElRey de Cananor, pera o recolher em ſeu Reyno, e lhe deixar fazer em hum de ſeus portos huma náo pera ſe ir pera Meca, o que acabou á força de dinheiro, e de dadivas; mandando logo carpinteiros, e officiaes, com todas as couſas neceſſarias pera começar a náo. Iſto tentou, porque ſe não houve por ſeguro em algum dos portos do Nizamoxá, porque receou, que por lhe tomar ſeus the-

ſou-

souros, o matasse, ou entregasse ao Idalcan. Este thesouro mandou pera aquelle rio de Sanguicer por dous capados de grande sua obrigação, chamados Doltião, e Melique Atai, com quinhentos escravos seus pera sua guarda.

O outro remedio foi de metter Mealecan no Reyno, que tambem tratou logo juntamente, carteando-se com alguns Capitães seus amigos, que se foram pera elle com dez, ou doze mil homens de cavallo. E como teve estes de sua parte, despedio Embaixadores a D. Garcia de Castro, Capitão de Goa, pera tratarem com elle, mandar buscar Mealecan a Cambaya, e entregar-lho pera o fazer Rey, favorecendo-o pera isso, e que depois de ser Rey lhe daria todo o Concan pera ElRey de Portugal, que rendia então perto de hum milhão de ouro. Vendo D. Garcia partidos tão grandes, os acceitou, fazendo com os Embaixadores seus papeis, e despedio logo recado ao Governador, e despachou juntamente hum Bastião Lopes Lobato, Cidadão de Goa, com dous navios de remo pera ir a Cambaya buscar Mealecan, escrevendo-lhe Accedecan, que se fosse pera Goa, e o mesmo fez a ElRey Soltão Mahamud, mandando-lhe ricos presentes pera que o deixasse embarcar.

O Accedecan ficou fazendo seus aperce-

bi-

bimentos, do que logo o Idalcan foi avisado; e fazendo chamamento de seus Capitães, se negociou pera acudir em pessoa áquellas cousas. E não sabendo dos tratos, que o Accedecan trazia com D. Garcia de Castro, lhe despedio hum correio com cartas, em que lhe rogava, mandasse alguns navios sobre a barra de Sanguicer a impedir que se não passasse pera Cananor a gente, e thesouros do Accedecan, porque era hum alevantado, e traidor, que pelas leis do Reyno tinha perdida toda sua fazenda, offerecendo a mór parte do thesouro pera ElRey de Portugal.

D. Garcia de Castro, posto que estava saneado com o Accedecan, (quiz cozer a dous cabos, como lá dizem,) despedindo logo Nuno Pereira de Lacerda com sinco navios, pera se ir pôr sobre a barra de Sanguicer, e que não deixasse sahir della cousa alguma; não fiando aquelle segredo mais que delle, por não ir ter ás orelhas do Accedecan, por não desarmar com elle: advertindo-o, que por baixo da capa fizesse grandes offerecimentos aos criados que lá tinha, affirmando-lhes, que hia em seu favor, e pera os recolher, se o Idalcan mandasse gente sobre elles; e assim o escreveo ao Accedecan, encommendando em muito segredo a Nuno Pereira, que trabalhasse por algu-

ma

ma manha pelos haver ás mãos com o thesouro; e que os levasse pera Goa. Nuno Pereira se foi pôr sobre aquella barra com grande dissimulação, tendo muito grande vigia, que nada sahisse pera fóra.

CAPITULO IX.

Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa tanto que teve recado de Dom Garcia de Castro: e da Armada que este anno de 1543 partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo da Silveira: e de como o Governador partio pera Goa.

PArtido o recado de D. Garcia de Castro pera Cochim, em poucos dias chegou áquella Cidade, sendo o Governador chegado de dous, ou tres atrás. E vendo as cartas, e sabendo o que passava, mandou logo ordenar os catures ligeiros pera se ir nelles por mais pressa, porque as galés estavam destroçadas. E querendo-se embarcar, já de vinte de Outubro por diante, surgíram na barra de Cochim quatro náos, de sinco que este Março passado de quarenta e tres tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Diogo da Silveira. Os mais Capitães eram, D. Roque Tello, Fernão de Alvarez da Cunha, e Simão Sodré. O que faltava era Jacome Tristão, que por des-

ap-

apparelhar arribou ao Reyno. Diziam, que trazia Diogo da Silveira huma carta, ou Alvará d'ElRey em ſegredo, pera que ſe achaſſe Martim Affonſo de Souſa morto, e ou morreſſe eſtando elle na India, ſe abriſſe, em que ſe affirmava, que ſuccederia o meſmo Diogo da Silveira na governança, ſendo porém D. Eſtevão embarcado pera o Reyno; porque por aquellas novas, que ElRey teve por D. Franciſco de Lima, que Dom Eſtevão mandou ao Reyno, que chegou pouco antes que Diogo da Silveira partiſſe, ſoube ElRey como Martim Affonſo de Souſa ficava em Moçambique muito mal, e Dom Franciſco lhe affirmou que ſería morto; no que querendo ElRey prover, ſe tal foſſe, deo a via cerrada a Diogo da Silveira pera ſe abrir na India, em que ſe dizia, que mandava, que eſtando D. Eſtevão na India, ficaſſe governando; e ſendo ido pera o Reyno, ſe entregaſſe a India a Diogo da Silveira, o que não havia de ſer ſenão ſe elle morreſſe, eſtando já Diogo da Silveira na India; porque ſendo aberta outra ſucceſsão, não havia de querer dar materia a outras differenças, como as de Lopo Vaz de Sampayo com Pero Maſcarenhas. O Governador recebeo Diogo da Silveira, e como eſtava de caminho, deteve-ſe mais hum par de dias pera dar ordem á carga das náos. E di-

diziam, que estando hum dia ouvindo Missa na Sé, alevantando-se o Divino Sacramento, dissera a Diogo da Silveira, que estava com elle, estas palavras:

» Dizei, Senhor, a ElRey, que me man-
» de nestas náos successor, porque me não
» atrevo a governar a India, pela mudança
» que nella achei nos homens, na verdade,
» e no primor; senão que juro por aquella
» Hostia consagrada, e pelo verdadeiro Cor-
» po de Christo, que nella está, que hei de
» abrir as successões, e entregar este Estado
» á pessoa de quem S. A. o confia nellas, e
» que não queira arriscar hum vassallo co-
» mo eu a lhe cortar a cabeça. » Isto lhe disse de todo seu animo; e certo que se lhe ElRey não mandára successor, que o houvera de fazer, porque era hum Fidalgo muito determinado. O Governador deo naquelles dous dias despacho a muitas cousas, e despedindo-se da Cidade, e do Capitão mór, deo á véla pera Goa nos catures ligeiros; e sem se deter em outra cousa alguma, em breves dias chegou áquella Cidade, passando pelo rio de Sanguicer, onde estava Nuno Pereira sem lhe fallar.

E chegando a ella, começou a entender nos negocios, que estavam praticados antre D. Garcia de Castro, e o Accedecan; e sabendo a cousa como passava, e no estado

em

em que estava, poz aquillo em conselho, e a muitos pareceo cousa gravissima, quebrarem-se as pazes que estavam feitas, e juradas com o Idalcan, sem da sua parte haver occasião alguma; que muito mais valia a verdade Portugueza, que todo o thesouro que se esperava; porque a fé não se havia de quebrantar, nem por reinar, (porque Cesar fallára neste negocio como Gentio,) quanto mais por dinheiro, que estava em dúvida de ser pouco, ou muito; de poder vir ás mãos, ou não. E sobre isto, como o Governador estava affeiçoado ao grande interesse, que se lhe promettia, e offerecia, resumio-se em acceitar os partidos do Accedecan, e favorecer Mealecan, pois lhe elle certificava ter direito no Reyno, (que não era mais que aquelle, que os conjurados lhe queriam dar,) porque como todos os Mouros são amigos de novidades, tomáram cada oito dias mudar Rey; pera o que sempre desejam de haver hum da Casa Real, pera authorizarem com elle suas tyrannias, buscando-lhe direito, que nunca tiveram, (como o Accedecan queria fazer a este Meale, que nenhum tinha naquelle Reyno, mais que dizer, que era filho da mulher mais nobre, tendo já o Reyno vindo por morte de Cufo Idalcan seu pai, a Ismael filho mais velho, que tambem o era de Gentia como de

Mea-

Meale, porque ambas as mulheres que delle paríram eram Canarás.) Posto que antre estes Mouros não ha poder-se chamar algum de seus filhos legitimos, por serem todos os Reys casados com duzentas, e mais mulheres; e assim nestes Reynos muitas vezes vem a succeder o filho, a que o pai os quer deixar, e outras, o que tem mais posse, e valia.

E posto que Castanheda, e Pedro Mafeo, que o segue, digam, que este Meale era o verdadeiro, e não Ismael, enganáram-se, porque o mesmo Meale nos disse nesta Cidade de Goa, que seu irmão Ismael era o mais velho; e ainda hoje vivem netos seus, que assim o confessam. Mas o Accedecan pera authorizar sua pouca verdade, e tyrannia, fazia crer ao Governador o contrario, pelo que se moveo ao favorecer, posto que não averiguamos se houve da sua parte tão grande engano, porque não havia de faltar quem lhe dissesse a verdade.

Aceitados os partidos, ficáram esperando pelo Meale, e entre tanto despedio o Governador Diogo de Reinoso pera o Estreito de Meca em hum navio de remo muito ligeiro, pera ir saber novas das galés, e de D. Christovão da Gama; dando-lhe por regimento, que não tocassem em porto algum dos Turcos, nem alvoroçasse aquelle Estrei-

to,

to, ſob pena do caſo maior, pelo ter aſſim ElRey aquelle anno encommendado muito, porque tinha em Conſtantinopla Diogo de Meſquita por Embaixador ſobre negocios de muita importancia, que nós cá não podemos ſaber. E mandava expreſſamente, que em quanto lá eſtiveſſe, não mandaſſe navios ao Eſtreito, por ſe ter aſſim concertado com o Turco, que em quanto duraſſe aquelle negocio, nem navios noſſos entraſſem áquelles portos, nem os Turcos ſahiſſem fóra delles com ſuas galés. E iſto commetteo o Turco, porque ficou mui aſſombrado de Dom Eſtevão da Gama chegar com ſua Armada até o porto de Suez, couſa que elle nunca receou. E por eſta razão poz o Governador a Diogo de Reinoſo tão grandes penas, que não fizeſſe mais que tocar Arquico, e ſaber novas de D. Chriſtovão, e mandar-lhe cartas, que lhe eſcreveo, e tomar falla das galés, e tornar a voltar; e de ſua viagem adiante daremos razão.

Depois diſto poucos dias chegou á Barra de Goa Baſtião Lopes Lobato, que trazia Mealecan de Cambaya, e o Governador o recebeo muito bem, mandando-o apoſentar honroſamente. Logo começáram a correr recados antre o Governador, e o Acedecan ſobre aquelle negocio, e veio-ſe a concluir: » Que o Governador paſſaſſe

» Mea-

» Meale a Pondá, onde acharia alguns Ca» pitães com gente pera o receberem, e o » levarem até Bilgão, onde Accedecan com » os mais Capitães de sua conjuração o es» peravam com quarenta mil cavallos, pera » o metterem no Balagate; e que alli faria » entrega de todas as terras de Concan á pes» soa que o Governador mandasse. » De tudo isto se fizeram papeis antre elles, e o Meale. O Governador começou-se logo a fazer prestes pera em pessoa o passar a Pondá, fazendo alardo da gente Portugueza, que havia de levar, e achou tres mil homens, e perto de dous mil piães da terra. E em quanto se passam estes apercebimentos, he necessario que os deixemos hum pouco, pera continuarmos com as cousas, que neste tempo succedêram no Balagate.

Já atrás temos dado conta no Cap. VIII. do Liv. IX. de como o Idalcan fora avisado dos movimentos do Accedecan, sem saber dos tratos que havia antre elle, e o Governador; e sendo-lhe necessario acudir áquellas cousas em pessoa, ajuntou todo o seu poder, e poz-se no campo pera começar a marchar, mandando alguns Capitães diante, com perto de quinze mil cavallos, com que os da conjuração tiveram alguns recontros, em que houve damno de parte a parte. Estando as cousas neste estado, esperan-

rando-se cada dia por ElRey, adoeceo o Accedecan de humas febres, e como era de noventa annos, e fraco, faleceo em seis dias, deixando nomeado por herdeiro de toda sua fazenda ao Mealecan, que deixou muito encommendado aos mais Capitães; e por seu testamenteiro, depositario de todo o seu thesouro, nomeou hum Mouro, que era todo o seu governo, chamado Coge Cemaçadim, natural da Provincia Gilan, mandando-lhe ainda em sua vida, que fosse ao rio de Sanguicer, e tomasse posse de seus thesouros, e os entregasse a Mealecan. Coge Cemaçadim partio logo pela posta, e tomou entrega de tudo; e como teve novas, que o Accedecan era morto, determinou de se passar pera Cananor, e dahi pera Meca, e fazer-se herdeiro; pera o que se carteou com ElRey de Cananor, mandando-lhe muitas peças, e dinheiro, pera que o recolhesse no seu Reyno, pera delle se passar a Meca na não que lá se fazia. E tendo seus seguros pera se poder ir, querendo-o fazer em segredo, porque Nuno Pereira estava sobre aquella barra, e não deixava sahir cousa alguma pera fóra, sómente as almadías pescarezas, foi mettendo nellas pouco, e pouco; e desta maneira metteo em Cananor a mór parte do seu thesouro, ficando elle com determinação de depois de ter mandado tu-

do,

do, se partir por terra. E neste estado deixaremos estas cousas por tornarmos ao Governador, pera irmos assim melhor infiando nossa historia.

CAPITULO X.

Da razão, por que o Governador Martim Affonso de Sousa deixou de passar Mealecan á outra banda: e da batalha que teve o Idalcan com os conjurados, em que os desbaratou.

TEndo o Governador Martim Affonso de Sousa prestes todas as cousas pera a jornada, tomando Mealecan a par de si com honras, e preeminencias de Rey, foi-se pôr em Benastarim pera dalli passar á outra banda. E como elle fazia esta jornada contra o parecer de todos os Fidalgos velhos, (tendo assentado de se passar ao outro dia pela manhã,) Pero de Faria, que era hum Fidalgo de oitenta annos, a que todos os Governadores tinham grande respeito, se foi no mór silencio da noite á tenda do Governador, e lhe pedio que o ouvisse só, que tinha cousas de serviço d'ElRey que lhe dizer. O Governador mandou sahir pera fóra seus criados, porque já estava recolhido, e ficando sós, lhe fez Pero de Faria esta breve falla:

» A

» A obrigação de bom vassallo, a authoridade destes annos, e destas cans, e a grande experiencia que tenho das cousas da guerra, que ha sessenta annos trato, me obrigão, Senhor, a vos fazer esta derradeira lembrança; porque se não diga, que faltáram homens neste Estado pera vo-la fazerem com a liberdade com que o eu faço; porque quem a não tiver pera isto, vai contra o que deve ao serviço de seu Deos, e do seu Rey.

» Quem vos disse, Senhor, que esta jornada que fazeis, não he muito arriscada? e que estes Mouros (que todos por natureza são nossos inimigos) vos não tenham armado alguma traição? E ainda que isto não seja, quem vos segurará (pois sabemos quão varias, e inconstantes são estas gentes) que não possa haver antre os conjurados outra nova determinação? e que de huma hora pera a outra se possam arrepender do commettido, e sanearem-se com o seu Rey? Ou a elle favorecello Deos, pois tem justiça, e desbaratar os inimigos traidores, e alevantados, e desarmarem em vão todos estes apercebimentos, e pertenções, e vós ficardes desacreditado com vosso Rey, e odiado com hum vizinho tão proveitoso, que he necessario poupar, e conservar, como aquelle, que

» de

» de ſuas terras nos vem todos os provimen-
» tos neceſſarios, aſſim pera a ſuſtentação deſ-
» ta Cidade, como de todas as Armadas,
» que della ſahem? E que lei ha, por onde
» ſe poſſa tomar o ſeu a ſeu dono, e favo-
» recer vaſſallos alevantados contra o ſeu
» Rey? Por certo, que iſto tudo não he mais
» que ſolicitar huma guerra importuna, co-
» mo eſtá certo fazer-nos eſte Rey, como ma-
» goado, ſem haver da ſua parte cauſa al-
» guma de eſcandalo, e por couſas que eſ-
» tão incertas; porque poſto que eſte Mea-
» lecan ſe metta hoje no Reyno livremente,
» e cumpra os contratos que tem feitos, e
» nos entregue o Concan, á manhã póde
» quebrar tudo, buſcando pera iſſo achaques,
» que lhe não hão de faltar, ſegundo os Go-
» vernadores da India vizinhão mal com el-
» le, e lançar depois mão de tudo a noſſo
» deſpeito, que ſerá huma affronta mui gran-
» de, e que ſe não poſſa ſatisfazer, pois não
» tem o Eſtado poſſe pera couſa alguma. E
» quem nos póde tambem ſegurar, que Mea-
» lecan, depois de Rey, nos não ſeja peior vi-
» zinho, que eſte Abrahemo, que corre com
» eſte Eſtado tão pontual; e que eſtes Capi-
» tães, que hoje ſe moſtram tanto voſſos ſer-
» vidores, depois de ſaneados com elle, não
» ſejam os que o aconſelhem a vos fazer
» guerra, e deſaffrontar-ſe? Por iſſo, Se-

» nhor, tornai sobre vós, e vede o que fa-
» zeis, porque ainda tendes tempo pera no-
» va determinação, porque os erros da guer-
» ra depois de feitos, não soffrem emenda.»

O Governador Martim Affonso de Sousa lhe agradeceo muito aquellas lembranças; e considerando de novo naquellas cousas, e medindo-as com a razão, veio a entender, que Pero de Faria lhe dizia verdade, e que lhe fallava como homem experimentado, e livre. E sem dar conta a pessoa alguma daquelle negocio, tanto que foi de madrugada, fingio que lhe vieram cartas de Ormuz, e que havia alteração contra a nossa fortaleza; e levantando o campo, tomando o Mealecan a par de si, voltou pera a Cidade. Os Capitães Fidalgos, e todos os mais ficáram embaraçados com tão supita mudança, sem lhes o Governador dar conta do que passava. Chegados á Cidade, mandou o Governador agazalhar Mealecan em casas grandes, com guardas, e vigias, porque se não fosse, não sabendo ainda cousa alguma da morte do Accedecan, porque tudo foi em huns mesmos dias.

O Idalcan, que estava em campo, tanto que ajuntou suas gentes, foi descendo o Gate, e appareceo sobre a Cidade de Bilgão, pouco depois da morte do Accedecan. Os Capitães alevantados sabendo de sua che-

gada, foram-ſe recolhendo, huns pera a terra do Nizamaluco, e outros por mais não poderem ſe recolhêram na Cidade pera ſe defenderem nella. ElRey poz ſeu campo derredor della, mandando-a combater muito fortemente, e os de dentro defendendo-ſe com muito valor; mas como eſtavam amedrontados, (que iſto he proprio de tyrannos, perderem o animo em preſença de ſeu Rey,) começáram a deſcoraçoar, pedindo alguns Capitães miſericordia a ElRey, que lhes elle concedeo; e outros trabalháram por fugir de noite. Neſta confusão foi eſta Cidade entrada, e tomados ás mãos alguns cabeças principaes, que logo foram feitos pedaços diante d'ElRey. Feito iſto, poz alli Capitão novo, e o meſmo fez em todas as fortalezas, e tanadarias de Concan, reduzindo-o outra vez á Coroa do Reyno, porque o tinha dado ao Accedecan, determinando de mais o não dar a peſſoa particular, por ſe não fazer poderoſo, arrendando ſuas terras, e aldêas, e pondo outras couſas em ordem

CAPITULO XI.

Dos tratos que houve antre o Idalcan, e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan: e de como Coge Cemaçadim foi a Goa ver-se com o Governador, e lhe deo oitocentos mil cruzados pera ElRey de Portugal: e de outras muitas cousas.

HAvendo tres dias que o Governador Martim Affonso de Sousa era recolhido pera Goa, chegáram as novas da morte do Accedecan, e de como ElRey desbaratára os conjurados, e ficava em Bilgão provendo nas cousas do Decan. Então acabou de entender, que Pero de Faria fora Anjo que o avisára; porque se tivera passado á outra banda, perdera-se de todo. E logo com muita brevidade despedio hum Embaixador a visitar o Idalcan, e a dar-lhe os parabens da vitoria, offerecendo-se-lhe pera tudo o que fosse de seu serviço. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, e o tornou logo a despedir com grandes agradecimentos daquella visitação, não sabendo dos tratos, que tinham passado antre elle, e o Accedecan; ou se o sabia, dissimulou-o pelo que lhe convinha. E sabendo o Idalcan como Mealecan estava em Goa, receando-

se

ſe, que em quanto foſſe vivo ſempre tiveſſe alterações, (como quem conhecia bem a natureza dos Mouros,) e querendo-ſe ſegurar, tratou de o haver ás mãos por todos os meios que pudeſſe, e deſpedio logo hum Embaixador, peſſoa muito principal de ſua caſa, pera ir tratar negocios com o Governador, e recebendo-o bem, o ouvio ſó.

Elle lhe diſſe: » Que o Idalcan ſeu Se-
» nhor, como grande ſervidor d'ElRey de
» Portugal, e como quem deſejava de con-
» ſervar ſua amizade, lhe dava, e traſpaſ-
» ſava livremente todo o direito, que tinha
» no theſouro do Accedecan, e que o po-
» dia mandar tomar em toda a parte em que
» eſtiveſſe. E que pelo muito que merecia ao
» ſerviço d'ElRey de Portugal, lhe pedia
» lhe mandaſſe entregar ſeu tio Mealecan,
» ſobre ſua fé de o não matar, porque não
» queria mais que pollo em parte, onde ſe
» não pudeſſe recear delle; e que daria por
» iſſo a ElRey de Portugal as terras firmes
» de Salſete, e Bardés, com ſuas tanadarias,
» rendas, e Alfandegas, perpetuamente pe-
» ra elle, e pera todos ſeus deſcendentes,
» que renderiam ſetenta mil pardáos cada
» anno. »

O Governador poz todas aquellas couſas em conſelho, e nelle ſe aſſentou, que por nenhuma couſa da vida ſe podia entregar

gar Mealecan, que viera de Cambaya, onde estava seguro debaixo da fé dos Portuguezes. E porque ElRey não perdesse huma tão grande cousa, como a que se lhe offerecia, que se buscasse hum meio honesto, e licito, com que as terras ficassem ao Estado, e o Idalcan satisfeito, e quieto; que pois elle não tratava de mais, que de se segurar de Mealecan, por estar com elle pejado naquella Cidade de Goa, que se mandasse pera o Reyno, ou pera Malaca, ou Maluco. Isto se fez a saber ao Embaixador, que logo despedio correios ao Idalcan, que estava em Bilgão esperando pela resposta.

Chegadas as cartas, e sabendo o que se tratára, entendeo mui bem, que os Portuguezes por nenhum caso lhe haviam de entregar Mealecan, e que o que o Governador offerecia era o melhor meio que naquelle negocio se podia tomar; e que em qualquer daquellas partes, que Meale estivesse, lhe não podia fazer nojo: acceitou os partidos, e os Embaixadores por virtude de seus poderes, assentáram com o Governador aquelle negocio, fazendo seus papeis. E logo deram posse daquellas terras ao Governador, que a mandou actualmente tomar por Dom Garcia de Castro, que foi em companhia dos Embaixadores, que lhas foram entregar; e logo se arrendáram a Crisna, Tanadar mór

de

de Goa, em cento e quarenta e tres mil pardáos em tres annos; e tantos achámos carregados em receita na arrecadação de Fabião da Mota, que naquelle tempo servia de Thesoureiro em Goa.

Despedidos os Embaixadores muito contentes, mandou o Governador ter grande resguardo em Mealecan, porque senão sahisse de Goa, dando-lhe huma grossa tença pera seu entertimento. E porque o Idalcan tambem tinha traspassado o direito, que tinha no thesouro do Accedecan em ElRey de Portugal, tratou de ver se por manha o podia haver ás mãos, e despedio logo Fernão de Sousa de Tavora em huma galé, e com elle Ruy Gonçalves de Caminha, (irmão de João Alvares de Caminha, Thesoureiro do Reyno, que tinha huma filha casada com D. Diniz de Faro.) Este Ruy Gonçalves de Caminha era grande amigo do Coge Cemaçadim, pera irem ao rio de Sanguicer ao persuadir, que se fosse a Goa ver com o Governador, levando-lhe pera isso seguros reaes, e escrevendo-lhe o Governador cartas de muitos mimos. E a Fernão de Sousa deo por regimento, que tomasse as fustas da companhia de Nuno Pereira de Lacerda, a quem escreveo, que se fosse pera Goa. Chegado Fernão de Sousa áquelle rio, tanto que Nuno Pereira vio as cartas, e re-

gi-

gimento do Governador, logo se foi pera Goa no seu navio, muito aggravado do Governador o tirar daquella empreza, em que havia dous mezes que estava.

Ruy Gonçalves de Caminha se vio em terra com Coge Cemaçadim, e tantas cousas lhe disse, que o rendeo a ir com elle a Goa, e se embarcou na galé de Fernão de Sousa. O Governador o recebeo bem, e lhe fez muitos mimos, e caricias, e fechados ambos, o que antre si passáram ninguem o sabe: sómente o público foi, que daria a ElRey de Portugal oitocentos mil cruzados de concerto pela aução que o Idalcan lhe tinha dado no thesouro do Accedecan, de que daria logo em Cananor quatrocentos mil cruzados, onde o poriam a elle, e os outros quatrocentos mil daria no Março seguinte. Com isto o despedio o Governador com muitas honras, e peças, e se tornou a embarcar com Fernão de Sousa, e com elle o Secretario Antonio Cardoso, pera tomar entrega do dinheiro, e em hum catur ligeiro o levar a Cochim, e o repartir pelas náos do Reyno.

Chegados a Sanguicer, recolheo Coge Cemaçadim toda sua familia em navios, que pera isso levou, e passou-se a Cananor, indo com elle Fernão de Sousa. Aquelle Rey o recebeo bem, e elle se aposentou em casas,

ſas, que tinha mandado fazer, e onde já tinha os ſeus criados com o theſouro, e quinhentos Nayres em guarda, que elle pagava mui bem. Logo ao outro dia entregou os quatrocentos mil cruzados a Antonio Cardoſo, todos em barras de ouro; e tomando-os em hum catur, paſſou a Cochim, já em Janeiro, e achou já de verga d'alto a náo Capitania, e a de Fernão de Alvares da Cunha. E entregou a Diogo da Silveira trezentos mil cruzados, pera no Reyno os dar a ElRey, e os cento a Jorge de Lima, que tinha acabado de ſervir a Capitanía de Chaul, e hia embarcado na náo de Fernão de Alvares. Eſtas náos tiveram boa viagem, e chegáram a ſalvamento, e ElRey eſtimou muito o dinheiro por eſtar o Reyno deſpezo.

DE-

DECADA QUINTA.

LIVRO X.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do principio do Reyno de Ormuz, e Reys que até hoje teve: e de como ElRey Xargol Xá faleceo: e o Governador Martim Affonso de Sousa alevantou por Rey a Torunxá, que estava em Goa: e de como foi pera seu Reyno entregue a Luiz Falcão, que hia entrar naquella fortaleza: e de como o Governador se foi ver com Coge Cemaçadim a Cananor.

PRimeiro que tratemos da morte d'ElRey Xargol Xá, de Ormuz, que faleceo este Verão, nos pareceo bem darmos conta da fundação do Reyno de Ormuz, e de todos os Reys que teve até hoje. Assim por guardarmos a ordem, que até agora

ra ſeguimos em todos os Reynos, como por tirarmos alguma dúvida, que ſe nos offereceo nas Decadas de João de Barros, quando falla nos Reys cegos, que Affonſo de Alboquerque mandou pera Goa.

Pelo que ſe ha de ſaber, que perto dos annos de noſſa Redempção de 1250, ſendo Rey da Perſia Abagahan, filho do Grão Tartaro Hallehan, (a que todos os Eſcritores chamam Alacu, e outros Halaonó, e Marco Polo Hulah,) que por mandado de ſeu irmão Maguhan (que o meſmo Marco Polo põe pelo quarto do número dos Imperadores do Cathayo, e Aiton Armenio pelo quarto: e aſſim o põe Sabellico, e lhe chama Magon, ou Meton) foi conquiſtar a Terra Santa, que os Turcos tinham tomado os annos atrás de 1172, perſuadido do Papa Innocencio IV. que a iſſo lhe mandou Religioſos; e em toda eſta conta vai Marco Polo Veneto errado: e diz elle, que eſte Tartaro Maguchan ſe fizera Chriſtão a rogo de Aiton, Rey de Armenia, que ſe foi com elle ver á Cidade de Cambalec, onde elle tinha ſua Corte, a cujo rogo eſte Tartaro ſe fez Chriſtão, mandando com elle ſeu irmão Halehan, com grandes exercitos pera tornar a cobrar a Terra Santa de poder dos Mouros, como fez, matando em batalha o Califa de Babylonia, Muſtaſſem

Mu-

Mubila, em quem se acabáram os Califas dos Arabios. No tempo de sua morte ha varias opiniões; porque Marco Polo affirma ser nos annos de 1250. Aiton Armenio, no de 1258. E isso mesmo tem o nosso João de Barros na segunda Decada. Em fim, como quer que seja, ficou Halchan conquistando toda a Persia, Arabia, Suria, Palestina, e outras Provincias, e por sua morte herdou todos estes Estados seu filho Abaca, ou Abagahan, homem valoroso, muito amigo dos Christãos, e que em sua vida perseguio muito aos Mouros. E porque não recresça aqui alguma dúvida aos leitores, quando lerem Halehá, Abagahan, Maguhan, achando-os nomeados nos Authores Abagacan, Magucan, e todos com este sobrenome de Can, saberam que este Han he titulo antre os Tartaros, que quer dizer Senhor, e delles correo por todos os Reynos do Oriente, e he a cousa de que se os Grandes mais honrão, que todas. E como a pronunciação com que elles o nomeam não cabe na nossa, porque o fazem na garganta, e com huma aspiração, que não se lhes entende mais, que aquella, an, vieram a lhe chamar Can; e ainda se corrompeo mais, porque vulgarmente lhe chamam Cão.

E deixando isto. Por morte de Abagahan succedeo em todos aquelles Estados

seu

feu filho Tangodar, que se fez Mouro, e foi grande perseguidor de Christãos. E tornando ao fio de nossa historia. Reinando em Persia este Abagahan, era Senhor de todo o Estreito Persico, ao menos de todas as Ilhas, hum Senhor, que se chamava Maleccaez, e tinha seu assento na Ilha de Caez, que está pelo Estreito dentro além de Ormuz, perto de quarenta leguas, pegada á costa da Persia, naquella parte que os naturaes chamam Dolestan. Era no mesmo tempo Senhor do Magostan; e tudo aquillo que jaz no certão de Ormuz, até o cabo de Jasques, hum Mouro chamado Groduxá, que tinha seu assento em huma Cidade chamada Armuz, que he a de que Ptolomeu faz menção em suas Taboas, de que ainda hoje se vem algumas ruinas, junto de huma fortaleza, que se chama Cruxtac, ainda que outros dizem, que mais o parecem outras, que se vem em hum lugar chamado Menao, que jaz sobre hum rio, que atravessa pelo Magostam. Este Groduxá invejoso do grande commercio, e trato do Senhor de Caez, pelo grande concurso de náos, que de continuo havia na sua Ilha, que a ella concorriam de todas as partes do Oriente, desda Provincia da China até o Estreito do mar Roxo, donde se levavam todas as drogas, roupas, sedas, pedraria, e todas as mais ri-

riquezas, e louçainhas de todas as partes, e dalli se espalhavão pera Persia, Grecia, e pera toda a Europa, com cujas entradas aquelle Senhor de Caez estava muito rico. Desejoso Groduxá de fazer algum porto, onde avocasse aquelle trato, e náos; vendo que tinha o Senhor de Caez huma Ilha deserta, pegada a seu senhorio, chamada Gerum, por cuja porta passavam todas as náos, que entravam pera dentro do Estreito; e dissimulando o que tinha no peito, tratou com aquelle Senhor, que lhe vendesse aquella Ilha, pois lhe não servia de cousa alguma, e era tão esteril, que não dava huma só herva verde, nem tinha em si mais que serras de sal, sem agua, e sem outra cousa alguma de que se pudessem aproveitar. O Malec Caez não cahindo na pertenção do Groduxá, lha vendeo, posto que contra vontade de sua mãi, (que dizem lhe profetizou o que depois veio a ser.) Em fim, feito Groduxá Senhor daquella Ilha, a mandou logo povoar, e formou Armadas com que começou a avocar a ella todas as náos, que hiam pera Caez, fazendo grandes favores aos mercadores nos direitos, e nas compras, e vendas de suas fazendas, com o que se começou aquelle porto a frequentar, e a faltarem na Ilha de Caez todas as cousas. Sobre isto se movêram guerras antre aquelles dous Mouros.

Mas

Mas como Groduxá estava já rico, e poderoso, não só se defendeo delle, mas ainda lhe foi tomar a Ilha de Caez, fazendo-se Senhor de todo o seu Estado. Era este Malec Caez vassallo do Rey da Persia, e tinha-lhe mandado pedir soccorro contra o inimigo; e quando lhe chegou, já tinha perdido o Estado. Os Persas, que vinham de soccorro, entráram pelo senhorio do Groduxá, e o senhoreáram logo, e o Groduxá se acolheo para a Ilha de Ormuz, donde mandou Embaixadores á Persia com muito dinheiro, e peças, offerecendo-lhe vassallagem. Isto o abrandou de feição, que lhe tornou a restituir seu Estado, fazendo-se seu vassallo, com obrigação de pareas cada anno, e que de sinco em sinco mandasse seus Embaixadores á Persia a dar obediencia a ElRey.

Vendo-se Groduxá quieto, começou a fazer cabeça de seu Reyno aquella Ilha Gerum, fundando nella huma formosa Cidade, a que poz nome *Ormuz*, como a que tinha no Magostão, engrandecendo-a tanto com o commercio, e trato das náos, que a ella avocou, que a fez huma das mais celebradas do Oriente. Reinou este Groduxá no Reyno de Ormuz trinta annos, ficaram-lhe dous filhos, o primeiro Torunxá, que reinou vinte e quatro annos, e o outro Mahamed Xá, que succedeo ao irmão por não

ter

ter filhos, que reinou vinte e nove. A este succedeo Cobadixá seu filho, que reinou trinta annos; ficáram-lhe dous filhos, Ceifadixá, que reinou vinte annos, e Torunxá, que herdou o Reyno, por *não ficarem filhos ao irmão, que reinou trinta annos. A este ficáram* quatro *filhos, Magcudxá, Xabadi, Xargol*, e Xaués, *que todos reináram violentamente*, tirando *Magcudxá mais velho, que* reinou dez annos, *Xabadi, onze, e Xaués*, que era o derradeiro, *anno e meio; porque* o Xargol, que era *o mais velho, estava fugido* em Lasac, porque *o irmão se levantou* contra elle, e lhe tomou o Reyno, e de lá com ajuda daquelle Rey veio contra o irmão, e o lançou fóra do Reyno, ficando elle Rey, em que viveo trinta annos.

Este reinava, quando Affonso de Alboquerque, sendo Capitão mór daquelle Estreito, foi ter a Ormuz os annos de 1507. Falleceo este Rey sem deixar filhos, e os póvos levantáram por Rey a Ceifadim, filho de Xaués, aquelle que o irmão lançou fóra do Reyno, que era então menino de dez annos. Este reinava, quando Affonso de Alboquerque, sendo Governador da India os annos de 1514, ganhou aquelle Reyno, e o fez vassallo d'ElRey de Portugal. Este Ceifadim reinou dez annos, e succedeo-lhe seu irmão Torunxá, que reinou nove annos. A es-

este succedeo Mahamed Xá, que reinou nove annos, e era filho de Ceifadim. Por morte deste succedeo Xargol Xá, filho de Torunxá, que foi o que Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz por evitar divisões no Reyno, e o teve em Cochim, onde houve hum filho, chamado Torunxá, em huma mulher Abexim, chamada Bibigazelá, porque dizem que tinha olhos de gazela. Este Xargol mandou depois Nuno da Cunha pera ir succeder no Reyno, vindo-lhe novas da morte d'ElRey Ceifadim, e foi o que concedeo a Alfandega aos Reys de Portugal, como consta das Doações, que estam na Feitoria de Ormuz, como atrás temos dito no Cap. V. do IX. Liv. Este faleceo este Novembro passado de 1543. E logo o Guazil, nada. principaes do Reyno, mandáram pe- Vend ernador Martim Affonso de Sousa raça desse Torunxá seu filho, que estava em Goa, pera herdar o Reyno, por não haver outro herdeiro.

E primeiro que passemos daqui, será bem que soltemos a dúvida, que em principio dissemos dos treze Reys cegos, que João de Barros diz, que Affonso de Alboquerque mandou pera Goa, de quem se não falla no Catalogo que trouxemos de todos os Reys de Ormuz, nem houve em algum tempo cegar-se Rey algum, pera outro lhe tomar o

Reyno, depois de ser já Rey. E inquirindo nós isto bem, achámos que nenhum dos cegos foi Rey, mas foram irmãos, e primos com irmãos, filhos de Magcud, Xabadim, Xargol, e Xaués, daquelles quatro irmãos, filhos de Torunxá, que todos reináram huns apôs outros; porque costumavam aquelles Reys, tanto que succediam, cegarem aos irmãos, primos, e parentes, que podiam ter pertenção no Reyno, e cegavam-nos com huma pasta de metal tirada do fogo ardendo, e passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagava a vista, ficando-lhes os bugalhos claros, e inteiros, o que faziam por se não recearem delles; e tantos Reys cegos não podiam succeder em tão pouco tempo, e achando-os todos vivos. E nós achámos homens em Goa, que se l[illegible] ainda de dous destes cegos, de[illegible] guns Governadores descuidáram ta[illegible] que chegáram a pedir esmola: e affirmava-nos hum Cidadão antigo, nobre, e Fidalgo, que víra hum delles naquelle terreiro da Misericordia de Goa, debaixo de huma arvore, que antigamente alli estava, que como outro Belisario, pedia esmola, dizendo: *Dai esmola a este a quem cegáram por lhe tomarem o Reyno.*

E tornando á nossa ordem, nestas náos que vieram de Ormuz em Março, teve

Go-

Governador recado de como era falecido ElRey Xargol, e cartas do Guazil, e povo em que lhe pediam Torunxá seu filho pera Rey, que sería de idade de doze annos: pelo que logo o alevantou por Rey com a mór solemnidade, e apparato que pode ser, dando elle depois de alevantado a menagem nas mãos do Governador, dizendo: » Que » recebia aquelle Reyno pera o ter, e go- » vernar, em quanto ElRey de Portugal o » houvesse por bem. » Feita esta ceremonia, despachou o Governador logo Luiz Falcão Pereira, pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, de que era provído, dando-lhe hum galeão, e entregando-lhe aquelle Rey o dia que se delle despedio, acompanhando-o até á rua. Dada á véla, foram seguindo sua jornada.

Vendo o Governador que ficava desembaraçado de negocios, se embarcou logo pera ir a Cananor a se ver com Coge Cemaçadim, assim pera arrecadar os quatrocentos mil cruzados, que ficou devendo, como pera ver se lhe podia arrancar mais das mãos. E pera ir mais afforrado, levou só seis galés; a em que elle hia, e nas outras Francisco de Sá dos Oculos, D. João Pereira, Bernaldim de Sousa, João de Mendoça o Chum, e Affonso Furtado. E levou mais sete, ou oito navios ligeiros. Dada á véla,

em quatro dias chegou a Cananor, e desembarcou na fortaleza, onde o Capitão Diogo Alvares Telles o recebeo, e agazalhou mui bem. Dalli tratou com ElRey de se verem, elle, e Coge Cemaçadim, e assentou-se, que fosse em casa do mesmo Coge Cemaçadim, onde ElRey o esperaria. E o dia que havia de ser, mandou ElRey hum seu sobrinho, que era herdeiro do Reyno, pera ficar na fortaleza em refens; e mandou acompanhar o Governador por todos os seus Regedores. O Governador partio em hum formoso cavallo bem ajaezado, rodeado de todos aquelles Fidalgos, e gente da Armada, custosa, e louçãmente vestidos, e com armas secretas. Seriam as casas de Coge Cemaçadim menos de meia legua da fortaleza; e por todo aquelle caminho acháram os nossos peças de sedas, que Coge Cemaçadim mandou estender pera o Governador passar por sima, e muitos ramos, e cousas de alegria, o que tudo os soldados recolhêram. As casas de Coge Cemaçadim estavam entre humas hortas, e harvaes frescos, e sombrios; e chegando o Governador a ellas, achou já fóra ElRey, e Coge Cemaçadim, que o esperavam, e o recebêram mui honradamente. Dalli se recolhêram pera dentro, onde havia grandes salas, e varandas, que tudo estava ricamente aparamen-

ta-

tallo. Os poiaes das varandas, que eram mui grandes, eftavam todos cheios de rofas, e hervas cheirofas, e muitos frafcos de aguas rofadas, e de outros cheiros, e muitas maneiras de confervas pera todos os que quizeffem refrefcar. O Governador com El-Rey, e Coge Cemaçadim fe recolhêram pera huma camara, onde eftiveram mais de huma hora fós; e o que antre elles fe paffou ninguem o foube, mais que fahir o Governador fatisfeito, e contente. Coge Cemaçadim repartio por todos aquelles Fidalgos, Capitães, e criados do Governador muitas peças ricas de fedas, beirames, bofatás, carlás, e outras. Defpedido o Governador, fe tornou pera a fortaleza. Ao outro dia mandou Coge Cemaçadim entregar os quatrocentos mil cruzados, que era obrigado a dar; e dizia-fe, que não ficára o Governador com as mãos vafias. Feito ifto, tornou o Governador a voltar pera Goa, e por ter o tempo contra fi, poz mais de quinze dias.

CA-

CAPITULO II.

Dos recados, que houve antre o Idalcan, e o Governador Martim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e de como o Governador o mandou pera Cananor: e de outras cousas.

ERa já em fim de Março, quando o Governador Martim Affonso de Sousa chegou a Goa, e começou a fazer prestes os provimentos, que havia de mandar pera Malaca, e Maluco, sem tratar de Mealecan, como estava concertado antre elle, e o Idalcan. Disto foi elle logo avisado, assim do que o Governador passou com Coge Cemaçadim, como de não querer por então bolir com Meleacan, com quem estava muito pejado; porque quasi que tornava a haver alteração antre os Capitães. E querendo evitar isto, mandou com muita pressa hum Embaixador, chamado Coge Mamede Chauli, pera ir ao Governador requerer-lhe, que cumprisse os contratos que estavam assentados, e que mandasse Mealecan pera Maluco, pois então era a monção; e para o obrigar mais a isso, lhe mandou huma boa pancada de dinheiro, de que achámos carregados sobre Bastião da Fonseca, Feitor que então era de Goa, trinta e dous mil pardáos

dás de ouro; e assim lhe mandou nova doação do thesouro do Accedecan.

Este Embaixador foi muito bem recebido do Governador, e tratou com elle aquellas cousas. E como estes Mouros tratam todas suas cousas por figuras, assim este pera lhe mostrar o como Coge Cemaçadim o enganára em muitas partes no concerto que com elle fez, (porque tudo soube o Idalcan,) lhe apresentou da parte do Idalcan dous pratos, hum com poucas folhas de Betere, (que he a herva que elles de continuo mastigão,) e outro muito cheio dellas, tanto, que pareciam quasi infinitas, dizendo-lhe o Embaixador, que dizia o Idalcan seu Senhor: » Que o dinheiro que Coge Cema- » çadim lhe dera de concerto, era como a- » quellas poucas folhas de Betere, em com- » paração do outro prato cheio dellas, que » era figura do muito que lhe ficava; que » lhe pedia trabalhasse por haver tudo ás » mãos, pois pertencia a ElRey de Portu- » gal pela doação que delle lhe tinha feito.» O Governador ficou sobresaltado, porque lhe tinha Coge Cemaçadim mettido em cabeça, que o thesouro não passava de milhão de ouro. E dando os agradecimentos ao Embaixador daquella amizade, que o Idalcan fazia a ElRey de Portugal, lhe disse que em tudo o satisfaria.

E

E pera o Embaixador ver que logo punha aquelle negocio em effeito, mandou com muita pressa apparelhar huma caravela, de que era Capitão Pero Vaz de Siqueira, e lhe entregou Mealecan, pera que o fosse pôr em Cananor, e que o entregasse ao Capitão, pera que o tivesse na fortaleza a bom recado, escrevendo-lhe, que o deixasse de quando em quando ir visitar ElRey, e Coge Cemaçadim, ficando-lhe sempre sua mulher, e filhos dos muros pera dentro, em casas decentes, em que o aposentaria. E mandou dizer pelo Embaixador (que o vio embarcar) ao Idalcan: » Que mandava Mealecan pera » Cananor, porque tinha escrito a ElRey de » Portugal sobre os contratos que tinham » feitos, e que esperava por resposta pera » saber o que queria fizesse delle, e que até » não vir seu recado o não podia mandar » pera Maluco, porque poderia ser que lh » escrevesse ElRey, que o mandasse pera Por» tugal. » Com isto se foi o Embaixador satisfeito, e o Idalcan o ficou tambem em parte.

A tenção do Governador mandar Mealecan pera Cananor, não achámos della a certeza; mas o que nos parece he, que foi por duas cousas, huma por ter sempre enfreado o Idalcan com o ter tão perto, e a outra por ver se podia colher o Coge Cema-

Cemaçadim dentro na fortaleza pera fazer nelle preza, até lhe entregar o theſouro; mas o Coge Cemaçadim viveo depois com tantas cautelas, que nunca quiz ir viſitar o Mealecan, ſervindo-o elle com tudo o que havia miſter mui abaſtadamente. Antes o Mealecan hia algumas vezes a ſua caſa, e quando o queria fazer, lhe mandava o Capitão preparar hum formoſo cavallo, mandando-o acompanhar pela ſua guarda, e todavia com tamanho reſguardo, que primeiro que foſſe, mandava ver ſe ficava ſua mulher, e filhos em caſa. E o homem que tinha iſto a cargo, chamava-ſe Pero Telles. E ainda neſta era de noventa e ſete, que iſto eſcrevemos, vive neſta Cidade de Goa, e nos deo deſtas couſas boa informação, como teſtemunha de viſta.

Tanto que o Governador deſpedio o Mealecan, e o Embaixador do Idalcan, parecendo-lhe obrigação mandallo tambem viſitar, pois corria tão pontualmente com elle, e a dar-lhe os agradecimentos de tantas amizades, deſpedio por Embaixador hum homem Fidalgo, chamado Jorge de Souſa, por quem lhe mandou hum curioſo, e rico preſente de ſedas, e brocados da Europa, em que entrava huma peça, que cuſtou a dez mil reis o covado. Mandou-lhe mais quatro formoſos ginetes ajaezados de ouro,

e

e prata, com telizes dobrados de demaſcos. E com iſto lhe mandou huma Proviſão, pera que todos os annos pudeſſe mandar levar da Cidade de Goa doze cavallos, forros dos direitos. Eſte Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, que eſtimou muito aquella viſitação, e o mandou agazalhar na Corte, onde havia de invernar.

CAPITULO III.

Das couſas que acontecêram em Ormuz, até chegar ElRey Torunxá: e da guerra que o Rey de Xirás fez áquelle Reyno: e de alguns recontros, que tiveram com os Portuguezes: e que couſas são Mocarrarias.

POuco ha que démos razão das couſas do Reyno de Ormuz, e de ſua fundação, e de como Groduxá, Senhor do Magoſtão, ſe fez Rey daquella Ilha Gerum. Foi depois diſto correndo o tempo, andando aquelle Reyno ſempre em ſeus deſcendentes, como temos contado; ſuccedendo no Reyno da Perſia depois tantas mudanças, ſendo huma vez conquiſtado de Tartaros, ſendo ſeu Imperador Chiquis Can, e depois do Grão Tamorlão, depois do Grão Sofi, com o que aquelles Reys de Ormuz tiveram lugar pera ſe iſentarem da obrigação dos

da Persia, e de lhe tomarem ainda muitas cousas, que accrescentáram em seu Estado, como foi o Reyno de Barém, e o de Catifa da outra banda da Arabia. Com isto, e com o commercio, e trato daquella Ilha cresceo muito em rendas. E como de todas as partes do Oriente hiam alli fazendas, acudiam desse sertão da Persia, Coraçone, Georgia, e de todos os mais Reynos até Moscovia, grandes cafilas de mercadores, com outras a commutar, e vender suas fazendas. Estas cafilas eram muitas vezes impedidas por esses caminhos dos Reys do Xirás, Lara, e de outros Senhores desse sertão, o que era grande perda pera aquella Ilha Gerum, pela falta que hiam fazendo em suas entradas.

Pelo que lhe foi forçado concertar-se El-Rey de Ormuz com todos aquelles Reys, por cujas terras as suas cafilas passavam pera lhes não impedirem os caminhos, dando huns tantos leques cada anno a cada hum, não em modo de pareas, senão de presente, a que elles chamam Mocarrarias, de que no fundamento do Reyno de Ormuz fallámos, Cap. II. do X. Liv., sem declararmos o que era. E isto era o que aquelle Embaixador da Persia vinha arrecadar a Ormuz, quando Affonso de Alboquerque tomou aquella Cidade, que lhe mandou amostrar huns cestos de pelouros, e ferros de lanças,

di-

dizendo, que aquellas eram as pareas, que aquelle Reyno, que era d'ElRey de Portugal, pagava a quem as pedia. Continuando aquelles Reys de Ormuz com estas benevolencias, (que assim podemos chamar a estas mocarrarias,) descuidou-se o Xargol Xá, que agora faleceo, de pagar isto alguns annos ao Rey de Xirás; e pela ventura que fosse por não poder mais, por estar pobre pelas grandes pareas que pagava a ElRey de Portugal. Do que enfadado este Rey de Xirás, sabendo da morte do Xargol Xá, entrou com perto de dez mil cavallos pelas terras do Magostão, com duas pertenções, huma pera se pagar do que lhe deviam, a outra pera ver se se podia senhorear de algumas fortalezas, que por aquella parte havia. A gente inutil tanto que o sentio, foi fugindo pera Ormuz, e a principal, e de guerra se recolheo pera as fortalezas de Xamel, Minão, e outras, onde se fortificaram. ElRey de Xirás sem bolir em cousa alguma, chegou até a outra banda de Ormuz, e dalli escreveo huma carta a Martim Affonso de Mello Jusarte, Capitão daquella fortaleza, toda de cumprimentos, sem se declarar, nem concluir em cousa alguma. O Capitão entendendo que aquillo era invenção, chamou a conselho os homens, que para isso eram, e mostrando-lhes a carta, prati-

[illegible]u com elles aquelle negocio, e aſſentou-ſe, que mandaſſe vigiar ElRey de Xirás por alguni homem de entendimento, pera ver ſe podia alcançar ſua determinação.

Pera iſſo eſcolheo o Capitão hum Aleixos Carvalho, que ſabia a lingua Parſea, e por elle mandou dar áquelle Rey os parabens de ſua vinda, e agradecer-lhe a viſitação, eſcrevendo-lhe tambem outra carta cheia de cumprimentos como a ſua, e deo por regimento a Aleixos Carvalho, que trabalhaſſe por ver ſe podia alcançar ElRey em palavras, e ſaber delle, ou de algum Capitão ſeu, ſua determinação.

Partido eſte homem, deſpedio tambem o Guazil (que governava o Reyno por morte d'ElRey) pera ſe ir pôr da outra banda do Magoſtão, com toda a gente que pudeſſe ajuntar, e que mandaſſe com muita brevidade prover as fortalezas; porque ſe aquelle Rey vinha com alguma má inclinação, as não tomaſſem deſcuidadas: o que o Guazil fez com muita preſſa. Aleixos Carvalho foi em companhia dos Mouros, e leváram a carta ao Capitão ao ſeu exercito, hum dia de caminho pelo ſertão dentro. ElRey o recebeo bem, e elle lhe deo ſua embaixada na fórma que diſſemos. Alli ſe deteve dous dias; e em muitas práticas que teve com ElRey, e com os ſeus Capitães, não

não pode alcançar a causa daquella vinda, nem o que aquelle Rey determinava. E passados elles, se despedio, mandando ElRey tambem fazer grandes offerecimentos ao Capitão.

Partido o Aleixos de Carvalho, mandou ElRey logo alguns Capitães sobre as fortalezas de Menejaó, e Mináo, do que foi logo avisado; e como já tinha dentro alguma gente, que por então bastava, não quiz bolir comsigo; e mandou recado ao Capitão de Ormuz, pedindo-lhe soccorresse a fortaleza de Mináo, que era a mais importante. Com este recado despedio Martim Affonso de Mello Jusarte, logo Belchior de Sousa, homem Fidalgo, e bom Cavalleiro, com setenta Portuguezes pera se ir metter naquella fortaleza.

Que passado á outra banda, foi marchando no quarto d'alva com muito silencio, mandando diante espias, porque determinava de passar pelo exercito dos inimigos, e metter-se dentro, mandando hum Mouro de recado dar aviso aos da fortaleza, pera que estivessem prestes pera o recolherem. E indo já perto da fortaleza, teve aviso das espias, que huma companhia de trezentos Turquimais hia tambem pera a fortaleza ajuntar-se com os mais que lá estavam. Belchior de Sousa como era homem determinado, disse

ſe aos companheiros , que chegaſſem a elles , e os commetteſſem , porque como era de noite , e eſcuro , não podiam enxergar os poucos que eram ; e que eſperava em Deos de os desbaratarem facilmente. E aſſim foi , que chegando aos Mouros , que caminhavam deſcuidados , arremettêram a elles com tamanhas gritas , que fazia parecer número maior ; e dando-lhes a primeira ſurriada de arcabuzaria , derribáram-lhes logo mais de quarenta , e mettendo-ſe de envolta com elles , os começáram a cortar á ſua vontade.

Os Mouros como não viam o número dos noſſos , e o eſtrondo que faziam era de maior quantidade , parecendo-lhes que eram muitos mais , começáram a ſe pôr em desbarato , ficando os noſſos ſenhores do campo com hum ſó homem perdido , fazendo todos obras bem dignas de maior Capitulo. E vendo-ſe com a mão folgada , foram paſſando adiante ; e como era eſcuro , paſſáram de longo do arraial dos Mouros , e mettêram-ſe na fortaleza. Os Mouros ao outro dia ſouberam o que era paſſado ; e como os Portuguezes eſtavam já dentro , deſpedíram recado a ElRey , que lhes mandou outros Capitães com tres mil homens de ſoccorro ; e juntos todos , cercáram a fortaleza toda á roda , dando-lhes muitos aſſaltos , em

que

que os Portuguezes se defendêram co valor, com que antes que entrassem na fortaleza os tinham offendido. As particularidades deste cerco não achámos, e por isso o contamos assim em soma.

O Capitão de Ormuz tanto que vio que ElRey de Xirás se declarava, armou sinco navios, de que eram Capitães, Diogo Mendes Dourado, João da Cruz, Antonio Machado, Thomé de Matos, e Francisco Fernandes, e lhes mandou que andassem por toda a costa do Magostão defendendo-a, e favorecendo os naturaes. Neste estado estavam as cousas de Ormuz, quando chegou Luiz Falcão com ElRey Torunxá, que foi muito bem recebido no Reyno. Com sua chegada corrêram recados antre elle, e ElRey de Xirás, com quem se logo concertou, e elle se recolheo pera suas terras, ficando aquelle Reyno desapressado, e Martim Affonso de Mello Jusarte entregou a fortaleza a Luiz Falcão, e elle ficou invernando nella.

CA-

CAPITULO IV.

Do que aconteceo aos Portuguezes da Abasia: e das cousas, que fez Diogo de Reinoso por aquelle Estreito.

DEixámos no Cap. IV. do IX. Liv. as cousas da Abasia, com os nossos ficarem invernando em companhia do Imperador sobre o rio Nilo, naquelle mesmo lugar, onde houveram aquella grande vitoria d'ElRey de Zeilá, muito mimosos todos do Imperador, e da Rainha sua mãi, que sempre foi triste pela morte de D. Christovão da Gama: e correndo as novas por todos os Reynos da chegada do Imperador, e do desbarato dos Mouros, e morte do Rey de Zeilá, começáram a acudir todos os vassallos, que estavam recolhidos em serras, e passos fortes, com medo dos Mouros, ficando o Imperador já com hum muito poderoso exercito.

Tanto que o Verão entrou, levantou o Imperador seu campo, e foi visitando todos aquelles Reynos, quietando-os, no que os Portuguezes o serviram com muito amor, e elle tambem lho mostrou. E vindo-se já chegando o tempo de lhes vir recado da India, pedio Manoel da Cunha ao Imperador licença pera se ir pera Maçuá esperar a Ar-

mada, que forçado os havia de vir buscar. O Imperador trabalhou muito pelo deter; mas relevava a Manoel da Cunha muito passar á India, e por esta razão insistio na licença, que em fim lhe deo, fazendo-lhes mercês a todos os da sua companhia, que eram sincoenta, porque os mais quizeram ficar por suas vontades, e muitos delles se casáram na terra, e tiveram filhos, e filhas, que ainda hoje vivem lá, e daquelles vieram depois á India alguns com suas familias, em tempo do Viso-Rey D. Constantino; e dous delles, Simão Fernandes do Prestes, e Diogo Dias do Prestes, ambos homens honrados, e ricos, conversámos nós nesta Cidade de Goa, onde vivêram, e El-Rey depois se servio delles em algumas cousas.

Manoel da Cunha se despedio do Preste João, e dos Portuguezes com grandes saudades, e foi caminhando pera Maçuá, onde o deixaremos, porque he necessario continuarmos com Diogo de Reinoso, que o Governador Martim Affonso de Sousa mandou ao Estreito espiar as galés.

Este Fidalgo foi fazendo sua jornada até embocar o Estreito de banda do Abexim, e foi discorrendo por aquella costa até á Ilha de Çuaquem, sem guardar o regimento que levava, (porque era mancebo, e orgulhoso,

yo, e o coração não lhe soffreo deixar de fazer travessuras,) e assim foi tomando algumas gelvas que achou, e fazendo prezas, até chegar a Çuaquem. Alli se deixou andar antre aquella Ilha, e a terra firme, defendendo a passagem de huma a outra parte, esbombardeando, e atroando a terra de feição, que inquietou todo aquelle Estreito; por onde logo corrêram novas, que era entrada nelle huma Armada Portugueza. E assim soou isto, que se affirma chegarem a Constantinopla, e enfadar-se muito o Turco, e fazer queixas a Diogo de Mesquita, que lhe affirmou sería algum alevantado, e escreveo sobre isto a Portugal.

E tornando a Diogo de Reinoso, deixou-se andar por alli até se enfadar, que se passou a Maçuá, onde já havia dous dias que era chegado Manoel da Cunha, que com os mais Portuguezes estava agazalhado em huma aldêa de Christãos. E acudindo á praia ás bombardadas que atirou, achágram Diogo de Reinoso, que festejáram summamente, levando-o pera a aldêa. Alli se deram huns aos outros as novas de tudo o que era passado. E vendo Manoel da Cunha que não havia navios, em que se pudessem ir, elegêram antre si hum homem pera levar as cartas do Preste João ao Governador, e as d'ElRey de Portugal, a quem elle escrevia

pera ſe lhe mandarem nas náos ſeguintes; e eſcrevendo todos ao Governador, que lhes mandaſſe embarcações, em que ſe pudeſſem ir, porque não era razão que ficaſſem alli como degradados.

Eſte eleito, ſegundo algumas lembranças, foi Miguel de Caſtanhoſo por ſer homem nobre, e de muito boa razão, e eſtar manco de huma perna, que depois foi ao Reyno, e levou as cartas do Imperador a ElRey D. João, e lhe apreſentou hum Tratado, que elle fez de toda a jornada de Dom Chriſtovão da Gama, a modo de roteiro, dia por dia, onde conta todas as couſas mui particularmente, cujo traslado feito no Preſte João eſtá em noſſo poder, e delle nos aproveitámos, pelo havermos por muito verdadeiro; e aſſim o certificavão Simão Fernandes, e Diogo Dias do Preſtes, que a tudo ſe achåram preſentes.

Diogo de Reinoſo ſe deſpedio dos Portuguezes, que ficáram muito triſtes, e foi eſperar os Ponentes a Sacotorá, onde fez aguada, e tomou mantimentos. Dalli ſe fez á véla, e chegou a Goa no fim de Abril, e deſembarcando, ſe foi ao Governador com Miguel de Caſtanhoſo, que elle recebeo bem, e lhe deo as cartas do Imperador da Abaſſia, e dos Portuguezes; e ſabendo da morte de D. Chriſtovão, a ſentio muito, aſſim el-

elle, como todos. Depois ſabendo o Governador as couſas, que Diogo de Reinoſo fizera no Eſtreito, e de como traſpaſſára o ſeu regimento, o mandou prender em ferros, e diſſe ao Doutor Pero Fernandes, Ouvidor Geral, que procedeſſe contra elle, e o ſentenceaſſe conforme aos merecimentos de ſuas culpas.

E porque ſabia o eſtrondo, que aquellas couſas haviam de fazer em Conſtantinopla, deſpedio logo com muita brevidade hum Judeo, chamado Soleimão, irmão de Iſac do Cairo, com cartas pera Diogo de Meſquita a Conſtantinopla, em que lhe dava conta do caſo, e de como Diogo de Reinoſo ficava prezo pera o caſtigarem, pedindo-lhe tiveſſe ſatisfações com o Grão Turco. Eſtas cartas lhe foram dadas, e elle deo conta aos Baxás do Conſelho do que paſſava; e de como aquillo fora ſó hum catur, que o Governador mandára a ſaber novas dos Portuguezes, que eſtavam na Abaſſia, e que fizera o Capitão delle algumas traveſſuras de moço, mas que ſería caſtigado como homem. Com iſto dizem, que ſe quietára o Turco. Diogo de Reinoſo eſteve tão arriſcado, que lhe foi neceſſario chamar-ſe á menoridade; e ſendo de mais de vinte e quatro annos, provou que era de menos de vinte, com o que ſe livrou; porém

rém foi condemnado em algum degredo, que depois se lhe perdoou, porque veio a resposta das cartas, que o Judeo levou a Diogo de Mesquita, em que dizia ficar o Turco quieto.

CAPITULO V.

Das cousas, que mais succedêram em Maluco: e de como Ruy Lopes de Villa-Lobos se foi a Tidore: e dos recados que se passáram antre elle, e D. Jorge: e de como chegou Jordão de Freitas áquella fortaleza: e das cousas, que acontecêram com sua chegada: e de como prendeo ElRey de Ternate, e o mandou pera Goa.

DEixámos no Cap. VI. do IX. Liv. Ruy Lopes de Villa-Lobos em Geilolo fortificado, onde esteve alguns mezes; e querendo fazer outro pouso pera mais perto, tomou por achaque ser a terra muito doentia, e que já os Hespanhoes avorreciam aos naturaes, e que tratavam de os matarem a todos, e tomarem-lhes a fazenda, e a artilharia. Com esta fama que espalhou (que era echadiça) despedio hum Prospero de Ramos com recado a ElRey de Tidore, mandando-o visitar, e a pedir-lhe licença pera se ir pera elle. ElRey recebeo este homem bem, e por elle lhe respondeo: » Que sem»

» pre fora maltratado dos Portuguezes por » recolher Castelhanos; mas que se fosse el» le pera aquella Ilha, porque elle não o » havia de lançar fóra da terra; e que vis» sem elles se eram poderosos pera se sus» tentarem nella, e lançarem os Portuguezes » fóra daquellas Ilhas.» Com esta resposta tornou o Villa-Lobos a mandar Mathias de Alvarado com outro recado a D. Jorge, pedindo-lhe: » Que lhe désse navios pera se » passar ás Filippinas, onde estavam os na» vios da sua companhia; e que se fossem » taes, que nelles se pudessem ir pera a nova » Hespanha, o fariam, e se sahiriam daquel» las Ilhas, salvo se o Imperador, ou o Prin» cipe Filippe seu filho, ou o Viso-Rey da » nova Hespanha mandassem outra cousa.» Parece que quiz o Castelhano ver se podia haver ás mãos alguns navios nossos, pera assim ficar D. Jorge mais enfraquecido. A voltas deste recado mandou o Villa-Lobos a D. Alonso Henriques com setenta homens, pera que se fosse metter em Tidore. Dom Jorge recebeo o Mathias bem, e antes que lhe respondesse, foi avisado, que D. Alonso ficava já em Tidore; e tomado das invenções do Castelhano, despedio o Mathias seccamente, e com palavras asperas; e mandou dizer ao Villa-Lobos: » Que se fosse lo» go pera aquella fortaleza, que lhe daria

na-

» navios, e tudo o de que tivesse necessida-
» de pera se ir pera a nova Hespanha, se-
» não que logo sería com elle. »

Destes ameaços lhe deo ao Castelhano tão pouco, que logo se passou a Tidore, deixando a náo em Geilolo entregue a Jorge Ortiz de Arates com vinte soldados, antre estes entrava Jeronymo de Pedrosa, que não estava bem com o Villa-Lobos. Este por conversar muito com o Rey, e com os Mouros, foi mexericado com o Arates, que tratava com elles traição, e que lhe queria entregar a náo, pelo que foi prezo, e mandado a Tidore, onde foi esquartejado. Neste tempo arribou o galeão S. Joanilho, que foi seiscentas leguas de Maluco, e quatrocentas do cabo del Engaño na nova Hespanha, e por achar tempos contrarios se puzeram em trinta gráos do Norte; e achando que não tinham mais que cento e vinte arrobas de agua, arribáram á Filippina em onze dias, e alli se deixáram estar muito tempo por falta de monção, e depois se passáram a Tendaja, e dalli a Caragão, onde os da terra lhes matáram o Mestre.

E porque não acháram alli o seu Capitão, tornáram-se pera a Filippina, e rodeáram a Cesaria, e chegáram outra vez a Tendaja, onde acháram vinte e tres Hespanhoes, e tres negros da nova Hespanha com duas

ne-

negras; e o como alli foram ter não o achámos em lembrança. E correndo de longo da Cesaria, acháram na bahia da Resurreição huma carta de Ruy Lopes de Villa-Lobos, em que lhe dizia, que se fossem pera Geilolo, como fizeram. E chegando áquelle porto, sabendo estar já em Tidore, se foram pera elle no cabo de nove mezes, que tinham partido pera a nova Hespanha. Depois de sua chegada, negociou o Villa-Lobos duas corocoras, em que mandou Garcia de Escalante a buscar os Castelhanos, que estavam nas Filippinas, que acháram em Tendaja, e com elles o Prior de Santo Agostinho, com quem voltáram pera Tidore. Neste tempo começou ElRey de Tidore a fazer huma fortaleza de pedra ençosso em hum padrasto, que ficava sobre as costas da Cidade, no mesmo lugar em que a tinham, quando Antonio Galvão lha derribou; e porque os Castelhanos o ajudavam na obra, por cuja industria a faziam, lhes mandou ElRey dar a cada hum dez caxas por dia, que valiam tres reaes da nossa moeda, e algum pouco de sagum, e arròz.

E porque isto não bastava, bateo o Villa-Lôbos com licença d'ElRey huns ceitís pequenos de menos pezo, que os que corriam antigamente em Portugal, quadrados, e furados pelo meio, obrigando-se a ElRey

aos

aos tornar a tomar no preço em que se despendessem, ou pagar a quebra, quando se fosse. Correndo a obra da fortaleza por ordem do Villa-Lobos, tiveram razões hum Gaspar Melio, e outro soldado, e o Melio matou o outro, e acolheo-se pera a Ilha de Moutel, donde o Ruy Lopes o mandou trazer, e em vez de o castigar, lhe fez muitas honras, do que ElRey tomou ruins suspeitas; porque o Gaspar Melio foi depois disto á nossa fortaleza a negocios seus secretamente, e houve ElRey, que os Castelhanos tratavam com D. Jorge alguma cousa em seu prejuizo, e começou-se a carregar, e a dar de má vontade a ração aos soldados, o que foi causa de alguns com necessidade se passarem pera a nossa fortaleza. Neste tempo (que era em fim de Novembro) chegou áquella fortaleza o galeão da carreira, em que hia Jordão de Freitas pera Capitão; e porque não continuámos com sua jornada, por as cousas nos não darem lugar, o faremos agora aqui.

Chegado o Galeão a Malaca, sabendo Ruy Vaz Pereira, Capitão da Cidade, que alli vinha ElRey de Maluco já feito Christão, o foi buscar, e o levou comsigo; fazendo-lhe a Cidade hum grande recebimento, e foi aposentado em casas, que pera elle estavam já prestes. Aqui acháram novas,

que

que ElRey Aeiro (o irmão que governava o Reyno) eſtava muito poderoſo, e bem, e quieto. E como Jordão de Freitas era homem, que entendia mui bem a terra, receou que com a chegada d'ElRey D. Manoel, feito Chriſtão, houveſſe alguma alteração em os naturaes, e que lhe não quizeſſem entregar o Reyno, com achaque de mudar lei, porque havia o Aeiro de os ter perſuadido, que ſe o recebeſſem, logo os havia de obrigar a ſe fazerem Chriſtãos.

E querendo atalhar a iſto, ajuntando-ſe com o Capitão em caſa d'ElRey, apreſentou-lhe eſtes inconvenientes, dizendo, que pelos eſcuſar lhe parecia bem ficar ElRey D. Manoel naquella fortaleza, e que iria elle tomar poſſe da de Maluco; e que na monção prenderia o Governador Aeiro, e o embarcaria pera a India, e que então iria ElRey D. Manoel, e que tomaria livre, e deſembargadamente poſſe do ſeu Reyno. Pareceo aquillo bem a ElRey, e ao Capitão de Malaca, e mais Fidalgos, e Capitães, que alli havia, que pera iſſo ſe chamáram. Vinda a monção, ſe embarcou Jordão de Freitas, e foi ſurgir em Talangame, como atrás diſſémos. D. Jorge de Caſtro o foi buſcar, e o levou pera ſua caſa, e logo lhe fez entrega da fortaleza, dando-lhe conta do eſtado em que as couſas eſtavam.

Ruy

Ruy Lopes de Villa-Lobos ſabendo ſer chegado Capitão novo, o mandou viſitar: Jordão de Freitas lhe mandou reſponder com hum requerimento, em que lhe dizia, que logo ſe foſſe fóra daquellas Ilhas, que eram d'ElRey de Portugal, fazendo ſobre iſſo ſeus proteſtos, como os paſſados de D. Jorge. Ruy Lopes tornou a replicar, e de recado em recado vieram a aſſentar em tregoas por oito mezes, (que era o tempo em que huns, e outros podiam ter recado da nova Heſpanha, e da India,) com eſtas Condições: » Que não ſe trataſſem, nem com» municaſſem, nem Portuguez algum foſſe a » Tidore, nem Caſtelhano algum a Terna» te, ſem licença dos Capitães, e que Ruy » Lopes mandaria huma peſſoa fiel, que lhes » compraſſe o cravo, e o puzeſſem na praia, » onde o tomariam; e que ſe paſſaſſem al» guns Caſtelhanos a Ternate, ou Portugue» zes a Tidore, ſem terem commettido de» licto algum, ſe tornaſſem; e que não ti» raſſem mantimentos huns das terras dos ou» tros; e que encontrando-ſe no mar em ſeus » navios, ſe não fizeſſem damno; e que Jor» dão de Freitas aviſaria dez dias antes do » tempo de ſe acabarem as tregoas. » Eſtes Capitulos juráram ambos. E logo deſpedio o Villa-Lobos o galeão S. Joanilho pera a nova Heſpanha com cartas pera o Viſo-Rey,

e

e foi por Capitão Ignigo Ortiz, Alferes mór, e partio a dezeſeis de Maio deſte anno de quarenta e ſinco em que entramos. Levava o Ortiz por regimento, que foſſe pela banda do Sul, porque da outra vez foi pela do Norte; e aſſim ſe foi pôr em vinte gráos, e paſſando a Equinoccial, foi dar na coſta dos Papuas, por onde navegáram quinhentas léguas de Leſte Oeſte, não ſe ouſando a ſahir della por cauſa das correntes, e algumas vezes deſembarcáram em terra, e tiveram algumas brigas com os naturaes. E ſahindo-ſe ao mar largo, acháram os ventos pela prôa, pelo que lhes foi forçado tomar huma Ilha pequena, cujos naturaes lhes diziam, que eſperaſſem hum mez, que lhe entrariam ventos em poppa, o que o Piloto não quiz fazer, e arribou a Tidore, onde chegou a quatro de Outubro de quarenta e ſinco. Com ſua chegada houve tantas diviſões antre elles, que ſe paſſáram muitos Heſpanhoes pera Ternate.

Vendo ElRey iſto, offereceo-ſe ao Villa-Lobos a fazer huma náo grande pera ſe ir pera a nova Heſpanha, e que dobraria a ração aos Caſtelhanos; mas como todos andavam já antre ſi revoltos, nada diſto houve effeito. Ruy Lopes de Villa-Lobos vendo que arribára o S. Joanilho, determinou de mandar recado a Heſpanha por via da

In-

India, e pera isto se fallou com hum Gaspar Melio, e lhe deo instrucções. Este homem se fez fugido pera a nossa fortaleza, aggravado do seu Capitão, e se embarcou depois com D. Jorge, e em Goa faleceo.

Vindo a monção pera D. Jorge se embarcar, teve algumas differenças com Jordão de Freitas, sobre lhe não querer deixar embarcar os homens de sua obrigação, pelo que lhe emprestou duzentos bares de cravo, e depois de os recolher, lhe pedio mais cento, de que se D. Jorge aggravou delle, e andava atufado. E querendo ultimamente embarcar-se, mandou Jordão de Freitas chamar ElRey Aeiro pera certos negocios, e como o teve na fortaleza, lhe deitou hum macho. Sobre esta prizão houve grande revolta em casa d'ElRey, e acudio o Vigario com o Ouvidor pera quietar as mulheres que se espalhavam, e ainda recolhêram huma filha d'ElRey de Tidore, e outra do de Geilolo, que o Capitão agazalhou com sua mulher.

O Rey de Geilolo mandou logo buscar sua filha, que lhe elle entregou, e o mesmo fez o de Tidore, e veio por ella Bernardo de la Torre, Mestre de Campo, em doze corocoras, que a levou a ElRey com grande vaidade. Jordão de Freitas estando já o galeão de largo, foi embarcar ElRey,

e o entregou a Francisco de Azevedo Coutinho, Capitão da viagem, que logo deo á véla pera Malaca. Os nossos, e os Castelhanos ficáram correndo em amizade, visitando-se os Capitães, dando-se banquetes. E indo hum dia á nossa fortaleza o Contador Guido de Lavazares a visitar o Capitão, antre as praticas que tiveram, lhe disse: » Que » pedisse de sua parte ao Villa-Lobos, que » o quizesse ajudar contra o Rey de Geilo- » lo, porque lhe queria ir tomar huma for- » taleza, que fazia em prejuizo daquella d'El- » Rey de Portugal, e mais porque era con- » tra Mouros inimigos de Christãos. » Disto se escusou o Villa-Lobos, o que logo soube o Rey de Geilolo, e foi visitar o Villa-Lobos a Tidore, induzindo-o a fazer guerra aos nossos, sobre o que elle o não ouvio.

Andavam as cousas tão baralhadas, que mettêram em cabeça ao Rey de Tidore, que o Villa-Lobos o queria entregar aos Portuguezes, sobre o que se foi ver com elle, e lhe deo satisfações com que o quietou. E estava o Villa-Lobos tão mal quisto com todos, que até o Prior dos Agostinhos seu Confessor o não pode soffrer, e se passou á nossa fortaleza, onde foi bem agazalhado, e dalli escreveo ao Villa-Lobos, que tomasse conclusão com os Portuguezes, pri-

mei-

meiro que viesse a Armada da India; e depois disto tornou-se a ver com elle em Tidore, affirmando-lhe que estava excommungado elle, e todos, se se não fossem pera os Portuguezes; e vendo que o não podia mover, tornou-se pera a nossa fortaleza com todos os seus Frades, deixando os Castelhanos muito divisos.

CAPITULO VI.

Da Armada que este anno de 1544. partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Peres de Andrade: e de como o Governador Martim Affonso de Sousa tratou de haver ás mãos Coge Cemaçadim: e de como mandou levar Mealecan pera Goa.

MUito magoado andava o Governador Martim Affonso de Sousa de Coge Cemaçadim o ter enganado no negocio do thesouro do Accedecan, fazendo-lhe crer, que não passava de hum milhão, e que com lhe dar oitocentos mil cruzados lhe dava a mór parte delle, tendo-o mandado desenganar o Idalcan pela figura dos pratos de Betere, que dissemos no Cap. II. do Liv. X., por onde sabidamente lhe ficava mais de seis milhões de ouro, posto que outros diziam que dez. Do que magoado o Governador, como começámos a dizer, deter-

minou de ver se podia haver ás mãos Coge Cemaçadim por mimos, como da outra vez, e represallo até lhe dar todo o thesouro; pois o Idalcan tinha delle feito doação a El-Rey de Portugal. E andando com esta mágoa fazendo seus discursos, como o Verão era já entrado, alguns dias andados de Setembro, chegou á barra de Goa Fernão Peres de Andrade, que tinha partido do Reyno por Capitão mór de sinco náos, que todas tiveram bem roim viagem, porque Simão de Andrade da sua companhia arribou ao Reyno. Simão de Mello, sobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, que trazia a fortaleza de Malaca, perdeo-se em Moçambique. Jácome Tristão foi tomar Zanzibar, onde invernou. Luiz de Calataud foi por fóra da Ilha de S. Lourenço tomar Cochim em Outubro.

Surto Fernão Peres de Andrade na barra de Goa, tendo recado o Governador de sua chegada, dizem que dissera, que elle, e Diogo da Silveira eram bons pera mús de carga, porque já sabiam o caminho. Isto disse, porque tinha cada hum delles vindo á India por Capitães móres tres vezes. Fernão Peres de Andrade desembarcou, e foi muito bem recebido do Governador, que festejou as boas novas do Reyno, porque aquelle anno casou ElRey D. João sua filha Dona

Maria com Filippe, filho do Imperador Carlos V., herdeiro de ſeus Eſtados, d'entre quem naſceo o Principe Carlos, de cujo parto ella faleceo. O Governador Martim Affonſo de Souſa como andava com a imaginação em Coge Cemaçadim, deſpedio por fim de Setembro Ruy Gonçalves de Caminha, que já démos a conhecer no Cap. XI. do Liv. IX., por ſer grande amigo de Coge Cemaçadim, pera ir a Cananor a verſe com elle pera o perſuadir ir a Goa a ſe recrear, e a viſitar o Governador, e que lhe affirmaſſe, que tinha delle grandes ſaudades; e não lhe deſcubrio ſua tenção, nem a outra peſſoa alguma.

Ruy Gonçalves ſe embarcou em hum catur muito ligeiro, e em breves dias foi ter a Cananor, e foi ſer hoſpede de Coge Cemaçadim, que o feſtejou muito. E vindo com elles a praticas, o perſuadio ir-ſe a Goa a viſitar o Governador, que era grande ſeu amigo, e a deſenfadar-ſe alguns dias naquella Cidade, onde compraria brincos do Reyno á ſua vontade, e que ſe tornaria quando quizeſſe. Tantas couſas lhe diſſe ſobre eſte negocio, e aſſim o obrigou pelas amizades do Governador, que o abalou a ſe ir com elle, e mandou embarcar o ſerviço de ſua peſſoa mais maneiro pera ir afforrado, e ſete mil cruzados em dinhei-

ro pera as despezas dos dias que em Goa estivesse. E querendo ultimamente embarcar sua pessoa, dizem que fora persuadido de alguns Portuguezes, que desejavam de o grangear, que não fizesse aquella jornada, e que se deixasse estar, que estava bem; e isto sem saberem cousa alguma, nem suspeitarem nada da tenção do Governador, mas só por suas naturezas, e porque todos se aproveitavam delle, e elle fazia emprestimos, e amizades a todos, e assim o serviam, como se foram seus escravos. O Coge Cemaçadim, com o que lhe estes disseram, arrependeo-se de ter commettido aquelle negocio, e fingio huma indisposição com que se deitou em cama, desculpando-se a Ruy Gonçalves de Caminha, pedindo-lhe que o mesmo fizesse ao Governador, mandando desembarcar o seu serviço, e recamara: e disse a Ruy Gonçalves de Caminha, que os sete mil cruzados em dinheiro levasse, e entregasse ao Governador pera os mandar á Rainha D. Catharina, de que lhe fazia serviço pera huns chapins.

Ruy Gonçalves ficou triste de ver esta tão subita mudança, e não podendo al fazer, se embarcou, e chegou a Goa, dando conta ao Governador das cousas que passára com Coge Cemaçadim, que elle em estremo sentio, por lhe escapar daquella feita das mãos.

E querendo todavia ver se por aquella via o podia acarretar a Goa, mandou a Ruy Gonçalves de Caminha, que os sete mil cruzados, que trazia de Coge Cemaçadim, os empregasse em peças, e brincos do Reyno, que lhe melhor parecessem, e que o Coge Cemaçadim mais estimaria, e lhas levasse, e trabalhasse outra vez pelo persuadir a se ir desenfadar a Goa. Ruy Gonçalves o fez assim, e empregou todo o dinheiro em escarlatas finas, veludos de cores, peças de prata de bestiães, aguas rosadas, e de outras muitas sortes de cousas que lhe pareceo que Coge Cemaçadim estimaria; embarcando tudo no mesmo catur, foi ter a Cananor, onde foi bem recebido de Coge Cemaçadim, que folgou com as peças que lhe levava. Ruy Gonçalves deixou-se ficar seu hospede alguns dias, em que tornou apertar com elle sobre a ida de Goa, affirmando-lhe o muito que o Governador o desejava de ver, assim por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com elle cousas de muita importancia, e que relevava muito. O Coge Cemaçadim como da primeira vez desfarmou a ida, não houve podello tornar a armar; não porque se receasse de cousa alguma, porque se tivera algumas suspeitas, não entrára em hum galeão, que havia poucos dias chegára de Ceilão, e surgíra na

quella bahia, de que era Capitão Pero de Mesquita, a que o Coge Cemaçadim foi ver alguns Alifantes que levava, e andou no galeão muito devagar, e muito seguro, sem se temer de cousa alguma.

Mas a principal razão, por que deixava de ir a Goa, era não se querer alongar do seu thesouro, porque não sabia o que lhe aconteceria, porque o tinha dentro em suas casas, e vigiado de continuo de quinhentos Naires, a que pagava soldo; e tinha tomado por Jangada a Pocarale, Regedor mór do Reyno, que lhe custava bem. Era este Mouro Pocarale muito rico, e foi tio do Aderrajo, que fez muitas vezes guerra áquella fortaleza de Cananor, como em seu lugar diremos. Vendo Ruy Gonçalves de Caminha que não podia abalar o Coge Cemaçadim, despedio-se delle, que lhe deo peças muito ricas pera se mandarem á Rainha D. Catharina, e outras pera o Governador, e o mesmo Ruy Gonçalves de Caminha não tornou com as mãos vasias.

Chegado a Goa, deo conta ao Governador do que tinha passado, do que enfadado assentou comsigo de ir a Cananor, sem dar conta a pessoa alguma disso; e para o que determinava de fazer, despedio alguns catures ligeiros pera irem buscar Mealecan a Cananor, que em breves dias lho trouxeram

ram a Goa. A tenção que o Governador nisto teve nos não souberam dizer; mas havia de ser, porque alli estavam as náos do Reyno, porque o Idalcan cuidasse que o queria embarcar pera Portugal, por ver se lhe podia arrancar mais algumas cousa das mãos, porque queria ter nelle hum ninho de guincho, como lá dizem, ainda que o mais certo parece sentir alguma alteração no Idalcan, e assentar-se em conselho, que o mandasse levar pera Goa pera o enfrear com elle, porque era a cousa que o mais inquietava que todas.

CAPITULO VII.

De como o Governador Martim Affonso de Sousa ordenou hum galeão pera mandar ao Reyno, por faltarem náos: e de como se embarcou pera Cananor, sem dar conta a pessoa alguma, e foi ter a Baçaim: e das differenças que teve com D. Manoel de Lima, Capitão da fortaleza.

DAva o Governador Martim Affonso de Sousa grande pressa ás cousas do Reyno pera fazer a jornada que pertendia, mandando lançar a Armada ao mar, e dando fama, que havia novas de galés, que as queria ir buscar. E porque não havia mais de huma náo, mandou negociar outra do

Eſtado pera mandar ao Reyno com carga de pimenta, e drogas, de que deo a Capitanía a Martim Correa da Silva, e a carga deſta não (ſegundo nos parece) foi feita com o dinheiro que Coge Cemaçadim deo; porque dos quatrocentos mil cruzados, que o Governador arrecadou delle eſte Março paſſado, não achámos carregados ſobre o Feitor Baſtião da Fonſeca, que naquelle tempo ſervia, mais que cento e quarenta e oito mil e vinte e ſinco pardáos. E não achando nós na India carga, nem deſpeza alguma da outra demazia, nos parece que ſe deſpendeo na carga deſta náo. Eſta confusão tem naſcido da perda dos livros, e papeis, que até agora houve neſte Eſtado, nem ainda na Caſa da India póde ſer ſe não ache iſto, ſe relevar buſcar-ſe, por quanto eſta náo indo pera o Reyno, ſe foi perder na Ilha de Zambizar, onde havia de deſapparecer o livro da carga.

Em fim como quer que ſeja, o Governador deo grande preſſa ás duas náos pera [illegible]a a Cochim tomar a carga, e antes de [illegible]ſpedir chegáram novas, que eſtava em [illegible]m a náo de Luiz de Calataud, com [illegible]em eſtremo folgou; e logo deſpedio as [illegible] Aleixos de Souſa, Veador da Fazenda, pera ir fazer a carga, ficando elle eſcrevendo pera o Reyno brevemente. E ſacu-

cudindo-ſe de todos os negocios, ſe embar-
cou no fim de Novembro, deſpedindo pera
o Malavar por Capitão mór Henrique de
Souſa Chichorro, irmão de Aleixos de Sou-
ſa, com ſeis navios. Deſpedida eſta Arma-
da, o Governador ſe fez á véla, levando ſe-
te galeões, e elle em S. Diniz, Pero de Fa-
ria no Coulão, D. João Henriques em Sant-
Iago, que eſtava dado a Martim Affonſo de
Mello Juzarte, que tinha vindo de Ormuz,
que por lhe darem cartas d'ElRey, que o
mandava ir pera o Reyno, lhe largou o ga-
leão, e ſe foi pera Cochim. Antonio da Sil-
veira, o de Terena, hia no galeão S. João,
que era de João de Sepulveda, que tambem
lho largou, e ſe foi pera Cochim pera ſe
embarcar pera o Reyno, aggravado de lhe
ElRey não eſcrever, e em Cochim achou
cartas ſuas na náo do Calataud, pelo que
ſe deixou ficar. Levava o Governador mais
ſete caravelas, de que eram Capitães Dom
João Maſcarenhas, Alvaro de Mendoça,
Affonſo Furtado, Pero Vaz de Siqueira, Pe-
ro de Taíde Inferno, Luiz Caiado, e P[illegible]
taleão de Sá. Levava mais nove galés [illegible]
jos Capitães eram, Franciſco de Sá d[illegible]
nezes, D. João Pereira, Bernardim de [illegible]
ſa, João de Mendoça, Fernão [illegible] Si[illegible]
Alcaide mór de Alpalhão, Fernão de Sou-
ſa de Tavora, Pero Lopes de Souſa; e hiam

tam-

tambem muitos navios de remo, a cujos Capitães não achámos os nomes.

Dada á véla, foi o Governador tomando a derrota do Norte, e como ventavão os ventos Lestes, em breves dias foi surgir com toda aquella frota na barra de Baçaim, e logo mandou tomar casas em terra pera sua pessoa, sem ter cumprimento algum com D. Manoel de Lima, Capitão da fortaleza, que já estava muito aggravado do Governador, por lhe mandar invernar áquella Cidade hum Veador da Fazenda, Letrado, com todos os poderes na fazenda, e na justiça, deixando a elle sem algum, pelo que aquelle inverno teve alguns desgostos com o Veador da Fazenda, por lhe ir á mão a tudo, ficando elle na sua fortaleza como huma estatua. E vendo agora que chegava o Governador áquelle porto, e que sem ter com elle cumprimento algum, mandára tomar casas em terra, sendo obrigação agazalhar-se na fortaleza d'ElRey, como todos os Governadores até então fizeram, entendeo que não vinha seu amigo. E assim quando desembarcou o foi esperar á praia, sem lhe fazer ceremonia da entrega das chaves, como era costume em todas as fortalezas, a que os Governadores da India chegavam, nem ter com elle outro algum cumprimento, e o foi acompanhando até os aposentos.

que

que eſtavam pera elle, e á porta ſe deſpedio, e ſe tornou pera a fortaleza. E no caminho lhe diſſeram alguns Fidalgos ſeus amigos, que aquelle anno vieram do Reyno, que era fallecida huma ſua tia que o creára, que elle amava como mãi, de que ficou em eſtremo anojado, e ſe encerrou, e mandou cortar dó.

O Governador vendo o modo de como D. Manoel de Lima corrêra com elle, e que lhe não fizera recebimento algum, nem gazalhado, quaſi que ſe houve por affrontado; e chamando o Doutor Pero Fernandes, Ouvidor Geral, lhe diſſe, que lhe foſſe prender D. Manoel de Lima, e o levaſſe pera hum dos galeões da Armada, qual elle quizeſſe, donde ſe não ſahiria até elle mandar o contrario. O Doutor Pero Fernandes ſe foi á fortaleza, e achou D. Manoel encerrado, e anojado, e ſem embargo diſſo lhe notificou o mandado do Governador, que levava aſſinado por elle. D. Manoel lhe diſſe: » Que fizeſſe ſeu officio; mas que ſe o
» Governador o mandava prender por
» não fazer recebimento, nem lhe en-
» as chaves da fortaleza, que elle o
» zera, ſenão pelo pouco caſo que lhe
» fazer da fortaleza d'ElRey, tendo obriga-
» ção de ſe ir apoſentar nella, e ver o de que
» tinha neceſſidade. E que quanto a ſe deſ-
» pe-

» pedir delle da porta, e o não tornar a ver, » fôra pela novas que lhe deram da morte » de sua tia, que o creára como mãi, por » quem estava encerrado, e anojado como » via, e que tinha mandado cortar dó, por- » que esperava pera o ir visitar, sem embar- » go de lhe mostrar em tanta cousa, que não » era seu amigo, mas que era por correr » com elle como Governador da India. »

O Ouvidor Geral usando aqui mais de pontos de Letrado, que de cortezão, não deixou de fazer sua diligencia, vendo elle muito bem as razões, que D. Manoel de Lima tinha por si, e o levou pera hum dos galeões da Armada. D. Manoel de Lima mandou logo por seus criados tirar todo o seu fato, e fazenda da fortaleza, como homem que determinava não tornar mais pera ella. O Doutor Pero Fernandes se foi ao Governador, e lhe deo conta de tudo o que passára com D. Manoel de Lima; e sabendo elle que era verdade a morte da tia, tornou-lhe a mandar dizer pelo Ouvidor Geral, que se tornasse pera a sua fortaleza, porque já estava informado da verdade. Dom Manoel de Lima lhe respondeo, que estava b[illegible]prezo, e que não queria cousa alguma da fortaleza, porque se hia pera o Reyno. O Governador Martim Affonso de Sousa, arrependido do que tinha usado com elle,

pe-

pedio a Pero de Faria, que era grande ſeu
amigo, (e Fidalgo, que por velho lhe tinham
todos reſpeito,) que ſe foſſe ver com elle,
e trabalhaſſe pelo moderar, e lho levaſſe lá.
Pero de Faria ſe foi ao galeão, e teve com
D. Manoel de Lima por parte do Governa-
dor grandes ſatisfações, e deſculpas, pedin-
do-lhe quizeſſe ir com elle a vello, por-
que baſtava pera ſua ſatisfação moſtrar-ſe ar-
rependido do que lhe tinha feito. D. Ma-
noel de Lima o não quiz ouvir naquelle ne-
gocio, dizendo-lhe, que era filho mais ve-
lho de ſeu pai, que ſe queria ir pera o Rey-
no, e que quando lhe ElRey não déſſe de
comer, que viviria com o que ſeu pai vi-
veo. Pero de Faria ſe tornou ao Governa-
dor, e lhe deo conta do que com elle paſ-
ſára; do que elle ficou muito pejado naquel-
le negocio, porque aquelle Fidalgo era de
muitos merecimentos, e muito aparentado
em Portugal; e tambem porque arreceou
que ElRey lhe eſtranhaſſe muito o que com
elle tinha uſado, porque nunca os Reys que-
rem que os ſeus Governadores, e Viſo-
Reys lhes enxovalhem, e tratem mal ſeus Fi-
dalgos, e vaſſallos; porque muitas vezes ſe
aconteceo já quererem alguns com o braço
do Rey vingar-ſe de eſcandalos particulares,
e ſatisfazerem ſeu appetite. O Governador
tornou a mandar a elle Pero de Faria, cui-

dan-

dando que o achasse já mais brando, e mais fóra de paixão; mas D. Manoel de Lima o não quiz ouvir, dizendo-lhe, que não tornasse lá mais sobre aquelle negocio, porque sería necessario fechar-lhe a porta, e que o não quizesse pôr a risco de lhe fazer aquella descortezia, porque era seu servidor.

Vendo o Governador quão duro estava, o mandou levar assim prezo pelo Ouvidor Geral, o que D. Manoel de Lima não refusou. E fechados em huma camara ambos, o que passáram não se sabe, sómente dizer D. Manoel, que se havia de ir pera o Reyno; ao que lhe disse o Governador: » Ora » já que assim he, cumpre ao serviço d'ElRey » que vos não embarqueis. » A isto tirou D. Manoel da algibeira huma Provisão d'ElRey, e lha deo na sua mão, em que lhe dava licença pera se ir pera Portugal, e mandava ao Governador da India, que lho não impedisse, posto que houvesse cerco da fortaleza, ou novas de galés. Vendo o Governador aquillo, lhe tornou a Provisão, e lhe disse, que fizesse o que quizesse. D. Manoel de Lima lhe disse: » Vou-me; e seguro-vos » huma cousa, que em Portugal não faça » queixume de vós a ElRey. »

Sahido dalli, embarcou-se em hum catur ligeiro, e se foi pera Cochim, onde tomou as náos de verga d'alto, e se embarcou com Fer-

Fernão Peres de Andrade; e João de Sepulveda lhe deo toda a ſua matalotagem, porque deixou de ir pera o Reyno pelas razões que atrás diſſemos. Eſtas náos tiveram boa viagem. Sómente a de Martim Correa da Silva, que ſe foi perder em Zanzibar, onde achou a náo S. Filippe, de que era Capitão Jacome Triſtão, e os mais dos ſoldados doentes. Eſte Fidalgo os mandou curar á ſua cuſta muito bem, e a todos os mais deo mezas, e lhes fez os gaſtos até os trazer na meſma náo a invernar á India.

D. Manoel de Lima chegou ao Reyno, e não tratou dos aggravos de Martim Affonſo de Souſa; mas preſumia-ſe que eſperava por elle pera o deſafiar; e alguns parentes, que na India tinha, o affirmavam tão publicamente, que foi ter ás orelhas do Governador. E veſtindo-ſe hum dia de feſta muito loução, tendo huma eſpada na cinta, que lhe tinha dado o grão Capitão Gonçalo Fernandes, ſendo moço, ſahindo pera a caſa, onde os Fidalgos o eſtavam eſperando, (antre quem eſtavam os parentes de Dom Manoel de Lima, que diziam que o havia de deſafiar,) e olhando o Governador pera os Fidalgos, lhes perguntou ſe eſtava gentil-homem; e gabando-o todos, poz a mão na eſpada, dizendo: » Pois ſabei, que

» quem

» quem me mandar desafiar, que lhe hei de » ir lá. » E muito bem sabia elle que Dom Manoel de Lima o havia de fazer, e assim o affirmáram a ElRey; mas elle o falhou pela maneira que adiante se verá no Cap. VII. do Liv. III. da sexta Decada.

CAPITULO VIII.

Do que fez o Governador Martim Affonso de Sousa em Baçaim: e de como voltou pera Cananor, e se vio em segredo com o Capitão: e de como Henrique de Sousa matou o Aderrajão de Cananor, e seu irmão.

AO outro dia que isto passou, que foi ao segundo da chegada do Governador, mandou em terra armar quatro mezas pera darem de comer aos soldados pera major dissimulação do que determinava, porque nem dos muitos amigos se fiava. E havendo quatro dias que estava em terra, tornou-se a embarcar com muita pressa, e dando á véla, se fez na volta do Leste, como que hia demandar a costa da Arabia; e sendo vinte leguas affastado da terra, tornou a tomar caminho do Sul, por onde governou tres dias, e no cabo delles poz a proa a Leste até descubrir a terra, e á vista della foi demandar Monte Deli, aonde foi surgir

com

com toda a Armada de noite, ſem ſer viſto da terra. E ſem dar conta a peſſoa alguma do que queria fazer, ſe embarcou no catur do Simão Gallego, mandando chamar Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, Fernão de Souſa de Tavora, Franciſco de Sá de Menezes, e hum filho baſtardo de Thomé de Souſa, Veador que foi d'El-Rey D. João, que lhe ficava em lugar de ſobrinho, que lhe levava hum guião de Chriſto; e tomando mais os navios do Pereirinha, do Siqueira, e de Franciſco Fernandes o Moricale, que eram os mais ligeiros da Armada, affaſtando-ſe de noite della, ſem o ſaber peſſoa viva, mais que os que comſigo levava, tomando o remo em punho pera Cananor, andou aquellas quatro leguas em pouco mais de duas horas. E chegando á couraça, bradáram pelas vigias, que chamaſſem o Capitão, que era couſa que importava, ſem lhe dizerem que eſtava alli o Governador. Diogo Alvares Telles aſſomou á couraça, e o Governador lhe mandou dizer, que mandaſſe affaſtar as vigias, como fez. E dando-ſe-lhe a conhecer, entrou por huma bombardeira, e ambos ſós praticáram menos de meia hora, e o que tratáram foi, que trabalhaſſe por lhe colher na fortaleza Coge Cemaçadim por mimos, ou por outra alguma invenção; e que vindo

do a ella o prendesse, e lho mandasse logo a bom recado a Goa por Henrique de Sousa. E que quando o não pudesse haver ás mãos, trabalhasse por colher Pacarale Aderrajão, a quem Coge Cemaçadim estava entregue, e que o represasse, pera a troco delle haver Coge Cemaçadim. E que quando tambem o não pudesse colher na fortaleza, o encommendasse a Henrique de Sousa, Capitão mór do Malavar, que era seu amigo, e todas as vezes que hia a Cananor o buscava, e visitava, pera que o prendesse, e o tivesse na Armada até lhe entregar o Coge Cemaçadim, deixando-lhe pera isso hum mandado seu, que já levava feito; e encommendando-lhe muito o segredo, se tornou a embarcar, e voltou pera a Armada, a que chegou de madrugada. E mettendo-se no seu galeão, deo logo á véla pera Goa, aonde chegou em breves dias, desarmando-se de todo huma Armada tamanha; com o que todos ficáram embaraçados, vendo as voltas que deo sem verem effeito algum.

O Capitão de Cananor, depois do Governador recolhido, foi visitar ElRey, e Coge Cemaçadim, como muitas vezes fazia, mandando-lhes brincos, e mimos. E vindo dia de Natal, mandou convidar a Coge Cemaçadim pera lhe dar hum banque-

te, do que ſe elle eſcuſou: e não ſe póde preſumir, que foſſe aviſado de alguem, porque o Governador ſó de ſi tinha fiado aquelle ſegredo. Mas foi ou porque o coração lhe adivinharia alguma couſa, ou porque veria algum roim agouro, porque eſtes Mouros nunca fazem couſa alguma ſem eleição de horas boas, ou más, e ſem notarem ſinaes de bons, ou máos agouros nas aves, nas alimarias, e em todas as mais creaturas, porque lhes fazem os ſeus Bragmanes crer cem mil abusões; e quando são pera ſeus negocios, todas as horas são boas, mas pera os alheios ſempre lhe acham hum inconveniente, com que lhe eſtorvam negocios bem importantes. Mas que he de eſpantar haver iſto em Mouros, e Gentios, ſe antre Chriſtãos vemos os que governam os Reys fecharem-nos pera todos, e terem-nos abertos ſempre pera ſi, limitando tempos, e dias pera os deſpachos alheios, e pera os ſeus não haver limite, nem termo, porque todas as horas são ſuas.

E continuando com a hiſtoria. Vendo o Capitão de Cananor que não podia haver ás mãos Coge Cemaçadim, traçou de trazer á fortaleza o Aderrajão; e nem iſſo pode fazer. Pelo que chegando áquella bahia Henrique de Souſa, vendo-ſe com elle em muito ſegredo, lhe deo o mandado do Gover-

vernador, encommendando-lhe muito, que trabalhasse por haver o Pocarale Aderrajão ás mãos, e embarcallo na Armada. Henrique de Sousa se deixou estar na bahia, e mandou logo visitar Pocarale, como sempre costumava, e dahi a dous dias lhe mandou pedir, que se vissem na praia, porque tinha alguns negocios que tratar com elle. O Pocarale vestio-se pera ir lá, o que a mulher trabalhou de estorvar, dizendo-lhe, que não fosse por então, porque não sabia o que o coração lhe dizia. Mas como não ha poder fugir á mão de Deos, sem dar pelos rogos da mulher, foi-se á praia com hum seu irmão, e achou já Henrique de Sousa nella. E demandando-o, foram praticando sós em muitas cousas, e de passo em passo, de prática em prática o levou até onde tinha negociada alguma gente, e almadías pera o prender, e metter nellas, porque as fustas não podiam chegar tanto á terra. Pocarale embebido na prática se foi deixando ir, e tendo-o já perto, liou-se com elle, e quiz levallo nos ares pera dar com elle nas almadías. Pocarale, que era hum Mouro grande, e forçoso, vendo-se daquella maneira, abraçou-se com Henrique de Sousa de feição, que o sugigou, bradando pelos seus, que começáram a dar grandes cuquiadas a seu modo, a que acudio logo muita gente

da Cidade, que era perto. O irmão do Pocarale, que estava hum pouco affastado com alguns criados seus, acudio logo com armas pera valer ao irmão. Henrique de Sousa, que tinha o olho nelle, e estava sugigado do Pocarale, bradou aos seus, que o matassem, e correndo hum huma lança por elle, o varou de parte a parte, cahindo logo morto; e outro endireitou com o irmão, que hia já pera ferir Henrique de Sousa, e o matou logo. Henrique de Sousa se foi recolhendo ás almadías, porque carregava já muita gente sobre elles, e quasi se recolheo com a agua pela cinta, e todos os mais.

ElRey teve logo rebate do que passava, e acudio á Cidade muito sentido do caso, e mandou logo apregoar guerra contra a nossa fortaleza, que logo se fechou, e velou. O Capitão escreveo o successo ao Governador, pedindo-lhe gente, munições, e provimentos. Isto sentio elle em extremo, e acabou de perder as esperanças de haver Coge Cemaçadim ás mãos: e logo despedio Pantaleão de Sá com sincoenta soldados pera ir invernar naquella fortaleza, escrevendo a ElRey cartas de satisfações, lançando a culpa a Henrique de Sousa, promettendo-lhe de o castigar. Mas ElRey não se quietou, e assim ficou aquelle inverno a nos-

nossa fortaleza fechada sem communicação da Cidade, donde lhe hiam os provimentos, que lhe começáram a faltar. Daqui ficáram os Portuguezes desacreditados naquelle Reyno, que correo sempre com o Estado em grande amizade; e depois daquelle grande cerco, que, sendo Lourenço de Brito Capitão, em tempo do Viso-Rey Dom Francisco de Almeida puzeram áquella fortaleza, nunca mais lhe fizeram guerra; e todas as que daqui por diante houve, (de que com o favor Divino trataremos, que molestáram muito o Estado,) procedêram deste negocio; porque o sobrinho do Aderrajão, que lhe herdou a casa, e o titulo, sempre em quanto viveo, (que foram depois mais de sincoenta annos,) foi o mór inimigo que o Estado teve, e sempre fez guerra áquella fortaleza.

CA-

CAPITULO IX.

De como Manoel de Sousa de Sepulveda, Capitão de Dio, desmanchou as paredes, que ElRey de Cambaya mandava fazer antre a fortaleza, e a Cidade: e a falla que Coge Çofar sobre isto fez a ElRey, em que o persuadio a fazer guerra contra os Portuguezes.

DEpois d'ElRey Soltão Mamude de Cambaya se ver quieto em seu Reyno, começou a sentir a grande sujeição, que lhe ficava com a fortaleza dos Portuguezes naquella Ilha de Dio, e a perda de parte das rendas della, e não poderem suas náos navegar com a liberdade passada, senão á vontade dos Portuguezes, e com salvo conducto seu. E o que sobre tudo o atormentava, e magoava mais, era a morte d'ElRey Soltão Badur seu tio, dentro em seu Reyno, á vista da sua Cidade, e de seus exercitos sobre fé, e verdade dos Portuguezes, indo visitar o Governador como amigo ao seu galeão. E trazendo esta dor de continuo dentro em seu coração, traçava comsigo modos pera se satisfazer de tantas affrontas, e pera tornar a haver a sua Ilha livre da sujeição em que estava; determinando de tomar aquella fortaleza ou por manha,

nha, ou por força. Pera isto mandou, que se fizesse a parede como estava assentado no contrato das pazes antre ella, e a Cidade. Esta parede se começou a levantar, sem fazerem caso de cousa alguma, só com os officiaes, por maior dissimulação, com quem corria o Tanadar da Cidade. Manoel de Sousa de Sepulveda, Capitão daquella fortaleza, tanto que vio crescer as paredes, começou-se a assombrar com ellas, havendo que fora grande descredito do Estado concederem-se-lhes, porque ficavam com ellas os Portuguezes encurralados. E por ir correndo a obra da fortaleza, que estava aberta por muitos lugares, foi tambem dissimulando, e fortificando-se.

E porque o circuito da fortaleza, e antigo muro era muito pequeno, e antre o muro, e a cava ficava hum releixo de mais de tres braças de largura, em que se podiam metter muitos inimigos; mandou fazer o muro pela borda da cava, mettendo toda aquella largura mais dentro, e fez dous baluartes novos maiores que os antigos, São Thomé, que ficava a metade sobre a rocha firme, e a outra sobre hum cotovello da cava, que se entulhou. O outro era São João, que depois se chamou o baluarte da Rama, como na sexta Decada se verá, quando tratarmos do grande cerco de D. João

Mas-

Mascarenhas. Fez tambem de novo o baluarte S. Jorge sobre a porta, ficando a fortaleza em maior fórma, e mais forte, por causa dos baluartes ficarem mais capazes, assim pera a artilheria, como pera os soldados. Tanto que Manoel de Sousa teve acabada esta obra, e se vio fechado, ajuntou toda a gente que havia na fortaleza, e sahio com as armas nas mãos huma manhã, e deo nos que trabalhavam nas paredes, fazendo-os fugir, ficando-lhes toda a ferramenta, com que mandou logo desfazer as paredes, que ainda que eram de pedra enfosso, eram muito largas, e grossas. Nisto gastou alguns dias, estando sempre no campo, mandando recolher na fortaleza toda a pedra, andaimes, e mais petrechos.

O Tanadar acudio áquillo com recados, e protestos da parte de Soltão Mamude, a quem logo mandou avisar do negocio; mas Manoel de Sousa não deixou de dar pressa á obra, primeiro que viesse gente de Cambaya. Chegado o recado a Soltão Mamude, como andava com a mágoa da morte do tio, e das mais cousas que assima dissemos, ficou tal, que parecia que queria rebentar de pezar, recolhendo-se tão melancolizado, que andou alguns dias sem querer ver gente. Coge Çofar, que na Corte tinha o primeiro lugar, vendo ElRey com

ta-

tamanha trifteza, e melancolia, fe foi a elle, eftando com alguns Capitães principaes, e lhe pedio licença pera lhe dizer algumas coufas, que cumpriam a feu ferviço; e dando-lha elle, pofto em pé, lhe fez efta falla:

» A coufa, de que me hoje mais glo-
» rio, muito Grande, e Poderofo Rey, he
» de fe ter vifto em mim, depois que vim a
» eftes Reynos, a principal parte que ha de
» ter o bom vaffallo, que he lealdade, e
» amor a feu Rey; o que nafce as mais das
» vezes, ou fempre da parte do Rey, quan-
» do fabe galardoar ferviços, e repartir mer-
» cês, porque então põe os vaffallos em
» muito grandes obrigações; e o que arrif-
» ca mais a vida por feu ferviço, effe fe
» tem por mais ditofo. Eu vim de minha
» patria em companhia do Baxá Moftafá
» Carman, que me creou como filho, e che-
» gámos á fortaleza de Dio, poucos dias
» antes que o Governador Nuno da Cunha,
» depois daquelle grande incendio, e deftrui-
» ção da Ilha de Bet, eftando Melique To-
» cão fenhor daquella Ilha a rifco de a lar-
» gar com temor da Armada Portugueza,
» que vinha affombrando o Mundo, e o
» Baxá Moftafá o tirou do medo em que ef-
» tava, e fe fortificou de feição, que fe tor-
» náram os Portuguezes efcalavrados. Nef-
» te feito não tive eu o menos quinhão. De-
» pois

» pois nos trabalhos que o grande Soltão
» Badur teve com os Magores, quando se
» senhoreáram do seu Reyno, quasi todos
» o desampararam, e se passáram pera os ini-
» migos; mas eu sempre o acompanhei, e
» servi com muito amor, e gosto até á ho-
» ra em que os Portuguezes o matáram, que
» pelo não deixar fiquei cativo em seu po-
» der, ferido, e á morte. E prouvera a
» Deos que alli acabára eu, pois perdi hum
» Rey tão conhecido de meus serviços, e
» merecimentos, que por elles me fez hon-
» rado, rico, e grande em seu Reyno. De-
» pois succedendo-lhe o Mirão seu sobri-
» nho, tambem o servi com muito amor,
» e zelo; e agora V. A. não sentio em mim
» menos amor, e fidelidade, nem eu tam-
» bem menos desejos, e obras em vossa gran-
» deza, de que estou bem satisfeito. Servio-
» se de mim no grande cerco de Dio, em
» que perdi esta mão, e ainda tenho estou-
» tra, e esta vida, e a de minha molher, e
» filhos, e toda a fazenda que V. A. me deo,
» pera perder tudo por seu serviço.

» Por isso, Senhor, lembro-vos que ten-
» des aqui este vassallo, e esses que ahi es-
» tam, que não valem menos que eu, acu-
» di por vossa honra, e trabalhai por vin-
» gar a injusta morte d'ElRey vosso tio, e
» não queirais viver com tamanha infamia

» an-

» antre todos os Reys do Oriente, que sem-
» pre se assombráram com a potencia de
» Cambaya. Vós tendes thesouros, muito
» poder, grandes Capitães, muita, e mui-
» to grossa artilheria, muitos armazens de
» munições; mantimentos não vos hão de
» faltar; tendes em fim tudo o que vos he
» necessario pera poder conquistar grandes
» Reynos, quanto mais huma fortaleza fra-
» ca, e guardada de poucos Portuguezes;
» e ainda que todos quantos ha na India
» nella estiveram, não vos pudéram resistir.
» Ninguem vos nega que não são muito va-
» lorosos; mas são tão poucos, que não
» chegam a sinco mil todos os que ha espa-
» lhados por toda a India; e com serem
» tão poucos, tem-se feito Senhores, Capi-
» tães, e Governadores de todos os luga-
» res maritimos de todo o Oriente, toman-
» do tamanho dominio sobre todos os Reys
» delle, que não podem navegar suas náos
» sem sua licença, cousa que se não póde,
» nem deve soffrer a huns homens estran-
» geiros, que entráram em todos estes Rey-
» nos em habito de mercadores, pedindo
» commercio, e lugares pera se aposenta-
» rem, e mettendo em cabeça, que faziam
» casas pera seus recolhimentos, e feitorias,
» fizeram fortalezas com que começáram a
» sopear a todos. Por isso, ó Rey, sê tu o
» pri-

» primeiro , que acudas pela honra de to-
» dos , e manda-lhes requerer que olhem pe-
» la de Mafamede voſſo Profeta , que eſtes
» homens tanto vituperão , e affrontão , e
» que os lancem fóra da India , e de ſeus
» Reynos , pera que a romagem da Caſa de
» Meca fique na liberdade em que d'antes
» eſtava. E pera eſtes de Dio eu me offere-
» ço com todos os meus theſouros pera lhes
» fazer guerra , e lhes tomar a fortaleza ;
» e pera iſſo mandarei pedir a ElRey de
» Zebit , meu parente , Rumes , e Turcos a
» ſoldo , pera o que lhe mandarei neſtas náos ,
» que hão de ir daqui a poucos dias , muito
» dinheiro. E em quanto ſe eſtas negoceão ,
» e ſolicitão , ſou de parecer que corras com
» diſſimulação neſte negocio , por ſe não pre-
» catarem , nem aperceberem os Portugue-
» zes de Dio ; antes agora mais que nun-
» ca te finjas com o Governador , e o man-
» des viſitar pelo ſegurar , pera que quando
» tivermos tudo preſtes , os tomemos deſcui-
» dados. »

Acabada eſta falla , lhe diſſe ElRey : » Que
» lhe agradecia aquellas lembranças , e o
» amor , e vontade que moſtrava a ſeu ſer-
» viço , que elle o fazia dalli por diante Ca-
» pitão Geral de todo o ſeu exercito , pe-
» ra que logo começaſſe a correr com as
» couſas , que lhe pareceſſem neceſſarias , e

» que

» que até o tempo em que se desenrolassem » as bandeiras sobre Dio, se guardasse o se» gredo daquellas cousas. » Coge Çofar fez logo escrever cartas a todos os Reys da India até os do Malavar, persuadindo-os a huma liga geral contra os Portuguezes. A substancia desta falla, e destas cousas soubemos de Caracem, genro de Coge Çofar, que se achou a ella presente, e em Baroche, onde era Capitão, e onde o nós conversámos (como em outra parte dissemos) nos contou todas estas cousas, e outras. Manoel de Sousa de Sepulveda, tanto que desmanchou a parede, que foi em Janeiro, avisou o Governador do que tinha feito, pedindo-lhe que provesse aquella fortaleza de gente, e munições, pera que se houvesse alguma alteração nos Mouros, o não tomassem descuidado; o que o Governador fez logo, mandando-lhe alguns Capitães com soldados.

E porque neste tempo chegou a Goa Belchior Fernandes Correa com as cartas de D. Jorge de Castro, em que lhe dava conta da chegada de Ruy Lopes de Villa-Lobos áquellas Ilhas, e de tudo o que com elle lhe tinha succedido; e que tambem era fallecido Ruy Vaz Pereira, Capitão de Malaca, começou logo a prover naquellas cousas, e ordenou de mandar a Maluco huma

Ar-

Armada, de que elegeo por Capitão mór Fernão de Sousa de Távora, e lhe deo hum galeão, e duas fustas, de que deo as Capitanías a Leonel de Lima, e a Manoel de Mesquita. E porque não havia provídos de Malaca, deo aquella Capitanía a Garcia de Sá, por ser hum Fidalgo velho, e lhe deo por regimento, que désse mais gente, e navios a Fernão de Sousa.

Partida esta Armada, despachou o Governador a D. João Mascarenhas pera ir entrar na Capitanía de Dio, por acabar em Abril Manoel de Sousa de Sepulveda; e mandou em sua companhia Bernaldim de Sousa, e Jorge de Sousa seu irmão, com soldados, pera invernarem naquella fortaleza, e todos partíram no mez de Abril.

CAPITULO X.

De como Fernão de Sousa chegou a Malaca: e de como faleceo naquella fortaleza ElRey D. Manoel, Rey de Maluco: e de como deixou ElRey de Portugal por herdeiro de seus Reynos: e da posse que Jordão de Freitas tomou delles por ElRey D. João.

PArtido Fernão de Sousa de Tavora de Goa, foi ter á Cidade de Malaca em Junho, e logo tratou com Garcia de Sá os na-

navios, e ſoldados que lhe havia de dar, e ſobre a embarcação d'ElRey D. Manoel, que tambem levava por regimento, que levaſſe comſigo, e o metteſſe de poſſe do Reyno. Garcia de Sá ſobre os navios, e gente, que lhe o Governador mandou dar, andou em dilações muito. Neſte tempo faleceo ElRey D. Manoel, que ſe eſtava fazendo preſtes pera ſe ir pera o ſeu Reyno. Mas como Deos noſſo Senhor o tinha eleito pera outro melhor, e de mais dura, ordenou que faleceſſe daquella enfermidade, recebendo primeiro os Divinos Sacramentos com grandes moſtras de contrição, e de arrependimento de ſeus peccados; ordenando ſeu teſtamento muito á ſua vontade, diſpondo das couſas de ſua alma, não como Chriſtão novel, ſenão como ſe fora creado de menino com o leite da Igreja Catholica. Faleceo aos trinta dias deſte mez de Junho do anno de quarenta e ſinco, em que andamos. Seu corpo foi enterrado o mais ſolemnemente que pode ſer, com grande dor, e ſentimento de todos, de que era muito amado, como era razão o foſſe hum Rey, que tinha ſahido das trévas de ſua cegueira, e entrado na luz da verdade do Evangelho. E abrindo-ſe ſeu teſtamento, que eſtava ſolemne, acháram que diſpunha de muitos legados pios por ſua alma, e no-

mea-

meava por herdeiro de seu Reyno a ElRey de Portugal. E porque a verba em que o declara he muito substancial, pera o direito que ElRey de Portugal tem adquirido naquelle Reyno, nos pareceo bem ir aqui escrita *de verbo ad verbum*; assim como a achámos no traslado do testamento, que está registado nos Contos de Goa, donde o tirámos. Diz a verba assim:

» Declaro eu D. Manoel, Rey de Ma-
» luco, que eu sou filho de Cachil Sulano
» Magirá, e da Rainha Niachile Pocaraga,
» filha d'ElRey Almançor de Tidore, Reys
» que foram de Ternate, Moutel, Maquiem,
» Cajão, e de todas as terras do Moro, e
» Batochina; e como filho d'antre ambos
» me pertencia direitamente aquelle Reyno,
» de que fui jurado por Rey, por morte
» de meus irmãos mais velhos, Cachil Bo-
» jal, e Cachil Dayalo, que reináram an-
» tes de mim. E estando de posse daquelle
» Reyno, sendo muito leal a ElRey de Por-
» tugal, meu Senhor, Tristão de Taíde,
» Capitão de Maluco, assim por falsas in-
» formações, como por me ter má vonta-
» de, me prendeo, e mandou á India ao
» Governador Nuno da Cunha, que vendo
» os autos de minhas culpas, e devassas que
» se tiráram, me julgou por sem culpa, e
» que fosse tomar posse de meus Reynos. E

es-

» estando em Goa, vendo a Lei dos Chri-
» stãos ser santa, e virtuosa, cheia de to-
» da verdade, inspirou Deos nosso Senhor
» em mim, que a acceitasse, o que fiz, con-
» vertendo-me á verdadeira Fé de Christo,
» deixando a seita, e cegueira, em que an-
» tes me creei, e andei, e recebi o Sacra-
» mento do Santo Bautismo na Sé de Goa,
» e foram meus Padrinhos o Governador, e
» Jordão de Freitas. Depois recebi o Sacra-
» mento da santa Confirmação, de maneira
» que sou fiel, e verdadeiro Christão. De-
» pois fui despachado pera me ir pera o
» meu Reyno, cujo caminho até agora o
» não acabei de fazer, porque o Viso-Rey
» D. Garcia de Noronha, e o Governador
» D. Estevão da Gama me não acabáram de
» despachar, como era razão. E agora es-
» tando nesta Cidade, e fortaleza de Mala-
» ça, despachado pelo Governador Martim
» Affonso de Sousa pera me ir pera meu
» Reyno, adonde. E porque não sei o que
» nosso Senhor de mim determinará, por
» descargo de minha consciencia quero dis-
» pôr de meu Reyno, como seja serviço de
» Deos nosso Senhor, como de feito dispo-
» nho na maneira seguinte.

» Digo que sou Christão; e já que meu
» Reyno he de Rey Christão, não deve de
» o herdar, nem succeder nelle Mouro al-

» gum. E meu irmão Aeiro, que agora eſ-
» tá nelle, he mais moço, Mouro, filho
» de outra mãi, que não he Rainha; por-
» que não he bem que venha aquelle Rey-
» no por minha morte, ſenão a outro Chri-
» ſtão como eu, pera converter meus póvos
» á Fé de Chriſto, como eu eſperava de fa-
» zer ſe vivêra; e pois não tenho ſucceſſor
» Chriſtão, inſtituo por herdeiro de meus
» Reynos, e por meu Teſtamenteiro a El-
» Rey de Portugal, cujo vaſſallo ſou; e deſ-
» te dia pera todo ſempre renuncio nelle to-
» do o direito Real, e actual, que nos di-
» tos Reynos tenho, pera delles fazer, e diſ-
» pôr como ſeus. E lhe peço por mercê,
» que ſe houver de prover Rey, ou Gover-
» nador, ſeja tal, que tenha propoſito de
» fazer todos aquelles póvos Chriſtãos, e ain-
» da trabalhar por os fazer aos Reys vizi-
» nhos, e comarcãos, porque aſſim determi-
» nava eu de fazer, ſe me Deos lá levára,
» porque com iſto ſerá minha alma deſcan-
» çada.»

Eſtes ſão os frutos que os Reys de Portugal cada dia recolhem deſta conquiſta do Oriente, que ſão de mais proveito, e reſpondencia, que todas as drogas delle. Eſta foi a fazenda de mais eſtima, que nas nãos deſte anno foi ao Reyno, que ElRey Dom João houve pelo melhor emprego do Mundo,

do,

do, dando muitas graças a Deos por ver hum Rey Mouro, tão apartado da Igreja Romana, lá nos principios do Oriente receber com tanto amor a Lei de Christo, e guardalla de feição esse pouco que viveo, que pudera envergonhar aos mais dos Christãos da Europa; e de crer he que iria sua alma a gozar de outro Reyno sem fim. E tornando a nosso fio.

Tanto que foi tempo de Fernão de Sousa de Tavora se partir pera Maluco, deolhe Garcia de Sá hum fustarrão com quarenta soldados, de que fez Capitão a João Galvão, homem nobre, e muito bom Cavalleiro. Garcia de Sá embarcou com Fernão de Sousa de Tavora a mãi, e padrasto d'ElRey D. Manoel, que com elle foram pera Goa; e assim mandou o traslado do testamento a Jordão de Freitas, pera lá se lhe cumprirem seus legados. Depois de Fernão de Sousa de Tavora partido, chegou a Maluco D. Jorge de Castro com ElRey Aeiro, e sabendo da morte do irmão, fez por elle grandes estremos. E dizendolhe Garcia de Sá, que se tornasse pera Maluco pera governar aquelle Reyno, até ElRey de Portugal mandar o que se havia de fazer, não quiz, dizendo, que já havia de chegar a Goa a se ver com o Governador; e assim se embarcou como foi tempo. Fer-

não de Sousa de Tavora chegou a Maluco, e sabendo-se da morte d'ElRey D. Manoel, vestio-se Jordão de Freitas de dó, e foi desembarcar a mãi, e padrasto, e os mandou pera a sua Cidade. E logo por virtude do testamento, tomou posse daquelle Reyno em nome d'ElRey D. João de Portugal, estando presentes todos os C ndes, e Regedores do Reyno: e elle, e Fernão de Sousa elegêram pera o governarem a mãi, e padrasto d'ElRey D. Manoel, e elle com elles até vir recado de Portugal. E assim ficáram as cousas por então, porque o que mais succedeo se conta na sexta Decada no governo de D. João de Castro, de cujo tempo são.

CAPITULO XI.

Dos requerimentos, que o Idalcan mandou fazer ao Governador Martim Affonso de Sousa sobre Mealecan: e [illegible] sobre isso passáram: e das partes, e qualidades deste Governador.

TAnto que o Governador Martim Affonso de Sousa mandou trazer Mealecan de Cananor pera Goa, logo o Idalcan foi avisado disso, do que ficou muito enfadado, e tratou com os do seu conselho sobre o

que

que faria naquelle negocio. E assentou-se, que mandassem notificar ao Governador, que ou lhe cumprisse os contratos que estavam feitos, ou lhe largasse as terras que lhe dera; e que quando não fizesse huma cousa, nem a outra, então lhas mandasse tomar por força, porque já então ficariam as culpas todas sobre o Governador. E porque elle era ido fóra, esperou que viesse. E tanto que teve recado que estava em Goa, despedio hum correio com cartas pera elle, em que lhe pedia: » Que cumprisse os contratos » que estavam feitos antre ambos, quando » lhe deo as terras de Salsete, e Bardés, e » mandasse logo Mealecan pera Malaca, já » que não fora pera Portugal, e quando » não, que lho entregasse, ou lhe largasse » as terras que lhe tinha dado, senão que » faria o que lhe parecesse, que mais lhe » convinha. »

Estas cartas chegáram ao Governador, quando despedia Fernão de Sousa de Tavora pera Maluco; e vendo a determinação dellas, mandou logo metter Mealecan na Torre da menagem, e ordenou com muita pressa João Fernandes de Nigreiros, Cidadão principal de Goa, pera ir em fórma de Embaixador ao Idalcan, por quem lhe mandou dizer: » Que se deixava de mandar » Mealecan pera fóra, era porque tinha es-

» cri-

» crito nas náos paſſadas a ElRey ſobre a-
» quelle negocio, pera elle ordenar o que
» faria, e que eſperava por reſpoſta ſua; e
» que pera melhor o ſegurar o mandára tra-
» zer de Cananor, donde podia fugir, e o
» tinha na Torre da menagem diante de ſeus
» olhos, onde ſe não podia recear de couſa
» alguma.» Eſte Embaixador não foi bem recebido, e ouvindo as razões do Governador, parecendo-lhe tudo cumprimentos, e invenções, mandou prender o Embaixador, e todos os Portuguezes, que eſtavam naquella Cidade, e recolher ſuas fazendas, pondo-os a muito bom recado, com tenção de os não largar até lhe entregarem Mealecan: aconſelhando-lhe ſeus Capitães, que não ſoffreſſe tanto, e que mandaſſe logo hum exercito a cobrar as terras de Salſete, e Bardés; o que elle por então não quiz fazer, porque como ſua tenção era haver ás mãos Mealecan, ou o fazer lançar pera parte onde ſe elle não receaſſe, houve que lhe baſtavam pera iſſo os penhores que tinha. O Governador tanto que ſoube da prizão do Embaixador, ficou melancolizado, e começou a correr com recados, aſſim com o Idalcan, como com os ſeus grandes do conſelho, mandando-lhe affirmar, que pera o Verão mandaria Mealecan pera Malaca. Niſto ſe paſſou o Inverno ſem ſe tomar conclu-

clusão em cousa alguma, até surgir na barra de Goa D. João de Castro, que vinha por Governador (como no principio da sexta Decada diremos.) O Governador gastou este Inverno em reformar a Armada, porque por sem dúvida tinha que lhe viria successor, e lha queria deixar toda preparada.

O Bispo D. João de Alboquerque ordenou este Inverno em seu Bispado algumas cousas, que lhe parecêram de serviço de Deos; e porque a Cidade de Goa era grande, e cada vez hia crescendo mais, e não podia o Cura de Santa Catharina administrar os Sacramentos a todos os moradores della, porque até então fora governado todo o espiritual por hum Vigario Geral, repartio toda a Cidade com seus arrebaldes em quatro Freguezias, que de novo provêo de Vigarios, e Beneficiados. A primeira foi a de Santa Catharina (que como dissemos) quando logo o Bispo chegou á India, foi elegida em Sede Episcopal. A segunda a de nossa Senhora do Rosario. A terceira de nossa Senhora da Luz. A quarta de Santa Luzia, ordenando santas, e boas Constituições, assim pera as cousas que tocavam ao Culto Divino, como pera o bom governo de suas ovelhas.

E pois por aqui acabamos esta quinta De-

Decada, e o tempo do governo de Martim Affonſo de Souſa, concluamos eſte Capitulo com as partes, e qualidades de ſua peſſoa, e linhagem. Foi eſte Governador filho mais velho de Lopo de Souſa, e de D. Brites de Alboquerque: foi ſeu pai Alcaide mór de Bargança, que lhe rendia perto de quatrocentos mil reis. E parece que dizendo-lhe o coração, que havia de ſer muito honrado; tanto que o pai faleceo, engeitou a Alcaidaria mór ao Duque, e foiſe viver com o Principe D. João, filho d'El-Rey D. Manoel; e porque era ainda mancebo, ſervio-ſe delle de ſeu pagem: parece que lhe aconteceo hum deſaſtre, ou deſgraça, de que envergonhado elle, porque era muito pontual, fugio da Corte, e ſe foi a Salamanca, onde ſe namorou de huma Dama Caſtelhana, chamada D. Anna Pimentel, com quem caſou, e trouxe a Portugal. Era já neſte tempo o Principe D. João Rey, que o tornou a recolher, fazendo-lhe honras, e mercês. Dahi a alguns tempos o mandou por Capitão mór de huma Armada pera o Braſil, em que o ſervio bem. Depois o mandou por Capitão mór do mar da India o anno de trinta e quatro, como diſſemos no Cap. I. do Liv. IX. da quarta Decada. Foi homem de muito grandes penſamentos; e já em moço tinha tamanho brio,

e

e opinião, que paſſando por Bargança o grande Capitão Gonçalo Fernandes de Cordova, lhe fez Lopo de Souſa, pai de Martim Affonſo de Souſa, grandes gazalhados, e o mandou acompanhar pelo filho algumas jornadas; e ao deſpedir delle, tirou o grão Capitão hum rico colar de ouro, e pedraria, que levava ao peſcoço ſobre os trajos de caminho, e foi pera lho lançar ao ſeu: Martim Affonſo ſe affaſtou pera fóra, como que não o queria. O que viſto pelo grão Capitão (entendendo que aquillo era opinião) lhe diſſe: *Ora, Senhor, bem vos entendo, deveis de querer armas*; e tirando a eſpada, que levava na cinta, lha deo, e elle a tomou com grande acatamento, eſtimando-a muito, e aſſim a trouxe ſempre comſigo; e nos dias de mores feſtas a trazia na cinta. Foi eſte Governador homem de boa eſtatura, gentil-homem, e apraſivel. Era muito prudente, e de grande conſelho, e por iſſo foi ſempre hum dos principaes do d'ElRey, em quanto governou a Rainha Dona Catharina por ſeu neto D. Sebaſtião, e algum tempo depois delle tomar o governo. Era apreſſado em ſuas couſas, e grande conhecedor do tempo, tanto, que parecia que o adivinhava, pelo muito diſcurſo que delles tinha.

E aſſim entendendo que ElRey havia de bo-

bolir com os do ſeu Conſelho, lançou-ſe primeiro de fóra com achaques que tomou, e não tardou muito que não houveſſe niſto novidades. Foi rico da India com o que levou, e com mercês que ſempre lhe fizeram. Conſtituio hum arrezoado Morgado, que deixou a ſeu filho Pero Lopes de Souſa, em que entrava a Villa de Alcoentre. Foi homem, que em quanto governou, poupou mais o ſuperfluo, e deſpendeo melhor o neceſſario que todos, porque pagou trinta e ſinco contos de dividas velhas, e tres quartéis cada anno a toda a gente da India; e tinha ſempre ſincoenta mil pardáos em depoſito pera as neceſſidades que ſobrevieſſem ao Eſtado. Foi tão amigo de olhar pela fazenda d'ElRey, que foi o primeiro que ordenou mandar Veadores della ás fortalezas. E coſtumava a dizer, que pera ElRey ter dinheiro, havia de haver muitos que o ajuntaſſem, e hum ſó que o gaſtaſſe. No que ſe enganou, porque depois ſe veio a entender, que eſtes Veadores da Fazenda eram os mores deſtruidores que ella tinha; e por iſſo mandou depois ElRey, que os não houveſſe, como em ſeu lugar diremos. Primeiro que entregaſſe a India a D. João de Caſtro, mandou pôr o ſeu retrato na caſa, onde eſtavam os dos outros Governadores, o ainda eſtá hoje pelo natural do ſeu tamanho

com

com o trajo ao antigo, roupa aberta de mangas de roca, com golpes, e botões, jubão de petrina baixa, e ſobre elle couraças poſtas ſobre veludo cravadas, muſgos dos antigos, eſpada á teta, e barrete redondo com golpes, e pontas de ouro. E por aqui temos concluido com eſta quinta Decada á gloria, e honra de Deos noſſo Senhor, que vive, e reina *in ſæcula ſæculorum. Amen.*

FIM DO LIV. X. DA DECADA QUINTA.

00140950

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016